TELMA ANITA PIACENTINI

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por Telma Anita Piacentini e aprovada pela comissão julgadora em 02.07.85

O MORRO DA CAIXA D'ÁGUA

O SIGNIFICADO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DOS MOVIMENTOS DE EDUCAÇÃO POPULAR NA PERIFERIA DE FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
1 9 8 5

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

TELMA ANITA PIACENTINI

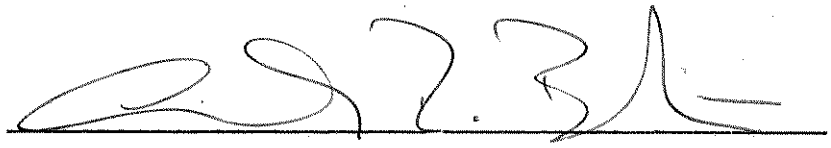
O MORRO DA CAIXA D'AGUA

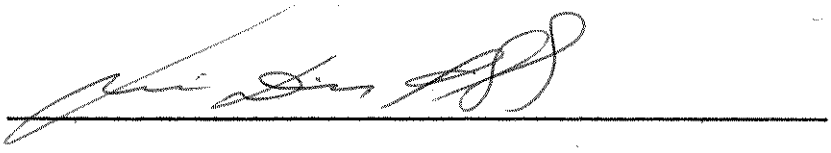
O SIGNIFICADO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DOS MOVIMENTOS DE EDUCAÇÃO POPULAR NA PERIFERIA DE FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA

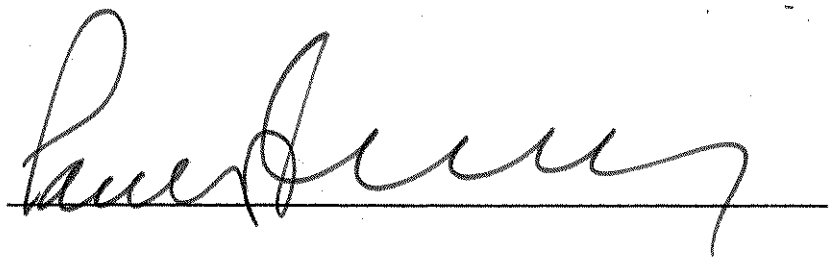
DISSERTAÇÃO APRESENTADA COMO EXIGÊNCIA PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO, NA ÁREA DE METODOLOGIA DE ENSINO, SOB A ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR DOUTOR CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
1 9 8 5

COMISSÃO JULGADORA







A Seu Simão, o primeiro morador
(José Simão)

A Seu Amaro, o Capitão de Cacumbi
(Francisco Amaro de Campos)

A Dona Cota, lavadeira
(Maria José Lock)

A Dona Cecília, benzedeira - em memória
(Maria Cecília Duarte)

Ao menino Tico e sua mãe

À menina Schirley, que desenhava
urubus coloridos - em memória

À Flávia Büxell, guerreira

Agradeço aos moradores do
Morro da Caixa D'Água e a
Carlos Rodrigues Brandão

S U M A R I O

I - INTRODUÇAO

I.1 - A ESPECIFICAÇÃO DESTA PESQUISA 2

I.2 - A ABORDAGEM UTILIZADA OU COMO SE PENSA A AÇÃO DESENVOLVIDA ATRAVÉS DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 16

I.3 - A QUESTÃO DO MÉTODO: A DIALÉTICA ENQUANTO CONDUTORA DO PENSAMENTO 26

I.4 - A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO OU COMO O CONTEÚDO ESTÁ APRESENTADO 31

II - O MORRO DA CAIXA D'AGUA

II.1 - INTRODUÇÃO 37

II.2 - O LUGAR: UM MORRO EM FLORIANÓPOLIS 39

II.3 - O QUE HÁ NO MORRO 43

II.4 - A GENTE DO MORRO 48

II.4.1 - A HISTÓRIA DO MORRO: ORIGEM E TENSÕES ATUAIS 48

II.4.2 - A ORIGEM DAS PESSOAS 54

II.4.3 - O TRABALHO E A RENDA 57

II.4.4 - A COMPOSIÇÃO FAMILIAR 62

II.4.5 - AS CONDIÇÕES DE SAÚDE E SANEAMENTO.. 66

II.5 - A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO NO MORRO 68

II.6 - DEPOIMENTOS POPULARES 75

III - AS AGENCIAS E OS ESPAÇOS SOCIAIS DE REPRODUÇAO DO SABER

III.1 - INTRODUÇÃO 83

III.2 - AS AGÊNCIAS INTERNAS DE REPRODUÇÃO DO SABER. 89

III.3 - AS AGÊNCIAS EXTERNAS DE REPRODUÇÃO DO SABER. 96

III.4 - A ARTICULAÇÃO DAS AGÊNCIAS DE PRODUÇÃO DO SABER NO CONCRETO 100

III.5 - DEPOIMENTOS POPULARES 104

IV - AS AGENCIAS EXTERNAS DE EDUCAÇAO POPULAR

IV.1 - INTRODUÇÃO 112

IV.2 - O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO POPULAR - MEP 114

IV.2.1 - O QUE É NO MORRO 114

IV.2.2 - A PROPOSTA: SEU SIGNIFICADO, A SUA RELAÇÃO INTERNA E A RELAÇÃO COM AS CAMADAS POPULARES 117

IV.2.3 - AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA PROPOSTA E AS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO INTERIOR DO TRABALHO 122

IV.3 - O MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO 140

IV.3.1 - O QUE É O MOBRAL NO MORRO DA CAIXA D'ÁGUA 140

IV.3.2 - A PROPOSTA E A RELAÇÃO AGENTES E CAMADAS POPULARES QUANTO À PROPOSTA .. 142

IV.3.3 - AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA PROPOSTA E AS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO INTERNA DO TRABALHO 145

IV.4 - OS COMANDOS SOCIAIS 192
IV.4.1 - O QUE SÃO E QUEM SÃO 192
IV.4.2 - A PROPOSTA E A RELAÇÃO AGENTES E CAMADAS POPULARES QUANTO À PROPOSTA .. 196
IV.4.3 - AS ATIVIDADES E AS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO 199
IV.5 - DEPOIMENTOS POPULARES 210

V - AS RELAÇOES SOCIAIS DAS AGENCIAS EXTERNAS DE EDUCAÇAO POPULAR

V.1 - INTRODUÇÃO 222
V.2 - AS AGÊNCIAS EXTERNAS ENQUANTO MOVIMENTOS QUE APRESENTAM RESULTADOS, UM BALANÇO PRELIMINAR DOS EVENTOS 223
V.3 - O ATO DECISÓRIO NA RELAÇÃO ENTRE AGENTES E GRUPOS POPULARES ENQUANTO HEGEMONIA NA CONDUÇÃO DO PROCESSO DE CONHECIMENTO 228
V.4 - DEPOIMENTOS POPULARES 236

VI - AS RELAÇOES DA POPULAÇAO DO MORRO COM AS AGENCIAS EXTERNAS

VI.1 - INTRODUÇÃO 243
VI.2 - COMO OS MORADORES CONCEBEM AS AGÊNCIAS EXTERNAS 244
VI.3 - DEPOIMENTOS POPULARES 249

VII - CONCLUSAO OU ELEMENTOS PARCIALMENTE CONCLUSIVOS

VII.1 - DA EXPERIÊNCIA COMO FORMA ALTERNATIVA DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E DA POSSIBILIDADE DE CONTRIBUIÇÃO AOS PRODUTORES DO CONHECIMENTO. 255

VII.2 - DO CONTEÚDO "EM SI", SOB A FORMA DE ELABORAÇÃO DO CONHECIMENTO A PARTIR DE UMA DETERMINADA PRÁXIS 258

BIBLIOGRAFIA 277

"A própria maneira de colocar o problema já condiciona uma postura metodológica e esta, no processo, leva a uma determinada construção do que é analisado. Neste processo parece frutífero salvaguardar as possibilidades de tomarmos nosso objeto de investigação e articulá-lo com seus determinantes mais gerais, num deslindar de suas implicações concretas que, de fato, partam do real. A imaginação não é algo imanente, nasce em função do concreto".

Guiomar Namo de Mello

I - INTRODUÇÃO

I.1 - A ESPECIFICIDADE DESTA PESQUISA

Para a elaboração deste trabalho, parti da curiosidade ampla de apreender uma realidade em suas condições concretas para detectar relações de reciprocidade entre a educação e o ambiente onde ela se manifesta na tentativa de colaborar, efetivamente, no processo global de transformação da sociedade brasileira, num lugar concreto, historicamente situado.

Coloquei como exigência inicial que a seleção do contexto onde essas relações se dão se caracterizasse como um meio específico de camadas populares, pois importava conhecer que educação existe aí, como pessoas pertencentes a este lugar a vêem e se comportam em relação a ela e, se possuem projeto político[1] de transformação, a identificação desse projeto e, nesse caminho, a atuação consciente e, conseqüentemente, necessária.

A pretensão de pesquisar uma educação que se encontra além dos limites da escola provocou um distanciamento dos estudos comumente realizados sobre a educação que eu mais conheci esta sim, centrada na escola e alvo de inúmeros trabalhos realizados.

Sair da pedagogia escolar para sondar a pedagogia de uma educação muito mais ampla, circulando num espaço muito mais complexo, e, portanto, palco de relações que se entrecruzam num vai-e-vem aparentemente interminável, em direções pouco conhecidas enquanto objeto da análise acadêmico-universitária, colocou-se como absolutamente fundamental.

---

[1] *Entendido como a intenção declarada e organizada de atos que proporcionem transformações coletivas.*

Nesta sondagem, o "material" de estudo e análise se multiplica e a seleção corre por conta, também, dos limites de formação profissional.

Buscou esta educação, circunscrita agora ao espaço geocultural de uma comunidade marginal, conhecer o seu movimento, as relações de aliança e conflito que circulam no seu interior, mapeá-las e nomeá-las, dar a elas o atestato de existência e, a partir daí, traçar o significado desta educação naquele lugar, não qualquer significado, mas o desvendar do peso histórico enquanto compromisso político de acontecimento social num tempo e num espaço determinado.

Arrisco dizer que se tornou necessário sair dos moldes tradicionais de pesquisa em educação e, para tanto, novas investidas, novos estudos, novas abordagens e, por que não, novas incertezas se apresentaram.

É sobre este "novo" que pretendo trabalhar.

Tinha, naquele momento, a convicção de que o objeto da pesquisa deveria centrar-se nas práticas existentes nesse lugar, práticas realizadas por instituições ou agências que deveriam ser detectadas e conhecidas, pois partia do pressuposto de que no interior dessas práticas eu poderia estudar o político, considerando que "toda relação política é uma relação pedagógica".[2]

Coloquei, pois, no espaço da relação político-pedagógico, entendido como o "lugar" que a educação ocupa num determinado contexto, apreendendo-a desde o desvendamento de sua concepção pedagógica e, conseqüentemente, da definição da política

---

[2] *Baseio-me em Gramsci para explicitar esta afirmação.*

que a corresponde, o ponto central e delimitante do campo de estudo.

Desconhecendo o ambiente enquanto lugar geossocial e cultural e desconhecendo a educação oriunda e portadora de condições condicionantes e condicionadas deste lugar, impus-me a tarefa de ao aprender a realidade – ambiente e educação – traçar e explicitar o campo de relações pedagógicas dessa realidade, no momento mesmo do seu fazer-se, cotidianamente.

Tal procedimento encaminhou-me, num primeiro momento, à apreensão e descrição do campo de relações pedagógicas e num segundo e embutido no primeiro, a percepção do pedagógico enquanto relação política que perpassa a rede de relações num espaço cujos protagonistas se definem como população marginal e instituições existentes, no momento em que estas relações se dão.

Estudar o pedagógico que enforma um campo de relações implica estudar o político, o que alicerça este pedagógico, vale dizer, buscar a direção que o pedagógico está dando para a condução do movimento momento existente no "lugar".

Penso ser possível compreendê-lo, procurando-o a partir do desvendar das formas de organização de práticas que elaboram e/ou explicitam um tipo de saber que produza comportamentos favorecedores ou inibidores de transformações no cotidiano dos moradores deste "lugar". Este saber, portanto, é um saber determinado pelas práticas concretas de trabalho.

A possibilidade de desvendar o saber que circula nas diferentes práticas não se reduz nem se esgota na apreensão de cada uma delas, isoladamente, mas sim no conjunto de relações pedagógicas onde a educação se apresenta na sua plenitude, im-

plicando uma análise que evidencie relações existentes entre as diferentes práticas realizadas: o que são, quem são, como se manifestam, como se relacionam entre si, como estabelecem alianças e conflitos, trabalhos mútuos e divergentes e como as pessoas deste lugar (com determinadas características) se envolvem e produzem através destas práticas.

Pode-se definir, então, que está no campo de relações pedagógicas, enquanto "lugar" de elaboração do saber social,que exerce ao mesmo tempo uma função pedagógico-política, a especificidade deste estudo buscando, assim, aprender a relação entre educação e sociedade, no momento mesmo do fazer-se, num contexto formado por uma população marginalizada e as instituições que aí existem.

Considero, num primeiro momento, que o saber é produzido na prática, no interior das relações sociais e que o limite de sua produção é o limite da extensão do trabalho do homem. Está claro, pois, que o saber é parcial e fragmentado, nesta relação direta e imediata entre o saber e o fazer. Cabem aqui considerações em torno da divisão estabelecida em nossa sociedade, onde os que fazem não sabem reproduzir sistematicamente, -vale dizer, elaborar teórico-metodologicamente a sua prática;[3] em contrapartida, o lugar por excelência determinado para pensar a prática, com a função explícita de democratização do saber – a escola – afasta as cabeças do mundo do fazer, abrindo sempre mais o passo entre o intelectual e o trabalhador, entre a cabeça e o corpo, entre a mente e o trabalho braçal.

---

[3] *Apontamentos do seminário de Acássia Zeneida Kuenzer no curso de Mestrado em Educação da UFSC, 1984.*

Preocupei-me, então, de buscar no campo das relações sociais da educação popular[4] historicamente situada entre as pessoas que produzem nas agências[5] que atuam no Morro da Caixa d'Água, a dimensão da elaboração do saber em torno das práticas educativas.

Se, em outro contexto, o saber é produzido nas atividades de uma prática e o saber é estudado entre os muros de uma escola (revelada desde já a dicotomia apontada anteriormente entre o saber que circula numa escola burguesa e o saber que é produzido pelo trabalhador) como pensarmos o saber que é produzido na prática transitória e imediata que se dá no interior de movimentos populares e que não possuem espaço específico para pensá-lo enquanto prática? Como resolver a questão de tratar a teoria, que seria o momento de superação do ato tarefeiro de fazer a atividade educativa, imediata, de resolver problemas de saúde, habitação, alimentação, "posse" da terra, etc?

Mas, num momento paralelo, reporto-me a questões relacionadas a um saber "tão sistematicamente desenvolvido (que) não pode estar em função da simples utilidade prática" (LEVI-STRAUSS, 76:28).

Reportando-se aos estudos de Handy e Pukui (p. 119, nº 21) este autor aponta para a percepção de Handy em relação

---

4 "... *definida como aquela que atende aos interesses das classes populares, (...) uma educação que se passa fora do sistema formal do ensino, sendo – portanto – basicamente educação de adultos (seja aquela que visa à aprendizagem de conteúdos específicos diversos vinculados aos anseios e iniciativas da população e a sua educação política, seja a que se realiza através de diferentes formas de luta social: luta pela terra, pelos terrenos urbanos para habitação, luta sindical, etc.). (...) aquela que ocorre no bojo do movimento popular. (...) a que se vincula ao movimento popular de forma direta, mas também a que é organizada pelo Estado."* (PAIVA, 79:80).

5 *Explicito detalhadamente no capítulo 2 o que entendo por agências (internas e externas) no Morro da Caixa d'Água.*

às indicações da sua colaboradora indígena, deixando claro que quando uma "forma"("botânica, zoológica ou inorgânica") era "denominada (é personalizada)" como "uma coisa utilizada", o era acrescido do "de uma forma ou de outra" e ainda precisando que se "uma variedade ilimitada de seres viventes do mar e da floresta, de fenômenos meteorológicos ou marinhos não tivessem nome", não o seria por estarem sendo julgados como "úteis" ou "dignos de interesse", termos que Lévi-Strauss clarifica como "não equivalentes", uma vez que "um se situa no plano prático e o outro no plano teórico". E conclui acrescentando que:"A continuação do texto o confirma, reforçando o segundo aspecto em detrimento do primeiro: 'A vida era a experiência invertida de exata e precisa significação' "(LÉVI-STRAUSS, 76:20).

Temos aqui a concepção da produção do saber enquanto conhecimento não limitado a uma prática que se destine a resolver problemas concretos ou atender necessidades imediatas.

Lévi-Strauss vai além, quando afirma que o apetite de conhecimento objetivo constitui um dos aspectos mais negligenciados do pensamento daqueles que nós chamamos "primitivos" (:21). E nos apresenta conclusões como: "... as espécies animais e vegetais não são conhecidas na medida em que sejam úteis; elas são classificadas úteis ou interessantes porque são primeiro conhecidas (:29).

Para este trabalho que pretende tratar da questão de produção do saber, sua referência quanto à produção de um saber do pensamento selvagem pode ser objetivada como uma "ciência não (...) muito eficaz num plano prático"e torna-se no mínimo inquietante, quando ele afirma: "Mas, precisamente, seu primeiro objetivo não é de ordem prática. Ela (ciência) responde a exigências intelectuais antes, ou em vez, de satisfazer necessidades" (:29).

Está posto o nó intelectual: se enveredo pelo primeiro momento – saber fragmentado enquanto limite do trabalho do homem, consigo transitar com certa segurança pelo caminho trilhado por esta dissertação enquanto esforço intelectual de detectar e pensar a prática de educação popular no Morro da Caixa D'Água. Mas, se enveredo pelo momento paralelo de considerar o saber como fruto e conseqüência de um ato muito mais complexo que a resposta à utilidade, mas também advindo do interesse enquanto "exigências intelectuais antes, ao em vez de satisfazer necessidades", tenho clareza que este trabalho não alcança pretensão deste porte.

Limito-me, portanto, a traçar a questão da produção do saber no Morro da Caixa d'Água, enquanto ato de elaboração de um conhecimento que se manifesta em torno de práticas educativas, respondendo a situações concretas, colocadas pedagogicamente por agências externas, diferentes, aliadas e conflitantes entre si, e que trazem, no seu interior, a postura política correspondente.

Se considero, ainda, que "a agricultura para mercado não se confunde com o saber botânico" (LÉVI-STRAUSS, 76:), estou consciente de que o saber dos moradores do Morro da Caixa d'Água não se limita nem se confunde com as respostas dadas no decorrer do processo de elaboração de um conhecimento detectado no momento/movimento do fazer determinada prática.

Mas me interessa, diria até apaixonadamente, detectar, neste saber, muito mais o seu processo de elaboração como ponto de esclarecimento da postura política que o envolve e o encobre.

A partir desta demarcação posso apontar, hipoteticamente, que o pensar a prática pode se dar no instante mesmo, pa

ralela e simultaneamente, do fazer a prática. E parece-me que a visualização, a leitura e a possível discussão da relação entre a teoria e a prática em torno da atividade educativa dependem da postura político-pedagógica dos agentes da Educação Popular que, conscientes da importância deste momento, não impeçam e mesmo contribuam para a efetivação deste processo. Parece-me, também, que é quando as camadas populares conduzem com clareza o seu processo de desenvolvimento que a dicotomia pode ser superada.

Para "avaliar a qualidade de tais relações" implica concluir, em última análise, se este saber, ao ser produzido ou reproduzido por estes moradores, dão "conta de seus interesses", se os "identifica e os unifica (n)uma classe social, dá-lhe elementos para se inserir numa estrutura de relações sociais de produção", se se trata, enfim, "de um saber instrumento de organização e de luta" (GRZYBOWSKY, apud NORONHA 1984: XLI).

Estabeleci o mesmo plano de investigação e análise para estudar as diferentes práticas de trabalho educativo que encontrei, fazendo a separação inicial ao destacar as práticas existentes e desenvolvidas por pessoas de "dentro" do lugar como "agências internas" e aquelas que apresentaram como práticas que envolviam pessoas de "fora", como "agências externas", numa primeira grande divisão.

Dadas as características destas diferentes práticas e as condições momentâneas de investigação e análise, me detive em detectar todas as agências, existentes, mas apenas em aprofundar as três grandes "agências institucionais externas" (Movimento de Educação Popular - MEP, Movimento Brasileiro de Alfabetização de Adultos - MOBRAL e Comandos Sociais) para, na apreensão das relações existentes entre si e com as "agências internas", traçar as cenas do campo de relações.

Esclareço que na montagem das diferentes práticas (cenas isoladas e em múltiplas relações) tive o cuidado de penetrar nas suas características, preservando-lhes suas especificidades, não me preocupando muito com aspectos metodológicos da apresentação dos dados, mas com o rigor possível na apreensão dos mesmos. É por isso que o volume das informações contidas neste trabalho sobre as práticas educativas diferem em quantidade; porém, procurei igualá-las qualitativamente, respeitando-lhes a identidade. Ressalto, aqui, a contínua repetição das práticas desenvolvidas pelo MOBRAL - O RITUAL PEDAGÓGICO - mantida por dois motivos: um deles, por se tratar de cenas que se dão daquela maneira mesmo e outro, para que pudessem ser observadas as sutis diferenças que existem na repetição da mesmice, mudanças que se evidenciam quando o pedagógico deixa transparecer o político alterado.

Desta forma, a descrição e o desvendar do interior de agências como o MOBRAL, por exemplo, não se colocam na mesma direção de outros estudos que eu tenho conhecimento, mas se apresentam como a comprovação no momento da vivência do ato educativo, de questões levantadas a partir do estudo de documentos, como também afloram questões semelhantes às abordadas em contextos geográficos diferentes, como no Conjunto Habitacional Cidade de Deus, no Rio de Janeiro.[6]

Vai daí que não pretendi captar a visão de mundo veiculada pelas aulas do MOBRAL, enquanto análise do significado

---

[6] *Cito, respectivamente, Gilberta S. de Martino Jannuzzi, Confronto pedagógico: Paulo Freire e MOBRAL, São Paulo, Cortez & Moraes, 1979 – e Tânia Dauster (Coord.) O cavalo dos outros - Estudo sobre a categoria social Educação e os alunos do Programa de Alfabetização Funcional do MOBRAL, Rio de Janeiro, 1982, mimeog. e Tânia Dauster (Coord.) O cavalo dos outros - Resumo do Estudo sobre ..., Revista Tecnologia Educacional, Associação Brasileira de Tecnologia Educacional (ABT), Rio de Janeiro, maio/junho, 1981, nº 40.*

do conteúdo passado aos alfabetizandos, o "pensamento-linguagem" formado e tecnicamente trabalhado, como fez JANNUZZI, analisando a documentação utilizada por esta agência. Mas, através da descrição do ritual pedagógico, extrair como se comportava a condução do processo educativo, na sua totalidade, por considerar que estava ali, enquanto fio condutor, o político encoberto pelo pedagógico. Está claro que reconheço no conteúdo e na técnica, no comportamento do professor e dos alunos, a manifestação também do processo político-pedagógico, a visão de mundo e de homem que veicula. Mas importou, para mim, a captação do movimento no momento mesmo de sua expressão e, assim, sistematizar o processo onde o político se apresenta ao mesmo tempo que o pedagógico. Isto me levou a considerar a descrição do ritual pedagógico como um elemento fundamental, em que se esclarece a organização da prática do trabalho educativo, situado no contexto geral das relações pedagógicas no Morro da Caixa d'Água.

Destaco, todavia, que me deparei com observações análogas às de JANNUZZI, mesmo tendo presente que as pretensões de nossos trabalhos diferem quanto ao núcleo central de abordagem: ao estudar o método de alfabetização de Adultos do MOBRAL em confronto com o método Paulo Freire, buscando aprofundar estudos referentes às "relações entre método e finalidades ou objetivos pedagógicos", JANNUZZI percorreu caminhos que desvendaram concepções de homem e de mundo, bem como ações propostas para a expressão dessas concepções, que encontro nas ações desenvolvidas pelas práticas do MOBRAL e do MEP.

Interessa destacar aqui, a título de exemplificação, momentos em que essas questões aparecem: quando a autora aponta que o MOBRAL não poderia "abrir discussão com sua clientela sobre o estar sendo do desenvolvimento" num "quadro desenvolvimentista de cunho acentuadamente econômico e concentrador de ren-

da", quando "(o) 'conscientizar' seria desencadear processos de descontentamento, ameaçar a política de segurança" (JANNUZZI, 1979: 56-57) deparo com a aula no Morro da Caixa d'Água, onde os alunos, criando palavras da "família" da letra L, gritam LUTA, a professora corta com um ríspido e definitivo "luta, não - LUTO!" e encerra a questão.

Observa-se aí como uma professora do MOBRAL, treinada num canto obscuro do oeste catarinense, atuando numa área periférica de Florianópolis, sem ambições maiores que o "ensinar quem não sabe", agiganta-se como agente transmissor e assegurador de uma ordem autoritária. Soma-se a esta constatação o peso em si das palavras LUTA E LUTO e, em "flashes" consecutivos, a vivacidade da classe quando cria a palavra LUTA, substituídos pelo "close" do fechamento dos alunos, o calar, o abaixar os olhos e o continuar a lição da professora, com o corpo inteiro dirigido para o caderno e o lápis, num gesto de humilde aceitação de LUTO, temos o quadro de desolação – concepção de homem e de mundo – veiculado através desta prática educativa.

Também pude perceber, no concreto, o acerto da análise de JANNUZZI, abordando a preocupação central do MOBRAL, que é transportar o "marginalizado", o elemento "inválido" para "dentro", "validamente", do processo econômico. É quando "o indivíduo deve ser alfabetizado para mais facilmente receber as informações e o treinamento que o permitam desempenhar o papel que lhe é reservado dentro do desenvolvimento" (JANNUZZI,1979: 59).

Esta expectativa, criada e exposta através dos documentos do MOBRAL central, reflete-se na ânsia com que os alfabetizandos procuram o curso. E no final, conforme atesto nas conclusões deste estudo, a passagem dessa expectativa para o senti

mento generalizado de descrença na busca de transformações, dribla o passe de mágica pretendido pelo MOBRAL e marca gol contra.

Questões de cunho pedagógico-metodológico também foram atestadas na prática: assim, se "o método do MOBRAL implica no uso de técnicas analítico-sintéticas" e se estas "buscam fazer com que o alfabetizando aprenda o significado considerado adequado às palavras" e a partir deste pressuposto o "universo vocabular" dos alunos pode ser substituído pela funcionalidade de "utilizar as mesmas palavras geradoras para o Brasil inteiro uma vez que estas exprimem as necessidades básicas do homem brasileiro" (JANNUZZI, 1979: 61-62), o que dizer da imposição de palavras como "giló", por exemplo, cujo significado nem a própria professora conhecia, tratando-se, pois, de palavra completamente ausente do universo daquelas pessoas.

Acredito, também, que o trabalho da autora citada me reporta, quando estuda detalhadamente o método Paulo Freire, à visualização da prática do MEP a partir de princípios semelhantes;porém guardadas diferenças sensíveis e sutis, como pretendo demonstrar no final do trabalho.

Em DAUSTER, o ângulo de referência para constatações semelhantes desloca-se para verificações como: a abordagem antropológica, o trabalho de campo, o recorrer à observação participante, a entrevista aberta e a semi-estruturada, o levantamento etnográfico, que conduziram a processos metodológicos de pesquisa que se aproximam, principalmente num "dos pontos relevantes do método empregado ... (que) foi a disposição de ouvir as pessoas e de procurar ver as coisas de seu ponto de vista" (ABT nº 40:17).

Assim é que, questões ligadas à assinatura do próprio

nome, bem como outras que se referem a "sentimentos, valores e representações que levam alguém a procurar a alfabetização" e também "o sentimento de autodesvalorização pela falta de estudos", as relações entre estudo, expectativas e possibilidades, entre "educação" e "bons comportamentos", atendimento às necessidades "primárias" (como o caráter funcional do conhecimento: pegar ônibus, ler receitas médicas, sentir-se bem quando vai à aula, melhorar a dor de cabeça e o nervosismo) apresentam-se de modo semelhante.

Destaco estes elementos para levantar dúvidas quanto ao "caráter específico e intransferível" atribuído pela equipe de pesquisadores aos resultados de sua pesquisa, considerando o "material empírico consultado", por se tratar de captação de "representações coletivas (...) percebidas em relação às experiências comuns ao grupo e seu contexto social" (DAUSTER, 84: 76).

Mesmo reconhecendo a justeza de suas afirmações se relacionadas ao cuidado e honestidade científicos e intelectuais com que foram tratadas, pretendo ampliar o debate levantando a hipótese de que tais resultados se assemelham por se tratar de experiências comuns de indivíduos oriundos de contextos sociais semelhantes, portadores de anseios e privações que os aproximam. Daí que arrisco afirmar que se trata, isto sim, de expressões de um mesmo segmento social pertencente às camadas populares de uma sociedade dividida em classes antagônicas, como a brasileira.

Aqui, no Morro da Caixa d'Água, como lá, na Cidade de Deus, as especificidades dos moradores apresentam muitos pontos convergentes, mesmo considerando que o "recorte" atribuído aos depoimentos e as constatações locais efetuadas representam "en-

foque educacional e metodológico" que buscaram objetivos diferentes.

No entanto, o principal ponto de diferenciação e o que, de certa forma, constitui a especificidade deste trabalho, está, a meu ver, no que MANFREDI (1980) tão bem soube destacar e o que foi levantado por BRANDÃO (1977) quando apontou a descoberta do que é fundamental na educação popular: o "transformar uma educação fundamental para o povo (os valores políticos dos grupos externos retraduzidos na linguagem de ajuda ao povo) em uma educação do povo (os valores culturais dos grupos populares retraduzidos através da educação levada a eles) (BRANDÃO, 1977: 37).

MANFREDI defende a necessidade de se considerar uma dupla perspectiva ao analisar a educação popular: é certo que"o conflito ideológico-político ao nível da sociedade civil também permeia a educação popular e que esta não só serve de instrumento legitimador das classes hegemônicas, mas também pode ser utilizada pelas classes subalternas para reagir à dominação, empregando-a como veículo de divulgação de uma concepção de mundo mais condizente com seus interesses de classe (MANFREDI, 80:48).

Reside aí sua preocupação em apontar para a necessidade de se saber "como as classes subalternas articulam suas respostas para construir e veicular uma concepção de mundo emancipatória, que lhes permitam consolidar uma contra-ideologia"(MANFREDI, idem).

Neste sentido, destacou que os trabalhos analisados neste seu estudo,[7] por apresentarem a educação popular como "em

---

[7] *Notadamente: Vanilda P. Paiva (73), Luiz Antonio da Cunha (77), Celso Rui Beisiegel (74), Bárbara Freitag (77) e Gilberto Januzzi (79).*

preendimento (...) de práticas adotadas pelo Estado brasileiro para difundir a ideologia dominante e garantir a reprodução das relações sociais de produção" (MANFREDI, 80:41), privilegiaram "a ótica da reprodução das relações sociais de produção, da estrutura de classe e da dominação ideológica a partir da perspectiva dos interesses das classes hegemônicas" (MANFREDI, 80:47). E esta perspectiva "pouco esclarece das possíveis rearticulações e redefinições político-ideológicas que as classes subalternas possam estar reelaborando" (MANFREDI, 80:48).

Minha preocupação se deu, justamente, na perspectiva de que a ótica das classes subalternas é que fosse a privilegiada: desde o ponto mais importante de sistematizar o conhecimento que se produz naquele "lugar" após o *ouvir* adequadamente e *ver*, numa leitura que tivesse o cuidado de evitar o possível viés de formação/vivência de classe social diferente, até a convicção, talvez ingênua e sonhadora, de que este trabalho pudesse colaborar com a luta de transformação das condições de vida das classes subalternas, luta que ligaria as atividades circunscritas a um "pequeno mundo" ao interior do processo de "profunda renovação democrática do conjunto da vida brasileira"(COUTINHO, 80:33).

I.2 - A ABORDAGEM UTILIZADA OU COMO SE PENSA A AÇÃO DESENVOLVIDA ATRAVÉS DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Tomando como ponto de partida as considerações tecidas anteriormente e destas, reiterando as questões relacionadas com um tipo de conhecimento que foge às características do saber sistematizado que circula nas escolas e, mais ainda, desta-

cando que o processo educativo de que aqui se trata é novo e ainda bastante desconhecido no meio acadêmico educacional, reforço que este estudo foge à rotina das pesquisas desenvolvidas em Educação.

Trata-se de um saber que circula, isto sim, entre pessoas que ou não passaram pela escola ou a freqüentaram com tamanha precariedade que não lhes permitiu, sequer, dominar os instrumentos básicos do mundo letrado que a educação, enquanto área preocupada com a ciência, habitualmente legitima. Mas a educação está ali, acontecendo, no cotidiano da práxis daquela população.

Importa considerar, neste momento, que o conceito de práxis trabalhado aqui retoma o significado atribuído à "atividade social dirigida a um fim, a um objetivo" (NORONHA, 84:XI), e destacar, também, as duas dimensões ou níveis de práxis: a "criadora (reflexiva) e a reiterativa (repetitiva)", como tentativa de encaminhar à percepção crítica do movimento existente no espaço em estudo.[8]

Aqui, limito esta abordagem apenas à chamada para a utilização do conceito oriundo dos referenciais estudados, advertindo que retomo esta questão mais adiante no tratamento metodológico deste estudo e no capítulo II, onde a praticidade do conceito é destacada.

---

[8] Remeto, em 1º lugar a VASQUEZ, A. S. *Filosofia da Práxis*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2ª ed., 1977, KOSIK, K. *Dialética do Concreto*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2ª ed., 1976; GRAMSCI, A. *Introdução à Filosofia da Práxis*, Lisboa, Edições Antídoto, trad. de Serafim Ferreira, 1978 e *Concepção Dialética da História*, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, trad. de Carlos Nelson Coutinho, 2ª ed., 1978; e me baseio em NORONHA, O. M. *De Camponesa a "Madame" - Trabalho Feminino e Relações de Saber no Meio Rural*. Tese de Doutorado.

Retomando a questão inicial, considero que, na rede de relações que se estabelece entre moradores e agências atuantes no Morro da Caixa d'Água, onde se dá a circulação de um saber pedagógico e politicamente constituído, enfim, de um processo educativo vivo e diferente daquele escolar e que poderá vestir-se ou não de possibilidades de mudanças, portanto, politicamente conseqüente, é necessário definir quais os mecanismos adequados para a apreensão e o acompanhamento deste processo.

É importante considerar que, neste momento de estudo, o que se coloca como proposta de trabalho é a necessidade mais ampla de se apreender uma realidade em suas condições concretas para, a partir daí, poder elucidar o ponto central que é detectar as relações de reciprocidade entre a educação e o ambiente onde ela se manifesta, condicionando, até certo ponto, a seleção do método de investigação que possibilitará abordar empreendimento de tal natureza.

Para a apreensão do campo de relações da realidade selecionada – a do Morro da Caixa d'Água, periferia urbana de Florianópolis - em seu movimento concreto, fui buscar na Antropologia e na Sociologia elementos de estudo e trabalho capazes de, ao centrarem-se num ponto comum, permitirem uma leitura correta deste "lugar", agora já definida como um campo de relações pedagógicas.

Vai daí que a Antropologia, enquanto "ciência que aspira conhecer o homem em sua totalidade concreta a partir de suas produções e representações" permitiu percorrer caminhos metodológicos centrados na etnografia, através da utilização de técnicas relacionadas com o trabalho de campo, onde a pretensão foi, sem dúvida, "a observação e análise de grupos humanos, considerados em sua particularidade", classificando, descrevendo e

analisando os fenômenos culturais (NORONHA, 1984: XXXVI).

Ressalto que a especificidade desta produção teórica, enquanto dissertação de mestrado, levou-me a estudar conceitos até então ausentes de minha formação em Pedagogia. Ao utilizar-me desses conteúdos tenho a clareza de não estar fazendo um estudo de Antropologia, mas de buscar, naqueles conhecimentos, os instrumentos que pudessem iluminar a leitura do campo de relações pedagógicas que pretendi esclarecer.

Necessário se tornou, também, recorrer à Sociologia , percorrendo-a nas suas preocupações com o "estudo científico da formação, da organização e da transformação da sociedade humana" (PINTO COSTA, aput TOSCANO, 84: II) centrada nas "próprias raízes da relação social" , onde busquei o suporte possível a uma fundamentação que se fazia necessária.

Se está no desvendamento do campo de relações pedagógicas a especificidade deste estudo e se é na educação que coloca a problemática central, estou certa que conduzo a este objeto de estudo a questão de como se elabora um saber que extrapola o espaço escolar. Aqui, importa esclarecer o entendimento da educação como prática humana inserida na totalidade de uma organização social ou "como um processo que se caracteriza por uma atividade mediadora no seio da prática social global" (SAVIANI, 1980:120). Importa, pois, articular o saber que se faz no cotidiano de determinadas relações sociais, captá-lo e elaborá-lo sistematicamente. A captação desta rede de relações não se esgotou na utilização de instrumentos oriundos da Antropologia e da Sociologia, pois tive que recorrer a elementos de História e aqueles que dizem respeito à Economia (neste caso, precisamente, quando me aproximo da composição do trabalho que os moradores executam, para melhor compreendê-los e possibilitar—lhes

uma identidade) e, ainda, alicerçar-me em leituras de outros ramos das ciências humanas e sociais.

Pareceu-me que o procedimento correto seria selecionar comportamentos metodológicos que permitissem uma vivência ao mesmo tempo intelectual e atuante, pois que tal relação de reciprocidade implicaria, neste caso, a possibilidade de se estabelecer uma ligação orgânica entre teoria e prática, que é o que propiciará retirar de uma determinada prática a teoria que lhe corresponde para, num momento posterior, atuar sobre esta prática, transformando-a.

A seleção de Observação Participante[9] como a alternativa de trabalho que daria os elementos necessários para detectar relações de reciprocidade no momento mesmo do fazer-se a educação, isto é, o envolver-se no campo de relações pedagógicas que esta rede de reciprocidade colocaria, pareceu-me relevante, não só como um possível caminhar na busca de um conhecimento distante do meio acadêmico, como também sob a ótica de uma necessária prestação de serviços imediatos e ao mesmo tempo passíveis de um pensar crítico e, daí, conseqüente no plano da atuação politicamente definida de um aliado de classe.

É de se destacar, porém, que o peso maior para a seleção de tal abordagem metodológica deveu-se à possibilidade de

---

[9] MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*, São Paulo, Abril Cultural (Os pensadores), trad. de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça, 2ª ed., 1978; GUIMARÃES, A.Z. *Desvendando máscaras sociais*, Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1975; ver também "A Observação Participante: uma alternativa sociológica", trabalho preparado pelo Instituto de Ação Cultural (IDAC) publicado nos Cadernos do CEDI, nº 20, Rio de Janeiro, Editora Tempo e Presença, 1978. É interessante estabelecer relações e diferenças com os textos organizados por BRANDÃO, C.R., *Pesquisa Participante*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1982 e THIOLLENT, M. *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*; São Paulo, Editora Polis, 2ª ed., 1981.

se considerar a ação educativa como a "produção de novos conhecimentos que aumentem a consciência e a capacidade de iniciativa transformadora dos grupos com que trabalhamos. Por isso mesmo, o estudo da realidade vivida pelo grupo e de sua percepção desta mesma realidade constituem o ponto de partida e a matéria-prima do processo educativo (DARCY DE OLIVEIRA, 81:19). É quando Paulo Freire indica que toda pesquisa temática se faz ação pedagógica e toda autêntica educação se faz investigação do pensar" (DARCY DE OLIVEIRA, 81:20).

Concorre também para o esclarecimento do porquê da escolha da Observação Participante, por tratar-se de uma metodologia que "busca realizar uma síntese entre o estudo dos processos de mudança social e o envolvimento do pesquisador na dinâmica deste mesmo processo. Adotando uma dupla postura de observador será colocar as ferramentas científicas de que dispõe a serviço do movimento social com que está comprometido" (DARCY DE OLIVEIRA, 81:16).[10]

É necessário sublinhar, também, "a vantagem de proporcionar que sejam observados e ouvidos muitos sujeitos, dentro de suas próprias condições, nas relações que se estabelecem entre si" (NORONHA, 80:XXXI) e as agências que atuam no local, entre as diferentes agências enquanto propiciadoras de movimentos específicos, as alianças e os conflitos daí decorrentes, enfim o curso próprio destas pessoas nestes movimentos, integrando-os, num momento posterior, à uma conclusiva postura político-pedagógica transformadora ou repetidora da situação em que vivem.

---

[10] *Observar que neste texto retrabalhado pelos autores, a expressão "Observação Participante" aparece como "pesquisa/ação", nesta mesma página 26.*

A proposta inicial de trabalho, então, embora aparentando demasiada amplitude, se encaminha para o detalhamento e o aprofundamento do seu espaço específico.

Um espaço que se caracteriza por ser um campo de relações pedagógicas poderia ser revelado a partir do estudo etnográfico do local, implicando o traçamento do perfil deste espaço: onde é, quem são as pessoas que aí residem, o que fazem, como vivem, que "coisas" existem entre estas pessoas, como elas se relacionam com estas "coisas" e entre si.

Pareceu-me, entretanto, que a Observação Participante deveria estar integrada num método de pesquisa que tivesse a virtude de revelar o "objeto-sujeito" de estudo durante o caminho percorrido para a busca pretendida, alicerçada em passos científicos passíveis de apreender a educação no momento de sua manifestação. Tal método deveria utilizar-se de um processo dialético.

Convém, nesta etapa de introdução do tema, por uma questão didática de apresentação, esclarecer o modo como a Observação Participante foi desenvolvida, uma vez que, como alternativa de abordagem, sofreu as adaptações inerentes às especificidades do contexto onde se deu e, posteriormente, já no item seguinte, delimitar como considerei a dialética enquanto método investigativo.

Primeiramente, de posse de informações sobre a relação educação e sociedade, a Observação Participante e a Dialética como condutora do pensamento, procurei "agentes" que trabalhavam com Educação Popular, na periferia urbana, enquanto espaço político-pedagógico selecionado. Nesta busca, expunha minhas expectativas de trabalho que consistiam em elaborar dissertação de mestrado que pudesse, ao mesmo tempo, ter condições de respon

der, de alguma maneira, às necessidades dos informantes e que possibilitasse, através destes elementos, a participação na vida cotidiana dos moradores daquela localidade.

A opção pelo Morro da Caixa d'Água, no Continente, deu se pela identidade de proposta com o "agente", acrescida já do meu propósito de identificar o significado político-pedagógico do Movimento de Educação Popular (MEP) que se iniciava somada à constatação da necessidade imediata de pessoas que se dispusessem a trabalhar, voluntariamente, naquele movimento. Integrei-me, assim, à tarefa recém-iniciada de levantamento da situação de saneamento básico das residências do Morro da Caixa d'Água, acompanhando os "agentes" do MEP e do MOBRAL, que, em contatos entre si, resolveram realizar a tarefa em conjunto, preenchendo os formulários elaborados pelos técnicos do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis - IPUF, na ocasião órgão de relativa autonomia da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

Nesses contatos de casa em casa, percorrendo as 320 casas com 1.041 pessoas naquela ocasião e não tendo acesso somente àquelas cujos moradores trabalhavam fora o dia inteiro, procurei ampliar as discussões iniciadas através do dado solicitado pelo Formulário e elaborei um CADERNO DE CAMPO onde relatava as informações adicionais, intituladas CONTATOS COM A POPULAÇÃO, às quais acrescentava observações paralelas.

Esses contatos, acrescidos ao preenchimento do formulário, evoluíram para entrevistas não diretivas, que realizei sob a forma de gravações de discursos livres, inicialmente para levantar a história do lugar, com pessoas que aparentavam ter representatividade no local, como moradores mais antigos, moradores que participavam de práticas sociais organizadas pelo Movi-

mento de Educação Popular e também com algum morador, aleatoriamente; realizei, também, questionários individuais e coletivos, neste caso aplicados às alunas do curso do MOBRAL, iniciando em seguida outra atividade que comecei a acompanhar paralelamente e que me conduziu à constatação da existência de mais um movimento de Educação Popular, com características específicas,atuando no mesmo espaço geocultural.

Ao mesmo tempo que realizava esta prática "interna" de investigação, participava das práticas desenvolvidas:

- em torno do "agente" de Educação Popular do movimento em que me integrei e que se relacionavam com o problema da terra, na medição de terrenos com os engenheiros e moradores,no levantamento das informações necessárias à montagem de processos de usucapião, na participação em audiências e movimentos populares relacionados com esta questão;

- no saneamento básico, participando da abertura de valas, da tarefa de providenciar lanches para os moradores que realizavam o trabalho;

- na saúde, através de visitas domiciliares acompanhando médicos, em pequenas atividades no Posto de Saúde, incluindo limpeza e transporte de móveis;

- na educação, através de aulas de arte infantil, envolvendo, além do ato educativo em si, providências quanto ao material usado, limpeza do local,e,como já citei, participando das aulas do MOBRAL e fazendo um relato sucinto dos acontecimentos durante as aulas e, também, alfabetizando duas moradoras que não freqüentavam o MOBRAL, buscando, através do contato mais próximo com essas senhoras, o entendimento de como pensa o analfabeto em situação de aprendizagem e procurando, a partir da expe-

riência integral da alfabetização, isto é, alunas em curso do MOBRAL e moradoras alfabetizando-se em grupo reduzido, somado ao delineamento que se formava do contexto onde a educação como um todo atuava, elaborar, com um grupo específico de educação, o método e o conteúdo adequado de alfabetização para o Morro;

- na feira de roupas, louças e móveis usados, recolhendo o material, organizando a feira e participando da venda;

- na vida cultural propriamente dita, participando de festas, acompanhando o grupo de Cacumbi e agenciando informalmente esse grupo nas apresentações externas ligadas à Universidade, como também acompanhando a formação de jornal da comunidade e, finalmente,

- participando de reuniões de grupos de assessores do "agente" de Educação Popular, de reunião dos Comandos Sociais e mantendo contatos constantes com os "agentes" de Educação Popular e do MOBRAL.

O retorno, então, a alguns setores, notadamente nos relacionados à religiosidade popular, à composição familiar e relações internas entre membros da família e moradores vizinhos, ao comportamento dos moradores em torno das práticas desenvolvidas através dos movimentos externos, neste momento já identificados como três: o Movimento de Educação Popular, o MOBRAL e os Comandos Sociais e a constatação de outros movimentos internos que atuam somente no local, propiciou acompanhar o dado/informação seguindo o seu movimento próprio e nos contatos com os outros dados/informações também em movimento, quer dizer, no movimento social da transformação.[11]

---

[11] *A distinção do termo "movimento" usado aqui com diferentes significados, condiciona-se à idéia de que Movimento de Educação entende-se como "aquela mobilização em favor de programas especiais de educação" (PAIVA, 73:24) enquanto que o outro diz respeito ao ritmo próprio e interno do fato ou dado/informação em si.*

Resta acrescentar que a etapa de "devolução do material ao grupo", tarefa parcialmente elaborada, se por um lado esgotou alguns elementos nas discussões com diferentes grupos de moradores durante as fases já concluídas na elaboração do método de alfabetização de adultos, que se centraliza na história do lugar e de sua gente, por outro continua a ser desenvolvida pelo grupo de educação que passará a escrever o livro de leitura e, portanto, não terá tratamento conclusivo nesta dissertação. Esta atitude prende-se à necessidade de se cumprir prazos estabelecidos para a apresentação do trabalho acadêmico. Acredito que a conclusão dessa atividade, em termos de, além da elaboração – tarefa em desenvolvimento –, da aplicação e, conseqüentemente, da análise dos resultados, traria elementos significativos a este estudo.

I.3 - A QUESTÃO DO MÉTODO: A DIALÉTICA ENQUANTO CONDUTORA DO PENSAMENTO

Tomando os contornos nítidos de um fio condutor interno e inerente à tarefa de detectar dados/informações, agrupá-los e selecioná-los, interpretá-los e analisá-los, encaminhados pela Observação Participante, a orientação de uma postura científica foi embasada num processo dialético de visualização e interpretação da realidade ou, dito de outro modo, na utilização de categorias dialéticas de leitura da realidade como pano de fundo do processo investigativo.

O ponto de partida de que "o homem só conhece a realidade na medida em que ele cria a realidade humana e se comporta antes de tudo como ser prático", e que "para nos aproximarmos da coisa e da sua estrutura e encontrar uma via de acesso para

ela temos de nos distanciar delas" (KOZIK, 76:22) levou a uma busca do conhecimento que seguisse uma trajetória preocupada com estudos que inquirissem, de imediato, a lei do movimento da "coisa em si", a relação entre a aparência e a essência, o "trânsito da universalidade à singularidade e vice-versa, mediatizado pela particularidade" (LUCKÁCS, 65:121),enfim, a apreensão do movimento da "coisa em si" na sua totalidade.

Para tanto, partiu-se da busca da totalidade como possível para a configuração do "lugar" onde se dá a educação, não um lugar visualizado autonomamente, mas conseqüência e condicionante do processo histórico-cultural onde se manifesta.

Retomando um pouco questões já levantadas, importa clarear que este "lugar" configura-se como um campo de relações pedagógicas, onde população marginal e agências atuantes estabelecem diferentes relações sociais, condicionadas, portanto, por estes protagonistas e por estas condições materiais, naquele contexto – os moradores do Morro da Caixa d'Água, em torno de questões específicas, fazem uma determinada história, nos anos de 1980 a 1984.

Tornou-se necessária, então, a busca de dados que configuram o universo investigado para, num momento posterior, isolá-los e tratá-los nas suas especificidades.

Nesse processo de tratamento de dados – nas suas especificidades – identifiquei os diferentes movimentos que nominei de "agências" que, vistas isoladamente, contribuem para a configuração do que existe na totalidade, isto numa etapa necessária de tratamento descritivo dos dados. Mas a soma das partes não constituem o todo, necessariamente. Assim, a verificação das relações existentes entre os diferentes fenômenos entre si permi

te o traçamento teórico para que a diversidade possa compor a unidade. É aí que as partes que compõem o todo o fazem mediatizadas pela questão do saber.

As relações apreendidas, então, são relações embasadas em torno do saber e do fazer, em suma, na articulação entre a teoria e a prática.

Neste contexto prático-teórico é que aflora e isola o dado particular do estudo, que é a educação. É ali, nas agências que seleciono como possíveis para o desvendamento do "mistério" propriamente educativo, possíveis num sentido histórico, presas, portanto, às condições momentâneas não apenas do acontecimento mas dos limites da própria investigação, no sentido de que poderia ser buscado também nas demais agências, que utilizo o encaminhamento teórico-metodológico possibilitado pelo trânsito existente entre as categorias da universalidade e da singularidade na sua relação de reciprocidade mediatizadas pela particularidade. É na educação que centralizo o que há de particular nesta população marginal composta de diferentes agências, internas e externas a ela.

A busca, pois, se dá através da educação, entendida como uma atividade que, ao fazer parte da "totalidade de uma organização social", comporta-se como elemento mediador nessa totalidade. É ela que permitirá a constatação do significado político-pedagógico dos movimentos que, no seu bojo, carregam uma prática educativa.

É este adentrar na identidade de cada movimento que possibilitará a transposição dos limites da aparência para, ao superá-la, atingir a essência do fenômeno em estudo.

Mas este procedimento deverá, também, passar pelos

dois momentos necessários – o do isolar para apreender no seu movimento específico o seu significado e o de restituir ao movimento mais amplo para configurar as relações existentes na totalidade da práxis social em questão, que é, em última análise, a apreensão do movimento de transformação do existente, a sua ação transformadora.

Agora cabe colocar as questões que deixei pendentes no item anterior: se lá apresentei o conceito de práxis como "atividade social dirigida a um fim, a um objetivo" e destaquei as dimensões ou níveis da "práxis criadora (reflexiva)" e da "práxis reiterativa (repetitiva)", quero, aqui, circundar este conceito no limite de seu entendimento para este trabalho.

Trabalhei este conceito a partir das considerações de que práxis é uma atividade, sim, mas aquela atividade humana na qual os "atos dirigidos a um objeto para transformá-lo se iniciam com um resultado ideal, ou finalidade, e terminam com um resultado ou produto efetivo, real. Nesse caso, os atos não só são determinados casualmente por um estado anterior que se verificou efetivamente – determinação do passado pelo presente – como também por algo que ainda não tem uma existência efetiva e que, não obstante, determina e regula os diferentes atos antes de culminar num resultado real; ou seja, a determinação não vem do passado, mas sim do futuro (VÁZQUEZ, 1977:187).

Importou, para mim, estudar os fenômenos existentes no Morro da Caixa d'Água a partir de suas propostas – "resultado ideal" –, mas também atendo-me aos seus resultados enquanto "produto real". Neste entremeio, o que não tem "existência efetiva" mas que "determina e regula os diferentes atos" passou a ser um foco importante de busca, aquele que me daria os elementos chaves para a compreensão do emaranhado das relações sociais

e materiais que transitam naquele campo político-pedagógico.

Duvidei, em determinados momentos, de que o MEP e os Comandos Sociais tivessem ou não uma existência efetiva no Morro. Mas a sua presença, concomitante, às vezes, com o seu ocultamento físico, me mostrava tamanha dubiedade que concluí que sim, naqueles movimentos tão escondidos enquanto instituições declaradamente colocadas, mas tão presentes enquanto ações que se desenrolam, estão contidos elementos fundamentais para a composição do quadro de análise que eu buscara.

Considerei, também, que o resultado real ou "final sempre deriva dos conflitos entre muitas vontades individuais , cada uma das quais por sua vez, é o que é por feito de uma infinidade de condições especiais de vida; são, pois, inumeráveis forças que se entrecruzam umas com as outras (...) das quais surge um resultado – o acontecimento histórico (...)" (Cartas de Engels a J. Bloch apud VÁZQUEZ, 1977:188-189).

Essas "vontades individuais" fazem parte do repertório que compõe o campo de relações pedagógicas que trabalho, entendendo-as a partir de sua atuação canalizada para as agências presentes no Morro. Ora, o conflito que aí se estabelece pode ser visualizado muito mais entre vontades individuais antagônicas, obviamente, do que entre as que se assemelham ao nível do discurso. Está, pois, no resultado, enquanto acontecimento histórico, o peso real na balança da análise dos movimentos.

E se "a finalidade dessa atividade (práxis) é a transformação real, objetiva, do mundo natural e social para satisfazer determinada necessidade humana. E o resultado é uma nova realidade, que subsiste independentemente do sujeito ou dos sujeitos concretos que a engendram com sua atividade subjetiva, mas

que, sem dúvida, só existe pelo homem e para o homem, como ser social" (VÁZQUEZ, 1977:194), o destaque destes resultados e posterior enquadramento no pólo aparentemente antagônico da práxis repetitiva ou da práxis criadora facilitam a compreensão desta tão complexa teia de relações.

Que nova realidade pode ser apontada? Que acontecimento histórico indica o significado político-pedagógico da educação no Morro da Caixa d'Água? Esta educação que está sendo feita por sujeito em torno de uma história sistematizada num espaço social reconhecido, é aquela que contribui, efetivamente, para as mudanças profundas no cotidiano destes mesmos sujeitos, vale dizer, que "leva a transformar a organização e direção da sociedade" (VÁZQUEZ, 72:200).

E o que leva diferentes grupos sociais, nem sempre sintonizados com os interesses daquele espaço social, a atuar especificamente naquela local e daquele jeito?

São questões que buscam respostas. Não tenho clareza se consegui respondê-las plenamente a partir dos elementos referenciais que aqui consegui agrupar. Porém, estou certa de que o caminho percorrido para a composição teórica de um emaranhado de relações que se dão no interior de um movimento social foi passo a passo percorrido, auscultado e escutado, pensado e elaborado, falado e revisto, revisitado, fruto que foi de um pensar e um fazer coletivo.

I.4 - A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO OU COMO O CONTEÚDO ESTÁ APRESENTADO

O conteúdo se apresenta sob a forma de uma espiral ,

onde cada elo de ligação, mesmo se preocupando com a delimitação específica, volta-se para o conteúdo que o antecede e aponta para aquele que será aprofundado no momento subseqüente.

Diante deste quadro estrutural, torna-se necessário o tratamento teórico dos capítulos, isoladamente, não deixando, porém, de observar o sujeito-objeto em estudo como parte de um todo, todo que se revela na sua totalidade nas relações manifestadas com as partes que o compõe.

É, conforme já mencionado, na busca de apreensão da lei do movimento da "coisa em si", das relações entre a aparência e a essência, no detalhamento das partes em si e nas articulações que existem entre si e na sua manifestação como um todo, que o conteúdo vai sendo tecido.

Assim, se a primeira providência tomada para a sistematização do conhecimento foi fazer o estudo etnográfico do lugar, na tentativa de caracterizá-lo enquanto ambiente onde a educação acontece, ambiente agora composto por moradores identificados e estabelecendo determinadas relações entre si e as agências que ali atuam, é de se destacar que a coleta de dados não se deu na mesma ordem de apresentação. Menos que uma linha reta e definitiva, a busca dos dados agora apresentados deu-se em muitas direções, em constantes idas e vindas, até o momento da "arrumação" teórica dos fatos.

A configuração do Morro da Caixa d'Água e da ordem existente, isto é, o que compõe a realidade pesquisada, quem são, como vivem, o que fazem e pensam as pessoas que aí estabelecem relações entre si e as agências que se localizam neste campo de relações pedagógicas para, no seu interior, revelar o espaço da educação enquanto lugar de reciprocidade e determina-

ções que explicitam manifestações/tendências que se dão nestas mesmas relações. Esta educação, uma vez evidenciada, poderia indicar-se como prática social que contribui ou não ao processo de luta pela transformação da realidade das camadas populares.

O segundo capítulo impôs-se a explicitar quem são as agências sociais que reproduzem o saber no Morro. Essas agências possuem conotações distintas, levando-me a adjetivá-las como agências internas – o Cacumbi, grupo que também "leva" o boi-de-mamão e, às vezes, o Terno de Reis, a religiosidade popular (benzedeiras, pais e mães-de-santo) e como agências externas, destacando que nestas as diferenças foram agrupadas em torno de agências institucionais externas – o MOBRAL, o MEP, os Comandos Sociais, e a religiosidade erudita (Igreja Católica e Centros Espíritas) e de agências sociais externas – a gafieira e os bares, mesmo tendo presente que estas adjetivações não esgotam o real. Se, num primeiro momento, foi necessário caracterizá-las nas suas especificidades, tornou-se imprescindível resgatar as articulações que se dão no concreto.

Este movimento levou-me a centralizar o sujeito objeto de estudo nos limites colocados pelo MEP, MOBRAL e Comandos Sociais, como aqueles espaços historicamente mais adequados para a visualização do significado político-pedagógico da educação popular no Morro, pelas suas próprias características: estava ali, aparentemente, o peso maior para se detectar como estes movimentos que se dizem "populares" participam do processo de transformação das camadas populares.

Conhecer a sua identidade, penetrando no seu interior para saber quem são, o que pretendem, o que fazem e como fazem, entre si e na relação com a população envolvida, foi tarefa deste terceiro capítulo.

O quarto capítulo buscou uma análise mais profunda destas agências: além de conhecê-las, tornou-se necessário levantar elementos para julgá-las na sua ação. Assim, nas suas relações sociais, dois vetores foram selecionados para a compreensão e o esclarecimento dessa ação: o resultado obtido e a hegemonia na condução do processo de conhecimento. Pode-se evidenciar, a partir daqui, a que vieram estas agências, por que e para que atuam no Morro da Caixa d'Água.

Se os elementos teóricos foram traçados a partir do esforço de buscar a ótica das camadas populares para sistematizar este saber, a abertura de espaço especificamente popular, enquanto produção de conhecimento, deu-se no capítulo quinto, quando os moradores explicitam o que pensam sobre as agências externas, revelando como se relacionam com elas.

A partir da composição deste quadro, dividido em cinco capítulos, apresento o último como elemento parcialmente conclusivo, fazendo-o com a intenção explícita de que não cabe, no momento, encerrar esta discussão, uma vez que, conforme já esclareci anteriormente, esta dissertação continua latente através da prática educativa estabelecida, sob a forma de devolução do conteúdo aos seus produtores.

Acrescento que o conteúdo retirado de discursos livres sofreram determinados cortes, sempre com a preocupação de não alterar o sentido e consciente da dificuldade em interpretar as concepções que estavam sendo manifestadas, mas procurando visualizá-las através da concepção de mundo de quem as expressava.

Justifico, também, a apresentação dos Depoimentos populares como uma maneira de enriquecer o trabalho através de

uma identidade que em todos os momentos fala por si própria. Embora tendo ligação orgânica com o texto, podem ser lidos separadamente ou mesmo ignorados.

"... um lugar muito muitamente respeitado, não por negócio de briga mas por coisa de mistério ..."

Francisco de Campos Amaro,

Capitão de Cacumbi

II. O MORRO DA CAIXA D'ÁGUA

II.1 - INTRODUÇÃO

Os dados sociográficos aqui apresentados resultam de levantamento decorrente de trabalho participativo no então iniciado Movimento de Educação Popular, no Morro da Caixa d'Água, no Continente. Esses dados permitem o delineamento de um perfil do Morro[1] que é revelado a partir de elementos que, se não esgotam o assunto, pretendem ser os mais caracterizadores possíveis, neste primeiro momento de uma tentativa descritivo-analítica. Já se antevê a necessidade de um momento de acréscimo aos dados sociográficos, pois que uma descrição analítica do local exige um esforço teórico-prático de aprofundar conhecimentos, uma vez que só assim buscar-se-ão elementos configurativos que, ao se apresentarem como complementares, revelam-se, todavia, como principais. Refiro-me, aqui, à necessidade de buscar dados que expressam o pensamento e a ação dos elementos que compõem a realidade pesquisada, quem são estas pessoas, como vivem, como se organizam, o que pensam sobre si e sobre o seu universo; que agências se localizam aí, como estão relacionadas com os moradores e entre si. Essas informações pretendem o esclarecimento da ordem existente, uma vez que admito, previamente, a existência de uma ordem própria no interior dessa comunidade.

Este procedimento caracterizador não tem outro significado que o de revelar o espaço da educação no Morro da Caixa d'Água, objeto central desta análise.

---

[1] *Mesma conotação que "favela" ou "Vila de Malocas". Cf. "Cor e Mobilidade Social em Florianópolis", Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1960, p.157.*

A importância, porém, de serem colocados esses elementos configurativos, está na possibilidade de serem conectadas certas relações de reciprocidade e de determinações entre a educação e o seu ambiente e mais ainda, de serem reveladas as manifestações/tendências que se dão no interior destas relações.

Entendo que tal procedimento se encaminhará na direção de um provável reconhecimento do "lugar" onde se dá a educação, não um lugar que se apresenta autonomamente, mas que é conseqüência e, ao mesmo tempo, condicionante do contexto em que se configura. Não me limito, nesta análise, à discussão do grau hipotético de atuação da educação e de suas possibilidades relativas de interferências transformadoras, mas sim em estudar o espaço político-pedagógico[2] de um certo tipo de educação que se manifesta num determinado local.

Entendo, também, que a tentativa de elucidar propostas de educação reveladas a partir do estudo de sua manifestação no lugar em que se dão tem o mérito e a virtude de possibilitar interferências transformadoras, não apenas em períodos posteriores, mas no decorrer do próprio trabalho analítico.

Para a efetivação de empreendimento de tal natureza, a questão que coloquei, de início, era quanto à seleção do método que permitisse uma vivência ao mesmo tempo intelectual e atuante, isto é, uma ligação orgânica entre teoria e prática. Isto

---

[2] *Refiro-me, aqui, ao lugar que a educação ocupa, considerando-a a partir do desvendamento de sua concepção política e, conseqüentemente, da definição da pedagogia que lhe corresponde.*
Ou dito de outra forma: a prática educativa carrega no seu bojo a concepção política que a determina enquanto pedagogia, uma vez que existe uma relação de reciprocidade entre educação e política. A carga ideológica daí resultante e que se manifesta na ação, configura uma pedagogia. Seu desvendamento, portanto, deverá ser buscado na prática, enquanto ato manifesto. Seu conteúdo político, porém, se desvendará através do aprofundamento do estudo do ato não isoladamente agora, mas nas suas diferentes relações sociais, vale acrescentar, históricas, pedagógicas e conseqüentemente, culturais.

porque defini, antecipadamente, a necessidade de retirar de uma determinada prática a teoria que lhe corresponde para, num momento posterior, atuar sobre esta prática, transformando-a.

Ao selecionar a observação participante como o método de trabalho que me daria os elementos necessários para a concretização do estudo pretendido, considerei, como prioridade, o fato de permitir uma atuação que poderia ser relevante sob a ótica não só de prestação de serviços como de busca de conhecimentos de uma realidade sempre distante do meio acadêmico ao qual estive ligada até então. A simbiose daí decorrente é a responsável pelos resultados que passo a descrever.

II.2 - O LUGAR: UM MORRO EM FLORIANÓPOLIS

Pela composição residencial do Morro da Caixa d'Água[3] percebe-se, de imediato, que se trata de um conjunto habitacional típico de moradores pertencentes às camadas mais pobres da população florianopolitana.

Localizadas na periferia do núcleo urbano, na parte continental, as casas encontram-se na encosta da elevação, cortada ao meio pela Avenida Ivo Silveira. Os limites deste aglomerado, separado em dois blocos, por imposição da Avenida[4], podem ser delineados pela proximidade com os bairros do Estreito, Coqueiros e Campinas[5], embora a atual expansão das moradias come-

---

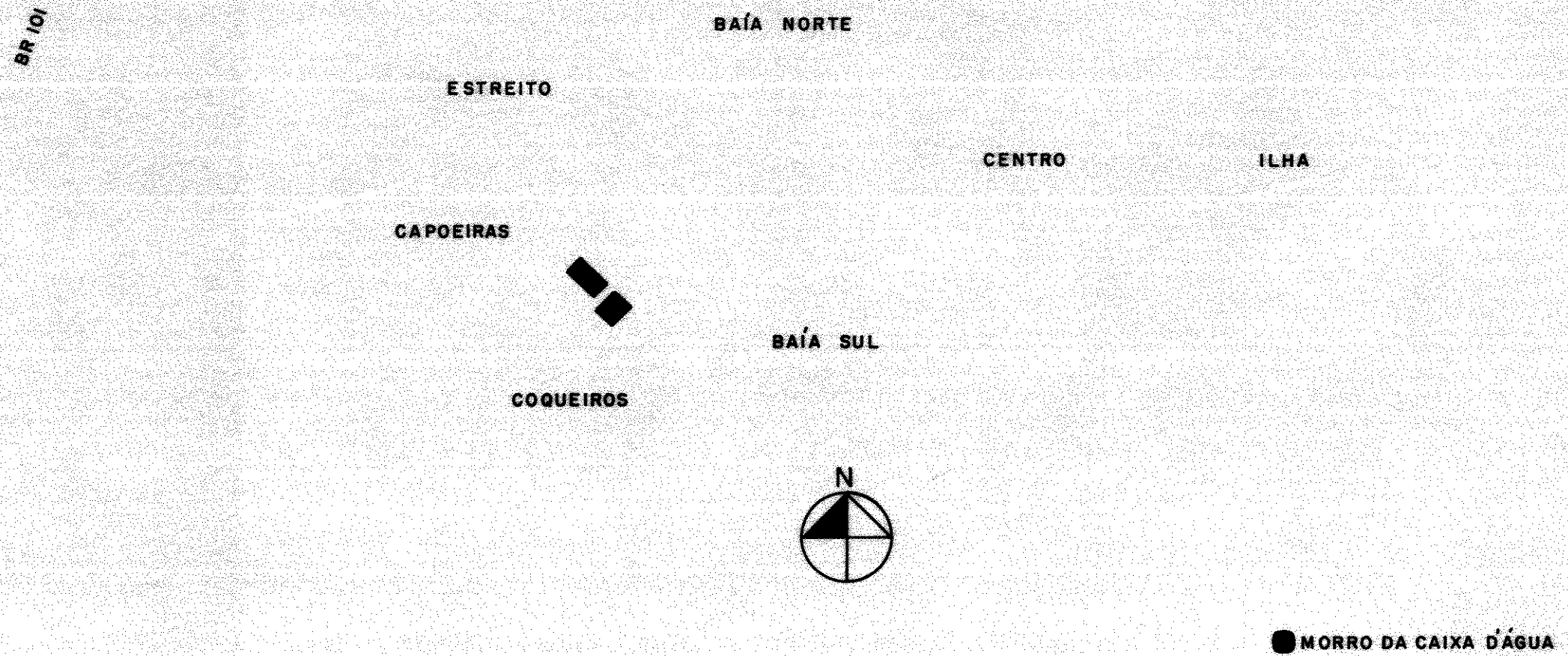
[3] *O nome atual - Morro da Caixa d'Água, do Continente - deve-se à instalação do reservatório de água da CASAN, Companhia de Águas e Saneamento, de economia mista, na parte mais alta do morro, para abastecer a cidade de Florianópolis.*

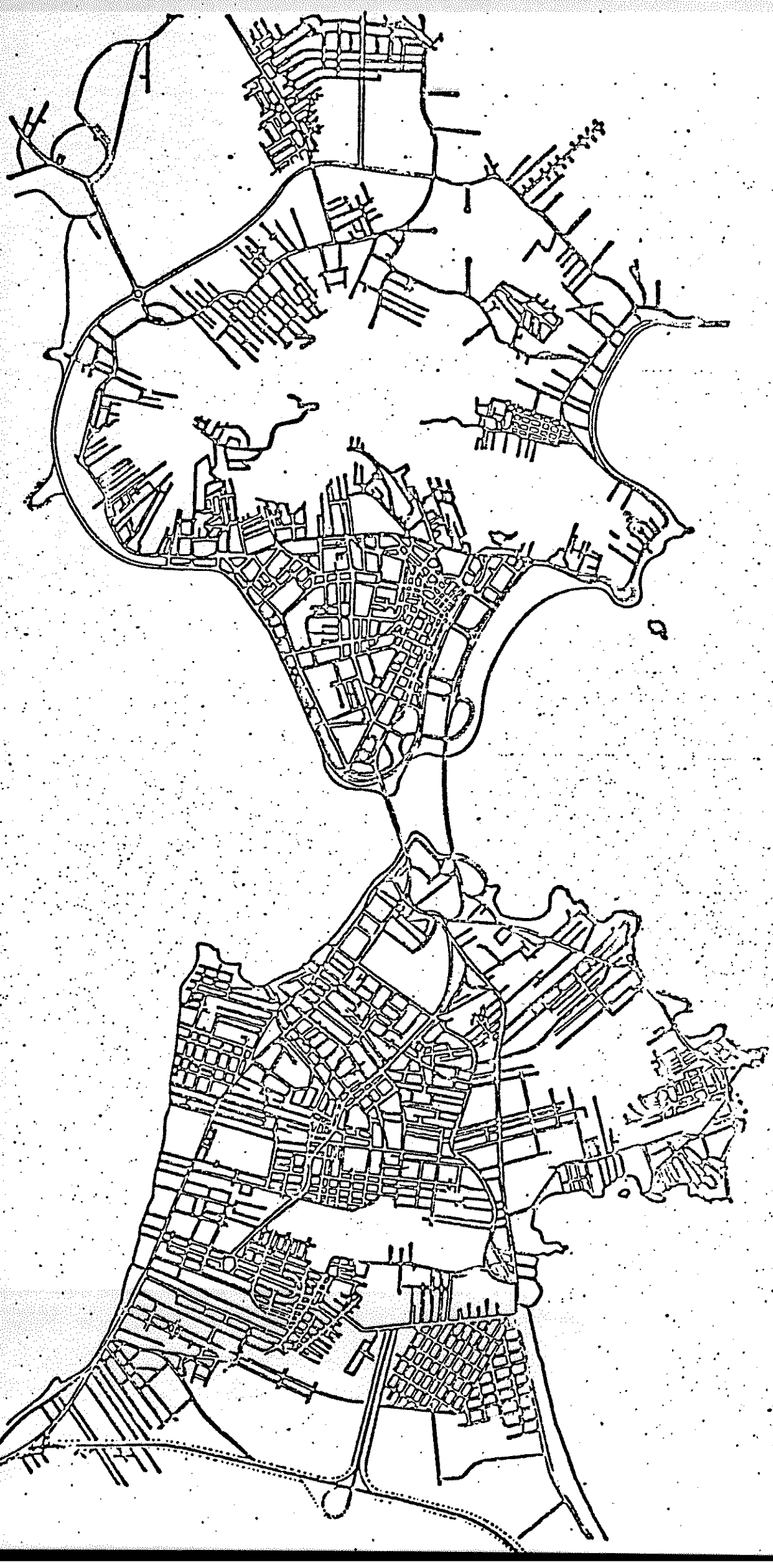
[4] *Essa rodovia, ao ser construída, provocou a criação da Favela do Flamengo, para onde foram deslocados os moradores que residiam na faixa onde hoje é a Avenida.*

[5] *Ver mapa nº 1.*

MAPA Nº 1

FLORIANÓPOLIS





ce a penetrar a geografia delimitada como pertencente àqueles bairros, o mesmo ocorrendo no sentido oposto.

O conjunto residencial compõem-se de aproximadamente 350 casas[6] abrigando 1.050 pessoas. Destas, 200 são casas de madeira, possuindo de 1 a 3 compartimentos; apenas 6 são de alvenaria, tipo C (casas modestas, com material apontado como de baixa categoria); 104 casas são consideradas mistas por possuírem parte de madeira e alguma peça de alvenaria. Pode-se precisar que 72% das moradas são casas próprias se bem que existem perspectivas de mudança neste índice, dado o fluxo de compra e venda observado. As casas alugadas, em número total de 88, estão nesta condição pelo fato de terem sido vendidas pela própria população local; na sua maioria, pertencem a um mesmo comprador e grande parte dos antigos proprietários permaneceram residindo no local, na condição de inquilinos.

Uma explicação superficial indicaria tratar-se de mais um conjunto de habitação formado sobre uma área de menor valor econômico ou de terras pertencentes ao governo. Porém, este dado não explica o fenômeno num grau de maior profundidade. Constata-se o que realmente ocorre é que se trata de um espaço geossocial altamente conflitante: as casas estão construídas em terras consideradas de grande interesse imobiliário, disputadas não só por setores privados como por agências governamentais. Se, por um lado, o governo local desapropria grupos habitacionais localizados nas adjacências para a construção de via-

---

[6] *Foram contactadas 320 casas. Não se teve acesso àquelas cujos moradores trabalham fora o dia inteiro. Para efeito deste estudo considera-se, apenas, como universo de trabalho, as moradias pesquisadas diretamente.*

dutos[7], por outro, o interesse de particulares pela posse da terra provoca diversos tipos de pressão sobre os moradores. É de se ressaltar as recentes construções de prédios e residências luxuosas, que começam a se direcionar para as proximidades do Morro.

A constituição geográfica do lugar permite uma lógica arquitetônica que apresenta uma composição habitacional complexa. Grupos de casas construídas umas junto às outras, algumas sobre outras, conseqüência de construção em terreno muito acidentado, onde se percebe a existência de casas cujas janelas ficam à altura do "pátio" do vizinho, quando não são tapadas por paredões de terra acima dos quais passam ruas estreitas ou se levantam pequenas casas. As servidões[8] acompanham construções delimitadas por tortuosas cercas em disformes pedaços de terra, cortadas, de quando em vez, por valetas de esgoto exposto ou desembocam nas quatro ruas principais, que assim se apresentam por serem um pouco mais largas e estarem dispostas no início e no final dos dois blocos do Morro. Encontram-se, também, setores habitacionais cujo contorno de propriedade limita-se à área construída: nestes setores, não existe possibilidade visível de demarcação de ruas de acesso ou de divisão de terra. A impressão que se tem é de utilização comum do terreno.

---

[7] *Os desalojamentos pela Prefeitura Municipal tornaram-se rotineiros não só para alguns Técnicos do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis - IPUF que falam sobre o assunto com a maior desenvoltura, considerando-os "necessidades sociais" sem querer entrar no detalhe "para quem?" e moradores que se acostumaram à ação das autoridades, reservando-se ao desejo íntimo de que não haja necessidade da Prefeitura avançar até as suas terras. Essa forma passiva de resistência, constatada ainda nos dias de hoje entre alguns moradores, começa a alterar-se e se contrapõe à ação de outros moradores que explicitam seus direitos e lutam por eles.*

[8] *Aqui, referem-se a ruelas de, na maioria delas, 1 (um) metro ou pouco mais de largura, que terminam na porta de uma casa ou desembocam em outras ruas, formando verdadeiros labirintos.*

Os moradores estão distribuídos em grupos de diferentes etnias, que se revelam na própria disposição geossocial da população: grupos negros concentram-se em espaços circunscritos, em grande escala, pelo ambiente familiar; enquanto que brancos e mulatos apresentam-se dispersos, sem demarcação definida.[9] São os moradores brancos que observam que os negros moram entre "tifas"[10] de branco, na ordem tifa de branco, tifa de preto e tifa de branco.

II.3 - O QUE HÁ NO MORRO

Contextualizando os serviços[11] encontrados no Morro da Caixa d'Água e ordenando-os a partir da visualização de quem chega a Florianópolis pela Avenida Ivo Silveira, sobressai-se, de imediato, a Capela São Judas Tadeu, um barracão de madeira pintado de verde, à direita. É a maior construção que se observa. É ali que se encontram os serviços prestados à comunidade pela Igreja Católica Apostólica Romana: missa dominical, batizados, enterros e a sala de aula para o curso de Alfabetização do MOBRAL. Nessa sala, sem qualquer indicação externa, são oferecidos os serviços educacionais: duas turmas, uma vespertina e a outra noturna, encerram as atividades de ensino no Morro.[12] Ali,

---

[9] *Mapa nº 2 - concentração de elemento negro.*

[10] *"Tifa" significa, no linguajar local, pedaço de terra.*

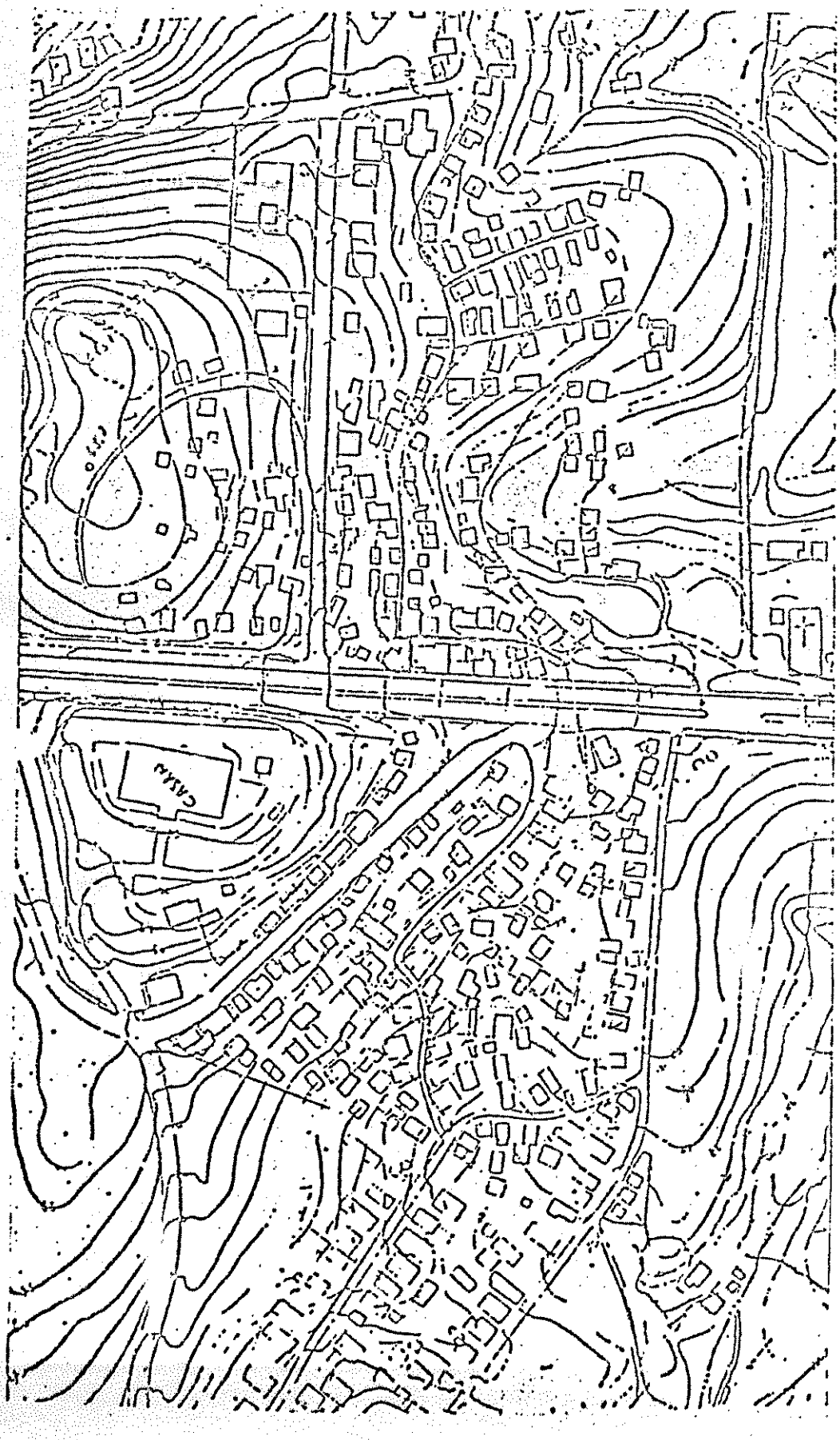
[11] *Como presenças que, ao serem identificadas e numeradas, possibilitam o delineamento de um perfil do local. (O traçamento desse perfil, nesta etapa do estudo, pretende apresentar uma visão fotográfica, quase que uma radiografia do que existe no lugar.)*

[12] *A partir de dezembro de 1980, foram encerradas as atividades do MOBRAL e em agosto de 1981 começou a funcionar a Creche da Prefeitura Municipal, localizada atrás do reservatório de água da CASAN, imediatamente abaixo da área gramada e cercada que atesta a propriedade da CASAN. Como sua construção deu-se após o período de trabalho de campo propriamente dito da pesquisadora e como não houve nenhuma participação da comunidade ou de movimentos de fora que não a iniciativa da Prefeitura Municipal, esse serviço será apenas mencionado.*

MAPA Nº 2



● CONCENTRAÇÃO DO ELEMENTO NEGRO



também, funcionam os esporádicos Postos de Venda de roupas, móveis, sapatos e louças usadas. Um pouco abaixo, atrás da Capela, encontra-se o Centro Espírita de Dona Terezinha, considerado da "linha branca".

Defronte à capela, separada pela Avenida e abaixo do nível da estrada, descobre-se a Gafieira do Laurentino.[13] Ali, dão-se os contatos ditos sociais, os bailes-danças e bebidas, os bate-papos informais dos fins de semana, os encontros e as desavenças. Como o barracão da Igreja, a Gafieira está construída quase que fora dos limites mais delineados do Morro da Caixa d'Água.

Nesse mesmo lado, adentrando-se em direção ao ponto central do bloco esquerdo do Morro, está a sede do Cacumbi. Novamente nenhuma placa, nenhuma indicação, nenhuma simbologia : uma casa como as outras, abrigando, a princípio, as roupas e os instrumentos do Cacumbi e, mais tarde, também as figuras do boi-de-mamão, expressões da cultura popular local.

No lado oposto, quase que traçando uma paralela, funciona o Posto de Saúde, iniciativa dos moradores e do Movimento de Educação Popular (MEP), sem, também, qualquer indicação. No Postinho são prestados serviços de medicina curativa: consultas médicas, curativos, medicamentos mais urgentes. Ali também se reúne o grupo de saúde, que trabalha com medicina preventiva, e todos os encontros dos demais grupos ligados a problemas da terra, do saneamento básico, de alfabetização de adultos, das atividades de arte das crianças e de qualquer problema que acarrete necessidade de reunir os moradores.

---

[13] *A futura construção de um anel viário no lugar onde hoje é a Gafieira acabará com essas relações.*

Voltando ao lado esquerdo, depois do bar da esquina no outro lado da Rua Profª Áurea, que corta quase que horizontalmente esse bloco, acima, antes da elevação abrupta do reservatório d'água, está a Praça do Povo, conquistada e construída pelos moradores: uma pequena área verde, com bancos de cimento e cercado baixo de tijolos, onde a população se reúne para diferentes atividades que vão desde encontros culturais a bate-papos de fins de semana.

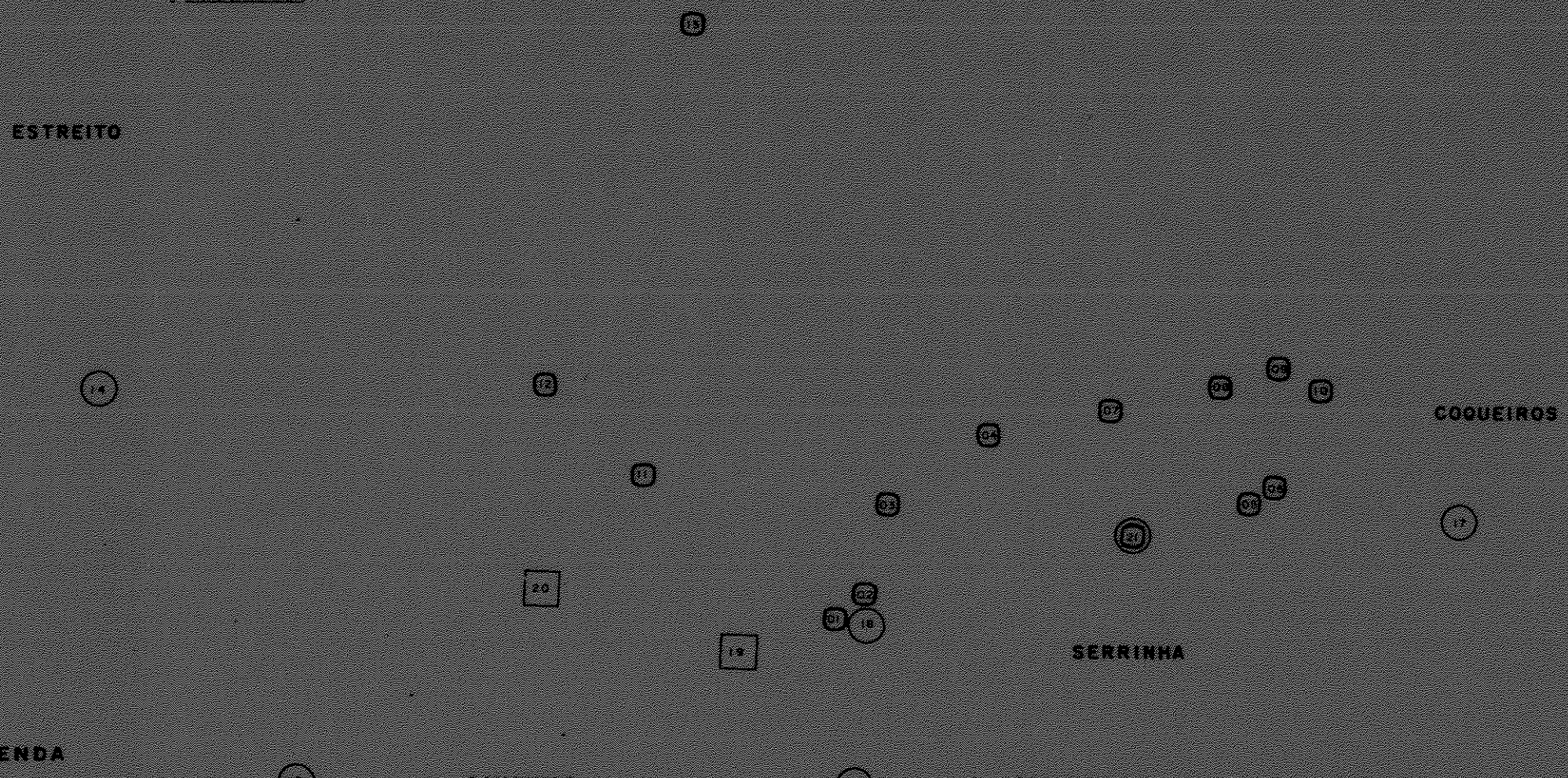
Defronte à Praça, a venda do seu João que abriga na parede externa o único telefone público do lugar: uma conquista de alguns moradores ao lado do agente do MEP.

Seguindo a rota da Avenida, no fim do bloco esquerdo, já separado por uma rua que circula o Morro ao lado do reservatório de água, encontra-se o Centro Espírita Seara dos Pobres, a única agência identificada por uma grande placa.

É no interior do Morro que são encontradas as benzedeiras e os pais e mães-de-Santo. Espalhados dentro do morro, encontram-se Dona Cecília que benze além de "carne quebrada, nervo torto e osso rendido", "quebranto", "arca caída", benze de tudo, Dona Jovina que benze de "arca caída" e "sapinho" (porquera) e Dona Tomázia e Dona Celina que benzem de "quebranto". Na Umbanda, Vó Marina tem o Congar mais procurado e com ela circula Dona Vardinha; dizem os moradores que também exercem a Umbanda seu Ari e seu Nininho, dificilmente encontrados. Dona Maria, irmã de Vó Marina, freqüenta a linha branca em terreiro fora do Morro, mas é conhecida.

AGÊNCIAS LOCALIZADAS NO MORRO DA CAIXA D'AGUA – ESTREITO

MAPA Nº 3



LEGENDA

AGENTES RELIGIOSOS

01-CAPELA SÃO JUDAS TADEU (CATÓLICA)
02-ESPIRITISMO (MUDOU-SE)
03-RELIGIOSA – EDUCAÇÃO POPULAR
04-UMBANDA (DONA MARIA)
05-UMBANDA (VÓ MARINA)
06-UMBANDA (DONA VARDINHA)
07-UMBANDA (SEU NIDINHO)
08-UMBANDA (SEU ARI)
09-BENZEDEIRA/QUEBRANTO (DONA CELINA)
10-BENZEDEIRA/DE TUDO (DONA CECÍLIA)
11-BENZ./SAPINHO E ARCA CAÍDA (DONA JANINA)
12-BENZEDEIRA/QUEBRANTO (DONA TOMÁZIA)
13-CENTRO ESPÍRITA "SEARA DOS POBRES"

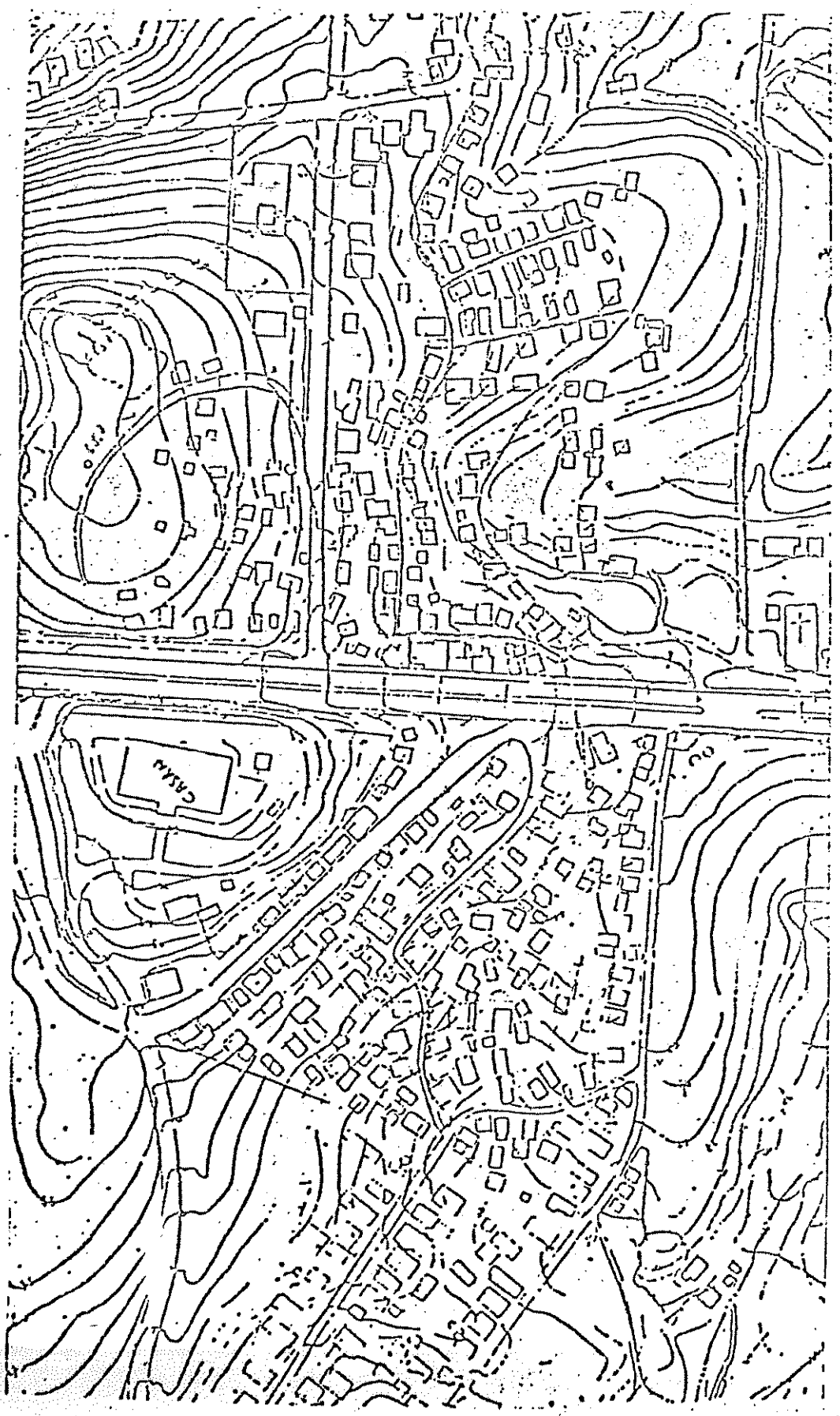
ESCOLAS

14-ESCOLA BÁSICA JOSÉ BOITEUX
15-ESCOLA BÁSICA EDITH GAMA RAMOS
16-COLÉGIO POLIVALENTE DAYSE W. SALLES
17-ESCOLA BÁSICA PRESIDENTE ROOSEVELT
18-ESCOLA MODRAL

MANIFESTAÇÃO CULTURAL

19-CAFIEIRA
20-CACUMBI

POSTO DE SAÚDE



II.4 - A GENTE DO MORRO

II.4.1 - A HISTÓRIA DO MORRO: ORIGEM E TENSÕES ATUAIS

Em 1930, quando chegou o primeiro morador, o Beco do Júlio Dias, parte do que é hoje o Morro da Caixa d'Água, era palco de luta entre governo e revoltosos, ponto estratégico dos acontecimentos da Revolução de 30, em Florianópolis. Durante algum tempo foi habitado pela família de Manoel Simão. Conhecido como Mané Simão, o primeiro habitante veio de Santo Amaro da Imperatriz para Florianópolis, a pé, trazido pela avó, escrava conga, que tinha mais de 100 anos de idade. Durante 5 anos morou na ilha na antiga Carioca, perto da Rodoviária velha, na Avenida Mauro Ramos. Quando se mudou para o Morro, aceitando o convite da sogra, que ficou viúva e morava logo abaixo, a população vizinha estava sendo desalojada, para que os canhões dos revoltosos – "os gaúchos" – pudessem bombardear a cidade, na parte da Ilha. Essas 100 famílias, aproximadamente, abrigaram-se nas furnas, localizadas, na direção sul, e ali, na concavidade da pedra, nasceu uma criança. Naquela mesma noite, véspera do prometido bombardeio, o "Rio aderiu" e "Getúlio Vargas venceu" e os revoltosos entraram vitoriosos na Ilha. No Mercado Municipal distribuíram peixes à população faminta – gesto que sensibilizou o então trabalhador braçal que armazenava mantimentos nos caminhões do Governo: abandonou o trabalho e foi participar da festa.

Cerca de dois anos depois, já se encontravam espalhados pelo Morro 8 (oito) casas de moradores, todos negros.

Essas casas pertenciam a Mané Simão, Zé Dutra, Serafina, Igideo, Manezinho e Inácia, Dona Bertulina, Augusta do Zé Custódio e Manoel Reinaldo. A casa de Serafina foi comprada por

Francisco Amaro Campos, pelo preço de 25 mil réis, em 1932.Seus moradores vinham de diferentes locais, da zona rural, em busca de trabalho na cidade.

Seu Amaro, o nono morador, veio de Biguaçu,acompanhando a família paterna. Lá, trabalhava na roça. Com a Revolução de 30, ele e os familiares tiveram que se esconder no mato: amedrontados, não chegavam até a estrada. Só voltaram quando se "deu a liberdade". Constataram, então, que havia pouco serviço para eles, o que os levou a procurar melhores condições de vida na cidade. Primeiro, trabalharam no Estreito, numa antiga e abandonada fábrica de louça, que depois serviu para a instalação de uma usina de açúcar: ali, continuaram o serviço braçal , trabalhando de "arribador" de sacos de açúcar. Hoje, com quase 80 anos de idade, seu Amaro faz qualquer serviço que utilize a força braçal: usa a enxada, a pá, a foice e o carrinho de mão. Com estes instrumentos, aceita qualquer biscate. Paralelo a estas atividades, comanda o grupo de dança de Cacumbi.

Em 1932, além das 8 casas, do mato cerrado e da trincheira dos gaúchos revoltosos, existia a pecha de que era um local respeitado, "não por negócio de briga, mas por coisas de mistério", como se pode comprovar nas histórias contidas nos depoimentos, ao final do capítulo.

A alteração deste quadro populacional se acentuou a partir do momento em que começou o processo de invasão da terra. Mesmo a existência, no local, do morador agraciado com a permissão de construir seu barraco num pedaço de terra em troca do serviço de zelar para que não fosse permitida a construção de casas naquela propriedade, não pôde evitar que diversas famílias fossem chegando e se alojando. Com o tempo, muitos moradores foram comprando, em pequenas parcelas, a terra invadida;pou

cos, porém, conseguiram regularizar a situação, enquanto que a maioria continuou pagando para diferentes donos, sem perspectivas de soluções legais.

A chegada de novos moradores, atraídos, parece-me, também pelas condições apresentadas no início de uma preocupação de desenvolvimento industrial do continente que, se num cenário de abrangência nacional ou mesmo estadual, é inexpressivo, tem um significado considerável no quadro florianopolitano: paralelo à lentidão de desenvolvimento decorrente das condições objetivas da passagem da situação de "povoação militar"[14] para de Ilha Capital[15] cujo setor de trabalho se concentrou no funcionalismo público, transferiu-se para o continente a possível transformação decorrente da busca de criação de um pólo industrial, acompanhando, assim, embora de modo bastante incipiente, a perspectiva de desenvolvimento industrial do país, traduzida na presença da Usina de Açúcar, da fábrica têxtil e de enlatados de peixe.

Oriundos, então, de áreas mais problemáticas, agravadas pelas conseqüências do conflito de 1930, é interessante registrar a presença exclusiva, inicialmente, de moradores negros. Não me proponho a aprofundar esta questão no sentido de comprovar a hipótese de que a expulsão do trabalhador do campo para a cidade, aqui nos arredores de Florianópolis, se concentrou, inicialmente, no elemento negro para em fase imediatamente posterior atingir os demais elementos vulneráveis, vale dizer, aqueles que integram as camadas mais pobres da população

---

14 *Ver "Cor e Imobilidade Social em Florianópolis", Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni, Op. cit. p. 18.*

15 *Idem, pp. 98-112, principalmente pp.106-12.*

catarinense. Porém, preocupa-me sobremaneira a forma como foi povoado o Morro, constituindo-se, nesta etapa da análise, uma particularidade que revela seu grau de importância a partir da constatação relacionada com a totalidade do universo pesquisado. É a partir destas colocações que surgem duas questões fundamentais para a caracterização que pretendo: uma se refere à estrutura ocupacional dos moradores e a outra diz respeito à determinação do local de origem das pessoas que compõem aquele universo.

Antes, porém, de abordar esses aspectos, gostaria de complementar a história do lugar, apresentando o quadro das tensões atuais, conseqüentes, a meu ver, do modo peculiar da origem e expansão do Morro.

TENSÕES ATUAIS

Dos contatos com a população, realizados durante a fase do levantamento de dados, verificou-se que das 320 casas visitadas, somente duas possuem título de propriedade da terra. Todavia, os moradores mais antigos e que constituem a grande maioria dos habitantes do Morro, possuem recibos de pagamento de mensalidades da compra do terreno, bem como carnês de imposto pagos para a Prefeitura e talões de água e luz.

Esses moradores são unânimes em afirmar que pagaram a terra para o proprietário, em parcelas (alguns para mais de um proprietário) e que esses documentos encontram-se retidos em cartório, uma vez que o último proprietário,[16] faleceu antes de passar as escrituras. Somente uma moradora não repete essa estó

---

[16] *Trata-se do Sr. Saulo Ramos, identificado pelos moradores e posteriormente citado na imprensa e nos autos judiciais recentemente.*

ria, justamente a moradora que possui a escritura do terreno,[17] ela afirma que Saulo Ramos não morreu, que foi embora para o Rio de Janeiro e que o advogado que recebia as mensalidades e para a qual ela apanhava cascas de marisco para a construção da fachada da sua casa, na rua Bocaiúva, na cidade, apressou a passagem da escritura, mesmo faltando um pouco para pagar. "O pessoal do Morro diz que ele está morto, mas não é verdade".

Intriga os moradores a constante procura de suas casas para comprar, através de um empregado do "homem"[18] que circula diariamente pelo Morro, com marmita e pasta debaixo do braço. Sabem os moradores que estão sendo pressionados, mas não entendem, com clareza, os motivos de seus receios, uma vez que estão em dia com a "papelada".

As formas de pressão variam desde o vencer pelo cansaço e terror quando, durante um ano, a partir de março de 1979 , as casas foram apedrejadas: "todas as noites chovia pedra, tijolo e pau, que não dava de sair na rua, muita pedra caiu dentro de casa,em cima da mesa, enquanto comiam; muitos foram feridos, mulheres perderam a família que estavam esperando, rezavam para Nossa Senhora do Rosário". Nessa época, alguns moradores, amedrontados, venderam suas casas e sempre para o mesmo comprador – "o homem", mas a maioria criou formas de resistência como improvisando forros nas casas para fortalecer o telhado; e alternativas de mobilização em caso de necessidade como prever a

---

[17] *O outro proprietário é o Sr. Simão, primeiro morador, que recebeu o título da propriedade em troca de serviços.*

[18] *Trata-se do Sr. Germano Sprícigo, autor de diversos processos de posse de terras e desalojamentos, já tornados públicos pela imprensa, deputado estaduais na Assembléia Legislativa e pelos confrontos no Tribunal de Justiça. Na ocasião do levantamento dos dados, porém, os moradores temiam citá-lo, limitando-se a identificá-lo como o "dono da linha de ônibus - a Jotur."*

travessia em determinados lugares onde os homens pudessem passar "agachados". Outra tentativa de resolver o problema foi"dar parte na Polícia". Esta destacou uma Rádio Patrulha, que durante algum tempo fazia a ronda e estacionava em cima do Morro, até a noite em que as pedras foram jogadas para o lado em que ficava: a polícia foi embora, para não ter seu carro apedrejado.

Táticas mais sutis substituíram a forma de pressão para a venda das casas: foi espalhado o boato de que toda a terra pertence a um só dono[19] e os moradores em dificuldades financeiras são procurados com uma proposta do empresário que, "a pagar determinada importância ao morador faz esse assinar um contrato de transferência de posse. Um mês depois, ele entra com uma ação de despejo".[20]

Das 88 casas alugadas, cerca de 40 já tiveram seus moradores despejados sob forte aparato policial.

Os moradores, hoje, já sabem que o interesse na compra de suas casas está na possibilidade que o comprador tem de apossar-se da terra, por usucapião, de acordo com o dispositivo que assegura ao comprador da casa a possibilidade de contar os anos de moradia do vendedor.

A partir do momento em que os moradores dominaram esse conhecimento, desvendando o mistério do porquê das compras dos barracos, mobilizaram-se em torno do movimento de educação

---

19 *Em 1975, Germano Sprícigo comprou as escrituras das terras de Saulo Ramos, "com a observação do vendedor de que alguns moradores já haviam pago pelos seus lotes", mas o "empresário não reconheceu o direito destes proprietários e usa de expedientes impróprios para tentar desalojar os moradores". - declaração do advogado Marco Aurélio Moreira no Jornal "O ESTADO", de 02.07.81.*

20 *Idem.*

popular (MEP) para fazerem os seus processos de usucapião.

Com os processos tramitando na 2ª Vara Cível da Capital paralelo ao confronto travado na 4ª Vara Cível do Tribunal de Justiça, onde os moradores são tratados como réus defendendo-se em ações de posse de terra[21] e tratados como malfeitores, ao serem desalojados sob a mira de metralhadoras de policiais fortemente armados, as famílias vivem seu cotidiano.

É um morador antigo que diz que durante quase 50 anos apresentaram-se como proprietários da terra mais pessoas do que se possa admitir, dando mesmo para "encher um grande saco, não de gente, só de nomes". Durante todos esses anos, porém, nunca as formas de pressão foram tão violentas como agora.

II.4.2 - A ORIGEM DAS PESSOAS

O esclarecimento quanto à área de origem dos moradores tem a intenção de indicar tendências que auxiliarão na composição do quadro analítico, onde esse dado funciona, ao lado da estrutura ocupacional que será tratada posteriormente, como aspectos singulares da formação e identidade dessa comunidade.

A incidência de famílias originárias da zona rural está na proporção de 13 para 8 em relação às famílias vindas da área urbana. Mesmo que 71,28% dos moradores sejam oriundos da Grande Florianópolis é interessante registrar os demais locais

---

21 *Nem sempre sai conforme o figurino: numa feita, a compra de uma casa construída no terreno de um dos mais antigos moradores do Morro, que cedeu um pedaço de terra para o sobrinho colocar a casa – "pois tinha as tábuas e não tinha terra" – complicou o plano do comprador; comprou a casa, mas não podia dispor do terreno. A saída foi mover uma ação contra o dono natural do terreno, acusando-o de invadir a propriedade do novo comprador.*

de origem, significativo na medida em que se trata, majoritariamente, de áreas rurais, em especial no que se refere ao fluxo de famílias do interior do Estado; vale dizer que esta particularidade reproduz a tendência observada na Grande Florianópolis: aqui, como no interior do Estado, é da área de campesinato das pequenas cidades que se desloca a maioria das famílias, conforme se observa nos mapas nºs 3 e 4.

Na relação entre local de origem e profissão atual, o que se observa é que quando se refere à origem urbana, o trabalhador, mesmo vindo de local distante, permanece na profissão anterior, ocorrendo poucos casos em que esta relação é alterada. O mesmo não acontece quando se trata de trabalhadores vindos do campo. Pode-se destacar a tendência de mudança do trabalhador da lavoura para profissões ligadas à construção civil.

Uma parcela expressiva da população, em torno de 44,5%, reside no local há mais de 10 anos e a metade desses moradores aí se encontra há mais de 20 anos. A migração persiste e se apresenta de maneira acentuada, uma vez que 13% das famílias mudaram-se para o Morro no período que compreende até um ano de moradia.[22]

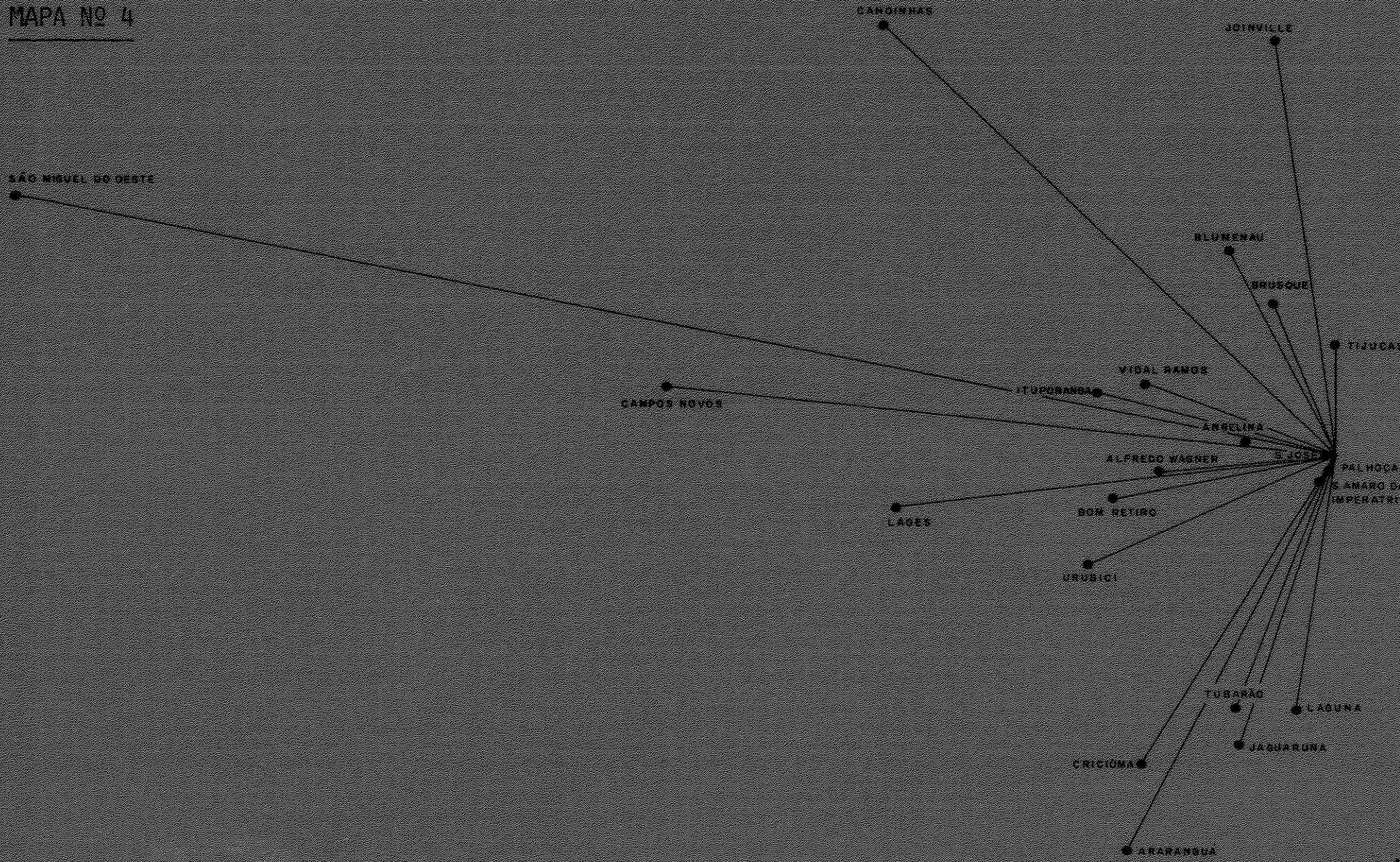
Observa-se que grupos de moradores procedentes do mesmo local de origem concentram-se, se não geográfica, ao menos socialmente, estabelecendo uma ligação que se dá através de contato de amizade e troca de serviços ou pequenos favores.[23]

---

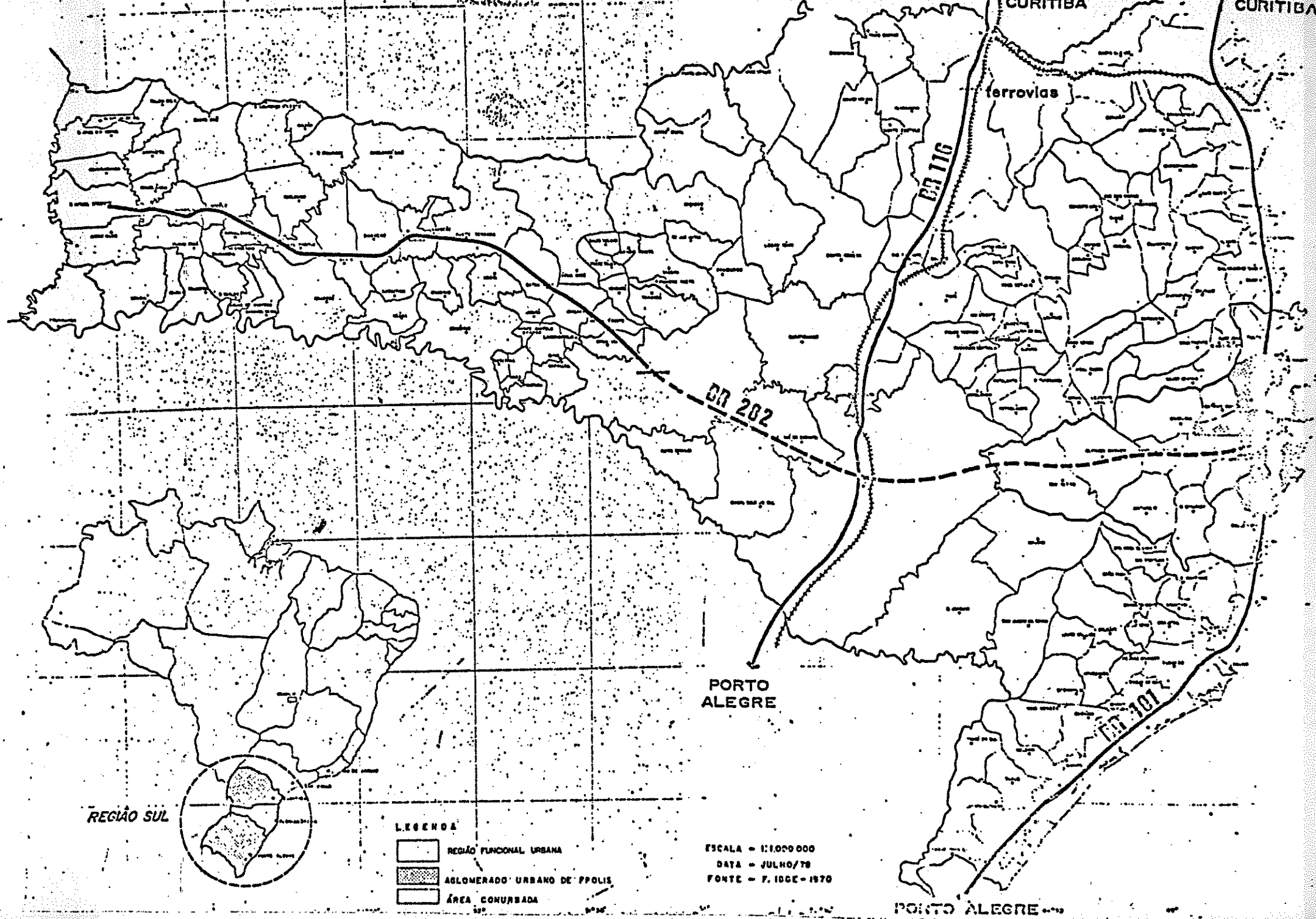
[22] *É nesta faixa de moradores que se encontra o maior número de pessoas que não se acostumam com a vida no Morro. Aguardam possibilidades concretas de mudança, condicionadas, algumas vezes, a projetos do Banco Nacional da Habitação (BNH), outras à procura de novo emprego ou mesmo, no caso de desempregados, de um trabalho. Entre as pessoas que venderam seus bens no interior, zona rural e na área pesqueira e que não têm condições de retornar ao local de origem, encontram-se mulheres que se queixam de sencantadas: relatam sofrimentos, doenças e se dizem temerosas da loucura.*

[23] *Encontram-se, aqui, mulheres que cuidam de filhos de conterrâneas, enquanto estas trabalham fora. Por outro lado, a proximidade física ocasiona, muitas vezes, discórdia entre vizinhos provenientes da mesma localidade.*

MAPA Nº 4



CURSO IMIGRATÓRIO DO ESTADO DE SANTA CATARINA PARA O MORRO DA CAIXA D'ÁGUA


CURITIBA
CURITIBA
ferrovias
BR 116
BR 282
PORTO ALEGRE
BR 101
PORTO ALEGRE
REGIÃO SUL
LEGENDA
REGIÃO FUNCIONAL URBANA
AGLOMERADO URBANO DE FPOLIS
ÁREA CONURBADA
ESCALA = 1:1.000.000
DATA = JULHO/78
FONTE = F. IBGE - 1970

II.4.3 - O TRABALHO E A RENDA

No que se refere à situação ocupacional dos moradores destaca-se de imediato que 33,8% da população constitui o grupo economicamente ativo, disperso numa estrutura ocupacional bastante diferenciada, ainda que se refira a profissões características de uma mesma classe social,[24] conforme se depreende da tabela a seguir:

DISTRIBUIÇÃO DOS MORADORES DO MORRO DA CAIXA D'ÁGUA POR SEXO SEGUNDO OS GRUPOS E SUBGRUPOS OCUPACIONAIS

GRUPOS E SUBGRUPOS OCUPACIONAIS	SEXO		TOTAL
	M	F	
1. OCUPAÇÕES ADMINISTRATIVAS			
1.1 - Funções burocráticas ou de escritório: escriturário, office-boy, contador, funcionário, auxiliar de escritório, despachante, arquivista, assessor de deputado, estafeta, secretário, recepcionista	32	11	43
2. OCUPAÇÕES TÉCNICAS CIENTÍFICAS E AFINS			
2.1 - Enfermeira e auxiliar de enfermagem	1	2	2
2.2 - Professores e funções auxiliares	-	3	3
2.3 - Artesãos	2	-	2
3. OCUPAÇÃO DA AGROPECUÁRIA E DA PRODUÇÃO EXTRATIVA VEGETAL E ANIMAL			
3.1 - Pescadores	3	-	3
4. OCUPAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO E DA CONSTRUÇÃO CIVIL			
4.1 - Eletricista e eletrotécnico			
4.2 - Ocupações da indústria de construção civil: construtor, armador, pintor,			

[24] *Tomando como referência o tipo de atividade profissional para determinar a classe a que pertence e me reportando à classificação feita por F.H. Cardoso e O. Ianni, na obra citada, p.248, classifico a composição ocupacional apresentada como pertencente à classe baixa.*

GRUPOS E SUBGRUPOS OCUPACIONAIS	SEXO		TOTAL
	M	F	
carpinteiro, mestre de obras, encanador	128	-	128
5. OCUPAÇÕES DO COMÉRCIO E ATIVIDADES AUXILIARES			
5.1 - Balconista e vendedores	17	8	25
5.2 - Viajantes e representantes	4	-	4
5.3 - Comerciante e gerente de bar	5	9	14
6. OCUPAÇÕES DOS TRANSPORTES E DAS COMUNICAÇÕES			
6.1 - Estivador	1	-	1
6.2 - Cobrador, fiscais de ônibus e ajudante de caminhão	6	-	6
6.3 - Motoristas	25	-	25
6.4 - Telefonista	-	2	2
7. OCUPAÇÕES DAS PRESTAÇÕES DE SERVIÇOS			
7.1 - Cozinheira, empregada doméstica, faxineira, copeira, camareira, merendeira, garçon	5	91	96
7.2 - Lavadeira	-	6	6
7.3 - Jogador de futebol	1	-	1
7.4 - Costureiro	2	16	18
8. OCUPAÇÕES DA DEFESA NACIONAL E SEGURANÇA E SEGURANÇA PÚBLICA			
8.1 - Marinheiros e soldados	11	-	11
9. OUTRAS OCUPAÇÕES E OCUPAÇÕES MAL DEFINIDAS			
Operário*, tratorista, entregador, decorador, estofador, lancheiro , bombeiro/gasolina, guarda-carro, jardineiro, empresário*, feirante, recepcionista, barbeiro , açougueiro, supervisor de área*, quadriata, vidraceiro, precista, operador de máquina, mecânico, vigia, carregador, biscateiro, padeiro, marceneiro, jornaleiro, vendedor de picolé, carroceiro, trabalho em casa, ajudante de sapataria, copeira/hospital, auxiliar/loja, servente feminina, atendente/			

GRUPOS E SUBGRUPOS OCUPACIONAIS	SEXO		TOTAL
	M	F	
hospital, bilheteira, cabelereira, portei ra/hotel, bancária	95	18	113
S U B T O T A L	374	177	551
10. PESSOAS NÃO ECONOMICAMENTE ATIVAS			
Aposentado, encostado, doente, desempregado	41	15	56
11. OCUPAÇÃO DOMÉSTICA NÃO REMUNERADA			
Do lar	-	75	75
S U B T O T A L	41	90	131
T O T A L	412	266	678

Observação: Tabela utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE[25] adaptada às características locais. A localização das profissões nas categorias do IBGE permite uma visão mais real do campo pesquisado.

Diante de um quadro ocupacional com tais características, resta mencionar a expressão salarial daí resultante.

Considerando o salário mínimo vigente na época do levantamento (Cr$ 2.700,00) a renda familiar oscila de acordo com a tabela abaixo:

SALÁRIO/FAMÍLIA	Nº DE PESSOAS	%
Menos de 1 salário	26	8
De 1 a 2 salários	110	33
De 2 a 3 salários	68	21
Mais de 3 salários	112	34
Sem resposta	14	4
T O T A L	330	100

FONTE: Relatório sobre o Morro da Caixa d'Água, no Estreito, elaborado pelo Movimento de Educação Popular.

---

25 *Censo Demográfico Santa Catarina. VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, Vol. I - TOMO XX, Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, Fundação IBGE, Departamento de Censos, 1973, pp.42-3.*

As famílias que possuem renda superior a 3 salários mínimos, isto é, em torno de Cr$ 8.500,00, conseguem atingir este teto juntando salários de mais de um familiar. A maioria (54%) concentra-se entre Cr$ 1.700,00 e Cr$ 8.100,00, destacando-se a presença de famílias, isto é, no mínimo duas pessoas , que não conseguem atingir o equivalente a 1 salário mínimo. Mesmo que a maioria das famílias componha-se de pai, mãe e filho,na distribuição do trabalho/família constata-se que em 141 famílias, somente 1 elemento trabalha fora; em 45 famílias, o trabalho é dividido pelo pai e pela mãe; em 41, pai e filhos; e em 17 famílias, aos filhos cabe a responsabilidade da manutenção familiar. Nas 308 famílias que prestaram esta informação existem 17 em que ninguém trabalha: fazem parte desta categoria os encostados, os aposentados, as prostitutas e os adultos doentes em situação indefinida. Refiro-me, aqui, às pessoas enfermas que passam da situação de encostados no Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) à situação de desempregado ou,ainda, de internadas em manicômios, por não possuírem as condições mínimas de saúde para continuarem na ativa, de acordo com a decisão da Junta Médica do INPS, específica para estes casos.Constatei, pelas declarações de moradores que, pelos mesmos motivos que a Junta retira o encosto, às vezes o devolve, sem alteração considerável do quadro clínico. Outras vezes, encaminha o assunto de modo bastante constrangedor: interna o paciente no manicômio Colônia Santana, conhecido pelos moradores como "casa de loucos". Este procedimento acarreta grande instabilidade para os moradores enfermos e familiares, que se sentem desprotegidos , sem perspectivas de uma solução favorável. Este clima, como é de se esperar, gera problemas de diversas ordens, destacando-se o agravamento das deficiências físicas, o aparecimento de problemas emocionais, a agudização das dificuldades financeiras.

A observação de que o trabalho masculino está concentrado nas profissões de pedreiro e servente indica que a população trabalhadora masculina está voltada para a construção civil, uma vez que num total de 75 profissões masculinas levantadas, 35,29% dos trabalhadores ligam-se diretamente ao setor apontado, mais especificamente pedreiro e servente. Nas demais 73 profissões, a dispersão em diferentes campos profissionais é uma constante, destacando-se que 30,67% das profissões integram a categoria "outras ocupações e ocupações mal definidas".

Quanto ao trabalho feminino, em 26 profissões diferentes, a profissão de empregada doméstica concentra 33,90% e acrescida de outras congêneres como cozinheira, faxineira, copeira e merendeira, totaliza 51,41%. A maior expressão absoluta recai sobre a profissão não remunerada "do lar".

Não está relacionado entre as profissões o trabalho desenvolvido por uma categoria de trabalhadores que, na maioria dos estudos pesquisados, não integra a relação das ditas possíveis profissões. Creio ser oportuno mencioná-lo, uma vez que é trabalho desempenhado plenamente dentro do Morro, como as já citadas profissões de costureira, lavadeira e comerciante. Refiro-me, aqui, à presença de benzedeiras, mães e pais-de-santo, religiosas e espíritas que realizam atividades dentro do Morro, envolvendo relações sociais significativas para o local. Nesse caso, encontram-se em diferentes e cotidianos níveis de relação não só moradores e as personalidades citadas, como moradores entre si e também personalidades, pessoas de fora do Morro e moradores. O resultado dessas relações, como se pode perceber, é específico e ocasional, embora se apresente com assiduidade no conjunto da "vida" do Morro.

II.4.4 - A COMPOSIÇÃO FAMILIAR

É interessante observar essa composição familiar a partir de outros elementos, como sob o ângulo da formação da família por membros: em 180 famílias, isto é, em mais da metade, estão presentes as figuras do pai, da mãe e dos filhos; em 51 famílias, somente mães e filhos, levantando a possibilidade de aí estarem agrupadas mães solteiras, mulheres separadas e viúvas ; 7 famílias compõem-se de pais e filhos, indicando a presença de homens viúvos e separados; 38 famílias são apresentadas como mistas, pela inclusão de diferentes graus de parentesco, tratando-se, além dos membros principais, de avós, cunhados, primos, afilhados, conhecidos, que totalizam, neste caso, 52 pessoas ; 34 famílias estão formadas pelo casal e 11 pessoas vivem só.

A distribuição dos moradores de acordo com o estado civil revela a existência de 594 pessoas com menos de 15 anos de idade. Nesta faixa, 138 crianças trabalham, o que significa que 23% deste contingente estão trabalhando.

A tabela a seguir demonstra um outro aspecto da situação familiar.

DISTRIBUIÇÃO DOS MORADORES COM MAIS DE 15 ANOS DE IDADE DO MORRO DA CAIXA D'ÁGUA DE ACORDO COM O ESTADO CIVIL

ESTADO CIVIL	Nº ABSOLUTO	Nº RELATIVO %
Casado	388	43,26
Solteiro	300	33,44
Viúvo	51	5,69
Juntos*	130	14,49
Separados	28	3,12
T O T A L	897	100,00

* *Concubinato*

Estes indicadores mostram o quanto é diversificada a estrutura familiar dos moradores do Morro.

A variação acentuada da composição do grupo familiar pode ser explicada, em parte, pela própria norma de organização existente: de um lado, existe uma grande preocupação em manter um ambiente familiar tradicional,[26] onde a figura do pai exerce a função de controlador e mantenedor, tanto financeira como moralmente, da ordem familiar, e à mãe estão reservadas as tarefas domésticas, tanto caseiras como de criação de filhos. Por outro lado, o trânsito para alteração deste quadro se dá livremente , significando, muitas vezes, uma simples troca de morada, onde a mudança dos membros da família se faz com naturalidade, sem preocupação de cunho legal. Também é comum, entre os moradores homens, a existência de um lar tradicionalmente preservado e a formação extraconjugal de mais de uma família, ocorrendo casos de homens manterem, publicamente, três ambientes familiares. Este procedimento acarreta a apresentação constante de um clima de fermentação de discórdia, formando dois grandes grupos rivais: das "mulheres de respeito" e das "mulheres da vida". Existe uma união interna nesses grupos com posições definidas.

É de destacar, também, a presença de diferentes frações de classes, notadamente constituídas por grupos que vivem em extrema miséria convivendo com outras pessoas que possuem um

---

[26] *Observa-se, por exemplo, nas reuniões ou nos trabalhos de mutirão. Em reuniões onde vários homens estão juntos, as mulheres, por recato, mantêm-se afastadas. Nos trabalhos de rua, mesmo com os maridos presentes, é reduzida a participação de mulheres, limitando-se à presença de viúvas ou separadas. Num encontro de conseqüências mais sociais, como um almoço para os trabalhadores do mutirão, as mulheres se limitam aos serviços da cozinha, reservando aos homens o direito de sentarem-se à mesa sozinhos e serem servidos. As mulheres almoçam depois: correm o risco de "ficarem faladas" se os maridos consentirem que se sentem à mesa na companhia de outros homens. Os homens aceitam que mulheres de fora tenham este comportamento, mas não as suas; as mulheres incorporam com tamanha intensidade tal hábito, temendo possíveis conseqüências, caso visualizem perspectivas de mudança de comportamento.*

reconhecido status social pela demonstração da possibilidade de adquirir "bens supérfluos" que lhes garantam a identificação de uma melhor posição financeira[27] e ainda, se bem que quantitativamente inexpressiva, as famílias que apresentam características que se assemelham à pequena burguesia: o pequeno ou velho automóvel de passeio ou para o trabalho, os aparelhos domésticos (além dos 2 aparelhos de TV em cores, que a distingue da maioria das casas que possuem TV preto e branco, a geladeira e eletrodomésticos), a casa de madeira pintada, com horta e jardim. Existe, ainda, a população negra que oscila entre a camada mais carente e o grupo com posição social indefinida, resultado da marginalização no próprio meio.[28]

Se esta divisão desaparece quando se colocam questões gerais, como educação de filhos, por exemplo, ela se acentua quando se aprofundam particularidades. Quanto ao primeiro caso, tanto as mães brancas como as mães negras acham que não ensinam nada a seus filhos, que eles aprendem é na escola.

Alegam falta de tempo, excesso de atividades caseiras, "lidas" constantes com filhos pequenos, preocupações de todo tipo. Porém, ante a insistência de que os filhos devem aprender algo com elas, ressaltam, considerando como um ensino de menor valor que o da escola, os conselhos que dão para uma vida honrada, com dignidade, sem brigas, sem bebedeiras; o valor do trabalho; o respeito e a união que precisa haver entre irmãos, se-

---

[27] *A simples presença de móveis na casa, como a aquisição de mesa de fórmica e cadeiras, demonstra a existência de alguma reserva de dinheiro, que dá a chance de passar para o lado do grupo melhor situado, mesmo que esta reserva advenha da despesa do emprego ou de ter que se desfazer de algum bem de pequena monta.*

[28] *Constatei vários casos de discriminação racial, desde posições declaradas de moradores brancos que consideram os negros inferiores e arruaceiros, até tentativas de afastá-los da vizinhança, sob argumentos de que ali "não era lugar de pretos".*

guindo-se ensinamentos sobre a maneira de sentar-se à mesa, durante as refeições.

Este comportamento pode ser entendido considerando a vida rotineira das mulheres do Morro: "levanto pela manhã, tomo café e faço o meu serviço do dia-a-dia e lavo roupa, arrumo minha casa, faço almoço, almoço e arrumo a cozinha e assim passo o dia", "lavo e passo", "faço comida, cuido dos filhos, arrumo a casa".[29]

Contudo, foram observadas algumas diferenças que merecem destaque. As novas famílias que se formam ligam-se às existentes por laços de parentesco: quanto às famílias brancas, os filhos que se casam constroem suas casas próximas às casas paternas e, freqüentemente, no mesmo pedaço de terra. Com isso, formam-se grupos de vizinhos familiares, onde se estabelece uma relação de ajuda mútua e de espírito de proteção, que os identifica, separando-se dos demais moradores. Os negros também constroem suas casas próximas umas das outras: o grau de parentesco, porém, se estende além da condição de filhos, atingindo netos, sobrinhos e afilhados.

A composição familiar do negro parece ser mais complexa que a do branco. O grupo negro se reúne, repartindo não só a terra como a vida cultural, que se expressa através da dança folclórica, reduto exclusivo do negro.

Entre os grupos familiares negros observei comportamentos que atestam a preservação de um costume pautado num modo de vida tradicional: a autoridade paterna é reconhecida e legitimada a cada encontro pelo pedido de benção em nome de Deus, se

---

[29] *Depoimentos de moradores durante as aulas de alfabetização do MOBRAL.*

guido do gesto convencional de beijar a mão do pai ou levar as mãos aos lábios pelo pedinte.[30]

II.4.5 - AS CONDIÇÕES DE SAÚDE E SANEAMENTO

Pode ser observada, igualmente, a união dos moradores em torno de um problema central: a saúde. Vítimas de um complexo econômico-cultural como também geossocial e educacional que os marginaliza de qualquer atendimento e empreendimento da parte dos órgãos governamentais, a população do Morro da Caixa d' Água, durante 50 anos de existência, permaneceu desamparada na sua difícil luta pela sobrevivência.

É comum encontrar mães que até recentemente levavam seus filhos a pé, de madrugada, para o hospital infantil, localizado na ilha, por não poderem pagar um táxi ou mesmo um ônibus.

Casos como o do menino que sofre de bronquite asmática, que com seus dois anos e meio já foi várias vezes levado a pé, no colo da mãe, mesmo quando grávida de 8 meses, com frio e com chuva, atravessando a ponte, quase correndo com medo de que o filho morresse no caminho, não são exceções A sobrevivência é atribuída à fé em Deus, que é "o que segura o pobre".

Somente nos últimos meses é que está sendo atendida , de modo ainda precário, por um pequeno posto de saúde, criado pelo esforço conjunto de um grupo de moradores e do Movimento de Educação Popular (MEP).

---

30 *Aos idosos negros é conferida esta distinção, mesmo que o grau de parentesco seja mais distante, como sobrinhos e afilhados.*

A desnutrição, o problema da água e do esgoto, a presença constante de diferentes doenças desde as mais comuns dermatites agravadas pelo estado geral deficitário, passando por verminose, inflamações e sérias infecções[31] tem conduzido a uma alta taxa de mortalidade infantil e ao aparecimento de crianças e adultos debilmente constituídos.

É uma população doente, com poucas possibilidades de procurar um atendimento externo. Isto fez com que se voltasse para dentro de si: é ali, por intermédio de receitas caseiras, benzeduras e simpatias, que a maior parte das doenças é tratada.[32]

Essa população, predominantemente jovem, com 78,55% na faixa de até 18 anos de idade, tem uma dieta alimentar composta basicamente pelo café com pão, acrescido, sempre que possível, pelo pirão de farinha de mandioca e peixe. Alguns moradores revelam preferência por café amargo com farinha e peixe: outros preferem café doce com farinha "bem torradinha". O leite é dado à criança somente nos primeiros meses de vida e a carne, de modo geral, só nas grandes ocasiões.

---

31 *As doenças mais comuns: desidratação, pneumonia, bronquite, verminose, feridas e também tuberculose. Encontram-se, constantemente, casos de pediculose e escabiose.*

32 *Receitas populares: elixir cabeça de nego, "para tudo". Mastruz ou mastruço amassado, até sair o caldo verde e fervido com leite - dar para a criança beber, quando estiver encatarrada ou com pneumonia. Para bronquite asmática: chá de flor de mamão macho, salva, mel de abelha e sebo de carneiro; o sebo do carneiro é derretido e pingado, algumas gotas, no chá e o restante, colocar num paninho e deixar nas costas ou no peito da criança (algumas moradoras garantem que o mamão macho é remédio; outras, porém, acham que quando o doente é menino, deve-se usar mamão fêmea). Simpatias para bronquite asmática: pegar um cavalo marinho e torrá-lo num recipiente, no fogo, até poder amassá-lo em pó; dar este pó para o doente beber (principalmente criança) no leite ou na água, mas não contar para ninguém o que ele está tomando - se algum dia o doente vier a saber que bebeu um cavalo marinho, a simpatia se desfaz e a doença volta com mais força e para sempre; chá de mançanilha e noz moscada - raspar uma "nasca", no chá bem quentinho, durante 90 dias, e dar uma colherzinha antes da criança ir dormir.*

Destaca-se que somente 58% das casas possuem água encanada. Os demais moradores utilizam a água dos vizinhos, principalmente parentes, e em torno de 23% da população buscam água em torneiras localizadas em algum ponto fora de casa, tendo, alguns moradores, que percorrer grandes distâncias, dificultadas pelas elevações e declives.

Como 52% das casas possuem fossas secas, as tradicionais casinhas de madeira sobre buraco de pequena profundidade, e 33% possuem sumidouro, indica-se a presença de 25% de casas sem qualquer tipo de fossa, o que faz com que sejam utilizados recursos da vizinhança quando não a existência de dejetos expostos.

Resta salientar que 45% das casas não possuem coleta de lixo, apesar de alguns moradores usarem técnicas locais de queima de lixo e seleção de lugar comum para a instalação de um lixeiro público, desconhecido pelos órgãos responsáveis, apesar da insistente procura de um grupo de moradores.

II.5 - A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO NO MORRO

É no interior das considerações feitas até aqui que resgato a situação educacional, apresentando-a primeiramente, em apenas um nível aquele que se relaciona com o grau de escolarização. Esses dados, se bem que se configuram somente a partir dos familiares dos informantes,[33] permitem revelar a existência de problemas significativos não só isoladamente mas, em especial, quando relacionados com o quadro geral já caracterizado.

---

[33] *A própria composição do Formulário de Levantamento Sanitário-Domiciliar, utilizado para colher informações sobre o grau de instrução do morador, excluiu a situação do informante.*

A tabela sobre o nível de escolaridade revela a presença de analfabetos, considerados aqui aquelas pessoas que nunca freqüentaram uma escola e que desconhecem, totalmente, o mundo letrado.

Recai no ensino de 1º grau a maior expressão do nível de escolaridade, mesmo variando, em maior proporção, de 1 a 4 os anos freqüentados.

No ensino superior encontra-se apenas uma moradora que cursa as últimas fases do curso de Letras na Universidade Federal de Santa Catarina, mantido pelo turno de trabalho em uma Delegacia de Polícia; a outra moradora já formada, transferiu-se recentemente para o Morro, em razão da proximidade do local de trabalho do marido e exerce profissão que não exige a formação escolar que possui.

A tabela abaixo se presta a uma visualização geral da situação específica:

NÍVEL DE ESCOLARIDADE

GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS	NÚMEROS RELATIVOS %
Analfabetos	127	15,20
1º Grau	624	74,65
2º Grau	83	9,92
3º Grau	2	0,23
T O T A L	836	100,00

Relacionando com a situação geral encontrada, é de se destacar, num primeiro plano, a inexistência de escolas de 1º grau, o que obriga as crianças de 7 a 14 anos a cumprirem com esta obrigatoriedade freqüentando escolas nos bairros mais próximos, principalmente Estreito e Coqueiros. Isso significa que

as crianças precisam atravessar várias estradas, incluindo-se pistas de alta velocidade, o que faz com que muitas mães obriguem seus filhos a permanecer em casa, preferindo "filho burro, mas vivo" e outras, constantemente apreensivas, "descansam" somente quando os filhos voltam para casa.

O ambiente educacional, reduzido às suas características de ensino, portanto, é um ambiente carente e marginalizado, sem condições imediatas de superação, no que se refere a possibilidades internas e às obrigações sócio-educativas dos setores estatais. Essas obrigações, porém, existiram até período não muito recente, traduzidas numa escola de 1º grau e destruída pelo órgão mantenedor, sob a alegação de descuido dos moradores. Esses lembram a escola de um modo difuso: não conseguem precisar data de construção, professores ou tempo de funcionamento . Porém, são unânimes em dizer que foi destruída por "malvadeza". Comentam que "crianças e moças destruíram tudo com pau e pedra", que "roubaram telhas e madeiras", que "ninguém cuidava, a escola vivia num abandono, ao-Deus-dará, as crianças invadiram"; outras dizem que "a polícia tomava conta, mas não agüentou" , que tiraram por causa da bagunça", justificando, todos, que "o governo se aborreceu e mandou tirar".

Essa pobreza da expressão escolar, porém, se contrapõe à riqueza da expressão educacional, na sua totalidade, e que constato, a princípio de modo difuso, pelas ruas do Morro da Caixa d'Água. Dessa constatação, extraio o que chamo de Primeira Lição e que poderia ser intitulado como "algumas considerações sobre o que aprendi no contato com pessoas pertencentes a uma outra camada social, diferente da minha, tendo como centro de aproximação o meu trabalho" ou "a relação entre indivíduos da 'classe média' e camadas populares em termos de educação popular".

Primeira Lição - Essas pessoas com quem estou contactando têm um SABER, que me é estranho, porque me parece mesclado com o meu saber, mas se coloco este saber sob o prisma da sabedoria do meu mundo, a relação entre estes dois saberes se dá mais ou menos assim: o que elas sabem do que é do meu mundo, sabem pouco e mal e o que elas sabem do que é do seu mundo , (retirando agora, do mesclado, do misturado, aquilo que nós podemos chamar de genuinamente popular) nós ignoramos, porque desconhecemos ou se conhecemos um pouco, desvalorizamos quando analisamos sob a ótica da nossa ciência. Mas se eu quero conhecer este saber, que a princípio me parece complexo e confuso , que caminhos tenho que percorrer? Como é que eu, pertencendo a uma outra camada social, onde a concepção de mundo se dá e se coloca em todas as direções e espaços de nossa vida, quer escolar, quer social, quer financeira e com toda a familiaridade com o saber que isto possa permitir, como é que eu consigo enxergar e entender um mundo que desconheço? E que mundo é este? Como se expressa essa tal de outra concepção de vida? De mundo?

Vou buscar este saber no concreto. Encontro no discurso livre do oprimido, que nos primeiros momentos me parece confuso, desencontrado, às vezes até arrisco achar errado e feio , mas se continuo o caminho e me permito um despojar de minha educação e no passo que dou me dirijo inteira, buscando entender e desvendar um mundo, encontro, misturadas com tanta miséria, tanto sofrimento, uma grandeza e uma beleza que o mínimo que pode me acontecer é emocionar-me. Resgato este mundo e coloco-o em conflito com a minha ciência. Não, na realidade, não tem o carinho da ciência. Então, que saber é este?

Veja-se a educação. Seus ensinamentos não estão presos na camisa-de-força de nenhuma cartilha que eu conheça, mas ela, a educação, está aí: solta, como as crianças, também como os

cachorros (diria Carlos Brandão), nos ensinamentos da mãe para os filhos, do pai para os filhos, entre vizinhos e parentes, das benzedeiras para os doentes (além da reza, a receita caseira) da mãe-de-santo para os que a buscam com seus problemas e doenças.

Mas como achar que este saber, menor, se olharmos através do nariz torcido da sabedoria que circula nos câmpus universitários e outras instituições legítimas que dão livre circulação a uma outra concepção de mundo, a nossa, como achar que este saber possa ser resgatado e tratado com todo o respeito e o rigor que a história da ciência conseguiu alcançar?

Fico achando que é paradoxal afirmar isto: há uma sabedoria da qual nós somos analfabetos. Mas há. Como encontrá-la? Como buscá-la? Penso ser possível através de um método que não se limite ao racional, porque este nos auxilia até certo ponto, mas quando começamos a penetrar no mundo de conhecimento que está na ordem própria das camadas populares percebo que este aparato "técnico" não é suficiente. Preciso, então, me despojar de muitas coisas "sábias" que me ensinaram, se quiser alcançar este mundo: é quando se junta minha cabeça com minha sensibilidade e - por que não? - intuição, que consigo entender essa vida tão diferente da minha. A partir daí, o que chamei de misticismo se me apresenta como a própria condição de vida, de sobrevivência, neste mundo que é muito mais meu e que lhes é tão diferente e indiferente. Agora, já posso entender o sentido real de sua fé inabalável em Deus, "que é o que segura o pobre", a confiança na benzeduza, nas simpatias e nos pais e mães-de-santo .

Este saber não tem o rótulo de nossa ciência, mas é o saber se dando e se fazendo na sua totalidade. O saber de uma outra concepção de mundo, de uma outra classe social, de uma outra camada da sociedade.

E como é que fica, então, a relação entre nós, nosso saber e eles, o saber deles? Isto me preocupa.

Bem, essas pessoas vivem, como nós também vivemos, num mundo onde o mais "certo", o "melhor", o que dá as "melhores" condições para uma melhor qualidade de vida, se coloca como o mundo real que é o nosso mundo. Porém, ao mesmo tempo em que vivem esse mundo, são, também, "estrangeiros" desse e nesse mundo.

Exemplifico: a mulher que leva o filho doente para ser atendido no Hospital Infantil Joana de Gusmão. Essa mulher é agredida pelas letras indicativas e pela própria suntuosidade da construção. (Não para nós, é claro, mas para ela, sim.) O formato estilizado das indicações a deixam confusa, não sabe para onde ir. Ela sabe ler, por que não lê aquelas letras? Imagino o que se passa na cabeça dessa mulher: sua reação foi querer ir embora; afinal, sentiu-se agredida e revelou esse sentimento. E quem tem um mínimo de sensibilidade sabe o que significa sentir-se agredida. Penso, então, no tamanho desse sofrimento conflitando com o de querer salvar o filho e no esforço que teve que fazer para dar o passo à frente e seguir. E é o mesmo passo da mulher que muitas vezes atravessou a ponte Hercílio Luz a pé, com o filho morrendo nos braços, grávida de 8 meses, para levá-lo ao Hospital Infantil junto à Carmela Dutra: o passo ligeiro, firme e corajoso e que agora recua diante da imponência de nossos prédios e ilegibilidade de nossas letras.

Mas nesta luta entre mundos diferentes, vence sempre o meu. AINDA: é o meu saber que é o mais correto e o melhor, pois ele se deita na estrutura ideológica, que é a coluna dorsal da concepção de mundo: a mais saudável, a mais correta, a mais verdadeiramente democrática, a mais humana. Como proceder, então ,

quando percebo que renuncio às minhas condições de classe, na sua íntegra, quando passo a visualizar esta classe mais criticamente e pretendo ser, também, um instrumento que, somado a outras forças, permita o aflorar e florescer de um outro mundo, coerente agora, com essa outra concepção que é a concepção da grande maioria da população brasileira oprimida? Uma opção é colocar o meu saber a serviço desse saber. Primeiro passo, então: tenho que conhecer esse saber para, por exemplo, adequar nossas cartilhas, nossos conteúdos escolares, nossos métodos de alfabetização, nossas escolas enfim, à estrutura de conhecimento das classes populares. Isso não significa, em hipótese alguma, "baratear" o ensino, como pensam alguns do meu mundo. Porém torná-lo mais real, mais concreto, mais próximo de uma outra realidade. E não é impossível que ao invés de "jiló", por exemplo, a palavra escolhida para ensinar a ler, escolha até "taranto", se for a usada, a conhecida, a palavra que, batendo com a estrutura cognitiva do oprimido lhe dê condições para pisar o caminho do meu saber e de construir mais algumas pontes para a colocação de sua concepção de mundo. Que diferentes seriam os ensinamentos de uma Orientação Educacional voltados para uma criança com características diferentes daquelas que muitos manuais de psicologia apresentam como o protótipo do ser humano em diferentes faixas... Protótipo tantas vezes retirado de seres humanos de outros lugares e outras épocas. Que diferente seria um curso de Pedagogia preocupado com métodos de alfabetização de crianças e adultos, com uma Orientação Educacional, Administração Escolar e por aí afora, que pensasse sua prática e partir desse universo.

Há toda uma reforma se fazendo e não precisamos esperar o decreto que a crie.

É o próprio saber resistindo.

Essa foi a primeira lição que, humanamente e com toda a humildade, eu aprendi.

II.6 - DEPOIMENTOS POPULARES

A transcrição das entrevistas gravadas é de responsabilidade do Laboratório de História Oral da UFSC.

Os casos fantásticos de Seu Amaro, o Capitão do Cacumbi, e de Seu Simão, o primeiro morador.

– Por que vieram de lá, de Biguaçu, Seu Amaro?

– Nós viemo de lá porque tinha se dado a revorta aqui, a revorta de 30 e nós tava lá assim, com pouco serviço, inté por exemplo, aquelas ruas virou tudo mato porque enquanto tem aquela revorta de 30 a gente tinha medo de chegá ali, né? ... Então andava tudo escundidinho. Então, quando veio a liberdade, aí nós, o falecido meu pai mudou-se e veio também pra aqui. Viemo morá ali na Frete; ali na Frete era uma casa assim desprezada que faziam louças e, sei lá, foram morrendo e ficou aquele resto de louça de aquela louça que não tinha passado assim, como é que se diz? Não tinha passado aquele vidro. Porque a louça, os pratos são tudo de, feito de barro; despois é que eles passam aquela, aquela tinta branca. Então ali despois veio seu Frete. Seu Frete veio, comprou aquilo ali, ia manter uma fábrica de açúcar, uma usina.

– Ali no Estreito?

– Foi. Era ali, quem desce aqui o Coqueiros, ... na beira-mar. Ali ainda tem um galpão grande, ali que agora consertam barco ficou parece que é japonês que arrendou aquilo

ali agora. Agora intê sinale é ... banca de peixe, é trapiche e ali o barco atraca ali. Então eu trabaiei cinco ano ali e falecido meu pai trabaiava ali então quando nós viemo de Biguaçu. Trabaiava ali com ele já tinha uma idade bem avançada. Era, é mais velho do que essa idade que eu estou. Era um homem também doente, ele era deferente de mim, ele era arto, gordo, mas então eu era criança nesse tempo, eu tinha vinte e nove ano ... então como eu achava que tavam judiando com o pobre meu pai, porque esse, esse já é morto, esse tale chamava-se Firmino, ele é um arto, então quando eles ia arribavam o saco ele já, coitado do meu pai cansado e ele alevantava largava em cim do meu pai ... aí eu me senti com aquilo, então eu pedi pra arribá, eu vou arribá e quando ele teve que alevantá, ele tinha mais força do que eu, mas eu não, era duro no serviço memo, alevantava levava encima dele, ele diz: que é isso? eu digo: não, tu quê fazê com meu pai então faço contigo. Ah! não, não tem nada e eu ajudei no que eu pude. Então ele ficou doente, coitado daqui e dáli, daqui e dali, passando aquele sacrifício; aí eu, vamo internâ, abutei ele no Hospital de Caridade, ele foi pra lá. Então de vez em quando nós ia lá vê. Aí um dia ele diz assim: vocês gosta de mim? Sim senhor eu gosto do senhor, você foi meu pai, me criou. Então você me leva pra casa. Aí eu garrei uma condução trouxe meu pai pra casa. Ele morreu na minha casa.

... naquele tempo não morava aqui. Isso foi em trinta e dois, tô morando aqui depois que ele morreu (...) então eu comprei a casa aqui pra minha mãe ... essa casa tava feita existia oito casa: existia a casa do Zé Dutra, a quinta, estava, era Sarafina que essa tal de casinha que eu comprei por vinte e cinco mirréis, ali, virada pra lá, daquele jeito, ali naquela baixada onde mora o Tafona ... ali tinha o Egídio e tinha Manezinho. Então são, uma, duas e duas lá são quatro casa. Tinha a do Mané Simão são cinco e

tinha a da Dona Bertolina que é morta são seis, e tinha a Augusta do Zé Custódio sete, e Manê Renardo oito (...) era únicas casas que tinha, nisso aqui não tinha casa nenhuma. (...) Isso ali naquele jeito, naquela extrema ali assim, não tem aquele bambu? ali assim ("o véio Capri") tinha uma parreira, não uma só, demais uma parreira que tinha uva de toda qualidade (...) Então tinha umas cachorrada, sei lá, eu acho que tinha mais ou menos dez a doze cachorro. Cachorro que era esse tamanho assim. Então nêgo batia lá cachorro tava em cima. Então ali existia uma cobra que não tinha mais tamanho. Essa cobra eu não sei o nome dessa cobra, era venenosa, venenosa. Então as pessoas passavam aquele trilhozinho que tinha ali assim, chegava lá ela tava, porque tem um tempo é mes de março elas tão empuleirada as cobra, compreende? ela tá empuleirada, esse negócio. Tinha camarada que levava, às vez moça, senhora, que levava trouxa de roupa passada, só no ronco que o bicho fazia assim, ela largava roupa, vinha largando roupa pelo chão, os outros que ía juntá, tinha que lavá travez pra dá di levá, não tinha outro caminho, o caminho era um trilho que tinha ali, nesse palmo de cerrrado, essa coisa toda. Então bem um dia fui, eu fui pro serviço, alevantemo daqui, a noite bem bonita eu disse eu vou pra lá pra ir com meu amigo, pra passá lá pro cima de Coqueiro pra ir pra cidade. Quando eu cheguei nessa distância bem acima ali onde é a firma que tem ali, a de ser por ali assim, a gente passava bem por baixo, caminho trilhozinho não é caminho, se formo-se aquele vento, era uma coisa incrível. Aquilo veio, veio, veio, veio eu digo: meu Deus do céu ... eu pra vortá, eu tava mais pra sair pra lá do que pra cá, eu digo: vai ser pior; aí chamei por Deus e ... me parecia, o chapéu véio quis sair da cabeça eu güentei, mas olhava sempre pro lado, aquilo vinha do mato direto a mim. Aí pequemo com Deus e saí. Cheguei lá e chamei o rapaz que ia comigo - que que há, por que você

veio aqui? Eu digo vamo s'imbora. - Isso é meia hora da noite. Eu disse, contei o causo. Ah ... diz: é, rapaz, tu não passa por ali que isso aí é perigoso. Era meia hora, passava um pouquinho da meia-noite. Então era assim. Otra vez eu vinha da festa do Senhor Bom Jesus dos Passos. (...) mas tem uns carros aqui no Coqueiro, era uns carro diferente, uns ônibus que se pagava assim duzentos réis, aquele carro que vinha era igual uma carroça, bum, bum, aquilo giro batia tudo. E era como um taranto. Então eu vim da festa de Passo, porque a festa de Passo, do Senhor dos Passos, quando vai se buscar a Mãe Santíssima, a gente larga mais tarde, então eu sempre vou essa procisão mas gosto de ir a pé e vê e vou lá acompanhando a santa depois eu vou me embora, era onze hora passada. Quando eu assubi essa subida pra cá que era do pai do Manê Renardo debaixo de umas bananeira pra depois você via (...) aí eu olhei assim pra trás vi um troço atrás de mim, troço de preto uma coisa encarnada na cabeça, ô mulher, naquele tempo eu tinha força ô meu Deus me valha e me mandei: tam, tam, tam, tam, tam não olhei pra trás, trás,quando cheguei lá em cima na casa da falecida do João Alexandre olhei pra tás não vi mais nada...

– E o que era, Seu Amaro? Não sabe o que era?

– Não posso sabê o que era. Era um troço que quando eu sartei do ônibus aquele vurto veio e veio atrás de mim; eu sei que era um ....tinha uma coisa encarnada na cabeça, mas não sei o que, que troço era aquele tô pra sabê que troço era aquele. E pra mim isso aqui era muito, muito, muitamente respeitado, não assim de briga não, assim de negócio de parecença que aparecia, compreende? Parecia coisa aí que era mistério. Então, então qué dizê que essa cobra, essa cobra butou muita gente a correr, muita gente vinha caçá de gaiola, atrepava num galho quando via a cobra lá deixava passarinho bom, não queria sabê mais, jogava e se

mandava e nunca uma pessoa matou essa cobra e o Manê Simão, ele tá vivo, voce pode um dia pode perguntá pra ele: escuta só o Maneca (...) seu Amaro falou que tinha uma cobra muita feia, aí voce escuta o que ele vai dizê e ele levantou a espingarda pra atirá, ele atirava bem, atirava, hoje não, mas naquele tempo ele atirava bem, só levantava assim o passarinho vinha e ele não se achou com coragem porque a cobra era tão ... sei lá, distância longe ela já tava pronta à avançá na gente e a gente queria saí ela atraiava a gente, a gente ficava atraiado, então eu tava tirando lenha quando olhei assim aquele bicho eu digo: meu bom Jesus, quando eu disse assim meu bom Jesus soltei, parece que os pés soltaram, aí eu vinha por aqui, deixei machado, só não deixei o tamanco que nesse tempo se usaba tamanco, tinha muito esporão de galo (...) aí quando cheguei em casa eu disse pro meu irmão eu disse: óia, vocês vão lá buscá meu machado que eu deixei assim, meu chapéu também ficou lá, eles foi, chegaram lá não viram mais cobra nenhuma, essa cobra deu carreira em muita gente.

– Depois, desapareceu essa cobra?

– Ela se sumia, ela assim tinha entocado ou qualquer coisa. De vez em quando ela aparecia pruma pessoa, essa cobra. Mas o Manê Simão ele está por dentro disso aí.

.....

– Seu Simão, conta sua história, de quando o senhor ficou viúvo ...

– Eu, eu viúvo da mulher? Ah, eu levei ela quando ficou doente, eu tratei ela no hospital e de lá, não, minto, lá do princípio primeiro, né? (...) ela pegou a ficá doente, ela teve no, comé mesmo? no Departamento (de Saúde) muito tempo.

Dali, levei pra tratá no Centro do Osvaldo Melo, espiritismo, que ela andava vindo atrás de mim, assim como um cachorrinho. Ela prá passá encima da ponte ela vinha de atrás de mim e eu com medo que ela se atira assim ponte embaixo, então passava muito carreta de laranja pra cidade, eu comprava laranja e trazia assim na mão e passava a ponte. Tinha medo (que ela se atirasse), tava ruim da cabeça, andava assim atrás da laranja ... vim, vim, vim, vim e fui lidando com ela ... do ponto que eu não pude mais sair pra trabaiá, por causa dela. Ficou ruim. Daí nós levemo ela pra cidade, (...) eu trouxe ela pro hospital. (...) Vi que ela não tinha força. Eu vim embora, mas eu tinha pena... Daí ela fugiu de lá. Do hospitale, ali em São Pedro, na Alfândega ela levou meio dia. Saiu de manhã e consegui chegá ali no meio dia. A pé. Às vezes sentava. No entanto, ela andava. Devagarinho, na cabeça de vim embora. E eles deixavam porque viram quenão deram jeito nela mais. (...) Não deram jeito na mulher, assim como ela foi, ela veio. Aqui, pro meu lado. Muié, que tu tá fazendo aí? - Ah, meu vêio, eu vim morrer dentro da minha cocheira ... Disse que veio morrer na sua cocheira (...) Daí quando eu cheguei meia viagem que ia descendo o morro, eles gritaro comigo que eu viesse depressa que tinha dado uma coisa nela (...) ainda tava viva quando cheguei, ela só disse pra mim, peguei ela deitei na cama butei em cima das minha perna deitou a cabeça em cima do meu braço aqui ... a última palavra que ela disse pra mim ela disse que tava morrendo. Eu disse: não, Deus é grande, você não morre. Deitou a cabeça pra trás e passou-se, passou-se como um passarinho. (...) coitada, vinte e sete ano de idade ... eu, pra mim aquilo não foi doença de Deus, aquilo foi macumba que butaro nela. Ela tinha brigado com uma senhora que morava aqui que era muito vingativa. Ela deu muito na mulher lá embaixo na rua, deixou a mulher quase morta no meio da estrada. Ela tinha muita força, era nova ... e essa mulher disse que ela

haverá de pagar. E essa mulher tinha uma venda aqui embaixo, compreende? e ela mandava a menina comprar pão de manhãzinha no bar. Quem dá se esquece mas eu acho que quem apanha não se esquece ... a muié mandava a menina comprá pão e eu pra mim foi alguma macumbazinha véia que mandou pela menina mesmo, pra ela, pra dentro da casa e que acabou com a minha véia. Os médico não dero jeito na doença dela. (...) Adepois de morta ela não me deixou mais... morreu cedo, né? (...) parecia que ela nunca tinha morrido. Ela chegava e me adornava, dormia uns cinco,seis minuto, daí me acordava e ela não tava mais. Não fazia mal nem nada. Ela me adornava. Quando eu tava doente ela me adornava, daí passa. Ela nunca me deixou e também nem nunca deixou butá mulhé em casa. Vinha muié, quando vinha, mas não pra ficá. Se butava ela não deixava (...) se deixá ela é capaz de matá. Então tem uma muié aí, é espírita ... cinquenta e poucos anos quase sessenta anos, já. Ela vem aqui e tar, tá comigo e tar, mas sai na hora que ela quer. É muito boazinha pra mim (...) que ela tá conversando comigo: eu vou-me embora, vou embora, vou embora, não tem nada mais que agüente ela (...) agora esses dia ela veio aqui você não vem mais ficá aqui nem nada. Não posso mais ficá aqui, não posso mais ficá aqui, não hái meio, não sei o que é. Ela acabou não veio mais. E eu não forço muié por causa disso. Não é falta que não tenho ... mas não adianta, ela não quer, ela não deixa ... Tenho que cuidá de mim mesmo, não posso tirá essa coisa da cabeça.

"Diria que há como que uma antropofagia no saber popular, ele engole o saber dominante e o cospe diferente".

Pedro Benjamim Garcia

III - AS AGÊNCIAS E OS ESPAÇOS SOCIAIS DE REPRODUÇÃO DO SABER

III.1 - INTRODUÇÃO

A incursão teórica por caminhos que seleciono como necessários à percepção e ao entendimento da educação e que circunscrevo, nesta etapa do trabalho, na sua relação com o ambiente caracterizado no capítulo anterior, passa, necessariamente, pela discussão de alguns conceitos norteadores. Assim, centralizá-la em torno da questão do saber, delimitando o objeto de estudo, revela, no processo metodológico (per)seguido, um deslocamento do pólo da universalidade para o pólo da singularidade.[1]

Se considero que "todo mundo tem a sua explicação - ou a sua teoria - dos acontecimentos justamente porque todo mundo pensa e reflete sobre eles a partir de sua experiência de vida"[2] e se aceito como conhecimento "o modo como cada um apreende e explica todos os acontecimentos da vida: o trabalho, as classes sociais, as relações pessoais, os fenômenos da natureza, a família, os valores, as organizações de classe, o movimento dos astros no universo, a própria vida...",[3] concluo, obrigatoriamente, que existem saberes diferenciados, uma vez que existem diferentes maneiras de viver ou experienciar a realidade social, tratando-se de uma sociedade de classe.

Como a realidade tratada aqui é aquela vivenciada pelas camadas sociais subalternas, o saber a ser estudado liga-se

---

1 *Ver* LUKÁCS, G. "*Sobre la Categoria de la Particularidad*" *in* Prolegômenos a uma estética marxista, Grijalbo, México, 1965, p.121.

2 COSTA, B. *Para analisar uma prática de Educação Popular*, Vozes/NOVA, Cadernos de Educação Popular 1, Rio de Janeiro, 1981, p.14.

3 *Idem.*

diretamente à teoria que nasce da prática específica dos moradores do Morro da Caixa d'Água, prática vivida por eles, e restrita, enquanto objeto de estudo, àquela localidade.

Para analisar essa prática, porém, é evidente que carrego uma carga de informações própria da experiência vivida em realidade social diferente, mas condicionada pelo compromisso metodológico de "construir a partir do grupo pesquisado, um conhecimento que contribua para a superação ...[4] da situação encontrada, merecendo, pois, a "adjetivação (de uma pesquisa) transformadora".[5]

O que me parece essencial esclarecer aqui é sobre os conceitos oriundos de minha prática que levo para analisar a outra prática, assegurando, desde já, que estes conceitos foram explicitados a partir do encontro e contato com a prática diferente e que mereceram, de minha parte, uma revisão para uma possível apropriação do "novo" conhecimento.

O saber erudito contraposto ao saber popular, numa ótica de classe que me foi delegada, era o seguinte: entendia por saber erudito o saber elaborado durante todo o processo da evolução do conhecimento humano, a partir de uma concepção de mundo dominante, e por saber popular, o saber que se faz, assistematicamente, nos meios populares e pelas camadas populares.[6] Es

---

[4] CURY, C. R. J. Pesquisa em Educação, mimeografado, 1981.

[5] Idem.

[6] Utilizo a conceituação de COSTA, B., op. cit., p.20, para camadas populares e também para setores populares, mais adiante: "por camadas populares ou setores populares estamos entendendo sempre aquelas camadas ou setores da população que vendem sua força de trabalho - ou então o produto de seu trabalho (...) - em troca de uma remuneração (...) que serve unicamente à reprodução de sua força de trabalho e à sobrevivência de suas famílias. Ou seja, definimos camadas ou setores populares por sua inserção na estrutura produtiva".

ses pressupostos formais alteraram-se em contato com uma realidade que, em si, se apresenta dialeticamente. Assim é que encontrei no meio popular o saber erudito e no fazer popular encontrei um saber que escapa aos ditames convencionais que separa o erudito do popular. É quando o saber nasce do fazer que o que se evidencia não é a dicotomia erudito versus popular, mas o saber em si apresentando-se como o concretamente possível.[7] São as camadas populares agrupando-se em torno de um fazer num momento e numa situação historicamente dados, que elaboram o conhecimento que lhes convêm. Esse conhecimento possui um "ethos" que eu não domino por pertencer a outro segmento social, necessitando um esforço teórico para apreendê-lo e elaborá-lo, com vistas a uma proposta de dupla direção: se pretendo conhecer o real concreto que me cerca (direção sobre a qual exerço total domínio, nos limites de minha capacidade) e se pretendo que esse saber seja reapropriado por quem o fez (direção sobre a qual exerço domínio relativo, cujo limite se dá no ato de devolvê-lo e que se condiciona à vontade e por que não possibilidade? dos produtores de reapropriá-lo teoricamente e usufruí-lo na prática, alterando-a).

O que distingue o erudito que aprendi do erudito que existe no fazer popular é muito mais a legitimidade imposta pelo saber oficial, via escola, carimbado pela ciência que circula principalmente nos meios escolares, e que se coloca pela concepção de mundo - portanto teoria - vinda de uma prática de segmentos que detêm a hegemonia na sociedade.[8] Neste saber não e-

---

[7] *Diferente do "meramente possível" quando a tônica da atividade pode recair sobre a passividade. Refiro-me, aqui, àquelas atividades que, mesmo atingindo o grau teleológico que as configura enquanto atividade humana, apresentam limites reais, concretos.*

[8] *Hegemonia, em Gransci é, basicamente, capacidade de direção, busca de consenso.*

xiste espaço para a colocação de um outro saber. E, no entanto, há milênios esse outro saber se faz e se refaz, mas não "consegue" o grau elevado de erudito porque não tem a força econômico-político-social de se colocar hegemonicamente, referindo-me aqui ao "lugar" de luta pela hegemonia de uma classe social, onde este saber é barrado pelo sistema de poder que garante a manutenção da classe vitoriosa.

A discussão teórica sobre a dicotomia saber erudito versus saber popular me parece mais concreta se discutida num outro plano: o debate sobre o saber que (uma vez socializado), esclarece e orienta "os rumos da transformação social".[9]

Diante desta constatação necessito aprofundar o conceito de educação uma vez que me deparei com uma educação que, conforme consegui apreender, não está presa à camisa-de-força de cartilha que eu conheça, mas que está ali, solta, num determinado espaço social, exigindo-me, também, um grande esforço teórico para apreendê-la.

Se o objeto de estudo fosse o conjunto da sociedade, o parâmetro para estudar a educação que se dá nas relações sociais oriundas e portadoras do conflito de classes sociais antagônicas, diria que seria necessário o estudo das relações que se manifestam entre as classes que se contrapõem na totalidade do social. Porém, o que me proponho é detectar a educação que está sendo feita nas relações existentes entre os grupos sociais que atuam no real concreto dos setores populares, mesmo quando existem pessoas pertencentes a outra classe social - como os agentes de Educação Popular - mas que participam das mesmas

---

[9] Cf. COSTA, B. *op. cit.*, p.18.

atividades.[10]

Para efeito de estudo e análise, caracterizei a estrutura das relações sociais do Morro da Caixa d'Água em dois blocos - agências internas e agências externas - que trazem no seu interior atividades que se desenvolvem no espaço social onde o saber é elaborado e reproduzido.

Classifico como agências internas aquelas criadas e trabalhadas pela população do Morro da Caixa d'Água para a população em geral ou, dito de outro modo, do povo para o povo.Suas propostas e atividades surgiram e se referem básica e fundamentalmente a partir da vontade e da ação popular.

Apesar dessas formas de manifestação popular acontecerem sem possibilidade de filtrar o purismo do que seja popular, é de se destacar duas dimensões que definem esta adjetivação : uma, o pólo de poder decisório no momento da criação e nos diferentes momentos de desenvolvimento do trabalho está centrado no Morro, entre seus habitantes; e a outra, colocada de maneira mais sutil e, portanto, menos aparente, está na intensidade com que o ato em si se apresenta, quando se identifica interpenetração de idéias ou contatos entre o erudito e o popular. Neste último caso, mesmo quando a manifestação se revela mesclada por colocações de ambas as partes, a incidência hegemônica do popular é evidente.

---

10 *O conceito de grupos sociais utilizado está se restringindo àquelas pessoas que participam de uma mesma prática coletiva. Para estabelecer a diferença entre as pessoas de classes sociais diferentes que atuam nos mesmos grupos sociais, utilizarei grupo ou grupos populares para designar as pessoas das camadas populares e "agentes" para as oriundas da "classe média", por ter encontrado essa separação nas práticas sociais estudadas e baseando-me em* COSTA, B. *op.cit., p.20.*

Refiro-me, aqui, às atividades que se dão no âmbito das religiões locais, desenvolvidas por pessoas ligadas à umbanda e benzeduras e, no âmbito cultural, àquelas desenvolvidas pelo grupo do Cacumbi.

Em contraposição, as agências externas são aquelas cujo poder de decisão encontra-se externo à prática educativa[11] e, portanto, à própria comunidade, mas que intervém sobre essa prática e essa comunidade portando valores, inculcando "habitus", sedimentando idéias e conhecimentos, interferindo, pois, ideológica e instrumentalmente de fora para dentro no contexto geográfico, psicossocial e cultural dos moradores. Essa intervenção se faz através do trabalho, no local, de agentes vindos da classe média.

Destacam-se, aqui, as atividades dos movimentos de educação popular e de igrejas que nomeio de agências institucionais externas, diferenciando das agências sociais externas, presentes através da gafieira e dos bares.

Essas categorizações distintas (agências internas , agências institucionais externas e agências sociais externas) , para uma melhor apreensão e compreensão do fenômeno, não esgotam o real, razão pela qual torna-se necessário ampliar as adjetivações, particularizando-as. É o caso de agências institucionais externas, que desenvolvem prática específica que, por sua própria dinâmica, foge aos parâmetros conceituais estabelecidos: é quando no interior de uma prática educativa do Movimento de Educação Popular-agência com características externas - encon-

---

[11] *Entendo como atividade que, ao ser desenvolvida, transforma as relações sociais existentes, assumindo assim uma dimensão política, pois se centraliza nas relações de poder em conflito. A apropriação do poder é que define o caráter da prática educativa.*

tram-se elementos tipicamente internos, no que se refere não só ao poder de decisão como também à interligação com agências de fora, mas de caráter popular. Refiro-me, aqui, à Feira Livre que interliga a população urbana do Morro da Caixa d'Água à população rural do Sul do Rio, em Santo Amaro da Imperatriz, próximo de Florianópolis.

Mesmo tendo presentes essas nuances acredito que as distinções estabelecidas, se não têm a capacidade de esgotar, todavia aproximam-se do real, desde que sejam observados os destaques necessários.

III.2 - AS AGÊNCIAS INTERNAS DE REPRODUÇÃO DO SABER

As agências internas limitam-se, conforme esclareci anteriormente, àquelas cujas atividades são desenvolvidas por pessoas ou grupos populares, no interior do Morro. Fazem parte deste bloco as atividades no âmbito das religiões locais, desenvolvidas por pessoas ligadas à umbanda e benzeduras e, no âmbito cultural, as desenvolvidas pelo grupo do Cacumbi.

Na umbanda, destaca-se a figura de Vó Marina, filha do primeiro morador do Morro, Seu Simão. Seu pai conta que suas forças espirituais vêm da natureza: certo dia, vindo da casa da avó para onde foi depois da morte da mãe, passou por sua casa e foi atraída pela imagem de um preto velho que está sempre na sala, protegendo-o e fazendo-lhe companhia. Ainda menina, perguntou quem era. À resposta do pai, zombou da figura do preto velho. Voltou para a casa da avó com "aquilo" na cabeça e a partir desse dia começou a dar mostras de sua mediunidade. Vó Marina trabalha às segundas, quartas e sextas-feiras, no congar ao lado de sua casa: benze, faz consultas de vida e faz leituras

nas cartas de um baralho comum. É muito procurada por mães com filhos pequenos, mas nas filas de espera encontram-se, habitualmente, mulheres jovens e idosas e a presença de homens é vista com naturalidade, mesmo que a freqüência seja menor. Enquanto a mãe-de-santo trabalha no congar, as filhas da família de "sangue" fazem seus serviços domésticos rotineiros, participando dos acontecimentos do ambiente. O assunto transita entre o tanque de lavar roupas, a vassoura no pátio e o cuidar das crianças pequenas e passa para "a vó subiu, tem que esperar um pouco", retornando aos afazeres com a mesma naturalidade com que se relacionam com as pessoas conhecidas ou estranhas que aguardam para serem atendidas. Entre essas pessoas encontram-se moradores do Morro, mas é grande a presença de clientes que vêm dos arredores e até de lugares mais distantes. A rede de relações que se forma é complexa, facilitada por se centralizar em problemas comuns relacionados a saúde, negócios e/ou amor. O ponto de comunicação é, normalmente, feito através de informações de pessoas conhecidas.[12]

As benzedeiras apresentam-se com menor dificuldade e as mulheres que as procuram conversam sobre o assunto mais livremente.[13] As benzedeiras aprenderam seu ofício com antepassados ou com alguma pessoa idosa muito chegada à família. Ao contrário da umbanda, não aceitam dinheiro nem agradecimentos, pois

---

[12] *A um leigo passa despercebido o porquê da movimentação acentuada e silenciosa pelos caminhos do Morro. Apesar de saber da existência dessa mãe-de-santo, por informação informal, não me foi possível chegar até ela através de moradores: a vinda de mulheres de fora, que traziam seus filhos para benzer e desconheciam o caminho, foi o que me oportunizou o contato. O mesmo aconteceu com os demais pais e mães-de-santo. O mapa nº 5 foi elaborado a partir de informações casuais e composto com um morador muito bem relacionado com o ambiente; mas o acesso até essas pessoas é vedado ao estranho e o assunto é tratado com muita reserva. Por se tratar de um trabalho participativo, como me propus inicialmente, não me foi possível aprofundar esta questão sem causar constrangimentos, razão porque adiei esses contatos para momentos mais propícios.*

[13] *Fui introduzida nessas práticas por moradoras com quem já havia estabelecido uma relação cordial e de confiança. Geralmente, acompanhei-as quando iam benzer seus filhos.*

consideram uma missão que têm que cumprir e acreditam nos benefícios das rezas. Articulam-se com a religião católica, considerando o batismo fundamental para qualquer benzedura, pois do contrário torna-se necessário benzer três vezes mais para que a reza dê resultados.

As rezas mais procuradas são para "arca-caída", "quebranto", "carne quebrada, nervo torto e osso rendido" e "sapinho", conhecido no linguajar local por "porquera". As mães procuram a benzedura antes de levar a criança doente ao médico.[14]

Essa separação branco e negro, normalmente encontrada, não se dá quando se trata da religião de modo geral. Para ambos, a religião e a vida cotidiana apresentam-se sem demarcações, onde o trânsito de uma para a outra se faz com naturalidade.[15] As preocupações financeiras, de saúde, de alimentação, de problemas conjugais, são tratadas num nível que reputo como de fé religiosa: "Deus dá um jeito para tudo, tudo é como Deus quer". Esta fé religiosa, todavia, também se expressa em diferentes manifestações de religiosidade: é a presença na Igreja Católica,no Centro Espírita, na umbanda e nas benzedeiras locais. Mesmo que estas instituições se revelem separadas entre si em termos de propósitos e ações, na realidade se apresentam para os moradores num plano igualitário. De maneira geral,freqüentam diferentes religiões ao mesmo tempo, sendo inexpressivo o número de pessoas que procedem distintamente.

---

14 *A prática de comprar remédios em vendas e farmácias está sendo substituída pela freqüência aos médicos do Posto de Saúde local. Atualmente, os problemas de saúde são tratados via benzedeiras, médicos e chás caseiros, estabelecendo-se entre os diferentes "profissionais" uma relação amistosa, uma vez que os médicos estão legitimando a medicina popular.*

15 *Ver depoimento de Seu Simão, no capítulo anterior.*

Os moradores apresentam justificativas para este procedimento: alguns alegam que não poderiam freqüentar a missa com qualquer roupa, porque seriam "olhados" pelas outras pessoas, o que os leva a procurar outras religiões; outros argumentam que "ser crente é mais barato" e como exemplo citam o batizado: gasta-se muito com a mesada de doces que os padrinhos devem oferecer, somando-se as roupas novas, tanto para afilhados como para pais e padrinhos e ainda o dinheiro que deve ser pago ao padre.

Quanto ao âmbito cultural o Cacumbi é a expressão que mais se evidencia no Morro e, também, o único grupo no gênero ainda existente em Florianópolis.[16] Trata-se de uma"brincadeira" africana, que conta de lutas entre tribos. Seu Amaro, o Capitão de Cacumbi,nascido em 1906, dança desde a infância, quando tinha 10 anos. Aprendeu com o pai: "tudo que eu sei, ele não me ensinou; aprendi porque ouvia ele cantar". Sabe das letras africanas, as chamadas profanas e as dos cantos religiosos, ditos quando entram numa igreja. Aqui, a dança se despe do batuque e dos chapéus enfeitados e os dançadores e a porta-bandeira, com o estandarte de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, seguem o "capitão", na homenagem aos santos católicos; deixam o recinto sagrado sem dar as costas para o altar, em sinal de respeito.

O grupo é formado, atualmente, por doze homens negros e uma mulher negra, conduzidos pelo "capitão".[17] Buscam a harmo

---

16 *As informações sobre o Cacumbi foram obtidas através de contatos informais com Seu Amaro e família e de entrevistas gravadas não só com o Capitão mas também com moradores durante apresentações no Morro da Caixa d'Água, com dançadores em apresentação na UFSC e através de livros sobre folclore e jornais locais.*

17 *Atualmente é formado por filhos,sobrinhos e genros do Capitão Amaro. A idade dos componentes varia de 10 a 77 anos, mas um neto de 4 anos já começa a se iniciar no Cacumbi, voluntariamente, acompanhando o grupo nas apresentações. Em casa, briga pelo pandeiro, porque quer aprender.*

nia entre o canto, a dança e os instrumentos. Essa expressão do Cacumbi é o que resta de um combate que se travava num outro contexto. "O Cacumbi é isso: a pessoa pensa que é muito fácil , mas não é fácil, é um pouquinho custoso, porque o Cacumbi é todo cheio de mistério."

Durante 20 anos o Cacumbi do Capitão Amaro não dançou. Entre os anos 50 e 70, mais ou menos. Aí, ficaram sabendo que ele sabia e um estudioso do folclore veio procurá-lo. Deu a madeira para a sede (construída ao lado da casa, antes ensaiavam muito longe; quando pequeno, em Biguaçu), os instrumentos (bandeiras e reco-reco, o surdo já tinha) e os uniformes, para uma apresentação obrigatória: era uma forma de pagar o que ganhou . Foi assim que levantou a dança, há 8 anos. Comprou uma espada também, porque a que herdou do pai, teve que vender e o "cacumbi merece uma espada só", "não que eu quero proseá", mas tem muitos grupos que dançam e não sabem, só querem cortar. E o Cacumbi não é fácil: o boi-de-mamão, qualquer um faz, mas o cacumbi não. "Eu digo e discuto: sei porque fiz". "É como uma professora: primeiro é aluno, aprende, depois é professora". No Cacumbi, para ser o chefe, tem que saber tudo, passar por todos os instrumentos e todos os cantos e danças. "Sei tocar, aprendi primeiro". Já ensinou: "escola de reco-reco já di, inté em São Paulo".

Não é qualquer pessoa que pode dançar, "branco não dá", não leva jeito. "Quem nunca brincou não pode. Tem que ensaiar muito". Depois que aprende fica diferente: "porque já aprendeu o que ensaiei - é o mesmo que na escola. Uma pessoa que nunca teve, como eu, já custa mais um pouco; quem já foi uma vez já é mais fácil". "Se envergonho muito, com esta idade que eu tenho se já sabe o seu nome, já é bom, mas precisa saber

mais; quem sabe tem mais orientação do que quem não sabe nada. É como o cego. Tenho fé em Jesus que vou aprender um pouco",nem que seja só para pegar um carro, saber ler, que ônibus deve tomar. (...)

No Cacumbi, tem que estar atento. Tem muitos versos e tem que sair tudo certo: o canto, a dança, os instrumentos . Por isso é que se ensaia: "é para compreender". Se ensina mostrando, fazendo junto.

Agora mudou: os mais antigos, só bastava dar um grito e já sabiam; os mais novos não gravam, "não tá com o atento ali, já tá pensando no dinheiro". Tem uns que acham que podem ser como o chefe, então "eu discuto, posso trocar de lugar com qualquer um, mas se ele não sabe e vai assumir" ... "tenho um filho que é meu braço direito", não erra, se por exemplo eu digo "Avuou uma ave",ele continua "Daquela janela" eu "É um papagaio", todos "Da pena amarela". Não pode errar. Numa apresentação em que estavam gravando, um cantou " pele dourada" em vez de pena dourada (ou "Da pena amarela/De bico encarnado/Era um papagaio/De pena dourada").[18]

Seu Amaro não admite que errem. Corrige em público mesmo, porque não "está certo dizer o errado".

As apresentações são feitas mais para fora, porque "aqui não apóiam". Lembra-se de uma apresentação que fez para os doentes do Hospital Nereu Ramos (tuberculosos), em que ficou muito emocionado porque os doentes aplaudiram muito e atiravam

---

18 *Mais informações sobre o Cacumbi consultar: Doralécio Soares, Aspectos do Folclore Catarinense, Ed. do Autor, Florianópolis, SC, 1970; Folclore Brasileiro, Santa Catarina, Funarte, RJ, 1979, e também as publicações da Comissão Catarinense de Folclore.*

oferendas: ele achava que era ele que devia agradecer, não os doentes.

Agora tem convite para outra apresentação na cidade de Olímpia, em São Paulo. Deu o preço e está esperando pra ver se aceitam. Vão de ônibus, só os homens, a mulher que carrega a bandeira de Nossa Senhora do Rosário não vai, "é muito longe e não fica bem, sozinha, tem os filhos pra cuidar". Irão em 13, preocupa-se com os gastos durante a viagem porque lá recebem tudo de graça, ficam num asilo, "a bóia sai dali e é fartumenta".

Acha que os moradores o conhecem por causa do Cacumbi. A mulher considera isto um desrespeito: dá a entender que deveriam respeitá-lo pelo homem que é, mas ele fica contente porque "todo mundo diz pra mim que adora".

Atualmente o grupo de Cacumbi renova-se; brinca também com o Boi-de-Mamão. Para seu Amaro,"Boi-de-Mamão, qualquer um faz", é mais fácil que o Cacumbi.

Durante uma "Assembléia do povo promovida pelo agente de Educação Popular e dois moradores que participaram do Encontro de Comunidades Eclesiais de Base (Chapecó, 81), os moradores acharam que para mobilizar o restante da população para nossas Assembléias, aos sábados à noite, e poder concorrer com a televisão, precisariam apresentar algo que fosse mais atraente. Assim, se decidiram por uma apresentação do Boi-de-Mamão, proposta ainda de um morador que dança e que faz parte de várias práticas sociais no Morro. No sábado seguinte, confirmou-se a validade de decisão: os moradores foram atraídos pelo Boi-de-Mamão e a Assembléia contou com a participação de muita gente.

III.3 - AS AGÊNCIAS EXTERNAS DE REPRODUÇÃO DO SABER

Quanto a estas agências é de destacar que serão consideradas as distinções apresentadas anteriormente, como especificidades que se dão no real. Assim, na subdivisão selecionada, serão objeto de tratamento descritivo: nas agências institucionais externas, o Movimento de Educação Popular, o Movimento Brasileiro de Alfabetização, os Comandos Sociais, a Igreja Católica e o Centro Espírita; nas agências sociais externas, a gafieira e os bares.

Apesar de apresentarem propostas que as diferenciam, algumas dessas agências desenvolveram atividades que se assemelham entre si, mesmo quando as relações sociais estabelecidas se dão de modo contraditório. Por considerar esse dado é que me propus a analisá-las ultrapassando os limites do aparente, pretendendo superá-los através do estudo das atividades que desenvolvem, onde o conhecimento gerado e portador de ações singulares pode ser tratado pedagógica e politicamente, atingindo o nível das intenções traduzidas em suas propostas. Por ser aqui, nas agências externas, o "lugar" onde buscarei o significado político-pedagógico da educação no Morro da Caixa d'Água, é que selecionei as agências que se ligam mais diretamente a essa problemática, no sentido de que especificamente em determinadas agências é que conectei certas relações de reciprocidade entre a educação e o seu ambiente e verifiquei as tendências que se dão nessas relações, notadamente no MEP, no MOBRAL e nos Comandos Sociais.

Como essas agências terão um tratamento descritivo e analítico no próximo capítulo, resta apresentar aqui uma caracterização das demais agências externas encontradas.

Na Capela São Judas Tadeu - o barracão de madeira pintado de verde - está marcada a presença do catolicismo entre os moradores. Como não existe a figura do padre no cotidiano da população, a ação religiosa católica se faz presente através do ambiente físico – o barraco/a construção –, que se impõe pelo tamanho, a maior construção do local, e pela presença silenciosa, mas constante, no dia-a-dia das pessoas, silêncio quebrado, normalmente, pelas missas dominicais. Destaco, também, o peso dessa presença como possível continuidade de uma ação que, aparentemente, é interrompida pelas portas fechadas da capela, impedindo o acesso ao seu interior. É de se salientar que todas as atividades ou manifestações que acontecem nas suas proximidades passam, pela ótica da população, como uma ação católica.

Assim, os esporádicos batizados e enterros, atividades específicas, são vistos nas mesmas condições religiosas que as aulas de alfabetização, que uma apresentação do Cacumbi ou que um Posto de Venda. A alfabetização é de responsabilidade direta do MOBRAL, o Cacumbi é uma expressão interna e o Posto de Venda é uma atividade do Movimento de Educação Popular.

É interessante registrar como esses três acontecimentos passam pela ótica dos moradores. No caso do MOBRAL, revela-se pela preocupação da aluna crente que, depois de muita discussão com o marido chegam ao comum acordo de contar à professora que não era católica: ao mesmo tempo em que se sentia constrangida, temia não ser aceita no curso por achar que era "coisa pra católico", pois além do curso funcionar junto à igreja , a professora morava ao lado, cuidando da mesma. Quanto à apresentação do Cacumbi nas dependências da igreja, mais propriamente na sala de aula do MOBRAL, pelo fato do Capitão de Cacumbi ser aluno do curso de alfabetização, também se confunde como "coisa católica". Aqui, é de se destacar, ainda, a relação da

dança com o catolicismo, permeada, na ocasião, pela ação do MOBRAL. O Cacumbi, dança africana, nunca havia entrado na capela local e a apresentação na sala de aula, por estar ligada à igreja, deixou os elementos do grupo um tanto confusos por não saber se podiam ou não cantar e dançar o profano. A situação foi superada quando o "capitão" esclareceu que podiam "adentrar" numa igreja, se fosse permitido,e resolveu o impasse cantando e dançando o profano e o religioso. Com relação ao Posto de Vendas, atividade desenvolvida por elementos que compõem o grupo do Movimento de Educação Popular, a aproximação com o catolicismo dá-se de modo semelhante: o simples fato das vendas se realizarem na mesma sala de aula representa ligações com a Igreja Católica.

O Centro Espírita "Seara dos Pobres" situa-se próximo ao Morro, separado, apenas, por uma estrada asfaltada. Porém, por imposição geográfica, aparenta não estabelecer relação com a população local. Na realidade, encontra-se isolado e a ligação com os moradores não é de reciprocidade, ao menos imediata, uma vez que se limita à procura, por algum deles, de mais uma instituição religiosa. Circulam comentários de que se trata de uma religião para rico, pois nos dias de atendimento o pátio lota com automóveis estacionados. Seu funcionamento como agência externa dá-se de modo semelhante ao da Igreja Pentecostal , no que se refere à procura dos moradores. A diferença está,principalmente, no fato de a Igreja Pentecostal não possuir templo nas proximidades, obrigando os moradores interessados a deslocarem-se para lugares distantes, o que significa pagar transporte para toda a família, tirar crianças pequenas de casa para cultos à noite, no frio e/ou com chuva, agrupando uma série de dificuldades que não os impede de buscar na igreja a cura de suas doenças. Este dado revela uma relação mais próxima com esta

crença, a Pentecostal, procurada por moradores que, em sua maioria, freqüentam também a Igreja Católica.

Resta incluir, neste setor, a Assembléia de Deus, que também não possui templo no local, mas é procurada por alguns moradores.[19]

A casa de Dona Terezinha, onde funciona o centro espírita de linha branca, é freqüentada somente por pessoas de fora. Não existe qualquer elo de ligação com a população local, exceptuando-se o contato de amizade entre essa senhora e a professora do MOBRAL. Comenta-se, e Dona Terezinha confirma, que é procurada por gente importante do governo, gente rica, não só de Florianópolis, como de outros lugares, até de outros Estados.[20]

Outra agência externa que funciona no Morro é a gafieira. Localizada defronte à Capela São Judas Tadeu, no outro lado da Avenida Ivo Silveira, a gafieira é alvo de simpatias ou de repúdio total, dividindo, assim, os moradores em duas correntes de opiniões. De um lado, encontra-se a maioria dos morado-

---

19 *Presenciei o "caso do corte de cabelo" que se deu do seguinte modo: o "agente" de Educação Popular, após perceber a constante aproximação e imediatas retiradas do seu Genésio, observou-lhe o corte do cabelo. A intervenção foi suficiente para que Genésio parasse e contasse o que o preocupava. Cortou o cabelo na Assembléia de Deus, o que o condicionou à presença no culto. Só lá ele conheceu Jesus. Agora, sim, é que ele conhecia Jesus, por isto ele não iria mais beber nem fumar, porque Jesus não quer. Se eles, da Assembléia de Deus, o vissem bebendo e fumando, o mandariam para a rua da Igreja. E Jesus não queria e eles iriam "curingar". O "agente" questionou se é porque a igreja mandava que ele deixaria de beber e fumar, se ele gostava de ser vigiado, se era Jesus quem deveria decidir por ele, se a decisão não estava na sua cabeça. A intenção manifesta do "agente" de "desestruturar um sentimento de religiosidade opressiva", causou ao homem espanto, curiosidade, dúvidas, desconfiança que, para o "agente", são prenúncios da formação de uma idéia própria sobre o assunto.*

20 *Com a demolição das casas para a construção de prédios habitacionais, Dona Terezinha, através de acordo com o dono da construção, trocou sua casa e templo por um apartamento em lugar desconhecido, em setembro de 80. Sua saída não provocou nem curiosidade da parte dos moradores, como se sua presença não fosse sequer notada.*

res que não a aceita por ter sido construída na frente da igreja e estar "desfazendo o lugar"; do outro, numericamente menor, porém mais ativo, que considera a gafieira um "lugar de respeito" onde as pessoas vão se divertir e acham que "clube de rico é mais indecente". Às mulheres casadas desagrada, principalmente, por propiciar uma maneira de jogar dinheiro fora e destruir muitos lares. O fato é que a gafieira divide o Morro, ao marcar uma presença que, longe de ser indiferente, provoca sentimentos de extrema revolta que se contrapõem aos de aceitação total.

Quanto aos bares, apenas um é conhecido como tal: o Carestia, como José, o dono, é tratado. Os demais apresentando-se como vendas de "secos e molhados": Nabor, Raul, Biele, de um lado e João, Augusto e Pedro, do outro. Os 2 bares que eram dirigidos por mulheres sofriam a pecha de "casa de vadia" e não conseguiram sobreviver: uma delas, viúva com dois filhos, veio do interior tentar a sorte, e a outra começou com um pequeno bar na mesma rua, no lado oposto, não residindo no local, porém provocando forte concorrência comercial com sua vizinha.

III.4 - A ARTICULAÇÃO DAS AGÊNCIAS DE PRODUÇÃO DO SABER NO CONCRETO

O procedimento de isolar as agências atuantes no Morro da Caixa d'Água para melhor caracterizá-las, se teve a virtude de possibilitar o conhecimento de cada uma delas, num retrato de uma nitidez relativa, encaminha, por outro lado, para um possível empobrecimento do estudo. A devolução dessas agências ao lugar ocupado, no movimento concreto de suas vidas e conseqüentemente nas relações existentes entre si, permite articulá-las no mesmo "espaço sócio-geográfico", na existência em comum,

onde se revelam combinações e alianças, concorrências e disputas.

É assim que ocorrem ligações entre as agências internas e externas, como entre as diferentes agências de um mesmo grupo e entre si. E é no concreto, mais uma vez, que vou buscar o referencial para compor esse campo específico de análise. Advirto, de início, que também não tenho a pretensão de esgotar aqui as articulações que se dão entre as distintas agências, uma vez que muitos casos aparecerão no decorrer do trabalho como um todo. Mas é necessária a particularização do assunto, com a intensão declarada de evidenciar uma questão teórico/prática - portanto real - existente.

Acredito que identifiquei essas relações primeiramente no interior das agências de um mesmo tipo, ou seja, entre as agências externas.

Os primeiros contatos com este campo de conhecimento deu-se de um modo que hoje, pelo distanciamento possível, reputo como provavelmente confuso, na época. Assim eram as interferências nas aulas do MOBRAL onde as pessoas ligadas ao Movimento de Educação Popular (MEP) disputavam uma presença no mesmo espaço geográfico para modificar o espaço pedagógico e social: a relação professor x alunos e os conteúdos veiculados através da professora e do material didático chocavam-se frontalmente com o encaminhamento que o MEP considerava o mais correto e necessário. Esse mesmo tipo de procedimento deu-se entre o MEP e os Comandos Sociais onde as disputas e concorrências foram mais acirradas: eram não só as reuniões dos assessores do MEP preocupados com a presença de um órgão ligado ao Governo do Estado, vindo de cima para baixo, com todo o peso e condições de trabalho asseguradas pela própria máquina burocrática e possibilida-

des financeiras, entrando de sopetão numa comunidade aparentemente indefesa; era, também, a presença concomitante de elementos ligados ao MEP e elementos dos Comandos Sociais, de casa em casa, de pessoa em pessoa, realizando ações semelhantes no levantamento das condições sócio-econômicas, educacionais e culturais dos moradores do Morro. O início de uma possível superação desse problema foi apontado pelos próprios moradores que, reunidos por iniciativa própria, convidam o agente do MEP e discutem a posição que deveriam tomar; é no desenrolar dessa reunião que se envolve o agente do MOBRAL que, de posse das informações, posiciona-se favorável aos moradores e portanto, coloca-se ao lado deles e, conseqüentemente, faz alianças com o MEP, decidindo que todos deveriam estar do lado do agente do MEP (quando os moradores perguntaram de que lado deveriam estar, se dele agente do MEP ou dos Comandos Sociais, este agente respondeu que eles, moradores, é que decidissem, mas se pudesse sugerir diria para ficarem com os Comandos Sociais, lembrando as condições materiais favoráveis, o que facilitaria na luta para melhorar as condições de saneamento básico e outros problemas do Morro. Um morador, negando tal proposta, disse que não seria por facilidades que estaria do lado dos poderosos, que reconhecia o trabalho do agente e que queriam estar juntos, unidos de "dentro" do Morro). Assim, os moradores, unidos em torno do MEP, contando com a aliança do agente do MOBRAL, "enfrentaram" os Comandos Sociais. A aliança entre o MOBRAL e o MEP, na ocasião, era fundamental não só pelo envolvimento emocional dos moradores com o agente do MOBRAL como também pela própria presença positiva desse agente no encaminhamento dos trabalhos do MEP e vice-versa: a colaboração dos elementos do MEP nas aulas de alfabetização participando do processo de ensino-aprendizagem, no incentivo à presença dos alunos na classe, contribuíam para o fortalecimento da prática da professora e para a melhoria do proces-

so de aprendizagem.

Tal acordo, de coexistência pacífica e ajuda mútua, não foi possível, também, entre o MOBRAL e os Comandos Sociais: para a professora e supervisores do MOBRAL, a presença dos Comandos Sociais significava a possibilidade de usurpação por parte desses dos louros das vitórias daqueles ("nós trabalhamos e alfabetizamos e eles é que levam a fama").

A partir desse emaranhado de idéias, fruto a meu ver do próprio movimento e complexidade do real, é possível destacar as articulações existentes entre as agências externas e internas que, nas minhas primeiras percepções, deram-se entre o Cacumbi e o MOBRAL, interligando o MEP e a Igreja na mesma prática: foi quando o aluno de alfabetização, por ser o Capitão de Cacumbi, brincou na festa promovida pelo agente do MOBRAL, na sala dos fundos da capela com a presença do agente e assessores do MEP.

Combinações semelhantes se dão nas práticas dos médicos no Posto de Saúde - do MEP - com as moradoras que plantam ervas medicinais: nas receitas alopáticas aparecem os chás caseiros, valorizando o saber local e utilizando os recursos existentes, ao mesmo tempo que alteram o comportamento de uma medicina acadêmica que se manteve afastada da medicina caseira (condições, inclusive, de sua hegemonia e poder), na tentativa de alterar o quadro de saúde como um todo, nas suas diferentes relações, quer ligadas a aspectos de tratamento das doenças, como ligadas as relações sociais através da figura "branca" do médico e do "prático" de saúde, quer masculino ou feminino.

Apresento diferentes momentos desta articulação, mais adiante, nos Depoimentos Populares do capítulo IV, alterados em função da expectativa de não perder a riqueza dos dados coleta-

dos no momento mesmo de sua ação, pretendendo aproximar do quadro teórico que separa as diferentes agências para melhor conhecê-las, a vida que se passa no interior do conjunto do campo de relações pedagógicas.

III.5 - DEPOIMENTOS POPULARES

Como seu Amaro, o "Capitão", pensa o Cacumbi.

– O que o senhor fazia, Seu Amaro?

– Lá em Biguaçu? Eu trabaiava assim, todo o meu serviço foi assim na roça (...) meu pai (também) meu pai um homem que foi primeiro serviu a polícia, o governo, né? cinco ano (...) naquele tempo ganhava uma bagatelazinha (...) já dançava o Cacumbi. Ele pegou a dançá o Cacumbi em criança, que o falecido pai dele já brincava (...) meu avô eu não conheci. Então eu saí brincando com ele, eu peguei a brincá o Cacumbi com ele eu tinha mais ou meno o quê? uns oito ano, é, uns oito mais ou meno aí ... então eu mocei e toquei o reco-reco, porque a primeira coisa quando a pessoa vai no Cacumbi, então vai dançá vai tocá o reco-reco. Por exemplo: o Cacumbi é obrigado a ter dois reco-reco, um num lado outro no outro, um lugar descosta um pro outro. Então despois eu passei pra tocá pandero, despois do pandero eu passei tocá tambore porque o tambore existe dois tipo de tambore: o da frente da donde tá e bandera aquele é tambor-mor e outro detras, então aquilo é um primeiro tabulero e o outro é o coisa e tem no cordão perto do primeiro tambore tem o dois guia, um guia otro guia, aqui logo adiante atrás contra-guia e adepois eles trata-se sordado do Cacumbi. Então esse tambor, tambor-mor que se trata, esse é o primeiro, primeiro tambor, porque quando eu canto já aquele tamborero ele já me

respondeu aqui, é o Chico, meu filho, ele arresponde o que eu canto porque ele não tive um que arresponde porque os otro de trás já não tenho muita fiança, então ele pega pra ípra vê, pra entoá o canto... tão, eu nunca tinha assumido pro Cacumbi, pro capitão, então despois meu pai ficou doente (...) da mais aí um dia eu disse: oi rapaz vamo ensaiá um Cacumbi. Tu sabe alguma coisa? não, a gente vai fazê um ensaio; pulamo pra lá, pulamo pra cá, vai fazê um ensaio. E aí ele veio doente ainda veio com a bengala assim na mão e veio, chegô aqui e ó: isso aí, meu filho, tá bom. (...) E dali foi indo, foi indo, aí ele veio justamente praqui, aí meiorô um poco, inda dançou um ano ou dois o Cacumbi e despois daí da otra vez então eu dançava com ele, então eu já tinha brincado lá, compreende? então eu assumi. Agora, tudo isso que eu sei ele não me ensinô, ele só diz, eu aprendi porque eu via ele cantá. (...) é o seguinte: existe um Cacumbi, existe dois, otro. Então aí é que vai sê o Cacumbi. Tem encontro de Cacumbi, compreende? Existe encontro, não encontro porque não tem otro Cacumbi (aqui). Mas então quando tem otro Cacumbi tem encontro. Os encontro de Cacumbi tem que ser numa reta, em vorta que tem curva não pode ser. Só tem que ser uma reta (...) então aí quando duas bandeira se encontra, as duas bandera encruza assim e as duas espadas encruza assim, então ali é trovado, um capitão pro otro. Agora aquele ...

— O quê que um diz pro outro, seu Amaro?

— Não, vão cantando as cantiga. Então a marcha da cantiga é assim ó:

"Hoje lá no céu
o destino nosso dia
o rosário de Maria
hoje lá no céu
destino nosso dia"

e só responde isso. Então aí os dois capitão vai cantando. Agora, aquele capitão que arriô a espada perdeu. Então aí...

– Aí é que se dá a luta? o confronto assim? Como é isso?

– É, então aí não, esse caso é só sotamente em verso. Um pro otro. Aquele que arriô porque não pode, perdeu, então aí aquele otro ganhou, é ... ele veio assim ... caso que deu empate então um faz festa pro otro (...) aquele que trovô mais, aquele ganhou, ganhou a batalha, compreende? E o falecido meu pai tem se encontrado com um, um aqui, eu me encontrei com otro aqui, ali adonde que eu quero falá voce sabe adonde? Mais ou meno (Estreito?) É, o Estreito, é. Ali houve o encontro, faz muitos ano, olha esse meu filho que tá com quarenta ano, o mais véio, ele era pequeno. (...) Então bem nós se encontremo e o capitão era um capitão véio, Pedro Leite, mentira minha, era otro, João Vieira e ele quando viu que o otro perdeu ele passô a mão na espada e veio, veio debatê comigo, falecido Pedro Leite, que era ele o capitão daqui dentro, era falado (...) ele tinha uma divisazinha, então ele era Capitão de Cacumbi, então ele veio pegá, pegô a discutí comigo e nós discutimo um bocado, assim em verso, né, pra lá e pra cá, ele pra lá eu pra cá; então no fim pegaro, os otros é que dissero: Cacumbi verde e branco ganhou. Nós tinha uma blusa dolme assim, a camisa de zuarte e carça branca e o otro lá, o otro perdeu e aquilo adepois deu uma briga. (...)

– Só tem o senhor agora, aqui?

– É, só eu. Não existe otro, aqui existia otro também, tal de Demétrio, foi-se embora pro Rio, não sei se é morto ou vivo, então a gente não tem com quem discutí ... (Só apresenta?) É, agora eu canto mas como queria que vem, por exemplo, otro

Cacumbi então eu já sei, eu mudo o cantar e tem otra que a gente que é Capitão de Cacumbi percisa conhecê o êrro donde tá, porque acontece assim, qué vê? tá um dançante meu, por exemplo... tem dez, cinco prum lado, cinco pra outro. Vamo supor, a fé da bandeira dá nove, os dois tambor dá onze, comigo dá doze, vamo supor. Então um marcha pra cá otro marcha pra lá e eu tenho de conhecê aquilo ali, aí passo a mão no braço dele: pára! Quando os otro vem pra cá eu empurro ele pra lá, sorto ele ... pra ele acertá o ponto, porque que ir vai um pra lá otro pra cá, pronto já ... tudo aí não dá mais certo, que um vai pra lá vai, otro vem pra cá, vem pra cá. E existe otra, como é que eu quero falá que isso já aparece pra essa parte. E essa parte que diz: "avoô uma ave daquela janela, era um papagaio da pena amarela", então, eu só cantei isso lá no, ali perto do ... justamente o correio, tinha uma senhora, umas professora de Rio, de São Paulo e elas inté ... muito interessante porque elas marchavo sem ninguém ensiná, elas marchavo tudo, tanto era marcha de fogo como era marcha lenta, elas dançavo tudo aquilo ali com nós ali. Aí ... e era um gravadô. Então aí perguntô: capitão! Eu disse: Senhora! que que há? - É a perna amarela? Eu disse: não! é a pena! - Mas um cantô perna amarela... Aí eu disse: quem foi que cantô perna amarela? Quem foi? Não contô, não me disse. Eu disse: não senhora, não bota, é pena, não é perna amarela, avoô uma ave daquela janela, era um papagaio da pena amarela, ela: não, cantaro a perna amarela, depois dali ficou, eu digo: óia, esse meu que cantô eu não posso adivinhá porque que ele cantô ele tá, disse: voces preste atenção que é que voces canto, porque despois que a gente não sabe o que é, como é que há? Então é assim porque um capitão tem que saber di ença (sic) ele sabe o que cantá e tem que sabê mais ou meno o que tá certo o que não tá, um tambor fora, um pandeiro fora, porque no meio daquilo que sái um pandero tocando

inrado tá tudo perdido, então percisa a pessoa que é o chefe conhecê. Rh! passá a mão numa espada lá lá lá lá, chega um lá: ói, aquilo ali eu já vi brincá,mas não é assim hem? porque eu digo porque ... não, não quero desfazê. Eu tive ali no Hospital Nereu Ramos, pediram pra ir lá fazê um ... foi ... aqueles doente, nós damo um carro essa coisa toda, não eu digo a gente vai alegrá os coitado que amanhã a gente é doente também e muito bem, aí nós fomo, então só tinha uma coisa: criança pequena não deixaro entrá lá, lá fora. Aí a irmã perguntou assim pra mim: o que é essa dança aí? eu disse: é isso, é uma dança religiosa pra Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, ela ficou meio assim aí esperou que é que eu cantasse, né? então eu cantei pra ela assim:

"Deus te salve casa santa
adonde Deus fez a morada
donde pára o cáliz bento
e a hóstia consagrada"

ela olhô pra mim... aí pedi licença pra chegá ... cantando ... aí eu puxei uma marcha de fogo

"Salve o dono da casa
que é da nossa brigação
salve o dono da casa
que é da nossa obrigação
nós vamo sarvá esse povo
tudo que é presente estou"

Aí ela ficou olhando assim ... olha, pra encurtá a conversa ela botô uma mesa de, não era cachaça, de ... (...) grosel, mas uma mesa pra nós, aí dali eu disse: agora vou visitá os doentes. Chegava naqueles quartos assim eu começava a dançá eles começava a chorá. Em lugar de eu dá oferta pra eles, eles vinha ... mas eu não quero não, aceite se você quizé aceitá. Eu disso: agora, irmã, a senhora dá licença de uma coisa. Aí ela disse: de quê?

- Eu vou lá na igreja. - Não, pode ir. Mas ela ficou um bocado perto de mim. Então nos entremo na igreja, porque no Hospital Nereu Ramos tem um quarto ali que tem uma capelinha, né? então a gente canta:

"Deus te salve casa santa
adonde Deus fez a morada
adonde pára o cálix bento
e a hóstia consagrada
Pecado que eu trago comigo
mas deixo no lado de fora
mas não me deixa eu i pidi
e pra lavrá de Deus agora"

Aí eu canto:

"Água benta expreciosa
e remissão dos meus pecado
mas que no dia de juízo
mas tudo serei perdoado
e óia aquele cruxofico

tem cruxofico lá, né?

E óia aquele cruxofico
mas gravado a dor naquela cruz
e eu entrei não riparei
mas perdôa ô meu Jesus"

Então aí os tamboro, só um tambor só que toca. Os prato, reco-reco, tudo debaxo do braço e a espada dentro do couro. Então a gente faz uma oração ali, que despois quando vem tá tudo pronto, a gente faz sinale, aí nós entramo de frente e viemo tudo de costa. Então a saída é essa: "Mas Deus te salva", comé? péra aí ...

"E gracis a Deus ouví missa
e gracis a Deus eu já disse

e vamo arrespondendo:

mas gracis a Deus vou me embora
gracis a Deus eu adora

todo mundo de costa:

essa missa nò céu foi dita
na terra representada
mas sinhô que tás no artá
morto fosse, vivo está
eu vou tumá sua benção
que o senhor me quero ir".

Lá na rua:

"Meia lua dentrô, ô meia lua fora
i eu e a fé da bandera vam embora"

Quando se vai numa igreja a gente canta isso, fora não, é só cantiga de dentro da igreja (...)

"O problema da criação de uma nova camada intelectual (...) consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual que existe em cada um em determinado grau de desenvolvimento, modificando sua relação com o esforço muscular-nervoso no sentido de um novo equilíbrio e conseguindo-se que o próprio esforço muscular-nervoso enquanto elemento de uma atividade prática geral, que inova continuamente o mundo físico e social, torne-se o fundamento de uma nova concepção de mundo".

Antonio Gramsci

IV - AS AGÊNCIAS EXTERNAS DE EDUCAÇÃO POPULAR

IV.1 - INTRODUÇÃO

Considero necessário, nesta etapa do estudo, apresentar algumas definições teóricas que aproximam o objeto estudado, com a finalidade de circunscrever o universo teórico a ser aprofundado neste capítulo.

Trata-se de uma educação popular. E o conceito trabalhado a coloca como "uma prática que lida, fundamentalmente,com o conhecimento"[1] e sendo popular, uma prática "na qual está sendo criado, transformado, desenvolvido ou, pelo contrário, destruído, (...) o conhecimento das camadas populares (e dos agentes)".[2]

Se acrescento ao conceito o peso que o conhecimento tem numa sociedade de classes, torna-se necessário destacar que, para as camadas populares, o peso político está na valorização e uso do seu conhecimento como instrumento de poder no processo de luta para a transformação da sociedade.

Nesta perspectiva, é de fundamental importância esclarecer como as agências que atuam no Morro participam do processo de transformação das camadas populares.

Assim, torna-se necessário penetrar no interior dos movimentos de educação popular para, nesta investida, conhecer-lhes a identidade própria. Ao serem retratados nas suas características, é inevitável, por imposição metodológica,recuperá-los nas suas relações com o todo social onde se dão.

---

[1] *COSTA, B. op. cit., p. 13*

[2] *Idem, p. 14*

Selecionei, como caminho provável para a tarefa proposta, a busca de dados que configuram os movimentos de educação popular, na tentativa de uma apropriação teórica no momento mesmo da práxis social. Nessa práxis, cada agência ou o movimento de educação que essa agência propicia, exerce uma ação concreta, uma prática que carrega uma teoria que, ao ser explicitada na prática estabelece uma relação teoria e prática que se apresenta como relação de reciprocidade.

Para o estudo em questão, apresento como postura teórica a convicção de que a gênese da teoria está na prática e é abstraindo dessa prática, no instante do afastamento necessário para pensá-la, que elaboro a teoria, para num outro momento voltar à prática para transformá-la.[3] Foi essa relação de reciprocidade que busquei ao estudar os movimentos de educação popular que as agências externas propiciam.

Assim, conhecer quem são, o que pretendem, o que fazem e como fazem, em si mesmos, entre si e na relação com a população envolvida, será o caminho a ser percorrido. E para segui-lo, considero que "todo o nosso conhecimento se baseia em dados fornecidos pelos sentidos" e utilizo-me também de Engels para responder ao agnosticismo contido no "como saber se os nossos sentidos nos transmitem as imagens exatas dos objetos percebidos por seu intermédio?" A resposta está no "mas, antes da argumentação está a ação".[4] "E a ação humana resolveu a dificul

---

[3] *Para aprofundar esta questão ver LUKÁCS, G. Estética, Vol. I, Ed. Grijalbo, Espanha, 197 e, ainda, cercar-se de cuidados para não cair numa relação mecanicista entre teoria e prática.*

[4] *"No princípio era a acção". Palavras de Goethe no "Fausto". - (N.R.) em Engels, F. Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico. Lisboa, Editorial Estampa, 2ª ed., Col. Teoria, Nº 6, 1974, p. 42.*

dade muito antes da sutileza humana a ter descoberto".[5]

IV.2 - O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO POPULAR - MEP

IV.2.1 - O QUE É NO MORRO

O Movimento de Educação Popular[6] é formado por elementos da "classe média"[7] envolvidos em atividades, selecionadas a partir do levantamento feito por integrantes do próprio movimento, sobre a situação de vida dos moradores e discussões posteriores,[8] bem como através da observação diária da vida no Morro. Esses elementos têm sua participação mediatizada pelo agente,[9] que os liga aos indivíduos ou grupos populares. Começaram a atuar no Morro por meio do agente que os buscava ou os aceitava, condicionando-os às necessidades dos trabalhos em andamento e às previsíveis. O contato entre o grupo "de fora" e a população local sempre esteve articulado pelo agente, que possui o conhecimento de quem vivencia o cotidiano dos moradores. Essa proximidade físico-social dá, ao agente, o destaque de quem tem a possibilidade de expressar um conhecimento vivenciado, o que lhe dá o poder de manejá-lo com legitimidade. Por outro lado, os moradores reconhecem esse poder: mas declarações colhidas,

---

[5] *Engels, F. op. cit., p. 18.*

[6] *Aqui considerando movimento toda "aquela mobilização em favor de programas especiais de educação" (PAIVA, 24).*

[7] *Refiro-me aos advogados, médicos, engenheiros, assistentes sociais, professores universitários e pedagogos, e ainda, donas-de-casa que atuam nas práticas locais ligadas ao MEP.*

[8] *Os dados referem-se ao levantamento sanitário-domiciliar onde foram colhidas informações sobre dados pessoais, composição e situação domiciliar, escolaridade, renda familiar, condições de moradia, abastecimento de água, esgoto e lixo, levantamento já citado.*

[9] *Trata-se de uma religiosa que reside no local desde agosto de 1979. Aluga um quarto, dividindo o barraco com duas famílias: cada família ocupa uma peça. Uma dessas famílias - negra, com três crianças pequenas - é fixa; a rotatividade da outra, porém, é uma constante.*

existe unanimidade em se posicionar favoráveis à sua presença no Morro. Os argumentos variam desde o "está muito bom, o que faz está bom, é uma pessoa maravilhosa" a posições como "é um líder, conquista as pessoas; até as pessoas mais velhas vão com o que ela diz. Ela explica, orienta como deve dizer. As pessoas não têm grande estudo"[10] e até o "parece que foi Deus que apareceu no Morro ... ela com todos os que acompanham ela. Digo que parece Deus e os seus anjos".[11] Há, também, o morador que simplesmente acredita, pois não esquece o que ouviu: "Você vai ficar ali. Daí ninguém vai lhe tirar".

Acredito que esse posicionamento deve-se à participação do agente em atividade que vem ao encontro das necessidades urgentes da vida diária dos moradores e à confiança conquistada pelas posições tomadas, bem como, é claro, pelo trabalho realizado.

Destaco que possui um campo relativamente amplo de possibilidade de ação: o trânsito de suas relações vai desde indivíduos e grupos que atuam em setores privilegiados da administração estadual e municipal, como da área privada e abrange organizações religiosas e político-partidárias, conseqüência de

---

10 *Esse morador acrescenta que o Morro melhorou muito com a chegada do agente: "começou pela nossa estrada; agora está uma limpeza. Eu varro na frente de minha casa, outro varre ... qualquer dia, todo o beco varre mais que os quintais".*

11 *Essa espécie de posição evoluiu para um trabalho participativo onde as decisões do agente já são questionadas. Cito o caso específico da mesma moradora que deu o depoimento acima: quando Germano Sprícigo foi cercar o terreno que disputa com ela na justiça, esta o enfrentou pedindo aos empregados daquele que não botassem o arame farpado ("tem que passar por dentro de minha barriga"). Na discussão, Germano, ameaçando-a com um moirão de cerca, machucou-lhe o braço. A moradora quis registrar o incidente na Delegacia de Polícia. O agente achou melhor não complicar. Hoje, essa senhora e outras moradoras acham que este fato, registrado como uma ocorrência, a beneficiaria, servindo como um atestado do "tipo de homem que ele é", e julga como incorreto o posicionamento assumido, naquela ocasião, pelo agente.*

um nome respeitado na sociedade florianopolitana. É inegável a presença de um certo carisma, acrescido de muito trabalho - prática que desenvolve cotidianamente, o que lhe facilita esse trânsito, caminho que coloca à disposição das necessidades e interesses das camadas populares, pautado pela resistência às condições encontradas e pela luta diária para a transformação desejada.

Os elementos "classe média" atuam no MEP como assessores no processo de transformação do Morro da Caixa d'Água. Essa assessoria porém, não se dá no plano das idéias, simplesmente , mas no trabalho com a população local, em torno de atividades concretas. Todavia, destaco que o início das discussões e decisões sobre as práticas político-educativas[12] deram-se na esfera agente e grupos populares que, nos primeiros momentos, se reuniam na "boca da rua" e, de preferência, na "boca da noite" , quando trocavam idéias sobre os assuntos.

O MEP nasce, então, de um trabalho que se manifesta em duas esferas de atuação, interligados entre si: de um lado, o grupo "classe média", que coloca seus conhecimentos e possibilidades a serviço da população, e do outro, os grupos populares que discutem e decidem sobre a problemática que se apresenta, articulados pelo agente que mediatiza o processo, realizando atividades nas duas esferas. A partir dessa divisão inicial, os dois grupos se articulam para, juntos, realizar a tarefa; a simbiose que se apresenta torna difícil, no desenrolar do processo, identificar a separação inicial. É de se registrar que, no andamento dos trabalhos, a relação indivíduos "classe média" ou indivíduos ou grupos de moradores evolui para uma relação direta, na

---

12 *No sentido em que a atividade educacional, enquanto prática social, é política. Cof. COSTA, Beatriz, ob. cit. pp.8 e 9.*

maioria dos casos, e, principalmente, nas atividades relacionadas com saúde e educação; porém, a presença do agente é sempre significativa.

IV.2.2 - A PROPOSTA: SEU SIGNIFICADO, A SUA RELAÇÃO INTERNA E A RELAÇÃO COM AS CAMADAS POPULARES

Para o agente , educação popular é "a educação do povo se fazendo funcionalmente, isto é, a partir das necessidades essenciais da aprendizagem, para viver (quase o contrário de educação institucional). O conteúdo da educação popular resulta da combinação das mais variadas atividades de casa, trabalho, saúde, doença, terra, mercado, lazer, etc. de forma organizada ou não".

Considera que é pela "conscientização que os homens tornam-se agentes de sua própria história e, conseqüentemente , responsáveis pela transformação que desejam"; assim, traduz conscientização como "uma inserção histórica. A capacidade que o homem tem de ser sujeito e como tal fazer e refazer a história. Ela é um processo. E é dialético. Ocorre em qualquer momento, mas sempre quando uma pessoa - sujeito (ou um grupo), assumindo a sua própria história e percebendo-o, se compromete com a dos outros (história)".

A iniciativa de trabalhar[13] no Morro surgiu da observação de "duas realidades, especialmente: a situação da terra e a situação da mulher". É convicto de que "quem percebe realida-

---

13 *O agente não considera o que faz como um trabalho, mas entende "como forma de viver - é para ser comunidade".*

des graves e é sujeito, deve inserir-se para refazê-la (conscientização)". A decisão de morar entre as pessoas com quem e para quem trabalha se condiciona ao fato de lhe parecer "a forma mais honesta de compromisso com o marginalizado social: - participar de sua vida, para organizar e refazer o processo histórico assim encaminhado".

Condiciona uma proposta de Educação Popular a algo em aberto, em constante movimento, pois "a cada momento ocorrem alterações, por ser um processo criativo; então, há sempre algo novo na mudança de hábitos, atitudes, troca de valores, etc".

Um dado interessante para se estudar o MEP quanto à sua proposta, é verificar como o próprio movimento a reflete na sua prática. Em discussões quanto à aparente desorganização do movimento, as opiniões se dividiram entre aquelas que consideravam desnecessário organizar o que na realidade se apresentava desordenadamente, ao menos na aparência, uma vez que se admitia, a priori, a existência de uma ordem própria, mas que o movimento ainda não havia conseguido detectar com clareza. Entre esses elementos, prevalecia a idéia de que o MEP deveria acompanhar o movimento da comunidade e, sendo este aparentemente desordenado e desconexo, não tinha como estabelecer um planejamento sem correr o risco de direcionar o processo. A opinião divergente, que se posicionava pela necessidade de uma organização interna, apresentava o argumento da necessidade de se possuir uma visão da totalidade do movimento, o que demandava uma organização. As opiniões convergiram para a possibilidade de uma ordenação de tarefas e o estabelecimento de prioridades, atentando para o caráter de instrumento flexível, restrito a uma orientação de trabalho. Realizada a ordenação das tarefas consideradas necessárias e estabelecidas as prioridades, constatou-se que as práticas realizadas pelo MEP naquela ocasião, aquelas apontadas pelo

levantamento das necessidades imediatas da população, como as detectadas pela vivência do agente e que diziam respeito a problemas ligados à posse da terra (processos de usucapião), à saúde e saneamento básico (construção de esgotos e organização de grupos de saúde), à alfabetização (tentativas de reestimular os alunos que não apareciam no curso do MOBRAL, averiguando as causas e procurando reintegrá-los), e reunião com os Comandos Sociais, foram realizadas normalmente. Outras tarefas consideradas necessárias pelo grupo mas sem uma discussão maior com os moradores, como organização de grupos de vizinhança, de mulheres, de casais, trabalho com empregadas domésticas, organização da documentação dos moradores, ordenadas, mas não consideradas prioritárias, não foram sequer colocadas em prática, pela inexistência de "espaço" entre os moradores. Também a prioridade para o MEP - término do levantamento da situação dos moradores, tabulação e análise dos dados e realização de um encontro prévio com os moradores para se estabelecer a postura que se deveria ter na reunião marcada pelos Comandos Sociais que haviam espalhado "mosquitinhos" - convites - pelo Morro foram realizadas com êxito.

Outro lado elucidativo da prática interna do MEP refere-se ao posicionamento quanto à postura política do movimento. A este respeito, o grupo é unânime em considerar que o posicionamento político estava presente nas decisões e ações oriundas da proposta do MEP, uma vez que o objetivo último era participar do processo de transformação do Morro, na mesma caminhada dos moradores.

Quanto à postura político-partidária, porém, o grupo divergiu: alguns elementos eram favoráveis a uma definição partidária, realizando, inclusive, atuações de militâncias, como inscrição em partidos e esclarecimentos de programas; outros

entendiam que o posicionamento partidário dos elementos do MEP contribuiria para uma divisão entre os moradores, enfraquecendo-os ainda mais. A posição de maior número de adeptos (postura política - não partidária) foi decidida pelo grupo do MEP da seguinte forma: os partidos políticos que se dispusessem a atuar no Morro, atendendo e respeitando os interesses dos moradores, teriam as portas abertas. Assim, os moradores poderiam familiarizar-se com as diferenças partidárias, na prática, o que lhes facilitaria a apreensão do programa partidário que melhor se identificasse com os seus interesses e, conseqüentemente, uma futura opção partidária. A dificuldade de um posicionamento inicial quanto à participação do partido da situação, uma vez que, estando no poder, tem maiores possibilidades de favorecer a melhoria do Morro e, não o fazendo, é conivente com a situação de pobreza e miséria, foi resolvida quando se optou pelo respeito às decisões da população também quanto a este item, uma vez que o MEP deveria ser coerente com os seus princípios.

- ARTICULAÇÕES

Para as abordagens da relação da proposta do MEP e as camadas populares, acredito ser elucidativo percorrer diferentes direções: uma, no que diz respeito à relação intermediada pelo agente do MOBRAL, também morador, mas com características diferentes do conjunto dos moradores, e a outra relacionada diretamente com os moradores.

Quanto à primeira, o modo como a proposta do MEP se relacionou com a população via agente do MOBRAL, esteve presente na participação direta de elementos do MEP na atuação da professora em relação ao curso. A constatação de que a proposta do

MOBRAL não se coadunava com a proposta do MEP levou os elementos do MEP a decidirem-se por uma interferência direta no processo mobralino: como resultado das reuniões com a professora e a participação de elementos do MEP auxiliando na alfabetização, foi observada uma mudança na relação professor X aluno, aluno e processo de aprendizagem, conteúdos selecionados para a alfabetização, relação professor - método de alfabetização, com saldos considerados positivos tanto pela professora como pelos alunos. A partir do instante em que esta interferência colocava diante da professora a possibilidade de uma ruptura com a linha do MOBRAL, a atitude da professora, identificada com os demais moradores, foi, apesar de momentânea, a de aceitar o seu desligamento do MOBRAL, mas como agente, contudo, foi retornar ao posicionamento da Instituição que representava.

Em virtude da possibilidade de ser criado um clima de maiores dificuldades para a professora, o MEP afastou, temporariamente, a sua interferência, limitando-se a auxiliar tecnicamente[14] no processo de aprendizagem conduzido pelo agente do MOBRAL, que reconheceu, no final do curso, a necessidade de mudança.

A proposta do MEP, confrontada com as condições de existência dos moradores, conduz a constatações como: são os próprios grupos populares, reunidos com o agente, que encaminham a ações consideradas necessárias para a transformação do Morro. Agrupados em torno de um problema, os moradores e o agente questionam, discutem, decidem e, quando consideram necessário, bus

---

14 *Refiro-me aqui, à tarefa de interpretar, para alunas, as solicitações da professora, bem como realizar, durante as aulas, exercícios com as alunas, ajudando-as a segurar o lápis, introduzindo elementos de ligação entre um conhecimento não adquirido e necessário para a compreensão do novo conhecimento, com base nos conhecimentos técnicos sobre estrutura cognitiva e transferência de aprendizagem (Vide* AUSUBEL, David P. *Psicologia Educativa, México, Ed. Trilhas, 1976.).*

cam esclarecimentos e auxílio dos demais elementos do MEP, que assessoram e/ou participam também como mão-de-obra necessária para a realização da decisão tomada.

IV.2.3 - AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA PROPOSTA E AS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO INTERIOR DO TRABALHO

O MEP desenvolve, como práticas educativas,[15] atividades[16] relacionadas a diferentes setores de atuação, ligadas aos problemas da terra, saúde, ensino, alimentação, formas de aquisição de fundos e outros.

- A TERRA

No que se refere ao trabalho com a terra, o MEP realizou a elaboração de um caderno sobre usucapião e diversos estudos em grupos em que participaram moradores, agente e advogados, sobre direitos à moradia e usucapião. A partir dos grupos de debates e reuniões com os advogados e moradores foram elaborados processos de usucapião e de escrituração: aqueles, para os moradores que, por lei, têm direito à terra e esses para os que possuem recibo de quitação da dívida ou do pagamento de prestações mas que, por circunstâncias adversas, como documentação retida em cartório motivada pela ausência do vendedor para as assinaturas finais ou pela venda da mesma terra para diversos compradores, não tiveram ainda uma definição legal. Como re-

---

15 *No sentido dado pela própria proposta, onde o conteúdo da Educação Popular - o que será elemento de discussão/realização, pensar/fazer, reflexão/ação - é o próprio trabalho em questão, mediatizado pela participação de pessoas pertencentes aos diferentes segmentos sociais em atuação.*

16 *Refiro-me, especificamente, às ações relacionadas com tarefas desenvolvidas para solução dos problemas encontrados.*

sultado também dos estudos e discussões, foram elaboradas ações de reintegração de posse, onde o autor é um comprador estranho ao local e os réus, moradores na mesma terra, num período de 20 a 50 anos.

Nessa questão sobre a terra, os advogados participam, também, da defesa dos moradores vítimas de ações de despejo.

A organização desse trabalho passa pela constatação do problema pelo agente ou a procura deste pelos moradores, bem como pela sua identificação na etapa de levantamento da situação geral (atividade já referida), responsável, em parte, pelo início da sistematização do trabalho do MEP.

Nessa atividade participam moradores diretamente envolvidos nos processo em tramitação, moradores que se solidarizam com a causa por considerá-la de todos - "causa do Morro" -, advogados na orientação, acompanhamento e defesa dos processos, engenheiros na elaboração dos mapas para os processos, contando com a participação de moradores e de outros elementos do MEP para medição da terra e levantamento de dados para a composição dos processos e agente que coordena todas as ações, desde reuniões, contatos com pessoas e órgãos direta e indiretamente envolvidos, além da montagem – escrita, composição e publicação – dos processos.

Paralelamente ao andamento das ações, em que os moradores participam em audiências como testemunhas ou como acompanhamentos solidários, existe o "grupo da terra" que se reúne semanalmente para reflexões e tomada de decisões. Este grupo é composto de moradores e agente e, eventualmente, participam os advogados e/ou outros elementos do MEP, quando solicitados pelo grupo constituído.

Relacionada, também, à questão da terra, a atividade de conquista e construção da Praça do Povo organizou-se de modo diferente: aqui, o trabalho foi, basicamente, decidido e realizado pelos grupos populares, contando com o apoio do agente e a solidariedade dos elementos do MEP. O local onde hoje é a praça foi cercado por empregados do autor dos processos de reintegração de posse e responsável pelas ordens de despejo dos moradores. A população, revoltada, uniu-se para protestar contra aquele ato, uma vez que se tratava de lugar de passagem pública e único pedaço de área verde do Morro. Incentivados pelos protestos de pais e adultos, as crianças e pré-adolescentes derrubaram a cerca e os populares tomaram a terra. Em seguida providenciaram a construção da Praça: os moradores que sabiam trabalhar com cimento e tijolo, e seus ajudantes, cercaram o local com tijolos baixos e levantaram bancos, enquanto outros moradores plantaram árvores e flores. Atualmente, é um espaço de encontros casuais e lazer, como também palco de reuniões para tratar de seus problemas e decidir sobre a vida da coletividade.

- A SAÚDE

Quanto ao trabalho com a saúde, as atividades direcionam-se para tarefas relacionadas com saúde preventiva e saúde curativa, centralizadas em torno do Posto de Saúde.

A própria criação do Postinho é de responsabilidade do MEP que, com um grupo de moradores, providenciou desde as instalações até a manutenção em termos de limpeza e aquisição de material e medicamentos.

É de se destacar que muito mais que um simples lugar onde se faz medicina curativa, o Postinho configura o primeiro espaço conquistado pelos moradores que se posicionaram favorá-

veis a sua criação, apontando como prioritário, discordando de membros do MEP que, na ocasião, consideravam secundária a sua constituição, uma vez que o tipo de trabalho a ser feito não necessitaria, obrigatoriamente, de um local selecionado. Respeitada a opinião dos moradores,[17] foram tomadas as providências necessárias.

Na escolha de local apropriado, o grupo de moradores participantes não aceitou o lugar disponível por considerá-lo um desprestígio para o Morro. Novas buscas foram realizadas, até que se concordou com o aluguel de uma parte de uma casa, tipo um andar de baixo, uma vez que a casa está construída sobre uma "peça" de alvenaria com duas divisões. Ali, enquanto os membros do MEP providenciaram o aluguel (quem paga, quem avaliza e quem aluga na imobiliária) e a manutenção (medicamentos e limpeza), os moradores realizaram a pintura e os consertos e, juntos, MEP e moradores, a instalação elétrica.

O trabalho encontra-se encabeçado pelos médicos do MEP no que se refere à medicina curativa, auxiliados por uma moradora que é enfermeira e que, além de atividades próprias da sua profissão, ajuda na elaboração do fichário de crianças e adultos. Os médicos, em número de dois, dividem o atendimento no Posto: um faz pediatria e o outro (a médica, ainda estudante dos últimos anos), atende os adultos. Os dias de atendimento são alternados, conseqüência da pequena capacidade das instalações e disponibilidade dos profissionais.

---

17 *Hoje, pode-se constatar que a razão estava com os moradores e o MEP, ao se colocar a serviço da comunidade, rompeu mais uma vez com as costumeiras imposições, pólo "natural" de poder, legitimando as decisões populares. O Postinho é sede não só de assuntos relativos à saúde, como é o espaço privilegiado para a maioria das questões do Morro, seguindo-se a Praça do Povo, a Pracinha, como é popularmente chamada.*

A medicina curativa, porém, extrapola os limites do Posto, através das visitas domiciliares, onde os médicos ampliam o atendimento aliando-se às atividades da medicina preventiva . Estas dizem respeito ao trabalho de eliminação de pulgas,[18] pediculose e escabiose,[19] cuidados com a água, atingindo as tarefas de coleta de lixo, construção de esgotos e banheiros e campanhas de vacinação de crianças e de animais domésticos.[20]

A construção da rede de esgoto é feita através de mutirão, onde a população participa com os instrumentos e a força de trabalho nos fins de semana e feriados e o material é solicitado aos órgãos públicos; quando esse é negado[21], utilizam-se formas alternativas para compra de material. O mesmo esquema é utilizado para a construção de fossas e sumidouros.

Quanto aos banheiros, o esquema anterior, de caráter socializante, uma vez que envolve diferentes grupos de diferentes idades, profissões e sexo[22] e diferentes classes sociais (MEP e moradores e diretores de alguns órgãos públicos), é alterado: a atividade se restringe e passa a ser realizada pelos moradores da casa e o agente com algum assessor do MEP, que pro

---

18 *O agente utilizou o saber popular difundido pelo Dr. Maldner, falecido em 1980: espalhar sal de cozinha pela casa, deixar algum tempo e depois varrer.*

19 *Sabão Joinville, foi a receita utilizada. Para as pessoas que apresentavam esta praga em estado avançado usou-se o mesmo "medicamento" e tratou-se das feridas com mercúrio-cromo.*

20 *Essa são realizadas junto ao Departamento Autônomo de Saúde Pública.*

21 *Numa ocasião, um diretor de um dos setores da Prefeitura Municipal indagou sobre o compromisso para com algum retorno ("qual a garantia que nos oferece?") para autorizar a utilização de manilhas para os esgotos. Diante de nem uma forma de comprometimento o material não foi autorizado e teve de ser comprado pelos moradores, auxiliados pelo fundo do MEP e cartão de crédito no nome do agente.*

22 *As mulheres participam fazendo a comida, quando é necessário, e providenciando água e café para o pessoal do mutirão.*

videnciam a garantia de um rancho mensal de gêneros alimentícios básicos, enquanto os donos da casa pagam as mensalidades do material de construção utilizando o cartão de crédito do agente e constróem o banheiro ajudados por mulher e filhos.

Os médicos montaram um esquema de encaminhamento ao Hospital Infantil e Pronto Socorro através do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social - INAMPS para os casos graves e prestam assessoria ao grupo de saúde formado por enfermeiras e práticas de enfermagem da comunidade e uma moradora que conhece plantas medicinais, planta e cuida de 12 tipos de chás para o tratamento caseiro.[23] Esse conhecimento é articulado ao conhecimento dito científico e os médicos incluem nas suas receitas os chás plantados no Morro.

- A EDUCAÇÃO

Quanto às atividades ligadas ao ensino ou à educação propriamente dita, essas se revestem de especificidades como educação de adultos e de crianças, diferentes do sistema regular de ensino.

A partir do acompanhamento e observação do trabalho de alfabetização do MOBRAL no Morro, o MEP optou por uma forma alternativa de alfabetização, considerando a possibilidade de

---

[23] *Os chás de D. Verônica, identificados por Dona Cota:*

01. Mançanilha	*- resfriado*
02. Arruda	*- recaída (queimadura com cachaça)*
03. Macela galega	*- barriga*
04. Cana-limão	*- gripe, coração, nervos*
05. Losna	*- cólica, congestão, fígado, estômago*
06. Malva	*- inflamação*
07. Rainha das ervas	*- qualquer coisa, (falta de menstruação)*
08. Alfazema	*- ?*
09. Caldo santo	*- levanto de sangue*
10. Boldo	*- estômago*
11. Gengibre	*- gripe, resfriado*
12. Laranjeira (folha, flor)	*- coração, nervos.*

se criar mecanismos mais adequados à realidade local.

De posse das informações tabuladas e analisadas no documento do MEP "Relatório sobre o Morro da Caixa d'Água" e das informações oriundas da própria prática do MEP, foram selecionados conteúdos ligados à história do Morro e sua gente, que constituem os conhecimentos iniciais a serem enriquecidos e completados no instante pedagógico, somados ao saber vivenciado na práxis social, configurada em torno do MEP e, portanto, pelos próprios moradores.

Tal encaminhamento metodológico parte de princípios que consideram como necessário pensar e fazer a educação a partir do homem concreto, historicamente situado. Assim é que o homem, na realidade em que se encontra, é considerado ponto de partida para a alfabetização.

Esse conteúdo, aliado ao conteúdo constituído a partir dos interesses imediatos do alfabetizando[24], gera o instante pedagógico propriamente dito propício ao aprendizado. A experiência iniciada demonstrou que o encaminhamento era correto, observando-se os resultados apresentados: em apenas uma aula de 2 horas de duração, as senhoras que nunca haviam trabalhado com letras conseguiram identificar e escrever seu nome. Isto proporcionou grande incentivo, motivo para querer seguir adiante. Essa vontade, porém, não possui, no momento atual, a força que garanta a criação do dinamismo necessário à continuidade desse processo de aprendizagem. Assim, questões ligadas à luta

---

[24] *Algumas senhoras querem, apenas, aprender a "fazer o nome". O procedimento metodológico escolhido considera necessário articular a história desse nome à própria história do Morro.*

pela sobrevivência[25] dificultam a participação contínua nas aulas de alfabetização.

O problema, aparentemente, reside na falta de tempo para a alfabetização durante o dia; em contrapartida, o MEP não dispõe de elementos para trabalhar à noite, período de preferência dos moradores. Porém, o aprofundamento desta questão conduziu para a percepção de que, na realidade, o que mais dificulta, traduzido sob a forma de luta pela sobrevivência, é o fato da experiência ser prematura para o momento histórico do processo de transformação do Morro.

Argumentos como "acho que ela (a alfabetização) pode vir ao fim de um processo que pode ser mais ou menos longo, o que faz desanimar aqueles que necessitam de resultados imediatos ..." , alfabetização deve ser parte integrante de um processo de tomada da palavra (...) não se deve ensinar as pessoas a ler e sim a escrever: escrever a própria história, comunicar a sua experiência, partilhar os próprios conhecimentos. Ser sujeito do processo. (...) o que acontece quase sempre: a pessoa aprende a ler e vai ler coisas que os outros escreveram. Às vezes com a melhor das intenções, o escrito foi feito para eles , especialmente. Mas o aprendizado só tem sentido quando as pessoas tomarem a si o desafio de aprender a escrever, porque precisam contar para os outros a própria experiência",[26] levaram

---

[25] *As mulheres precisam optar entre amassar o pão, passar a roupa, arrumar a casa, atender as crianças doentes, procurar o Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social - práticas mais importantes, no momento, para a vida do alfabetizando e da família - a sair de casa para aprender a ler e a escrever. Não ignoram o peso da alfabetização na nossa sociedade; porém, criaram mecanismos alternativos que lhes possibilitam viver numa sociedade letrada: conseguem distinguir o ônibus que precisam tomar, mesmo que existam outros da mesma Companhia, portanto, com caracteres semelhantes mas que se dirigem para locais diferentes; não conhecem número, mas são rápidas em contas de somar, diminuir e multiplicar. Fazem cálculos variados para corte e costura e sabem selecionar quantidades diferentes para o preparo da alimentação.*

[26] *Claudius Ceccon, correspondência, outubro/81.*

os elementos do MEP a interromper a atividade. Em contrapartida, paralelo ao desligamento temporário do trabalho com os adultos, surgiu, por imposição dos interessados, o trabalho com as crianças: essas conquistaram, paulatinamente mas sem vacilações, o espaço dos adultos.[27]

O MEP começou, então, a trabalhar com o grupo de crianças em torno de um projeto de arte infantil a partir do desenho livre. E o Posto de Saúde, cenário das aulas de alfabetização de um grupo de cinco adultos, nem sempre completo, na maioria das vezes trabalhando com uma ou duas pessoas, passou a ser freqüentado por um grupo de mais de 25 crianças, de 3 a 13 anos de idade. As instalações são pequenas e não são adequadas, mas as crianças criam condições de trabalho: sentam-se ou ajoelham-se no chão e desenham em cima dos bancos, pois a mesa só comporta 6 crianças. Nos dias de chuva é impraticável trabalhar no local, pois o atendimento médico funciona após as atividades artísticas.

O material de trabalho, papel e canetas, são conseguidos na UFSC via projeto de extensão universitária: o papel, basicamente folhas de computador inutilizadas e as canetas, hidrocor. Em virtude da impossibilidade de manter uma escola de

---

27 *Esta interrupção temporária da alfabetização com os adultos, contudo, encaminhou para o trabalho coletivo da criação de um método de alfabetização de adultos para o Morro: um grupo, composto por dois moradores analfabetos, dois alfabetizados, um artista - pintor, mais o primeiro morador do Morro, também analfabeto e um elemento do MEP, tomaram a tarefa de elaborar o material do método de alfabetização. Esses moradores (o mais antigo, o Capitão de Cacumbi, uma benzedeira, uma lavadeira, participante de diferentes frentes de luta no Morro e sua filha e o morador artista) participaram desde o levantamento da história do lugar - material inicialmente levantado por mim e que constitui parte do primeiro capítulo desse trabalho, devolvido para discussão e montagem da história que, uma vez gravada, serviu de indicativo para a criação dos desenhos que constituíram a série de slides para a seleção do conteúdo programático da alfabetização. Esses desenhos serão apenas indicativos, uma vez que serão os próprios analfabetos que indicarão o conteúdo no momento pedagógico, quero dizer, no instante mesmo do ato educativo.*

arte nos moldes convencionais, optou-se por: solicitar à Prefeitura Municipal a utilização de uma sala vaga da creche, construída recentemente, próxima ao Morro; solicitar o destacamento de um policial de trânsito para a travessia da avenida; aprender a técnica para fabricar papel, tinta e outros instrumentos necessários ao desenvolvimento da arte plástica; iniciar o trabalho de teatro de rua.

Na impossibilidade atual da Prefeitura ceder a sala, optou-se pela compra de um barraco, onde se possam desenvolver atividades do MEP que necessitam de espaço físico.

A organização dessa atividade passa, primeiro, pela decisão das crianças: elas querem desenhar. Nas 4ªs e 6ªs feiras, das 15 às 17:30 horas, o grupo organizado realiza suas tarefas, orientado , apenas, para a utilização comum do material,[28] o respeito pelo colega e o seu trabalho, portanto, a criação de um clima de harmonia propício à criatividade e ao companheirismo.[29]

---

[28] *Como o número de canetas é reduzido em comparação ao número de crianças, estas dividem material entre si, não conservando o que não usam no momento. As canetas que sobram são depositadas no lugar comum - em cima da mesa - e enquanto uma criança está usando a que a outra precisa, esta última aguarda pelo término do trabalho do companheiro.*

[29] *As atividades com as crianças foram interrompidas na semana do Natal de 1981, em virtude, principalmente, da inconveniência do trabalho infantil no mesmo ambiente de atendimento médico: essa inconveniência, apontada pelo agente do MEP, prendeu-se ao estado deplorável da sala do Postinho nos dias de chuva, quando 25 crianças, com a melhor das boas vontades, não tinham condições de não sujar de barro e lama um ambiente que, por princípios de saúde, exige limpeza. A higiene possível de ser realizada para a utilização imediata do local pelo médico não era satisfatória. Essas atividades de arte infantil, porém, permanecem latentes, na espera de serem criadas condições para a concretização da vontade das crianças.*

- A FEIRA LIVRE

O problema da alimentação é trabalhado, comunitariamente, através da atividade denominada Feira Livre. Trata-se do encontro entre os moradores do Morro e a comunidade rural de Sul do Rio, entre trabalhadores urbanos e pequenos produtores agrícolas.

A iniciativa partiu de um grupo de moradores do Morro reunidos com um grupo da comunidade rural, interligados pelos agentes locais.

Nos encontros, o grupo de agricultores informou sobre a produção de gêneros alimentícios e discutiram formas alternativas de estabelecer relações de interajuda. Decidiram, em conjunto, quanto ao tabelamento dos preços e as propostas de mecanismos de organização de compra e venda dos produtos.

A feira é realizada aos sábados, das 8 às 12 horas,no Morro da Caixa d'Água.

A primeira experiência trouxe resultados positivos , tanto para os pequenos agricultores como para os moradores.Aqueles, ao avaliarem, concluíram que se consideravam "pouco espertos" e que,no começo, estavam muito confusos, sem saber como se organizar na hora da venda. A confusão inicial foi contornada pelos moradores locais, que começaram a fazer fila. Os produtores venderam separadamente seus produtos e um vendedor perdeu Cr$ 200,00, quantia considerada irrisória, dada a grande confusão de mercadorias misturadas e a presença de pessoas com posições indefinidas no ato da venda.

Após a primeira experiência de Feira Livre, os moradores, do campo e da cidade, encontraram a primeira barreira na

busca de solução alternativa para o problema da alimentação: a Prefeitura Municipal de Florianópolis chamou os representantes das duas comunidades para colocar questões relativas à necessidade de seguir orientações oficiais, visando colocar a Feira Livre nos padrões do Feirão criado pela Prefeitura.

A transformação da Feira Livre em Feirão foi traduzida como o cadastramento dos agricultores, assim como o fato de estabelecer tabela de preços com intenção de controle dos preços, tirando a liberdade das comunidades decidirem, pois os agricultores sugerem preços através de seus representantes e os consumidores discutem, aprovando ou sugerindo alterações e, ainda, a vontade da Prefeitura controlar o ambiente, comportando-se como intermediária oficial, quando a pretensão é acabar com o intermediário, que encarece os preços.

Os representantes apresentaram, como contraproposta, a possibilidade de as comunidades mesmas se responsabilizarem pela Feira, observando e respeitando o fixado como normas pela Prefeitura. Propuseram a fiscalização da Prefeitura, deixando em aberto a possibilidade da Feira ser fechada, caso houvesse transgressão das normas.

Como os representantes da Prefeitura protelaram a decisão, os moradores do Morro e os agricultores, reunidos na casa de um agricultor, decidiram pela não aceitação das imposições oficiais para integrar o Projeto Feirão e pelo prosseguimento da Feira Livre, respeitando as normas vigentes. Com base na experiência da feira realizada e nas exigências da Prefeitura, estudaram e propuseram nova forma de organização: os moradores locais construiriam um posto de venda adequado em forma de retângulo aberto num dos lados para fechar com o caminhão; os gêneros seriam apresentados em comum, não se identificando na ho

ra da venda a quem pertencia, tarefa a ser realizada previamente, onde cada agricultor teria seu produto equiparado a produto idêntico e sairiam para a feira com papéis definidos quanto à ocupação dos três lados do posto de venda, cada qual ocupado por duas pessoas, uma para vender e a outra para anotar e cobrar.

Realizada a Feira Livre com essa forma de organização, na presença de fiscais da Prefeitura, o que se observou e os diretamente envolvidos avaliaram, foi uma grande festa: todos os produtos foram vendidos bem antes da hora do término da Feira e não se constatou nenhuma falta de dinheiro ou mercadoria . Porém, os agricultores encontraram problemas depois, resultantes da dificuldade para cálculos matemáticos mais complexos e da constatação de algumas perdas nos produtos de "quebra", como batata e tomate, dada a especificidade do produto. Conseqüentemente, mesmo considerando as vantagens na forma de organização adotada, os agricultores decidiram individualizar os produtos , voltando à forma de separação das mercadorias.

A terceira experiência, ainda acompanhada pelos fiscais da Prefeitura, trouxe resultados práticos para os agricultores, simplificando os cálculos matemáticos, mas apresentando dificuldades para os consumidores: a individualização dos produtos leva o comprador a enfrentar uma fila até o primeiro vendedor, devendo passar para o final da fila para compra de outro vendedor e assim sucessivamente. Essa forma de organização obriga o comprador a perder muito tempo em filas, sem garantia de que ao chegar a sua vez ainda tenha o produto desejado.

Esse tipo de Feira apresentou um fato importante: trata-se da ação mediatizada pelos moradores locais - os compradores - que, constatando as dificuldades dos agricultores, e de-

les mesmo, se dispuseram a ajudar nas contas ou na venda dos gêneros alimentícios. A relação entre moradores urbanos e moradores rurais - compradores e vendedores - propiciou um clima de muita vivacidade e alegria, onde todos participavam animadamente, quebrando a impaciência das pessoas que ficavam muito tempo nas filas.

De posse dos dados extraídos das experiências realizadas, os grupos de moradores e agricultores estudam propostas alternativas, buscando sempre melhores formas de organização da Feira Livre.

A ação da Prefeitura Municipal limita-se a receber o dinheiro dos agricultores no final da feira, tarefa realizada sistematicamente pelos fiscais, e a incluir a Feira Livre do Morro da Caixa d'Água na lista dos Feirões sempre que divulga notícias de suas atividades nas rádios locais.

- O POSTO DE VENDA

O MEP desenvolve, também, formas alternativas para aquisição de fundos. Como as doações de roupas e sapatos usados são práticas comuns no meio social florianopolitano, particularmente nas ocasiões de festa de fim de ano, o MEP criou o chamado Posto de Venda, transformando a ajuda em verdadeiro material de aquisição: as roupas e sapatos são recuperados e os de boas condições são vendidos a preços acessíveis.

Os moradores sabem que o dinheiro despendido nas compras do Posto reverterá em investimentos para o próprio Morro, transformando-se em benefício coletivo. Assim, o lucro resultante dessas vendas é aplicado na compra de material para saneamento básico e madeiras para recuperação de barracos e também já serviu de empréstimo para moradores em extrema dificuldade

financeira. Atualmente é utilizado para os gastos com o jornal da comunidade.

Seguindo orientação semelhante à das roupas, foram realizadas campanhas para aquisição de móveis e louças usadas.

O Posto de Venda é esporádico e participam moradores e elementos do MEP na organização e execução do evento.

- A ORGANIZAÇÃO QUE SE EXPLICITA

O MEP lançou a hipótese de criar uma Associação de Moradores que, além de outras atribuições, pudesse gerir o capital resultante do Posto de Vendas. A Associação de Moradores se apresentaria como a forma de organização dos moradores do Morro da Caixa d'Água. Todavia, a percepção de que a criação de cima para baixo de uma organização não se coaduna com os princípios norteadores do MEP e a constatação de que existe, no meio popular, uma forma organizativa, fizeram com que a forma existente, uma vez explicitada, fosse considerada a organização oficial dos moradores do Morro.

Até o presente momento consegui captar, através do MEP, que essa organização não é visível, na aparência, mas está presente em todas as ações desencadeadas, orgânica e coletivamente, entre os moradores: a prática social define os personagens que, organizados em torno daquela atividade, conduzem o processo. Agrupadas todas essas atividades visualizando o projeto mais amplo de transformação do Morro pode-se, então, constatar, na essência, a forma de organização existente. Percebe-se daí que ela é dinâmica, em constante movimento e condicionada, circunstancialmente, à prática desenvolvida. Seu tempo de vida limita-se ao tempo de vida da ação. Finalizada aquela atividade,

aquele ato e aqueles personagens, alteram sua feição para outro ato onde os personagens não serão necessariamente os mesmos, porém a forma organizativa permanece.

O aprofundamento dessa questão conduz à constatação de que não existe uma hierarquia rígida entre as pessoas agrupadas em torno de uma mesma ação: dependendo das circunstâncias em que se apresenta, o evento é liderado pelos moradores que, naquela ocasião, dispõem das condições possíveis para o desempenho necessário.

É sobre as bases teóricas desse tipo de organização do trabalho que as atividades do MEP estão sendo desenvolvidas.[30]

- RELATO DE UMA ASSEMBLÉIA DE MORADORES OU COMO SE MANIFESTA , NO CONCRETO, UMA PRÁTICA ORGANIZADA PELO MEP

NOTA PARA UM MELHOR ENTENDIMENTO

Como a pracinha - a Praça do Povo - constitui o espaço criado pelos moradores para a preservação da área verde e garantia de local de encontro e lazer, como sua própria origem simboliza a resistência na luta pela preservação do que consideram seu e pela transformação das condições existentes; o agente do MEP levantou a possibilidade do espaço ser utilizado para encontros sistemáticos dos moradores, em dias e horários adequados, para serem discutidos os problemas do Morro e mobilizar a

---

30 *Saliento que as atividades apresentadas não esgotam o trabalho realizado através do MEP no Morro da Caixa d'Água. A delimitação se impõe pela participação e acompanhamento desse processo, bem como pelo próprio período observado.*

tomada de decisões em conjunto. Optou-se pelos sábados à noite, uma vez que alguns grupos de pessoas já se reuniam à noite, durante a semana, em torno de práticas do MEP. A reunião, cognominada pelo agente como "assembléia dos moradores", primeira no gênero, deu-se a 12 de setembro de 1981. O motivo principal desta reunião foi a presença de dois moradores que participavam do Encontro de Comissões Eclesiais de Base (CEB), em Chapecó, oeste catarinense.

O RELATO

Às 19:00 horas, horário combinado para início da "assembléia", apenas seis moradores chegam à praça: destes, dois são os relatores. Juntam-se a eles e ao agente do MEP um assessor e um casal de agentes da comunidade rural do Sul do Rio, convidados a participar do encontro.

No intervalo das 19:00 às 20:30 horas, algumas pessoas, notadamente rapazes e homens, circulam pelo local e quando interrogados pelo agente do MEP, prometem presença e passam. Aos poucos, porém, começam a chegar e ficar: no final 16 pessoas agrupadas em torno do agente do MEP, sentados nos bancos e no chão. Poucas mulheres. Um grupinho de adolescentes, meninas e rapazes, reúnem-se perto do grupo em assembléia: parecem que acompanham os adultos, mas formam grupo à parte, não havendo ligação entre os dois grupos, a não ser nos momentos em que o agente e alguns moradores em assembléia solicitam menos barulho do grupo de jovens.

O agente inicia formalmente a assembléia, explicando o motivo do encontro: a partir desse momento é que as pessoas que se encontram um pouco distanciadas começam a se aproximar e a ouvir. O primeiro relator expõe os acontecimentos durante o

Encontro de Chapecó, voltando-se constantemente para o agente. Quando encerra, dirige-se ao agente, que passa a palavra para o outro participante do Encontro. Este, a partir das conclusões sobre a necessidade de união entre os moradores, "porque eles são poucos e nós, todos juntos, somos muitos" e destacando várias vezes a frase invertida "a força faz a união", começa a levantar os problemas de terra do Morro provocando a participação das demais pessoas presentes que, quando intervêm, dirigem-se ao agente. Esse, por sua vez, tem o cuidado de não centralizar o assunto, devolvendo-o aos participantes. Há momentos em que muitos falam ao mesmo tempo, o que leva o agente a coordenar a assembléia.

Durante o debate, os moradores mesmos apontam a necessidade de se informarem melhor sobre o que está ocorrendo no Morro, pois somente as pessoas que participam diretamente dos eventos é que sabem dos acontecimentos.

Apesar de esperar que o agente conduza a reunião, as pessoas participam com muita espontaneidade, até mesmo nos momentos em que divergem. O agente, por sua vez, apesar de procurar não centralizar a discussão, constantemente solicita conclusões: destas, ganha destaque a idéia de que, para reunir o povo na praça, é necessário tratar de assuntos que interessam a todos e para chamá-los à discussão o melhor será atraí-los com uma festa onde se apresente o boi-de-mamão ou o cacumbi e a partir da festa, então, envolver os moradores na assembléia. Concluem que estão unidos, mas que falta "movimentar melhor" para que todos participem. Organizam, também por solicitação do agente, a pauta para o próximo encontro: 1º) relato dos acontecimentos da semana, 2º) organização da audiência no Tribunal de Justiça para tratar do caso de Dona Hermínia e Seu Jonas que moram no terreno de Dona Cota e foram intimados pelo advogado

do Germano para responder sobre a casa construída no terreno que diz ser de sua propriedade, mas que Dona Cota já entrou com processo de usucapião; 3º) cacumbi ou boi-de-mamão para mobilizar as pessoas.

IV.3 - O MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO

IV.3.1 - O QUE É O MOBRAL NO MORRO DA CAIXA D'ÁGUA

Organizado "pela professora mesmo arrumando alunos por intermédio do padre que mandou publicar o convite na Igreja", o MOBRAL realizou dois cursos de alfabetização, durante os anos 1979 e 1980.

O curso de alfabetização do MOBRAL [31] pode ser visualizado a partir dos dados quantitativos que se seguem:

No primeiro ano de funcionamento a matrícula inicial foi de 20 alunos; destes, 15 concluíram o ano letivo e 10 se formaram, recebendo o Certificado. Dos 5 reprovados, 3 matricularam-se novamente nas turmas de 1980. Nestas, a matrícula inicial foi de 36 alunos, distribuídos em turma vespertina com 21 alunos e noturna com 15 alunos. Chegaram ao final do curso: 5 na turma de 21 alunos e 9 na turma noturna.

É necessário lembrar que de um total de aproximadamente 1041 pessoas 127 são analfabetas e destacar que do total de analfabetos apenas 24 alunos receberam o certificado de conclusão do curso do MOBRAL, em dois anos de atuação.

---

[31] *De abril a julho de 1980, assisti às aulas da turma da tarde formada por donas-de-casa e faxineiras, observando e participando de todas as atividades. Por isso, as informações pedagógicas acerca do MOBRAL no Morro partem, basicamente, desta classe.*

Dos contatos estabelecidos para averiguar as causas do número reduzido de alunos alfabetizados, ficou evidenciado o desconhecimento da professora que, quando muito, as atribui ao desinteresse dos moradores em aprender a ler e escrever.

Com relação à turma observada, as desistências e a freqüência irregular foram atribuídas, pelas alunas, a problemas de saúde na família e à mudança de horário das faxinas ou mesmo troca de emprego. A professora explica através de frases do gênero "moradores do bairro da preguiça".

É de se destacar o empenho da professora nas diversas tentativas de incentivar os alunos ao retorno às aulas, incentivo traduzido em visitas domiciliares aos faltosos e prêmios - lápis e cadernos - aos assíduos.

As aulas foram freqüentadas numa classe que funcionou junto ao barracão da Igreja local. A sala, localizada nos fundos do barracão de madeira, não apresentava condições de trabalho; a disposição das janelas e da porta dificultava a ventilação e impedia a iluminação. Foram necessárias quatro mudanças completas da disposição das carteiras, quadro-negro e lâmpadas na busca de condições mínimas de visibilidade. Mesmo a melhor disposição encontrada não impediu queixas das alunas de que não conseguiam enxergar as palavras no quadro, sem constantes movimentos. Nos dias de frio, necessitava-se fechar todas as aberturas e acender as luzes, cujo foco incidia sobre o quadro, dificultando a visibilidade, e nos dias quentes, eram as janelas abertas que dificultavam a leitura no quadro-negro. Nos dias quentes, a sala era abafada e nos dias frios e chuvosos as reclamações eram quanto ao vento que entrava pelas frestas das paredes e do teto. As carteiras eram as usadas antigamente nas escolas primárias: dois adultos não se acomodavam direito para es-

crever, o que aumentava a dificuldade natural para a escrita , pois a posição dos cadernos, dos braços e a colocação incômoda do corpo cansavam-nos rapidamente.

IV.3.2 - A PROPOSTA E A RELAÇÃO AGENTES E CAMADAS POPULARES QUANTO À PROPOSTA

A proposta pode ser buscada nos documentos do MOBRAL, divulgados desde a sua criação, em 1967, passando pelos inúmeros estudos realizados. Porém, por força do encaminhamento metodológico escolhido, é no ato do "fazer pedagógico" do MOBRAL, no próprio espaço de atuação que a proposta é extraída: é ali, no dia-a-dia da classe do MOBRAL, representada não só no ritual pedagógico vivenciado por professor e aluno e detectada pela observação direta, mas, também, pelo depoimento de seus agentes, que se pode extrair a elaboração teórica que se interliga à prática.

Nesse sentido, saber o que pensa e o que faz o agente do MOBRAL[32] e como se dão as relações pedagógicas e sociais numa classe de alfabetização parece ser o parâmetro correto para detectar a proposta do MOBRAL no Morro da Caixa d'Água; não a proposta em abstrato, mas a proposta teórica em ação, no concreto da práxis.

---

[32] *Trata-se de uma professora várias vezes premiada, no oeste catarinense, com menção honrosa de melhor alfabetizadora do Estado, e, na ocasião, moradora do local.*

Para o agente o objetivo do MOBRAL é alfabetizar.[33] Os conteúdos "vêm por meio de cartazes e da lição. Daí é que vem o plano de aula, cartazes e manual do professor".

Os professores são preparados em cursos de três dias, realimentados mensalmente, através de visitas, e os cadernos dos alunos são recolhidos para verificação do nível do professor.[34]

Para o agente, "no curso deles dão todas as instruções que a gente necessita, mas como eles querem. Ensinam a gente a avaliar o aluno: ver se ele está aprendendo, acompanhando ou não". Considera o método de alfabetização muito difícil para a leitura, por isto acha que "tem que mudar um pouco o jeito de dar a lição".

É de opinião que soletrar é mais fácil "porque as alunas ficam conhecendo as letras, mas eles (o MOBRAL) não querem que soletrem"; prefere"fazer como eles dizem, para não ter problemas".

O agente não sabe que interesse o governo tem em fa-

---

[33] *Traçando um paralelo entre o que pensa a professora e o que dizem os documentos, constata-se a distância entre a proposta de alfabetizar somente e a proposta de "Alfabetização Funcional", e, dos demais Programas ("Educação Integrada", "MOBRAL Cultural" "Educação Comunitária para a Saúde", "Profissionalização", "Diversificado da Ação Comunitária" e "Autodidatismo") propostos a nível de Coordenação Geral do Movimento, diria, parafraseando Arlindo Lopes Corrêa que a "bactéria anaeróbia" do MOBRAL local sofre dos males que dificultam e até impedem sua sobrevivência. (Cf. Corrêa, A.L., editor, Educação de massas e ação comunitária, MOBRAL, AGGS, Rio de Janeiro, 1979). Ver, também, o excelente trabalho de Gilberto Martino Jannuzzi, já citado, principalmente das páginas 49 até 67, onde disseca os caminhos intrínsecos da documentação acima citada.*

[34] *As visitas mensais da professora durante o período de observação das aulas - abril/julho 80 - tinham preocupações salariais e a Supervisora de Área compareceu uma vez na casa da professora, durante o período de aula, não se dirigindo à classe. As informações sobre a formação do professor dada pelo agente conferem com as informações colhidas junto à Supervisão de Área.*

zer o MOBRAL: "talvez eles procuram melhorar a vida das pessoas ou é interesse deles próprios".

Além da proposta de alfabetizar com conteúdos oriundos de cartazes e lições elaborados distantes do meio em que atuará, o MOBRAL, como instituição, apresenta-se com uma face bastante estranha para os alfabetizandos, que não o identificam na figura da professora.

Sua participação no trabalho prende-se ao gosto pela alfabetização e porque se "sentia um pouco culpada": "tinha mãe analfabeta, era de posse, rica, mas ficou pobre porque não sabia ler e escrever". Acha que a alfabetização faz "um bem para as outras pessoas e para mim também, porque o que sei eu posso transmitir ao próximo. Até onde sei, eu transmito". Porém, é de opinião que a aprendizagem da leitura e da escrita não altera a vida das pessoas: "não muda, não fica diferente; as pessoas ficam a mesma coisa".

Também não observou nenhuma alteração no modo de viver das pessoas que alfabetizou: "ficaram na mesma casa e no mesmo emprego. Não mudaram como pessoas, ficaram as mesmas.Eram analfabetos mas eram expressivos, não eram humildes, não ficavam retraídos. Não são tímidas, sabem se expressar".

A proposta de alfabetizar, analisada sob a ótica dos alfabetizandos, direciona-se diferentemente da análise do agente, desde as expectativas até as conseqüências detectadas durante o processo em curso: as expectativas, quanto à proposta, vão desde o "aprender ao menos o nome para quando precisar assinar não passar vergonha" até a possibilidade de "pegar um servicinho melhor, não precisar trabalhar nos sábados e domingos, poder descansar"; da faxina poderiam passar para serventes, que precisa fazer um teste: "se não sabe escrever, não sabe nada".

Exceto uma aluna que acha que o que aprendeu "não mudou nada, continua a mesma coisa - trabalho em casa, faço o serviço igual", as demais entrevistadas são de opinião que a escola mudou alguma coisa em sua vida: "a pessoa muda quando aprende uma coisa, porque a gente se sente mais livre. Antes, só ficava em casa, agora, a gente vem aqui, conversa com as pessoas, se sente até melhor. Até dor de cabeça passa. O dia fica todo ocupado, é melhor; antes, só pensava besteira - coisa boa para ser realizada e nunca dava certo - ocupado não dá tempo para pensar".

Se as expectativas variam desde a vergonha de não saber assinar o nome, passando pelo medo de "dar uma errada na rua" até a esperança de "subir mais um degrauzinho" com a perspectiva de um emprego melhor e a constatação de mudanças como conseqüência do ato de aprender vão desde a negativa até a confirmação de alterações importantes no dia-a-dia das pessoas, existe unanimidade quanto ao que pensam sobre uma pessoa que não sabe ler e escrever: "não enxerga, é igual a cego, é uma pessoa sem destino".

IV.3.3 - AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA PROPOSTA E AS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO INTERNA DO TRABALHO

O MOBRAL realiza, como ação desencadeada para concretização da proposta apresentada, a atividade da sala de aula, que qualifico como o ritual pedagógico[35] da alfabetização de adultos.

---

[35] *Nos termos trabalhados por C.R.Jamil Cury, em "Categorias possíves para uma aproximação do fenômeno educativo", já citado, na página 125.*

O ritual pedagógico, constatado através da descrição das aulas observadas e relatadas, reflete, na sua plenitude, a participação do MOBRAL na comunidade. Daí que o dado concreto apresentado responde por si mesmo à expectativa e à explicação teórica buscada.

Destaco, através do relato dos rituais, a presença dos diferentes personagens: o professor, os alunos, o observador participante, os visitantes, os conteúdos, enfim, a cena pedagógica montada e em ação.

Ao percorrer este trajeto deparamo-nos, no momento mesmo da ação, com o desencadear do fio condutor do processo : ora o fiel da balança pende para o lado do agente, ora é deslocado para os alunos e, em determinado momento, o fiel bate no ritmo de harmonia entre as duas partes que, na maioria das vezes, são antagônicas e conflitantes.

DIA 16/04/80

CURSO DE ALFABETIZAÇÃO

Foi montado o curso do MOBRAL. Justificativas: a professora conhece o método, é do local, o Padre permite a utilização da sala junto à Igreja, é uma possibilidade de se começar. A professora tem bom conceito junto à administração local, goza da reputação de ensinar bem.

O curso começa com a professora falando: ao distribuir o material - livros, cadernos, lápis -, reforça que o MOBRAL começa dando presentes. Anuncia que a quem não faltar o MOBRAL dá prêmio. O cartaz sobre a comida aparece por engano. Imediatamente, a professora troca: isto não é agora. Apresenta o cartaz do tijolo. Diz que vão explorar o cartaz.

Pergunta: o que vocês estão vendo? Um tijolo.

- Vocês conhecem deste tijolo?

- Deste tipo aí, não.

- Deste tipo vocês não conhecem. Vocês conhecem do outro tipo.

Passa para a apresentação das pessoas. Para que todas se conheçam. Feitas as apresentações, retorna ao cartaz. Fala sobre o assunto. Discorre sobre como é fabricado o tijolo. Apresenta a palavra TIJOLO sob a gravura. Lê. Apresenta o cartaz com a "família" da palavra. Faz a leitura da "família". Repete. Depois, pergunta quantas vezes abre a boca para dizer a palavra , são as vezes que separa a palavra. Escreve no quadro as sílabas da palavra. Faz a leitura. Diz para ler com ela: as alunas lêem em conjunto. Repetem. Manda ler individualmente. A professora fala, a aluna repete, olhando para as palavras. Forma palavras com a "família". No final, uma frase: "eu já leio".

São 15 mulheres. Uma mãe trouxe a filha de 6 meses . A professora comanda a aula. As alunas, silenciosas,acompanham. As que têm noção de leitura adiantam-se. Respondem, geralmente, com monossílabos. Palavras como jiló, que aparece na lição do MOBRAL, não são do conhecimento das alunas e nem da professora.

DIA 18/04/80

CURSO DE ALFABETIZAÇÃO

O agente do Movimento de Educação Popular está presente no início da aula. Ao ser chamada de DONA pergunta porque a tratam assim. Respondem que é da educação da gente chamar as outras de dona.

- Mas eu não chamo vocês de dona. Então eu não tenho educação? (Silêncio, certo constrangimento.) E vocês, se chamam

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

de "dona"?

- As vizinhas não.

- Então por que não me tratam por "tu"?

Risos.

- Por vergonha, não tenho coragem.

- Por sinal de respeito.

Agente: e eu não tenho respeito quando te chamo de "tu"?

- É a educação que a gente tem e não deixa.

(A professora também não tem coragem de tratá-la por tu, apesar de conhecê-la há mais tempo. Muitas moradoras também a conhecem.)

Num intervalo da aula, enquanto a turma se reunia em pequenos grupos, encontramo-nos no salão da igreja o agente do MEP, a colega que faz o levantamento e também participa da alfabetização, a professora e eu. A professora justificou que trata por "dona" porque ela sabe mais, é melhor do que ela, que só dá aula pelo MOBRAL é conhece pouca coisa. Que nós, que sabemos mais, merecemos respeito. Quem tem mais estudo, sabe mais.

O agente do MEP explicou que não é nada disso. Apresentou pontos contrários a esta percepção. Levou-a a admitir que este raciocínio não era correto.

Argumentou que fez aquela "tempestade cerebral" para abalar as estruturas, que eram estruturas impostas.

A aula:

À pergunta da professora sobre a ausência de uma aluna, menina, filha de uma senhora que está no curso, iniciou-se uma discussão entre as alunas. A mãe defendeu a filha, argumentando que era motivo de gozação por parte de outras meninas. Estas outras foram identificadas como sendo filhas de mulheres que foram ofendidas pela menina, que riu delas porque não sabiam nada. Desta briga de vizinhas ficou claro que as mulheres que

não sabem ler sentem-se ofendidas pela presença das que sabem - depoimento dessas senhoras, que são irmãs e estão sempre juntas. (Realmente, são de difícil aprendizagem e têm dificuldades maiores que as outras, dentro deste método de aprendizagem, que mais dificulta que facilita.)

Intervenção da professora: o governo ajuda para vir estudar. Aqui, é para quem não sabe. Todos aqui são amigos, ninguém ensina, todos aprendem. Imediatamente começa a ensinar.

Apresenta a "família" da aula passada de modo diferente. Na leitura com a turma, aparece uma última sílaba que não está na lição escrita no quadro, evidenciando a memorização sem reflexão e compreensão das palavras estudadas.

As alunas são chamadas a ir ao quadro. A professora anuncia que é uma aula diferente. Há um misto de inibição e emoção. A função da ida ao quadro é colocada pela professora como facilitadora da escrita. O ensino das letras é lento para as pessoas que nunca escreveram. Dizem que sentem a mão pesada, os dedos duros.

A professora pede uma salva de palmas para as alunas que vão ao quadro.

Leitura das palavras.

Intervenção da professora: cada um tem o direito de errar.

Marcar a palavra no quadro.

Formar frase. Escrever no quadro.

Contar alguma coisa que aconteceu. Anuncia que as alunas deverão contar um acontecimento.

Pequena pausa para terminarem a cópia do quadro.

A professora coloca o assunto: acidente do avião da Transbrasil, ocorrido dias antes. Divide a turma em 3 grupos, manda discutir o assunto por grupo e pede um relato do que foi discutido.

Do relato: todas sentem-se tristes, com muita pena. Rezaram para que as famílias se conformassem. Depoimento de uma alfabetizanda: tristeza ir passear de avião e morrer. Sentiu muito porque "são iguais à gente".

Finalidade da discussão, para a professora: unir as pessoas, para que fiquem amigas.

A aluna-mãe que trouxe a filha pequena não apareceu.

DIA 22/04/80

CURSO DE ALFABETIZAÇÃO

Lição sobre a comida.

A professora apresenta o cartaz: um prato de feijão, arroz, carne, abóbora e aipim. Pergunta o que acham que é. Se comer bem é se alimentar bastante.

Como é que se deve alimentar? Responde que se deve comer também frutas e verduras. Enumera variedade de frutas e de verduras. Esgotando o assunto, pergunta o que gostam de comer: pirão de farinha de mandioca e peixe. A carne é muito cara. O ovo também. Uma aluna observa que o ovo subiu e diminuiu - a sala acha graça e concorda.

A professora pergunta se as crianças bem pequenas e os velhos podem comer de tudo. Respondem que até um ano não, nem os velhos. Depois de ensinar que se deve aproveitar a água dos legumes cozidos para fazer pirão, a professora "ensina" receitas de alimentos de baixo custo: bife de fígado, miolo, rim, coração, língua. As alunas trocam receitas entre si.

A professora precisou se ausentar por momentos: um grupo de alunas, incentivadas por nós, calcula o quanto se necessita ganhar para poder comer, todos os dias, a alimentação apresentada no cartaz. Concluem que precisam ganhar 12 vezes

mais do que dispõem.

A professora retorna dizendo que gostaria de fazer outras coisas, mas o programa manda falar, ela tem que ensinar.

Bate no assunto da comida: come carne todos os dias ? Respondem que não gostam, que está muito caro. Ensina a plantar verduras, fazer horta, plantar temperos. As alunas levantam o problema do terreno pequeno, da proximidade da horta com a fossa.

Faz a leitura do cartaz da "família" da comida. Após repetição da leitura, manda fazer palavras com "L": ao aparecimento da palavra "luta" fala "luta não, luto".

DIA 23/04/80

Inicia a aula com a professora separando de um lado os melhores, para fazer ditado, e do outro, os que não sabem, para copiar do quadro. À chegada tardia de uma aluna que se senta ao lado das melhores, a professora observa: "tenho certeza de que a senhora não sabe; então a senhora senta lá". (A distância entre o que sabe e o que não sabe é muito reforçada pela professora.)

As aulas passam-se em silêncio. A participação só se dá quando solicitada e de modo bastante tímido. As alunas mostram-me seus cadernos para terem a certeza de que estão fazendo certo.

Uma mãe jovem, com a filha de 6 meses, apresenta-se querendo estudar, mas terá que trazer a criança. A professora consente e matricula. Incentiva bastante.

DIA 25/04/80

CURSO DE ALFABETIZAÇÃO

Antes de começar a aula perguntei às alunas que se encontravam perto o que fariam quando aprendessem a ler e escrever: responderam que procurariam um serviço melhor, como secretária, que estudariam datilografia. Uma aluna casada disse que não sabia, achava que iria ler revista, sem precisar que lessem para ela.

(12 alunas, todas se sentam no mesmo lugar que a professora mandou na aula anterior, menos uma aluna, justamente a que queria sentar no lado das "fortes".)

Observando a ausência de uma determinada aluna, a professora comentou para a turma que ela deveria ter vindo, porque está muito "fraca".

Como entregou os cadernos que havia recolhido para corrigir em casa, falou que botou "Bom" para animar, porque se botasse um regular, elas não iriam gostar.

Paralelamente a esta situação, uma aluna-mãe fala sobre a doença de um de seus filhos, de 2 anos, que tem bronquite asmática. Já esteve internado no hospital seis vezes, leva-o quase morto. Apresenta-se apreensiva, nervosa, emocionada, demonstra uma dor profunda. Muito triste. Diz que já fez até simpatia, mas que não adiantou. O Hospital Infantil não fica mais com ele, mandam para o Hospital Celso Ramos. Já ficou até trinta dias internado; desta vez ficou dez dias sem vê-lo: o hospital não permitiu a entrada dela. Diz que chora muito. Está vivendo com outro homem, tem três filhos, está feliz com este 2º marido. Com o outro viveu dez anos: vivia puxando encrenca, muita confusão. Teve que entregar os outros três filhos para o pai das crianças. Vive com muita dificuldade, mas está feliz. Acha

que o marido também está contente. Estão para fazer o desquite do casamento anterior, vão arrumar advogado.

A aula continua com formação de palavras - mala, mico, dedal; a professora pergunta se com tal "família" mais outra "família" escreve alguma coisa, a aluna responde que "escreve, né, mas não sei", numa demonstração de que ela não sabe,mas se a professora diz está certo. Aparecem palavras que significam nomes de pessoa, como Dito, e não é explicado que se escreve com maiúscula por ser nome próprio, palavras como leme, cujo significado é desconhecido. Interferimos lembrando a professora sobre a letra maiúscula e levantando debates sobre palavras desconhecidas.

A professora manda as alunas no quadro para apagar o que "tem demais".

Do lado dito "fraco" a reação dá-se em três momentos: 1º, levanta; 2º, titubeia; 3º, incentivada, vai com desconfiança.

De modo geral, as alunas escrevem caladas, copiando.

Chegam mais três alunas. Uma pede desculpas à professora por ter faltado dois dias. Justifica-se dizendo que não pôde vir.

A professora manda escrever no quadro as palavras que aprenderam.

Nota-se um grande esforço das alunas, muita dúvida , não sabem se estão acertando; quando ouvem que está certo,ficam contentes.

A professora faz um comentário sobre o cunhado de uma aluna que está na turma da noite. Nesta turma tem mais homens , poucas mulheres. São considerados mais fortes pela professora.

Entre as chamadas "fortes" o fato de errar provoca um riso amistoso. O mesmo não se dá com as demais. A professora diz, ao se referir a estas, que "quer ver aquela turminha do ou-

tro lado".

A "turminha" concentra-se muito. Não quer ir ao quadro.

Só as pessoas que se sentem seguras - as que a professora explicitou que estão adiantadas - é que vão ao quadro.

A primeira participação da "turminha": aluna que faltou 2 aulas e, portanto, não participou da divisão da classe. Escreveu "livro"; a professora disse que não podia escrever, porque ainda não tinha ensinado. Explicou que esta senhora já está semi-alfabetizada. A outra, que também faltou, escreveu Eu. Não foi tomado conhecimento pela professora.

A freqüência das "adiantadas" ao quadro é maciça.

Das "atrasadas", uma aluna escreve "tato"; considerado errado pela professora, conserta para "teto". Perguntei à aluna o que era tato; disse que era o que tem problema na língua: então, é palavra correta.

O cartaz de comida está exposto na parede da sala: algumas olham, riem, dizem que estão com fome. (Foi comentado fora da classe que aquela aula deu fome. Fazia tempo que não viam uma carne "daquela". Um rapaz, à noite, disse que "deu uma fome" que o estômago foi até o espinhaço e voltou.)

A professora explicou à turma que vai separar os fortes para a aula da noite e na turma da tarde ficarão só os fracos.

(Observação à parte: preocupada, a professora aproximou-se para ver o que eu escrevia. Disse-lhe que era o material de pesquisa e que depois montaria entrevistas, que ela também seria entrevistada. Demonstra desconfiança.)

DIA 28/04/80

AULA DE ALFABETIZAÇÃO

Antes de começar a aula estivemos reunidas com o agente do MEP, a professora e nós, consideradas por ela como suas ajudantes. A professora está convencida de que existe uma relação entre forte-melhor (sabe - conhece) e o contrário disso é ser fraco. Apresentamos argumentos para uma discussão, que levasse a desconfiar da relação direta - causa/efeito - que apresentava.

Um cartaz sobre o povo é apresentado. À pergunta sobre o que estão vendo, respondem: gente indo para o trabalho ; uma cidade; uma festa; gente. A professora pergunta o que é "gente"? E responde, que é ser humano. Uma aluna diz que gente é igual a pessoa. Uma senhora diz baixinho que é uma comunidade, que é igual a uma porção de gente. Até que uma fala "POVO", ao que a professora acrescenta: nós somos um povo livre. Disserta sobre o povo - o povo "representa nós". Como se chama o representante do povo? Governo. Titubeia: presidente? Não, antes:prefeito. Sem o prefeito podemos ser uma comunidade livre? Respondem que não. A professora diz que pode, sim. Sempre se tem um representante. Prefeito é mais do que nós? Uma aluna interrompe o discurso dizendo que é mais porque tem estudo. Ela diz que não acha. Outra fala que às vezes é um miserável, vem de família pobre, estuda e consegue ser prefeito. A professora retoma o discurso, dizendo que o prefeito é um homem, então é igual a nós. Que ele deve "servir a nós". Que é a mesma coisa que um bispo, que um padre.

Pergunta quem estava na missa de domingo, se ouviram o padre dizer que padre é igual aos outros homens. Uma aluna concordou que não é igual porque usa batina. Foi cortada pela

professora: não usa. Não é um homem que anda nos bares bebendo, mas o resto é igual. E tenta recuperar o tema - povo - mas a turma continua: uma, acha que os padres deveriam se casar, por que assim não podem andar livres iguais aos outros, diz que eles tem a madre. Uma terceira diz que o padre é solteiro. Uma voz, baixinho, pergunta se padre é virgem. E as freiras não tem nada a mais que nós; às vezes falam da vida dos outros. Isto a deixa revoltada com a Igreja. A professora retoma o domínio da discussão dizendo que quem faz a igreja somos nós - EU SOU A IGREJA . A igreja é do povo, não é do padre. E quem é o povo? Somos nós, gente que trabalha (que fuma - uma voz), uma aluna fala que não sabe o que dizer, ao ser indicada para falar sobre o povo.

A professora volta-se para o cartaz: o povo, uma multidão. Interferência do observador - que havia uma diferença entre multidão e povo. Multidão, uma porção de pessoas; povo, organizado, unido, i.é., numa multidão as pessoas estão dispersas, formam um amontoado; já formar um povo, precisa haver união , identidade. A partir daí as alunas foram dando sua opinião:

- Não falo nada.
- O povo tem que ser unido.
- Povo unido para uma festa.
- Não tenho nada a dizer.
- Povo unido consegue tudo o que quer.
- É verdade. No meio do povo pode pedir o que quiser.

Depois de mandar escrever "povo", a professora divide a turma para falar sobre o que quiser, conforme o previamente combinado por nós. (Dissemos à professora que seria bom deixar as alunas falarem livremente.)

1º grupo: escolheu assunto familiar, briga entre familiares e amigos.

2º grupo: falou sobre o preço dos alimentos, propõe uma campanha para que todas as mulheres do Morro não comprassem

nas vendas locais, por um tempo, para obrigar os vendedores a baixar os preços. Elas iriam procurar lugares mais baratos.

DIA 21/05/80

12 alunas.

A professora apresenta um cartaz composto por nós: suas "ajudantes" e ela.

Maio

Remédio

Não Saúde

Povo

Melhor saúde

união

hoje

Apresenta o mês de maio. Fala que já estudou a lição sobre remédio. Pergunta para que serve; para quem está doente , foi a resposta.

- Porque existe doença?

- Pra doença não existe explicação. Vem do nada.

Vem do vento. É tão comum, dá em toda parte.

Não sei explicar, a doença vem de repente.

- Vocês falaram que vem do vento. Certo: o vento é contaminado, tem poluição, traz doença.

- Acho que não. Tem pessoas que têm o organismo mais fraco que outros.

São mal alimentados ou já é doente de família.

- Porque é que tem pessoas mais fortes e outras mais fracas? É do alimento.

Aconselha a preparar, todas as manhãs, uma vitamina , que pode ser dada também às crianças:

1 litro de leite
2 bananas
1 copo de rum, ou de vermute ou de vinho do porto
1 ovo com casca
3 colheres de açúcar.

Diz que feijão contém ferro, é muito bom, salário baixo - falta comida, o problema das casas, da água, a falta de esgoto, buraco nas paredes, entra bicho e chuva, a falta de banheiro, tudo faz com que não se tenha saúde.

Acha que o direito é ter boa saúde, boa casa, bom salário; que temos que abrir uma creche, trabalhar, ajudar o marido, para ter melhor salário, - criar uma ASSOCIAÇÃO -. (Começa um tumulto: umas se entusiasmam pela idéia, outras concordam, e algumas fazem comentários como "se é para ganhar mais eu quero, mas para trabalhar de graça, não", "tem que ter alguém que pague para nós".)

A professora mostra-se entusiasmada com a idéia:Vamos melhorar; o Morro já melhorou, com a chegada do agente do MEP já melhorou muito, uma santa. Temos que buscar o apoio do marido.

Uma aluna diz que tem orgulho em morar no Morro. O lugar não tem culpa.

A professora começou a falar sobre a organização da Associação: teria eleições. Quem poderia ser a coordenadora?Uma pessoa que trabalhasse, que fizesse pelo Morro, que tinha condições de fazer. Mulher com filho pequeno não dava. O que achavam da Dona Terezinha? Era boa? Todos concordaram: "então tá. A Dona Terezinha fica de Coordenadora". Para vice, um homem - o Estevão, um filho de uma aluna. A mãe, quando ouviu o nome do filho, fala que ele não dá, é muito calado. "Então ele ou o pai", decide a professora. Para 1ª secretária indica a Nilza,uma aluna, que aceita o cargo. Para o responsável pela tesoura-

ria, a professora indica o seu marido, apesar de ter sido sugerido o "Seu" José, que entende muito disso.

Em poucos minutos a professora lança a idéia da criação da Associação, propõe eleições para a diretoria provisória, indica nomes e só não deu posse porque fez uma ligação com a Associação da Igreja, dizendo que "nós temos que derrubar um elemento". E começa a comentar sobre este "elemento", alegando que as alunas conheciam, sabiam quem era; que a saída deste"elemento" seria bom para todos, até para a Associação de Moradores, pois as associações unidas trabalhariam juntas para levantar o bairro. Conclui que é preciso ter muita coragem para ir a frente. Volta ao cartaz e diz que a palavra hoje significa que entrou em debate a criação da associação.

(Obs.: ficamos estarrecidas. Não imaginávamos que a professora fosse colocar a questão da Associação de Moradores deste modo. Ficou combinado que se lançaria a idéia, simplesmente, e se deixariamas alunas falar para saber o que achavam. Tentamos, várias vezes, contornar a situação, falando do papel de uma associação, do significado da organização, mas em termos gerais, sem particularizar, para não impor.)

Uma aluna comenta que vê muitas crianças "passar - trabalho"; muitos pais vão embora. Se criou sem pai e sem mãe, viu o quanto é triste. "A gente é grande, a gente sabe. Mas criança..."

Para uma aluna nova, que entrou recentemente, a professora diz que ela não sabe fazer aquilo (o que escreveu no quadro para as alunas copiarem). Vai passar coisa nova.

A professora está preocupada com as anotações, mais uma vez. Vem ver o que escrevo.

Antes de escrever no quadro a professora faz uma leitura de um poema escrito num calendário que fixamos na parede , sobre o povo. Além de apresentar palavras diferentes, não é um

poema de fácil leitura.

As alunas copiam do quadro as "famílias" de saúde e de união. Para formar palavras com as "famílias", a professora sugere e escreve no quadro: sala, seda, sino, sono, subir. Faz leitura em conjunto e leitura individual.

Depois, passa um exercício da 1ª sílaba:

sa - pato
sa - la
sa - ia
sa - po

Comenta: afinal, eu fiz as mais simples. Dá para escrever salão, salada ...

As alunas formam palavras: saudade, sapo, sala, sa, sapto - "o que tu escreveu está errado. Falta um "a", seu, leite, Maria, sapato, INPS (aluna nova), saia - levando uma aluna a dizer: "nós vamos sair". As duas irmãs dizem que não sabem, que não vão ao quadro. Após muito insistir uma fala que vai só brincar e escreve com muita dificuldade "a" e "e". Chora de rir.

A outra se levanta dizendo que "tem que ir na marra , nem que não queira".

Escreve "Maria".

A professora faz uma brincadeira de telefone sem fio em homenagem ao dia da comunicação. A frase inicial partiu da aluna: "a Sônia comunica que vai na casa da dona Telma 2ª feira". Chegou na última pessoa como "a Sônia vai na minha casa".A outra frase partiu da professora: "o que é que o coador disse para o pó"; terminou como "a Sônia vai fazer café".

DIA 22/05/80

A professora escreve no quadro:

time, cola, mata, lama, ajuda, lado, cama, ideal, o macaco é do mato.

Fala sobre o ideal: qual o nosso ideal? Para as alunas é a creche; para a professora é melhorar o Morro; aparece a idéia do Posto de Saúde.

A professora conclui que "nós vamos ver se vamos conseguir o que a gente quer".

A professora está sem voz, com problema de garganta . Como não consegue falar, para conduzir a aula, manda as alunas copiarem do quadro.

A aula transcorre em silêncio.

Na leitura, em grupo e depois individual, aparecem alunas que sabem todas as palavras - poucas alunas, alunas que sabem somente algumas palavras e outras que não conseguem ler nenhuma.

DIA 26/05/80

A professora foi à sede do MOBRAL, chamada por eles. Como vai chegar tarde, o agente do MEP começa a aula. Dá-se o seguinte diálogo:

- Vocês já sabem ler?
- Eu não sei nada.
- Por quê?
- A cabeça não ajuda.
- A cabeça que faz a gente ler?
- A cabeça boa que ajuda.
- Verdade?
- É. Menos preocupação na cabeça.
- Então eu sei ler porque tenho menos preocupação na cabeça?
- É menos cabeça dura.
- Eu tenho cabeça mole?
- Não sei. Fico pensando como é que é; a gente presta

bem atenção.

A senhora fala, a gente escuta.

- Por que me chama de senhora?

- Chamar de tu é feio.

- Mas como é que chama o filho, de tu ou de senhor?

- Os mais velhos a gente chama senhor, os mais novos, tu.

- Então por que me chama senhora, porque sou mais velha?

- Não, é mais nova ou tem a mesma idade. A mesma idade é você. Quando não se conhece é senhora, senão ficam achando que não se tem educação.

Quem tem cabeça dura não lê. Quem tem cabeça mole,lê. Quem tem cabeça boa é que lê. Quem assunta com as palavras é que lê.

- E tu assunta com as idéias?

- Na hora eu sei, depois não sei mais nada.

- O que aconteceu, tu sabes?

- Acho que é o esquecimento.

- Mas vocês esquecem de comer?

- Às vezes.

- O que a gente nunca esquece?

- De Deus. Dos filhos. De dar comida para os filhos a gente não esquece.

- Por que não?

- Porque a gente tem que tratar deles. A gente tem muita coisa para tratar, não dá ...

- O que tem que fazer?

- Cozinhar a comida de noite. Já começa a ficar preocupada aqui. (Fala que o marido é exigente com a comida, que tem que escolher bem a comida que vai fazer, porque ele só vai comer no outro dia, ao meio-dia. E pode estragar.)

... Todas falam ao mesmo tempo, sobre o mesmo assunto ... o agente recupera: E por que você leu e sabe? Fica dentro da cabeça?

... Continua o alvoroço: todas querem dizer alguma coisa, mostram-se alegres e receptivas. A mesma aluna que no início disse que não sabia nada, fala: aqui a que menos sabe é eu.

- Por que você acha isso?

- Porque é muito importante. Não sabe que "burro velho não aprende língua".

Eu sou velha. Os novos aprende. Sou gente, mas sou burra velha.

Quem não aprende é burra.

- De quem você escutou isto?

- Escutei do mundo.

O mundo não fala (intervém outra aluna).

- Você sabe que sabe uma porção de coisas?

- Eu não sei nada.

Uma aluna, que até aquele momento só ouvia, entra na discussão: a gente tem que dizer que sabe, mesmo que não sabe , senão os anjos dizem amém, aí acontece. A minha sogra disse que tem. Diz que é verdade.

- Eu não sabia que tinha anjinho que dizia amém. Fui uma burra velha?

- Você sabe sim, como é que não sabe.

Quem sabe ler sabe tudo.

- A Inácia disse uma coisa muito boa: se a gente diz que sabe ler, de repente um anjo diz amém e aí acontece.

Qual foi a sua maior dificuldade hoje?

- Foi doença. A bisneta adoeceu. Mora junto, criei ela, a gente se preocupa, né.

- O meu, foi esperar o ônibus. Fiquei no ponto das 1

e meia às 3 horas. Mas foi esperando meu marido. A gente se combinou e ele não veio. Agora, ele passa lá, não me acha, percura um pouco. Depois vai. Fiquei agoniada, a mão gelada, dos nervos.

- Sabia que quando a gente está nervosa tem dificuldade de ler? Escreve no quadro a palavra nervo ...

- Ah, não sei.

- Então você escreve doença ...

(outra aluna)

- Acho que não sei.

- E por que diz que não sabe?

- Só se tentando.

Foi ao quadro e escreveu quase que "loea": falou que não sabia se escreveu doença; "estou meio em dúvida". Falou a palavra devagar, olhando o que tinha escrito - "faltou um ça" . Fez "loeça"; foi compondo devagar e perguntando se era assim. Quase certa: "loeça". A aluna diz que não sabe nada, foi ao quadro e riscou círculos. Saiu rindo, e ficou parada na porta, de frente para a rua. Enquanto isso, outra aluna tenta ("quem não arrisca não pitisca") escrever nervo: faz "nevo"; lemos com ela "nerrrrvo". - Faltou um "r", né?

Voltou para a carteira muito contente porque acertou.

Comentários de uma aluna: "sabe que é melhor assim?"

O agente para a turma:

- O que a gente tem na cabeça, a gente sabe. A gente sabe as palavras. É só escrever as palavras.

- Eu sei, mas quando a gente vai escrever não sabe nada.

- Como você desconfia de você?

- É, se a gente confia em si, a gente sabe.

A aluna que riscou os círculos diz que foi para a porta porque "queria correr embora". "Só sei fazer risco".

- Risco é desenho. Palavra é desenho. O que nós temos que fazer é ordenar os desenhos.Colocar os riscos no lugar.Quando você pega a roupa suja você coloca com a roupa limpa?

- Eu não, eu separo as limpas e guardo e as roupas sujas eu boto para lavar.

- É assim que a gente faz com as palavras: umas,a gente usa e escreve e as outras, a gente deixa para escrever outras coisas.

Com a saída do agente, pedimos para cada aluna escrever uma palavra, a que quisesse, no quadro. Todas foram, escreveram:

irmão, mão, união, abelha, macaco, leite, tatu, teto, Ortência (nome da aluna) e Felicidade (a aluna que fez riscos : queria escrever o seu nome. Fizemos com ela, uma vez em letra de forma FELICIDADE - achou fácil, depois escrita corrente). Escreveram as mesmas palavras no caderno; fizemos leitura individual, mas na carteira, cada aluna lendo o que havia escrito. Todas leram corretamente.

Havíamos combinado fazer uma leitura, para elas,de um artigo de jornal sobre os Comandos Sociais, que os analisa a partir do questionário que estão aplicando. Quando íamos fazer uma avaliação a partir de entendimento das alunas, a professora chega e ("conduz o espetáculo", parecendo que rege uma orquestra) fala que "devemos ser contra os Comandos Sociais, pois o MOBRAL é contra os Comandos Sociais. Eles querem é se fazer nas costas do MOBRAL".

A gente ensina e eles levam a fama. Diz que vai arrumar merenda, criar o Clube da Mães, formar a horta comunitária, porque as coordenadoras do MOBRAL "sabem os problemas" e elas querem o Clube de Mães, "para ver os problemas delas", mães.

DIA 02/06/80

Estivemos ausentes nas duas últimas aulas. A professora relatou-nos que as alunas disseram que não gostam de falar, preferem aulas com muitos exercícios, muito ditado. Ressaltamos que esta observação é de uma aluna que já estava alfabetizada quando entrou no curso, pois conforme informação da professora a aluna afirmou que "foi a melhor aula que a senhora deu". A esta observação reconheceu que não foram todas as alunas que falaram, "mas elas preferem".

Revendo a situação: a aluna x falou para a professora que gosta de aula assim, com bastante atividade, muitos exercícios, ditados, isto é, aulas dadas pela professora e não gosta quando tem que falar, quando são as alunas que falam. A professora observa que as alunas não gostam de falar sobre si mesmas. Isto significa que gostam das aulas conduzidas. Já observamos , em aulas anteriores, quando o processo se inverteu, que as alunas participam mais, inclusive atestando claramente que "assim é melhor".

Apresento algumas hipóteses:

. algumas alunas preferem aulas conduzidas: as alunas mais "adiantadas";

. para as que têm mais dificuldades, as aulas participativas são mais interessantes e facilitam a aprendizagem;

. os oprimidos não gostam de falar sobre sua vida,pois significa um reconhecimento de sua condição e isto lhes causa um certo "mal-estar";

. mesmo achando que é mais fácil - mais interessante- aprender sobre coisas que conhecem, querem aprender sobre um mundo alheio, que sabem que existe, mas que não dominam.

A professora também relatou que ninguém falou mais sobre a Associação. Tem vontade de tocar pra frente, nem que seja

ela que pegue a direção. Acha, também, que tem que ser criado o Clube de Mães, pois o padre está interessado.

CURSO DE ALFABETIZAÇÃO

6 alunas

Cartaz do MOBRAL sobre o sapato; aparece a figura de um homem, bem vestido, amarrando o sapato de couro, bonito.

A professora escreve no quadro.

saia	sopa	palito
seda	sujo	sítio
sola	pato	tapete

Rita saiu de sapato

Paulo sujou o pé

Leitura em conjunto, várias vezes. Leitura individual - a maioria não lê.

A professora fala: "vamos fazer uma frase com a palavra saia".

Aluna: a saia é longa. A professora escreve no quadro. Faz a leitura. Com seda: a saia é de seda.

A professora fala que não, já tem uma com saia.

As alunas sugerem: a seda é bonita; a seda é da loja.

- O que vocês acham? Eu quero com as palavras de vocês.

Usou as duas frases, no quadro.

Com sola: a sola é do sapato.

Fez a leitura das quatro frases elaboradas pelas alunas.

- Vamos ver se vamos fazer outra?

- A sopa é gostosa. A sopa é de verdura.

A relação professora x aluno é alterada; há uma troca, o clima é de cordialidade. A professora pergunta "então vocês estão copiando?" ao invés de mandar copiar. Até para com a alu-

na que "não sabe nada" a professora demonstra cordialidade.

Ao comentário de uma aluna que quer ver quando chegar na palavra sujo, todas riem. A professora sugere: o pé da professora está sujo.

A professora não escreve a frase no quadro; passa para sítio: quem sabe me dizer o que é um sítio? Uma aluna descreve que "é um lugar que tem bastante fruta, animais, é para quem é rico". A professora acrescenta que o sítio fica fora.

Enquanto as alunas copiam do quadro, a professora orienta conteúdos de matemática para uma aluna que se adiantou.

A professora sai para acender a luz da sala, pois o interruptor fica dentro de sua casa. Incentivamos a aluna que falou sobre o sítio e que estava estudando matemática com a professora a escrever no seu caderno sobre o sítio. Ao retornar, informamos à professora que a aluna havia escrito no caderno; a professora convida-a a escrever no quadro.

A frase - "O sítio é um lugar onde tem muitas frutas animais ar puro fica bem distante da cidade", é elogiada pela professora que pede aplausos. Convida a aluna a conduzir a leitura em conjunto. "Muito bem. Ficou jóia. Agora o que falta para você? Só a matemática". Reação da aluna: "mas não me manda embora por isso", preocupada porque estava sabendo e, por isto, poderia ser obrigada a deixar o curso.

Inicia-se uma conversa informal com uma aluna falando que tinha que contar para a professora que ela não era católica, que era crente, e não sabia se podia ficar no curso. O marido falou para ela contar.

A professora respondeu que não tinha importância, cada um tem a religião que quer. A aluna estava esperando que ela perguntasse sobre a sua religião; procurou o curso por causa do levantamento, aí ficou sabendo, mas demorou a vir porque não sabia se podia. Desta conversa surgiu um longo bate-papo sobre re

ligião, igreja, parentes ligados à igreja, conhecidos em comum.

Obs.: quando o assunto parte das alunas elas conversam animadamente. O mesmo não ocorre quando somos nós que puxamos o assunto: parece-lhes perda de tempo, que deveriam ficar estudando.

A professora pergunta quem vai falar sobre "sujo".Uma aluna rapidamente diz que "sujo é feio, né?", outra acrescenta "uma rua suja é feio", "uma casa suja é feio", "o sujo é falta de higiene".

Eu acho que vocês têm capacidade de falar, credo!" exclama a professora. Revê as frases do quadro, envolve uma aluna que está muita calada.

Professora: "a sujeira faz mal à saúde. A palavra sujo vem de sujeira".

Aluna: "eu detesto sujeira".

Sobre a sujeira do pé da professora: muito riso de solidariedade.

A professora encerra a aula revendo cada frase e identificando a frase com a criadora-aluna. Analisa-as, comparando-as com a situação real: "nossa sala agora está suja; meus pés; todos nós detestamos a sujeira".

Comentamos que estava na hora de revermos os preços dos gêneros alimentícios, cujo cartaz ainda se encontra exposto, para uma comparação e verificação das alterações ocorridas.

DIA 04/06/80

9 alunas.

A professora continua a aula sobre a "família" do sapato:

sala	sede	sol
sabão	selo	soda

salão	sela	soma
suba	sul	surdo
passo	pavio	papo
peito	pelo	Pedro.

Leitura em bloco de três palavras, com repetição, seguindo, no começo, a ordem das vogais. A divisão das 18 palavras em 6 grupos de 3 palavras conduz a professora a alterar a ordem da leitura quando desconfia que as alunas estão decorando a lição. Na composição do quadro das palavras, incentiva as alunas a darem sugestões. Muitas palavras são apresentadas, mas a professora encerra a lição no quadro dizendo que muito cheio fica confuso, com que as alunas concordaram. Deu uma pausa para copiarem, adiantando que depois fariam a leitura.

Durante a pausa (da professora, pois as alunas continuam em atividade) começa uma conversa sobre a missa do feriado: a professora precisa arrumar a igreja, as alunas estão doentes ou têm parentes doentes; resolvem fazer feriadão e sair cedo naquela aula. A professora sugere que ir à procissão é bom, que devem rezar. Pede para as alunas irem por ela, que não está querendo ir.

O clima de cordialidade, amistoso, vai se tornando cada vez melhor: a professora erra, faz graça, todas riem. Na troca da ordem da leitura das palavras, as alunas que decoram erram, alunas e professora riem muito. A professora resolve fazer uma brincadeira com palavras: O pelo do peito do Pedro é preto, mas começa escrevendo "o peito do pelo ...", isto é motivo para muito riso. A leitura ligeira da frase provoca erro nos erres ; tudo é motivo para brincadeira.

A aluna casada com Pedro, mesmo sem saber ler, lê corretamente a frase; as outras alunas não conseguem, a não ser duas que evidenciam ter decorado. Uma aluna depois de ter lido errado, presta atenção na leitura e exclama: ah! agora entendi.

A professora escolhe as 9 primeiras palavras e apaga as demais. Pede para as alunas ditarem palavras delas, que é custoso para ela, que não sabe. Pergunta o que fazem em casa: lavo roupa, arrumo, lavo panela, encero a casa, tem que passar , tem que lavar... Pergunta o nome da filha da aluna que disse que manda a filha arrumar a casa.

Cleomar. Escreve a frase: Cleomar arruma a casa. Reforça que quer pegar as frases das alunas: "Estou resolvida, agora. Quero fazer diferente". Ensina que o C de Cleomar é grande porque é nome de gente. Faz leitura em conjunto e depois individual. Todas lêem corretamente.

Uma aluna comenta alto: "isso aí eu sei de cor".

Novamente procura identificar a aluna com a palavra dita anteriormente. As alunas querem se identificar: "eu disse a casa", "eu disse cozinha". Escreve a frase: Valdete limpa a cozinha. (Nome da filha da aluna que falou cozinha). Todas lêem certo, algumas lêem "alimpa" e "conzinha" (esta, a aluna nordestina).

A professora comenta: Isto aqui não entra no MOBRAL . O MOBRAL quer aquela ordem. Nós vamos fazer uma coisa diferente para ver se vocês aprendem mais ligeiro. Eu vou arrumar agora , vou dar um jeito. 2ª feira vou dar um jeito também. Quem mais tem uma frase de vocês? Que é que vocês falam o dia todo?

- A gente só dorme.

- Vocês não lavam, não passam?

- Eu lavo e passo.

Forma duas frases e pede para as alunas escolherem a melhor: Ortência passa roupa ou A Ortência passa a roupa. As alunas escolheram a primeira.

- Quem lava roupa?

- Eu lavo. Todo mundo lava, acrescenta outra aluna.

A professora escreve "Felicidade lava roupa" debaixo

da frase que cita a irmã desta aluna. Uma aluna que não foi citada mas também lava roupa chamou a Felicidade de lavadeira.

Na leitura das duas frases, as primeiras alunas erram mais, depois todas acertam.

A professora pede para as alunas trazerem frases sobre o que falam em casa para aprenderem mais depressa.

Obs.: desta vez não houve interferência nossa para a mudança das aulas; pelo contrário, havíamos combinado não interferir por um tempo, deixando seguir o MOBRAL, para vermos no que iria dar. Essa mudança foi assumida, somente hoje, pela professora.

- Vocês vêm sem medo. Eu pergunto as palavras e com aquelas palavras a gente faz a frase.

DIA 09/06/80

5 alunos + 1 + 1

A professora escreve no quadro:

sapato

sa - pa - to

sa - si - pa - ta - po

se - so - pe - pi - pi

su - te - tu - pu - to

Com esta apresentação desordenada, a professora pede para as alunas marcarem no quadro as sílabas que formam a palavra sapato.

Faz a leitura das sílabas marcadas.

- Vocês notam que conhecem as sílabas da palavra sapato. Então marquem alguma sílaba da "família" do sapato.

As alunas acertam.

Pergunta pelas alunas que faltaram às aulas: todas apresentam problema relacionado com a saúde, ou estão doente,ou

foram ao INPS pegar requisição para familiares doentes.

A aluna que chega tarde recebe uma explicação do que estão fazendo e é convidada a ir ao quadro. A professora faz o seguinte exercício: escreve uma palavra no quadro, fala o que significa, apaga e pede para as alunas escreverem no caderno.

Depois, chama uma para fazer no quadro o que escreveu sozinha: saia, sopa, seda, sola. As alunas acertam, a professora diz que está contente e elogia.

No meio do exercício uma aluna pergunta se o padre vem benzer as casas. As alunas, mesmo acertando, não têm certeza do que fazem.

Perguntam se está certo, se ficou parecido com este do caderno.

Quando esquecem, trocam palavras ou mudam de lugar, sentando-se com uma colega para ver como é.

A professora chama uma aluna de "dona". A aluna diz que isto não está certo: nós é que devemos chamar a senhora de "dona". Tem gente que não chama porque fica velha. Nós, não. É por educação.

Minha mãe ensinava ... Começam a falar sobre os costumes antigos: pedir a bênção aos pais, beijar mão de pais, tios, avós. A professora sempre recupera o andamento do assunto: ou conta um caso ou se põe como exemplo dizendo-se desconfiada desde pequena.

Interrompe o assunto, perguntando se "ficou alguma dúvida" da lição.

Lembramos à professora, separadamente, que ela havia pedido, na última aula, para as alunas trazerem frases ou palavras, que seriam usadas na aula. Dizendo que já ia perguntar, a professora volta-se para as alunas, na frente da classe: "Vocês não têm novidade para me contar destes feriados"? Somente uma respondeu: "Eu não tenho. Não saí".

Chega mais uma aluna com a filha.

Recolocamos o pedido feito pela professora, agora para toda a classe.

A professora, então, pede que digam o que conversam na sua casa, o dia todo; uma palavra interessante que foi dita.

Uma aluna lê o que trouxe escrito no caderno:

A roupa está seca.

O café está quente.

- Depois que a roupa está seca, o que você faz?

- Recolho, passo e guardo.

- Você mesma?

- Às vezes eu, às vezes a filha.

- Se vai chover e você está fazendo café ou outras coisas, o que faz primeiro?

- Recolho a roupa ou mando a filha. Não deixou a roupa apanhar o ar da noite.

- Então, como é que tu dizes?

- Eu digo "Cleonilda, recolhe a roupa".

A professora escreve a frase:"Cleonilda, recolhe a roupa que está seca". Pergunta detalhes sobre esta ação; é dito que a prima ajuda.

Escreve no quadro: Claudete ajuda a passar a roupa. Comenta que "vocês no MOBRAL, não aprenderam a fazer a sílaba lhe, mas logo, logo vai entrar". Diz para as alunas que têm filhos que sabem escrever: "mandem eles marcar as palavras no caderno". Volta ao assunto do feriado: quem foi ao campo de futebol, à missa do Corpo de Cristo? Somente uma aluna. Ficou incumbida de relatar o acontecimento. Outra aluna interveio contando que foi 4 vezes ao Departamento de Saúde e não achou o médico ; às 2 horas da tarde já não havia mais médico. A atendente disse que tinham que esperar até 15:30 horas para ver se o médico vinha.

Comentaram sobre a dificuldade de médico e de remédio.

A aluna contou sobre a festa do Corpo de Cristo:

- Muito bonito. Bastante padre. Bastante povo. Bastante gente.

Professora - O que a senhora viu lá?

- Formar a imagem de um cálice.

- Quem rezou a missa?

- Qual é dos padres não sei. Acho que o Bispo também estava.

- A senhora gostou?

- Gostei bastante.

A filha de uma aluna, que também assistiu, foi convidada a relatar.

- Achei muito bonito. Principalmente quando pediram silêncio e distribuíram a hóstia. Muita gente, padre, freira, levaram a hóstia.

- É igual à missa daqui?

- Rezaram igual.

Uma aluna comentou que na TV estava bonito.

A professora, meio em surdina, fala que precisa achar o agente do MEP, pois vai haver reunião dos Comandos Sociais, estão convidando e nós precisamos fazer alguma coisa. Estes comentários provocam uma confusão total: as alunas querem contar e são constantemente interrompidas pela professora. Uma aluna nos confunde com os Comandos Sociais.

A professora mistura tudo. Deixa as alunas confusas . Até agora não sabem precisamente do que se trata.

Volta à ordem fazendo a leitura da primeira frase da aluna. Diz que deixará a segunda para outra aula, para não complicar.

Escreve outra: Eu ganhei roupa nova. Diz que é mais

curtinha, fica mais fácil. Uma aluna diz que ler é fácil, fazer que é difícil.

A professora acha que para ler e escrever é mais rápido frase curta.

Faz a leitura da frase: todas lêem corretamente. Interrompemos e fizemos a leitura das mesmas palavras, mas salteadas e a maioria não leu.

"Aprenderam de orelha", foi o comentário da professora.

Passa para aula de matemática e manda usar a cuca - explica que é a cabeça. Escreve no quadro: use a cuca. Adição. Fala que é uma soma, que o sinal é de + . Passa 4 contas, de duas colunas, de somar.

As alunas vão ao quadro. Acertam, mas fazem em silêncio, mesmo sendo advertidas que "deviam de falar". As alunas que não vão ao quadro, copiam e tentam fazer a adição.

Muitas não conseguem: não sabem escrever o número. Outras escrevem errado. Falamos para a professora primeiro escrever os números: escreve de 1 a 10 e explica que são os arábicos, mas vai ensinar os romanos. Imediatamente, escreve os romanos abaixo dos arábicos.

A confusão está completa.

Observação: a professora não se preocupa com o nível de conhecimento dos alunos. Ao invés de começar com uma coluna, faz contas com duas porque na outra turma foi assim. Não separa o supérfluo, não destaca o necessário. Fala tudo o que passa na sua cabeça, na ordem em que os pensamentos vão aparecendo: não há limites entre o que pensa e o que fala. A aula termina com 7 alunas e 3 crianças: somando-se a nós 3, fomos 13 os presenciadores e participantes desta tragicomédia. A professora apresenta muita dificuldade em deixar a postura "mobralesca"; a aula , o ritual pedagógico, apresenta-se como um verdadeiro "samba do

crioulo doido".

DIA 11/06/80

6 alunos + 1 + 2

As alunas estão faltando porque estão doentes. Muitas presentes também demonstram sinais de doença e acham-se assustadas com os preços das coisas.

A professora começa a aula preparando as alunas para a reunião dos Comandos Sociais.

- Vocês vão dizer assim: Chega de levantamento. O nosso grupo do MOBRAL já tem o levantamento. Os nossos problemas nós já sabemos.

Quero ver se vocês sabem responder para os Comandos Sociais.

Uma aluna reproduz as palavras da professora.

Interrompemos para dizer que o levantamento não foi feito pelo MOBRAL mas por nós e que não éramos um grupo do MOBRAL. Tanto as alunas como a professora demonstram que não entendem muito bem esta situação.

As alunas trazem escrito de casa e lêem para as colegas: "eu hoje fiz pão, também fiz comida","levanto pela manhã tomo café e faço o meu serviço do dia a dia lavo roupa arrumo minha casa faço meu almoço, almoço e arrumo a cozinha e assim passo o dia".

A chegada tardia de uma aluna que está atravessando uma fase muito difícil (problema de doença de filhos, venda de casa - indisposição com vizinho, problema de passagem no terreno, boicote ao trabalho de mutirão do grupo do MEP) tumultua um pouco a aula. Apesar de ficar contando o porquê de não ter ido ao encontro marcado para uma consulta à ginecologista que um elemento do grupo do MEP conseguiu, a turma não participou

do assunto: ou se limitou a ouvir em silêncio ou continuou prestando atenção na professora que apresentou um cartaz do MOBRAL com a figura de uma criança nua barriguda:

- O que significa?

- Criança sem roupa. Barriga grande.

- Criança bem cuidada?

- Desprezada.

- Representa criança nossa do Morro?

- Tem muitas assim, outras não. Como aqueles gordos que tem ali. (Comentam sobre vizinhas: uma deu o filho "mais pequeno, meio parecido com o do cartaz". Dizem que é uma tristeza, a mãe não liga, as crianças andam descalças e sem roupa, enquanto ela anda bem cuidada, pra paquerar".)

A professora continua:

- E a barriga dele?

- Está com dor de barriga, com a mãozinha assim, chorando.

- É verme?

- Sujo, bico na boca.

- Criou esta barriga grande porque é mal cuidada.

- Dá a limpeza, deu amor.

- É. Como evitar a verminose em nosso filhos? Lavar as mãos depois de ir no banheiro. Muita gente que não tem torneira dentro, só fora, lava lá. Só pegar a mão na porta da patente, contamina a mão da gente.

- Unha grande, suja.

- Ficar descalça, os vermes entram pelo pé. Barriga grande é sinal de saúde?

A professora está lendo no caderno as perguntas que preparou,para não esquecer.

Escreve no quadro: barriga grande não é sinal de saúde.

Pergunta "que doença costuma dar barriga grande".

- Dor de barriga. Vermes.

- O que é verminose?

- Lombriga, vermes.

"Pra mim o mais certo é bicha", acrescenta uma aluna (demonstrando a distância que existe entre o vocabulário usado pela professora e o linguajar cotidiano dos moradores).

A professora apresenta os efeitos da verminose: a pessoa não tem vontade, é desanimada. Continua perguntando e respondendo:

- Por que a criança pega verminose? É mal-cuidado da mãe, é desleixo da ... como tem!!! Prevenir a verminose? Claro que é possível: higiene e boa alimentação.

- Tem pouca gente que não tem barriga grande.

- Os remédios, deve-se procurar no Posto de Saúde. O que vocês acham de uma campanha contra a verminose neste Morro, começando por nossas famílias?

- Eu faço exame de fezes para as crianças de 3 em 3 meses.

- Vamos fazer, nós, exame de fezes? É bem fácil.

- Não, é difícil. Tem que levantar às 3 horas da madrugada, fazer fila.

- Vamos trazer os resultados para você ler e dizer para nós se nós temos vermes.

- A criança, sim, barriga grande não é sinal de saúde, mas as pessoas grandes, não; todos têm barriga grande.

- Então todos os adultos têm que ter vermes, não é possível ser diferente.

A professora escreve no quadro barriga e faz a "família" da palavra.

- Tem coisa do MOBRAL que nós vamos aproveitar. Quem usa botas?

- Eu uso.

- Por quê?

- Para não pegar chuva. Para esquentar os pés.

bota - bebo - goma - carro - saúde - burro

Beto é barrigudo.

- Vocês conhecem gente burra?

- Mais ou menos.

- Eu não tenho nem uma aluna burra, porque vocês são todas inteligentes, porque vocês procuram saber.

Faz a leitura das palavras. As alunas dizem que não lembram mais.

Conclusão: sabem só de memória.

(chegam mais 2 alunas)

- Como o ba o que nós vamos fazer?

As alunas falam: bala, barba, batata, banana, barra.

A professora acrescenta: balde, bebê, bife, bico, bicho, beco, beijo, biscoitos, Bento, bola, boneca, bolo.

- Ia dizer uma coisa feia, mas não vou dizer ...

- Mas diz ...

- Birro.

Muito riso.

DIA 12/06/80

7 alunas + 1 (criança)

A professora escreve no quadro: morro, mesa, raso, sabido, garra, burro, macarrão.

Alunas ditam as frases:

. O morro está em movimento.

. O café está na mesa.

. O nosso salário é raso.

. Os alunos são sabidos.

- Sabe o que é garra?

. A garra do gorila é feia.

- Quem não gosta de macarrão? Todo mundo gosta, sobretudo com molho.

- Mas quando sobra dinheiro.

- Quem gosta de macarronada? Todo mundo gosta. (A professora dá receita de macarronada italiana)

. Renato gosta de macarronada.

. O burro puxa carga.

As alunas acham que deveria haver um grupo escolar nem que fosse só para o 1º ano. As crianças têm que andar muito para ir à escola. É muito perigoso. Atravessam autopista.

A chegada de um homem preto que procurava a professora foi anunciada por uma aluna que disse que um "moreninho" estava chamando.

A professora faz a leitura, em conjunto, repetindo 3 vezes todas as frases. Na leitura individual 6 alunas lêem corretamente, somente uma não acerta. Todas apresentaram dificuldades na leitura da palavra "gorila".

A professora quer combinar uma festinha junina: faz uma grande confusão para decidir o dia de reunião para preparar a festa. Quer unir as duas turmas. Uma aluna sugere fazer reunião por turma, no horário de aula: se não der neste mês, junho, poderá ser feita ou no dia de Sant'Ana - 26/07 ou de Bom Jesus - 2/8. Sugerimos que seria uma boa ocasião para se apresentar a dança do Cacumbi. Gostaram da idéia. Mas a professora acha que o Morro descerá para ver o Cacumbi e vai dar gente demais na festa. Das alunas, uma preta e vizinha do centro de dança conhece o Cacumbi. As outras, mesmo uma preta que mora há mais de 3 anos no Morro, nunca ouviram falar ou nunca assistiram.

A professora pede para as alunas lerem o que escreveram em casa:

- Eu vou ler? tá tola, não vou ler isto nada.

Mas leu e a professora escreveu no quadro:

Jandira faça o almoço.
Jussara limpa a casa.
Sandra cuida da Vanessa.

Outra aluna escreveu: a sopa está gostosa, é de legumes.

Outra aluna também escreveu sobre comida: a comida está gostosa. Jorge gosta de macarrão. Juca gosta de feijão.

(Observação: O assunto, quando trazido de casa pelas alunas, gira em torno de casa e comida).

Uma aluna sente-se doente e pede para sair cedo: diz que está com dor de estômago. A professora quer dar "figatil" mas a aluna diz que não é todo remédio que pode tomar, tem pressão baixa e não toma "figatil", apesar da insistência de que é um remédio que não faz mal.

Paralelo ao andamento da aula uma aluna troca gestos de carinho com a filha de 7 anos, que sempre vem buscá-la.

Palavras do ditado: medida, tijolo, lado, ida,passeio.

A aluna que entrou por último e não acompanha a turma escreve INPS e CANTO (ônibus que costuma pegar para ir trabalhar), pergunta se "assim está certo" e diz que só sabe escrever daquele jeito, em letra de imprensa.

A professora chama uma aluna de senhora e diz que vai chamar todas pelo nome, tirar o "dona", até o dela. As alunas que se manifestam, não concordam: acham que ela pode chamá-las pelo nome, mas as alunas devem chamar a professora de dona."Não está correto".

DIA 18/06/80

7 alunas + 2

Comenta-se as faltas das alunas: doença, mudança de casa.

A professora escreve no quadro: rua, rei, e fala para as alunas: conhecem um rei? O rei mandava, antigamente, num Estado, num país. Quando o Brasil foi descoberto era governado por um rei. Ele que mandava. Quem de vocês conhece rei?

- Só no filme, na televisão.

A "ajudante" da professora, que pertence ao grupo do MEP, estrangeira, fala do "rei do carnaval". Uma aluna acrescenta: "o Largatixa é rei" (alusão ao Rei Momo de Florianópolis).

A professora continua falando sobre o rei de Portugal, do descobrimento. Apresenta, acriticamente, pinceladas do Brasil Colônia, não destacando que está falando de um período de nossa história.

Acrescentamos que eles vinham aqui e levavam nossa riqueza para lá.

- Ainda levam, diz uma aluna. Olhem o álcool: pensa que fica aqui? Vai para fora. E nós ficamos com a gasolina tão cara. Acho que deviam fazer greve. Para um coisa assim eu apoiava .

A professora continua a escrever: rede, remo, rádio, rema, ralo, radiola.

Primeiro faz a leitura, com o grupo repetindo, para saber o que a pessoa vai escrever. "Podem copiar, depois nós vamos estudar".

Enquanto as alunas escrevem no caderno, a professora vai falando:

- Ninguém quer trabalhar na casa de uma dentista? Tem folga nos domingos. Ela me perguntou se não tinha ninguém aqui

do MOBRAL.

Ninguém se apresenta.

A professora fala que arrumou uma palestra de um advogado "para vocês estarem a par dos direitos de vocês: fundo de garantia, divórcio, desquite ..."

As alunas mostram-se interessadas. Começam a contar sobre a sua situação: uma está separada, ganha pensão e também os filhos, mesmo estando junto com outro.

A professora interrompe dizendo que "ele (o marido) é muito bom", senão já tinha tirado a pensão dela, que não tem direito estando com outro homem. A aluna diz que ele quis tirar mas o juiz não deixou.

A professora quer legalizar a vida das pessoas: "coisa boa, a gente quer ajudar vocês".

(Enquanto o assunto vai crescendo, uma aluna nos passa uma oração de Chico Xavier, que a mulher do Centro Espírita foi buscar - "vem de longe", diz.)

As alunas comentam:

- Não quero nada: nem desquite, nem divórcio, nem nada. Não vou perder meu tempo (ela tem 60 anos, ele 62 - casados faz quase 40 anos . Arrumam a situação entre si: ele, mora com a "amiga"; ela não o vê desde que se separaram).

- Apanhei muito por causa da "amiga". Agora não me batia, mas arrenegava, aí não quis mais. Passei trabalho, passei até fome, mas não voltei. Me dava pouco dinheiro, Cr§ 50,00 e uma galinha por semana, para me fazer voltar, mas não voltei.

A professora fala para ela legalizar a situação e se casar com outro:

- Deus que me defenda, não quero mais, cruz! Homem velho perde a vergonha, mas mulher velha tem que ter vergonha.

- Outra aluna diz que vai se "divorciar e casar com o Azul" (bêbado do Morro). Todas riem.

Falamos para a professora escrever no quadro: desquite, divórcio; ela acrescentou: casamento - loteria, solteiro , junto, casada, amontoada (a professora acha a expressão feia), amigada.

- Amigada e separada é o que mais tem.

Para explicar o divórcio, a professora diz que a pessoa fica outra vez solteira. - Pra quê? perguntou a aluna.

- Pra casar com um novinho, com bastante dinheiro.

- Os mais novos são os piores.

A professora passa para outro assunto:

- Tem bastante gente que gosta de ajudar os pobres. A Telma é uma.

- Não é isso: não é ajudar os pobres. Acho que não devia era ter pobre. Isto de ter rico e pobre está errado: todos têm direito a comida, casa, roupa, trabalho. Desde que nasce, a criança já tem que ter direito a isto ...)

As alunas concordam.

- No dia em que eu convidar este homem, não vão fazer feio. Tem que vir, só que vai ser de noite.

- Eu não preciso.

- Vem para saber de seus direitos. Não é só desquite e divórcio. Têm outros direitos. A gente precisa de alguém assim que instrua a gente. A gente não sabe.

A professora faz a leitura das palavras do quadro e pergunta o que é um bom casamento. Uma aluna fala:

- É quando as pessoas "veve" bem. Não brigam. Se combinam. Se unem para fazer negócio. O marido fala com a mulher , não amiga na rua. Quando não é bom, o homem faz as coisas escondidas, não dá satisfação.

A professora recupera o assunto: é quando o casal, os dois, se entendem bem, se compreendem bem, se dão bem, sabem "revelar" o companheiro. Que a mulher saiba revelar, tenha pa-

ciência. A mulher que não tem paciência com o marido, não sabe viver. Tem que saber compreender, respeitar e ser respeitada.Se não a gente não pode viver com ele, compreensão e respeito entre os dois, para ter união. Quem não se compreende e se respeita não tem bom casamento. Se o marido vem do serviço nervoso e a mulher quer saber o que ele tem, deixa o marido de lado, tem que compreender. Deixa passar, amanhã já não é mais hoje, ele vem contar porque estava nervoso. Se a mulher sabe levar...

- E quando reina toda a vida, toda a vida, toda a vida?

- A gente deixa, a mulher ficando quieta resolve.

- E quando não compra comida...?

- Precisa deixar ficar calmo.

- E quando passa a mão, pega o chapéu e sai?

- Daí a gente espera, fala que vai trabalhar para os filhos, fala direito com ele e se ele não for trabalhar e for a mulher, diz pra ele que na casa não entra mais.

- Aquele meu, 23 anos de casado, é um inferno. Bebia, saía de casa, apanhava da polícia, voltava. Sempre brigando, um inferno.

- E os filhos? Já estão grandes, não fazem nada? -

- Os filhos não falam com o pai e o pai não fala com os filhos.

A professora fala mais baixo, fecha a porta e conta de sua vida, dos problemas que teve com o marido.

As alunas prestam muita atenção na história da professora. Quando ela termina dizendo que tem que revelar até onde dá, mas se é demais, não deve, uma aluna diz que quando se é mãe, " a gente revela demais ; agora, já velha, não dá, a gente não é igual a cavalo debaixo da carroça". Diz que brigam muito, agora quase nem se falam, só mesmo quando é obrigada a falar, ela quer que ele vá embora, mas ele diz que quem quer ir é ela,

ela que saia: "a casa é da mulher e a rua do homem", por isso que ela não sai.

Outra aluna casou aos 15 anos com um alemão: desde o 1º dia de casamento manteve-a presa, trancada dentro de casa.Só saía para a rua, mesmo para lavar roupa, com ele do lado. Quando ele ia trabalhar, ela ficava presa. Via a luz do dia por uma fresta da janela, pequena, tinha medo que ele visse. Apanhava dele. Teve até faca no pescoço, só não matou porque ouviu barulho de gente que vinha. Ficou com ele 9 anos, teve 4 filhos. Hoje, vive com outro. O marido foi internado no manicômio, já está melhor, só era assim com ela. (A professora pediu-me para não escrever "isso que falamos". Pela primeira vez as alunas falam de sua vida, seus problemas, sua intimidade).

Uma aluna, que não disse nada durante a aula, quando interrogada, diz que casou-se com o 1º namorado e vive muito bem. Foi apontada como a que tirou a loteria.

DIA 19/06/80

4 alunas + 2

As faltas: uma aluna está com o marido doente; uma , "passou correndo"; diz que não vem mais porque fala muito errado, tem vergonha.

A professora deixou no quadro a lição da turma da noite. As alunas copiam em silêncio.

A água é gelada.
O rato roeu a roupa do rei.
Louro é o papagaio.
A rosa é amarela.

As alunas, motivadas por uma conversa de uma delas que está dando remédio para vermes, falam da relação que tem com a lua: não se dá remédio de bicha na lua crescente. A mais idosa diz que os remédios de agora não têm mais este problema ;

antigamente, sim, era perigoso.

A professora fala para tomar suco de laranja, de maracujá, para a gripe. As alunas ensinam: café com cachaça, alho fervido com açúcar, laranja assada: azeda, tirar os gomos, põe açúcar e bota a assar.

Na leitura, após repetir em grupo, 3 alunas lêem bem, 1 erra só uma palavra, 1 erra metade e somente 1 não lê quase nada. A palavra que mais erram: louro.

A professora comenta sobre o salário que ganha do MOBRAL: "isto aqui não dá comida, não veste ninguém. Vocês acham que o MOBRAL veste alguém"?

Das palavras escritas no quadro, as alunas não sabiam o que era gugu ("apelido";"conheci um numa novela"). A professora primeiro lê, para as alunas saberem o que vão copiar. A aluna que vai ao quadro não conhece nenhuma: vai com a mão na boca, dizendo que é uma vergonha. (rabo, gado, geada, gema, gago, aluga, boa, gugu, sabiá) "b o e a", não consegue ler as letras juntas.

Durante a leitura individual (algumas alunas demonstram conhecer algumas palavras), uma aluna comenta sobre o cunhado, adolescente, que não aparece mais nas aulas da noite: "ficou à-toa depois de grande; muito mandrião; vai ter que dar murro na picareta". Sobre o caso do "rancho" que não foram buscar: um homem ofereceu um "rancho" mensal de alimentos para uma família do Morro - a família desta aluna divide com a família de um irmão, desculpou-se dizendo que o cunhado é que não tinha ido pegar e que ela esqueceu, "me despassou pela cabeça", "ficou esquecida pela mente", "Deus nosso Senhor dará um jeito"; diz que o agente do MEP serve as pessoas; acha que o cunhado está tendo esta atitude porque tem ciúme da freira se dar com todo mundo.

A professora escreve no quadro, depois de um exercí-

cio de ligar as palavras iguais, usando 5 palavras das que já tinham lido, as palavras: babá ("já foi 8 anos, de 5 crianças"), amigo ("pessoa que as vezes a gente quer desabafar, contar") gelo, bule, lobo, bobo ("o Azulão é um bobo porque bebe e o Santo também"), bebê, batida ("de carro - já vi e já estava; o carro pegou 2 crianças, iam de mãos dadas; o menino de 4 anos morreu botando "todo o sangue que tinha que esgotá"; de vitamina, caipira, batida de roupa no tanque), boi ("alguém conhece?" "Eu conheço": 1 aluna); "que tal a gente fazer uma frase com a palavra bule?" Das sugestões: "o bule é vermelho", "o bule é de louça", a professora escolhe "o bule é novo" - Lobo? O lobo vive no mato, frase de uma aluna. - Batida? A batida foi violenta - professora.

DIA 23/06/80

CURSO DE ALFABETIZAÇÃO

6 alunas

Antes de começar a aula, todos, professora, alunas e nós, plantamos rosas, por iniciativa da professora. No começo, só a professora trabalhava com a enxada, fazendo os buracos, e as alunas plantavam. Quando chegamos, cavamos o buraco onde íamos plantar, apesar da insistência da professora para que não fizéssemos força, não nos sujássemos. Enquanto a professora e nós cavamos, as alunas só ficavam olhando. Quando fomos pegar na enxada pela 2ª vez, uma aluna não deixou, dizendo que ela estava mais acostumada. Cavou, ela mesmo. Todas começaram a participar, ou apanhando as mudas, ou dando palpite, ou botando estacas, ou quebrando ripas, ou aguando.

Na sala de aula, a professora escreveu no quadro:

baleia	boiada	balada	bóia
boiada	baleia	bóia	balada

Observação: evidências de que o acontecido lá fora - plantar rosas, não tem nada que ver com o que acontece aqui - palavras com b, aleatoriamente.

Voltou em cena o plano da criação do Clube de Mães: a presença da nova professora que será a professora de crochê na sala de aula faz com que a professora fale sobre o assunto. Pergunta o nº da agulha que terão que trazer. Não há muito entusiasmo. A professora, aparentando perceber este dado, diz que "não são só as alunas mas tem também outras mulheres do Morro que querem fazer parte do Clube".

Referindo-se às faltas das alunas, comenta que "toda 2ª feira só vem essa miséria de gente". As alunas desculpam as colegas: "Felícia está assando pão", outra está doente. A professora diz que "a Herondina, vou pegar pela orelha". A irmã, que também freqüenta as aulas, diz que ela é a "mais moça do lote" (da família).

Combinam uma festinha junina, mas só para os alunos da escola, porque se falar em comida "o Morro desce", "se inventá comida, Deus o livre". A professora contou que no ano passado veio todo o Morro, "parece até que Deus passou a mão por cima da mesa e disse assim: crescei-vos e multiplicai", deu comida para todos, mas não sobrou nada.

Uma aluna diz que não vem à festa, porque não tem o costume de sair "só sai pras Igreja ou pras filha ".

É feita a relação do que cada um pode dar: a hipótese de dar dinheiro foi afastada; muitas não podiam. Preferem dar um bolo de milho ou pão de milho, trazer açúcar, cachaça, amendoim, milho de pipoca. A festa havia sido combinada para 6ª feira, depois adiada para 2ª feira: 6ª feira ficará para a dança do Cacumbi, "se o Seu Amaro, o capitão do Cacumbi, aceitar".

A professora passou sílabas para as alunas formarem palavras: (foi um exercício difícil para a maioria) apesar de

uma aluna escrever sociedade, secretária; as demais escreveram palavras de 2 sílabas como rede, sopa, uma escreveu garrafa; a professora, com p escreveu pecado, apesar de alunas terem dito Pedro, pedra; depois, trocou pecado por perdido.

Duas alunas, que não tinham mais vindo, apareceram. A professora recebeu-as com um "bairro da preguiça". Uma delas veio justificar que não freqüentará mais a aula porque está trabalhando fora. A professora sugere passar para a turma da noite. Diz que já decidiu que não. À pergunta de que se é porque acha que não vai aprender, responde que "não é isso, é que não dá pra mim".

Quando a professora sugere escrever mais uma palavra com ru além de Rui, como rufa (tambor que rufa) as alunas não se manifestam; pergunta se querem que escreva no quadro:uma responde "pra mim, tanto faz", outra diz "não quero. Quero ir embora".

- "Quem quer ir embora, tem que ler primeiro". Foi o "castigo" da professora. Esta aluna não conseguiu ler nenhuma palavra.

A partir desse dia, não foi possível mais reunir a turma em classe. Depois da noite de 30 de junho, quando o Cacumbi se apresentou, somente duas alunas continuaram a aparecer e a professora passou a atendê-las em sua casa, sentadas informalmente na sala, conversando sobre diferentes assuntos, com conotação de visitas à professora.

Do exposto sobre as atividades constato que a organização do trabalho encontra-se limitada, num primeiro momento, ao determinado pelo próprio MOBRAL sob a forma de conteúdos selecionados e apresentados através de lições, cartazes e treinamento do professor para o desempenho considerado adequado. Nesta etapa da organização da atividade a ser desenvolvida a participação dos moradores alfabetizandos é nula e, em seguida, res-

tringe-se à recepção de conhecimentos oriundos de fontes distantes de seu cotidiano. No desenrolar do processo de conhecimento, especificamente durante o desenvolvimento da atividade de aulas de alfabetização, é evidente a alteração em alguns rituais pedagógicos: é quando o conteúdo é selecionado pelas alunas, que ao encaminhá-lo ensaiam tentativas de condução das aulas, vale dizer, é quando a forma de organização - de cima para baixo - é modificada, transformando todo o cenário pedagógico: a classe cria vida, as alunas participam intensamente, a aprendizagem se apresenta mais visível, com resultado imediato e concreto. Esse ensaio, todavia, não conseguiu romper as cortinas e apresentar-se no palco oficial da apresentação da peça. Isto porque a prática do ritual pedagógico como um todo esteve, durante o curso de alfabetização, conduzido pelo agente do MOBRAL, que em alguns momentos permitiu que se fizessem mudanças, mas sob controle, o que significa, em última instância, que o trabalho está organizado nos parâmetros que Paulo Freire caracteriza como Educação Bancária. [36]

IV.4 - OS COMANDOS SOCIAIS

IV.4.1 - O QUE SÃO E QUEM SÃO[37]

Criados pelo Governo do Estado no ano de 1980, os Comandos Sociais atuam como intermediários oficiais para a resolução dos problemas das comunidades carentes, na intenção declara

---

[36] *Ver Freire - Pedagogia do Oprimido - Ed. Apontamento, Porto, Portugal, Jan. 1975, principalmente capítulo II, pp.79-263.*

[37] *Não é minha intenção fazer um estudo exaustivo dessa agência institucional externa, porém pretendo extrair informações do que pude observar diretamente e do que constatei através de depoimentos de moradores, notícias de jornais e entrevistas com responsáveis, privilegiando o estudo de atos concretos do movimento, vale dizer, a sua atuação no Morro da Caixa d'Água.*

da de estabelecer uma ligação entre as necessidades das camadas marginalizadas e os setores responsáveis do governo estadual. Assim, as atividades ditas de cunho social passam, necessariamente, pelas recomendações dos Comandos Sociais, que assumem o caráter de agentes mediadores da ação governamental nas suas responsabilidades sociais.

Os agentes, estudantes universitários[38] contratados para 20 horas semanais de trabalho, recebem remuneração sob formas de bolsa de trabalho, através de convênio firmado entre o Município e a Fundação Catarinense de Desenvolvimento.

Atualmente, 65 comunidades da Grande Florianópolis e 20 do interior do Estado estão integradas ao Projeto Comandos Sociais, cada equipe é formada por 10 estudantes e um Supervisor Assistente Social, atuando numa média de 5 comunidades.

Na sua organização estrutural, os Comandos, durante o primeiro semestre de existência, ligavam-se diretamente ao Governador do Estado que, junto ao Colegiado (formado pelos diretores das entidades diretamente envolvidos nas atividades que, na ocasião, seriam objeto de discussão, e os responsáveis pelo projeto Comandos, notadamente o gerente executivo, o gerente técnico e a coordenadora de equipe), reuniam-se para debater as questões apresentadas pelas equipes em ação dos Comandos Sociais.

Durante as reuniões desse Colegiado é que as decisões eram tomadas, justapondo necessidades apresentadas e recursos existentes e definindo condições de execução. A partir desses elementos, as equipes dos Comandos Sociais respondiam à

---

38 *Na expansão dos Comandos Sociais para outros municípios catarinenses estão atuando estudantes de segundo grau até nível universitário, conforme notícia do Jornal O Estado, de 17/09/81.*

à população envolvida, em termos de possibilidades ou não de atendimento às prioridades apontadas, condicionando a ação futura ao definido pelo Colegiado.

A aparente alteração sofrida na estrutura organizacional com a passagem para a FUCADESC - Fundação Catarinense de Desenvolvimento de Santa Catarina - subordinada à Secretaria de Estado de Bem-Estar Social, dá, ao Projeto Comandos Sociais, a feição de um órgão afeto à estrutura interna da FUCADESC, interligado aos Programas de Organização Comunitária, Projetos Integrados e Centros Sociais, ligados ao Superintendente Executivo da FUCADESC e que se apresentam como setores de serviços subdividindo o trabalho interno existente.

Com esta modificação, a composição do Colegiado é que foi alterada: o lugar do Governador do Estado passou a ser ocupado pelo Superintendente Executivo da FUCADESC e o fluxo administrativo permanece, o que equivale dizer que a equipe dos Comandos Sociais exerce a tarefa de mediadores/"moderadores" entre as camadas populares e os órgãos governamentais, dando às primeiras a responsabilidade de apontar suas necessidades e aos segundos a capacidade de aferir as possibilidades de atendimento dos órgãos públicos, cujas decisões centralizam-se na instância do Colegiado, que é formado transitoriamente pelos dirigentes das entidades que lidam com aquelas questões apontadas pela população envolvida, via estudantes universitários.

Saídos diretamente dos gabinetes do Governador do Estado, os Comandos foram apresentados à população sob intensa propaganda através dos canais de televisão, das rádios difusoras e dos jornais locais. Quando chegaram ao Morro da Caixa d'Água, os moradores já os conheciam, identificando-os pelos

"bonequinhos na camiseta".[39]

O primeiro contato direto com os moradores, que presenciei, e no encontro com as alunas e professora da classe de Alfabetização do MOBRAL, deu-se da seguinte maneira: duas moças entraram na sala de aula e sentaram-se nos bancos detrás, enquanto o rapaz que as acompanhava ficou no "lado de fora". As moças, caladas, aguardavam, dando a entender que esperavam a chegada de todos os alunos. Quando completaram 16 pessoas incluindo a professora e os dois membros do MEP que auxiliavam na alfabetização, as moças dirigiram-se para a frente da classe, perguntando se os presentes "já ouviram falar sobre os Comandos Sociais". As alunas tinham assistido na televisão e também ouviram no rádio. Apresentaram-se então como a "equipe que atuará no Morro da Caixa d'Água". Disseram que o trabalho dessa equipe se iniciará com a "aplicação de um questionário, para fazer um levantamento dos problemas da comunidade. Problemas que precisam ser melhorados". Os Comandos Sociais estão "aqui para tentar ajudar, melhorar isso aí". Pediram a colaboração de todos para que quando procurados "respondam com a maior sinceridade". "Temos vontade de criar um grupo comunitário, para se reunir", no que foram interrompidas pela professora do MOBRAL dizendo que "isto é necessário aqui, já que não existe". Uma das moças retomou imediatamente a palavra, afirmando que "o trabalho é para ser permanente" e disse que têm intenção de "criar trabalho de mutirão, trabalhar junto". Encerraram dizendo que irão "aparecer nas casas de todo mundo" e advertiram que "o questionário

---

[39] *Cabe registrar que esses mesmos "bonequinhos" os caracterizam quando das recomendações do padre durante o sermão da missa de domingo, orientando para que os moradores atendessem somente as pessoas que se apresentassem com camisetas dos Comandos Sociais. Esse fato gerou um problema para o MEP que já atuava no local há 2 meses, justamente na fase da aplicação dos formulários para levantamento de dados e também para os moradores que, confusos, diziam que já haviam respondido ao questionário.*

é um pouco grande, mas é para saber uma porção de coisa".[40]

IV.4.2 - A PROPOSTA E A RELAÇÃO AGENTES E CAMADAS POPULARES QUANTO À PROPOSTA

Como objetivo básico, essa agência institucional externa se propõe a uma "atuação junto às áreas periféricas voltadas para o desenvolvimento das comunidades, utilizando como recurso o estudante universitário".

A atuação dos Comandos, para ser melhor entendida, se esclarece na própria delimitação, cuja função evidenciada é a de mediador, "facilitador ou moderador" entre a comunidade carente e os órgãos governamentais que possuem as condições possíveis para resolver os seus problemas.

Para técnicos que atuam nos Comandos Sociais, as comunidades necessitadas desconhecem os recursos existentes e a sua tarefa, então, é a de apontar os caminhos possíveis, vale dizer, identificar os órgãos estatais responsáveis e com condições para a atuação necessária. Neste apontar, porém, a comunidade precisa estar consciente de suas necessidades e organizar-se para saná-las.

Os Comandos propõem-se a participar da organização da comunidade, ajudando as camadas populares nesse processo interno.

---

[40] *Após a saída dos universitários dos Comandos Sociais procurei saber a opinião do grupo presente: algumas alunas mostraram-se incrédulas, principalmente as mais idosas; outras, apesar da observação de que "estão sempre falando, mas nunca fazendo", acham que é "muito bom", que é uma oportunidade que se tem que é preciso acreditar - e o "vamos dar as mãos", foi consenso.*

Assim, pois, os Comandos Sociais estão preparados para "ensinar a fazer reuniões", com "começo, meio e fim", "relatórios", "como organizadores de dinâmica de grupo", uma vez que os "estudantes universitários têm mais experiência, mais nível de discussão, auxiliam no encaminhamento das discussões". Sua função de moderador possibilita intervenções que possam "chamá los à razão", considerando as possibilidades de reuniões desordenadas.

Essa tarefa, porém, não se apresenta isolada e descontextualizada. Ao contrário, segue os trâmites que se iniciam junto às camadas populares, com a ação dos estudantes fazendo uma "interpretação do projeto". Após esse primeiro passo, os Comandos Sociais partem para o "levantamento da situação sócio-econômica" da população envolvida[41] para, uma vez computados e analisados os dados, reunirem-se com os moradores e realizar o "estabelecimento de prioridades". A partir dessa etapa é que se inicia a "execução" propriamente dita. O fluxo termina numa"Avaliação", tarefa realizada somente com determinadas atividades desenvolvidas, pois uma avaliação global ainda não foi realizada nestes primeiros anos de atuação.

Merece destaque a delimitação da proposta/responsabilidade dos Comandos: não estão para resolver os problemas, mas possibilitar a resolução desses pelo esforço conjunto da população.

---

41 *Trata-se do Questionário 1 - REALIDADE SÓCIO-ECONÔMICA DA COMUNIDADE, identificando o entrevistador e o entrevistado, "informações sobre residência e saúde", "sobre a situação sócio-econômica e alimentar da família", "sobre lazer e artesanato", "sobre política, organização e religião" e COMPLEMENTAÇÃO AO QUESTIONÁRIO, onde o entrevistado "pela observação e pela conversa anterior", completa informações com a chamada em caixa alta (só PERGUNTE SE FOR NECESSÁRIO), preenche 22 itens fechados e dois abertos "Que comentários você como membro do Comando Social teria à Gerência Técnica e Administrativa dos Comandos Sociais sobre a família e a Comunidade"?*

É de se ressaltar, também, a fim de uma caracterização mais precisa, embora limitada, dos Comandos no Morro da Caixa d'Água, duas definições prévias, uma se referindo ao universo envolvido e a outra quanto ao princípio de divisão interna que norteia as atividades dos mesmos, no Morro.

Para os Comandos Sociais, o Morro da Caixa d'Água possui 114 casas abrigando uma população de 670 pessoas.[42]

Soma-se a esta visão da totalidade da população envolvida a constatação de que a separação provocada pela Avenida Ivo Silveira determina, na realidade, a existência de duas comunidades, divididas por interesses distintos e necessidades também diferenciadas.

Esses elementos conclusivos os levaram a identificar, de um lado, moradores mais conscientes, com disposição de trabalho e perspectivas de melhorias a curto e médio prazo. Do outro, dificuldades de penetração, além da afirmativa de que os moradores do lado do Beco do Júlio residem em terras de um particular, o que os impede de colocar-se ao seu lado, uma vez que os Comandos não dispõem de condições para atos de transferência de propriedade que, a seu ver, seria ilegal.

É a partir deste princípio que considerações sobre os moradores são tecidas: a divisão interna se reflete na ausência de contatos e na rivalidade entre os dois blocos, bem como na diferença de aspirações. E é sobre aspirações de uma parcela da população que as ações sistemáticas se norteiam, afastando, desse modo, a possibilidade de se constatar, inclusive, a identida

---

[42] *Reportar-se ao capítulo II quando refiro-me ao levantamento realizado de casa em casa, comportando 320 casas e 1.041 pessoas, não registradas, neste total, as casas habitadas por moradores que passavam o dia inteiro fora, no trabalho.*

de dos moradores restantes.[43]

Esta relação entre agentes e camadas populares, de um lado, apresenta o fio condutor de cima para baixo, onde os universitários desempenham tarefas que seguem o fluxo: - Gabinete dos Comandos Sociais, agentes (universitários), camadas populares, agentes e camadas populares, gabinete dos Comandos, colegiado dos órgãos governamentais, agentes, agentes e camadas populares e, finalmente, camadas populares; de outro, delimita e fragmenta a realidade, dando ênfase a uma parcela. Conseqüentemente, privilegiada uma parte em detrimento do todo, as relações quer sociais ou outras,por questões óbvias, dão-se no contexto configurado.

A proposta, pois, tem sua gênese fora do ambiente sócio-cultural em que se tornará ação, passa pela discussão dos diretamente interessados que a definem enquanto ação necessária, retorna ao ambiente de origem e é aqui que as decisões propriamente ditas são tomadas para, finalmente, retornar às camadas populares para a execução do decidido.

IV.4.3 - AS ATIVIDADES E AS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

A partir do levantamento realizado, a equipe dos Comandos Sociais, reunida com a população, selecionou as aspirações principais, contidas em documentos que se encontram no ór-

---

43 *Constato aqui uma visão distorcida da realidade, ressaltando que a divisão existente se limita a uma circunstância físico-geográfica. Lembro, ainda, que essa divisão foi provocada por órgãos governamentais, quando da construção da Avenida, independente da vontade dos diretamente atingidos.*

gão central dos Comandos:[44] coleta de lixo, calçamento, canalização de valas, iluminação, alfabetização, pré-escolar/creche , horta caseira, atendimento de casos, abastecimento de água e posto policial.

Quanto à coleta de lixo, os Comandos "acionaram" a COMCAP (Companhia de Melhoramentos da Capital) para que os caminhões passassem pelas ruas principais do Morro. Para o calçamento, foram lajotadas duas ruas, através de mutirão: os moradores trabalharam no pedaço de rua que ficava à frente de sua casa. Algumas valas também foram canalizadas através de mutirão. A CELESC (Centrais Elétricas de Santa Catarina) trabalhou na iluminação dos becos e de algumas casas que usavam o "rabicho". A alfabetização foi deixada por conta do MOBRAL e a creche foi construída pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, em terreno cedido pela CASAN (Companhia de Água e Saneamento), localizado junto ao reservatório de água. A seleção do terreno, no final do gramado, já em terra de pedregulho, foi a única possibilidade de opção que os Comandos tiveram, por considerá-la um lugar mais acessível à população, uma vez que o terreno opcional localizava-se nas imediações de outro bairro, o que poderia causar problemas tanto para os moradores do Morro da Caixa que não considerariam sua aspiração atendida como para outro bairro, de melhor poder aquisitivo, que procuraria se utilizar dos benefícios do órgão público. Assim, pesando ainda o fato dos ter-

---

44 *Essas informações, bem como as que se relacionam com assuntos gerais dos Comandos, isto é, as que se deram fora da área diretamente observada, foram fornecidas pelo responsável pelo setor de Planejamento e pela Assistência Social supervisora da equipe que atua no Morro, no órgão central dos Comandos Sociais, situado à rua General Bittencourt, nº 102. Apesar dos insistentes esforços para a pesquisadora ter acesso aos documentos do órgão, como relatórios e análise do Questionário nº 1, esses foram negados sob alegações de serem documentos internos. Tratando-se de órgão público que aplica questionários públicos, sinto-me na obrigação de, no mínimo, registrar estranheza no que considero sonegar informações em benefícios escusos, prática arcaica se considerarmos os ventos democratizantes que sopram os discursos dos setores governamentais da sociedade brasileira.*

renos ali serem de alto custo e de propriedade considerada de um particular,[45] os Comandos optaram pela construção da creche no entroncamento da Avenida Ivo Silveira e a rua principal que circunda parte do Morro, dando acesso a outros bairros, vale dizer, rodovias de tráfego intenso e alta velocidade, num terreno cercado por arame farpado, separando a área verde - local inacessível - e limitando as prováveis 120 crianças (vagas não preenchidas) a permanecerem em área cercada sem vegetação de qualquer espécie.

A horta caseira, opção para o problema de alimentação, esbarrou com a inexistência de espaço físico. O item atendimento de casos refere-se ao encaminhamento imediato dos problemas colocados pela população, como ranchos de comida, aposentadoria, emprego, doenças, em que a equipe ou encaminha à Assistente Social/Técnico de área para dirigir à entidade responsável ou encaminha diretamente ao local, dependendo da urgência do caso. Quanto ao abastecimento de água, o problema foi entregue à CASAN (Companhia de Águas e Saneamento) considerando, primeiro, a impossibilidade de penetração na área em litígio, tida pelos Comandos Sociais como de propriedade legal de um particular e este não solicitou os serviços de abastecimento, e segundo, existência de 90% das casas com água encanada. O Posto Policial, considerado pelos serviços de segurança como uma solução que não resolve, nos parâmetros da visão especializada no assunto, foi substituído pela Ronda Policial, para a qual seria necessário o destacamento de dois moradores que trabalhariam internamente estabelecendo o contato necessário com a equipe volante :

---

45 *Foram os próprios responsáveis pelos Comandos Sociais que informaram que o mapeamento do local foi realizado a partir do mapa entregue ao Governador do Estado pelo Senhor Germano Sprícigo, parte envolvida nos processos que circulam nos órgãos jurídicos onde tramitam questões ligadas à propriedade da terra.*

foram procurados dois moradores, policiais aposentados, que não precisariam de treinamento intensivo; os moradores, porém, recusaram a proposta e o item ficou prejudicado, não instalando-se no local o centro de controle almejado.

Além dessas atividades, consideradas o trabalho inicial que responde às aspirações apontadas após o levantamento realizado, os Comandos Sociais realizam tarefas agrupadas em um documento que as subdivide em itens relacionados com Trabalho , Previdência e Assistência Social, Organização Comunitária, Saúde, Infra-Estrutura, Educação e Cultura, Desportos, Recreação e Lazer, perfazendo um total de cinqüenta e seis atividades possíveis. Destas, doze foram ou estão sendo executadas e sete não constam da relação anteriormente apresentada. Foram acionadas neste bloco: documentação civil básica, unidade de atendimento ao idoso e unidade de atendimento ao excepcional, no item Trabalho, Previdência e Assistência Social; grupo de jovens, interligado ao setor religioso da Capela São Judas Tadeu, com encontros aos sábados à tarde, grupo social, para a festa de rua, no Natal e Clube de Mães, que se reúnem na creche, mas que passarão a encontros nas residências, no item Organização Comunitária; mesmo não fazendo parte do item Saúde, os Comandos apontam a vacinação como uma atividade realizada pela agência.

Com a finalidade de explicitar a forma como as atividades são organizadas, acredito de fundamental importância relatar a ação desencadeada pelos Comandos Sociais no concreto,isto é, as relações estabelecidas entre agentes e camadas populares, em torno da tarefa em execução. Bastante esclarecedora é a primeira reunião realizada pelos Comandos Sociais, na Capela São Judas Tadeu, na noite de 13.06.80, depois de terem sido distribuídos muitos convites - "mosquitinhos" impressos pará os moradores do Morro.

Com a presença de vinte e dois moradores, além do grupo do MEP - com seis pessoas -, dois jornalistas acompanhados de um fotógrafo e o grupo dos Comandos Sociais, composto de quatro rapazes, duas moças e uma coordenadora (Assistente Social), o encontro transcorreu do seguinte modo: o monitor do grupo agradeceu a presença de todos e expôs os objetivos dos Comandos Sociais, falando que depois do trabalho de meses, em que estiveram em contato com a população, durante a fase do levantamento, chegou a hora de "fazer sentir a participação da comunidade junto aos Comandos Sociais". O objetivo é que "ela lute e se una para descobrir, discutir e tentar resolver os seus problemas".

Apresenta seus colegas e diz que o acadêmico de medicina está ali para tentar resolver os problemas; para "indicar o caminho" e, com a comunidade resolver os problemas de saúde. É interrompido pelo colega - o próprio acadêmico de medicina - que diz que não são eles, os Comandos, que vão indicar o caminho, mas espera que "vocês indiquem os problemas que têm, quais as necessidades" e que acha interessante explicar os objetivos principais. O monitor reafirma que se trata de fazer com que a comunidade trabalhe junto, de despertar o espírito comunitário, pois "a união faz a força".

O projeto dos Comandos Sociais está dividido em três etapas: a primeira foi a coleta de dados, que estão terminando, depois vêm mais duas (não explica quais). Agora estão no trabalho de fazer com que "vocês despertem e comecem a tratar os problemas". Diz que eles, o grupo dos Comandos, não têm uma "visão boa de tratar com a comunidade", mas esta visão vai ser dada pela supervisora do grupo que "vai orientar para que a gente possa orientar vocês e vocês também nos orientar". Um morador, visivelmente impaciente, sai de seu lugar e vai até eles,

na frente, de dedo em riste, falando dos problemas de água, luz, jovens viciados e causa um pequeno tumulto.

Outro morador do Morro, o segundo a se manifestar, diz que já fizeram reunião e estão encaminhando muita coisa. Aponta para o agente do MEP e diz "esta aqui já está fazendo alguma coisa", cita também a professora do MOBRAL.

O agente do MEP fala que o trabalho "daqui é diferente: é de dentro, não é de fora para dentro". O monitor dos Comandos responde que o "nosso objetivo é fazer com que a gente se torne amigo, para a gente se tornar parte da comunidade".

O agente do MEP estabelece o seguinte diálogo com o monitor dos Comandos:

- Você acha que é possível sem morar na comunidade?

- Justamente, para saber o que estão precisando.

- Vocês não sabem o que uma comunidade precisa? Universitários precisam fazer levantamento para saber o que uma comunidade precisa?

- O nosso objetivo é unir vocês, para formar um grupo comunitário. A gente só quer dar uma orientação, trabalhar com vocês, não participar.

Perguntamos que tipo de orientação eles podem dar. Citaram o exemplo da existência de algum problema: o transformador da luz. Eles reclamaram e os homens vieram arrumar.

- Eles têm responsabilidade de arrumar (interrompeu um morador).

Os Comandos relataram todo o trabalho que tiveram para resolver o problema do transformador da luz. Queriam ter feito uma comissão para pedir uma explicação, mas foram sozinhos, não deu para reunir.

Observação: Os agentes dos Comandos demonstram preocu

pação com o andamento da reunião: entreolham-se muito, não fi cam parados).

Quando falaram em comissão para pedir explicação na CELESC - sobre a luz, e na CASAN - sobre a água, um morador perguntou onde está o dinheiro que eles cobram;se eles fizessem direito não precisavam ficar pedindo coisas. Citou problemas de excessos de pagamento de água e luz, um abuso.

- Falou com alguém? pergunta um Comando.

O morador que se alterou, novamente levanta perguntan do "falar com quem"? Dirige-se para a frente, face a face com os universitários: "Vejam a Avenida. A prefeitura só roça o can teiro do meio. Dos lados, a prefeitura não vem limpar. Se tem um cachorro morto, fica apodrecendo, nós é que temos que tirar. Isto vocês têm que falar. Vocês precisam aprender muito. Vocês são muito jovens. Eu não sei, mas sei mais que vocês".

Faz menção de parar e voltar, mas continua: "Eu traba lhei muito para os políticos: servi de motorista pelas estradas do Oeste (cita todos os políticos - nome e sobrenome). Hoje passam por mim e não me conhecem". Acrescenta o problema da ga-fieira - "essa vergonha" - e de ladrão no Morro.

- É isto que nós queríamos: nós queremos saber, -agora, se o problema que o senhor falou é de todos ou é só do senhor?

- Pergunta se o problema é de todos.

Todos se manifestam, murmurando ou balançando a cabe ça. Uma senhora, a primeira mulher moradora a se manifestar, diz que "tem gente boa e tem gente ruim. Tem que tirar a gente erra da". (Fala das "mulheres da vida") "Botá essa gente pra longe".

Alguém cita o problema do esgoto. O monitor reconhece neste problema - esgoto - o caso do terreno de Dona Terezinha Souza, que é cortado ao meio por vala de esgoto.

Fala muito sobre este problema: dá "dicas" de como pode ser solucionado - arrumar manilhas e fazer mutirão.

Um membro do grupo do MEP fala que "isto o governo tem que resolver".

Continua o levantamento de problemas: lixo. Uma universitária diz que foi ao responsável para saber porque a COMCAP não recolhia o lixo em alguns lugares; e transmite a resposta deste responsável de que a COMCAP não pode atender toda a população porque só tem 60 homens para fazer todo o trabalho de rua. Foi interrompida por um jornalista que pediu confirmação do dado, por achar incorreto.

Esclareceu que isto "foi o que foi dito" a ela.

O agente do MEP pergunta por que é que o lixo dos bairros ricos é recolhido e porque não existe bairro de rico que não tenha esgoto.

Um Comando diz que na casa dele tem problema com a luz e eles foram reclamar e resolveram a questão.

Uma morádora pergunta porque calçam algumas ruas e outras não terminam, param o serviço.

- Mas imposto não pára, acrescentou outro morador.

Um morador quer saber quando é que eles - Comandos Sociais - vão resolver estes problemas e como. Que é para deixar combinado.

O monitor dos Comandos Sociais responde que "nós não vamos resolver nada". A resposta causa tumulto. O monitor tenta organizar, pôr ordem na reunião: é interrompido por uma universitária que fala, impaciente - "deixa, eles têm que falar".

O morador insiste em fixar prazos: " difícil para nós", fala o monitor dos Comandos.

O agente do MEP diz que "sábado que vem precisamos de 120 tubulações para o esgoto".

O monitor começa a negociar com os moradores "o que

vocês podem dar e que nós podemos dar". Decide-se por dar o material e os moradores darem o serviço, fazerem mutirão.

Interrompemos para dizer que isto já estava sendo feito. Através do estudo da "comunidade", constatamos a existência de um grupo que conseguia, com muito custo, o material da Prefeitura e, nos sábados e domingos, abriam valas e construíam redes de esgoto. Que o que eles estavam propondo não acrescentava nada. Que era de estranhar tal atitude, uma vez que a presença dos Comandos Sociais deveria resultar num acréscimo e não na manutenção de uma situação, uma vez que eles tinham todo o apoio do governo.

Depois de pedir para nos identificarmos, falaram que estavam ali para trabalhar juntos, ajudar a comunidade. Falamos que acreditávamos na boa intenção deles, mas para estar com a comunidade era necessário separar aquilo que a comunidade tem direito do que é dever dela. E lutar juntos pelos direitos da comunidade: as melhorias sociais são direitos e não é justo querer que paguem várias vezes pelo mesmo serviço. Até agora, a comunidade estava lutando, sozinha, por um bem a que tem direito e que já pagou, e que constrói, nas horas que precisaria descansar, o que o governo lhe deve.

Achávamos, também, que havia uma inversão na ordem da colocação dos fatos: ao invés de "como a comunidade pode ajudar no trabalho dos Comandos Sociais"(3º item do convite para a reunião), deveria ser: como os Comandos Sociais podem ajudar no trabalho da comunidade.

A Supervisora, identificando-se como Assistente Social, interrompe para falar do problema do desenvolvimento da comunidade. Sabe que os governos não fazem o que é necessário, "mas todos os governos em todos os países são assim". Fala que não se deve confundir os objetivos dos Comandos: é o de que a comunidade "aprenda a se dirigir sozinha, para poder resolver

seus próprios problemas".

Durante a discussão tumultuada, uma universitária fala da boa vontade deles, que se não fosse assim não estariam ali, poderiam estar tratando de suas coisas.

O monitor recupera a direção da reunião dizendo que era necessário fazer um relatório sobre o problema, levar à coordenação dos Comandos, que iria orientar onde procurar apoio . Depois, pegar os representantes da comunidade e reivindicar o material.

E declara que "existem outros problemas que eu considero mais sérios".

O morador que quer fixar prazos para compromisso sugere que eles vão à Prefeitura para ... é interrompido pelo monitor que acha necessário um estudo dos problemas. Outro universitário - da área de saúde - interrompe para sugerir que eles - Comandos - entrem em contato com o agente do MEP para resolver este problema.

- O chefe do Morro não sou eu, é este senhor aqui.

- O senhor aceita? pergunta o monitor.

- Eu não tenho condição de ir lá. Não posso perder meu trabalho. Vocês é que têm condições de conseguir isto: - ir na Prefeitura e conseguir o material.

Combinam o que deveria ser o primeiro trabalho.

A moradora preocupada com as "mulheres da vida" acha que a primeira coisa é tirar as mulheres.

O "chefe do morro", nomeado no momento para configurar uma organização que existe mas não está explicitada, acha que "primeiro vocês resolvem o esgoto e depois a gente faz outras coisas, porque temos muita coisa para fazer".

A supervisora dos Comandos Sociais fala que o "problema das prostitutas requer estudo muito mais detalhado". Diz que procurou as autoridades quando soube do problema e que as

autoridades têm interesse em tirar daqui; mas existe um problema: elas têm alvará de liçença. Mas que sabe da existência de um projeto para tirar estas mulheres daí. Fala que as coisas não são simples, existem zonas perigosas, que os Comandos não devem entrar, pode haver problemas, até agressões.

Quando discorria sobre as prostitutas, um senhor de idade, de cabelos brancos, interrompe sorrindo e pede para "deixar, elas também são humanas".

Os Comandos encerram a reunião falando para convidar mais gente, "quanto mais gente melhor". Fica combinado uma resposta na semana que vem.

Na saída da reunião o monitor dos Comandos veio falar que havíamos atrapalhado a reunião: ele tinha tudo organizado, tudo planejado, na seqüência certa. Falamos que ao invés dele trazer tudo pronto, para fazer a reunião, ele poderia ter abandonado os apontamentos para aprender a ouvir a população . Acha que não: tem que haver planejamento, a organização é necessária. Comentamos a indiscrição de alguns itens do questionário que estão aplicando, do direcionamento político.

Eles entendem que não, inclusive a supervisora, que se diz surpresa pelo fato de que em todos os lugares onde têm ido as pessoas ficam achando que Comandos Sociais "tem que ver com política". O monitor acha que tem que separar Comandos Sociais de política. Argumentamos que isto não funciona: se agora, quando se vai pedir material na Prefeitura, os responsáveis perguntam "que garantia nos dão", pode-se avaliar um futuro muito próximo, quando se têm nas mãos dados com número de votantes, local de voto, etc., qual será o procedimento destes indivíduos.

Os Comandos Sociais já tinham ido embora, numa Kombi, e os moradores, alguns deles, permaneciam conversando, contentes com a "surra dada".

IV.5 - DEPOIMENTOS POPULARES

Se juntarmos aos depoimentos as observações sobre o interior das articulações das diferentes agências, encontraremos, na prática, a complexidade das relações que, para facilitar o entendimento, subdivido numa primeira seqüência do relato nas relações entre o Movimento de Alfabetização de Adultos (MOBRAL) e o Movimento de Educação Popular (MEP) e, numa segunda, entre o MEP e os Comandos Sociais, acrescida da presença do MOBRAL interferindo na mesma rede de relações, tentando esboçar o quadro evolutivo dessas articulações, centrada numa mesma problemática e destacando as alterações ocorridas no conjunto das relações a partir da chegada dos Comandos Sociais.

1. Como o MEP e o MOBRAL se articulam em torno da questão da alfabetização de adultos, como prática de educação popular.

DIA 10/05/80

Na reunião informal que tivemos antes da aula, conseqüência de um contato anterior com a agente do MEP, onde colocamos da contradição existente entre o que o movimento de educação popular se propõe e o que o curso de alfabetização concretiza, combinamos que falaríamos à professora para alterar seu método de trabalho, não seguir tanto o MOBRAL. A professora, apesar de estranhar, demonstrou receptividade. Achava, mesmo, que o MOBRAL prendia um pouco, não a deixava fazer como queria. Isto foi reforçado, sugerindo-se que não dirigisse o assunto, que deixasse que as alunas falassem, para a gente saber o que elas estavam pensando, o que as preocupava. A professora achou bom misturar a aula do MOBRAL com esta idéia. O resultado foi o relato sobre a divisão da turma em pequenos grupos.

DIA 14/05/80

Reunidas para um exame do curso de alfabetização, constatou-se que as aulas haviam melhorado a partir do momento em que a relação professora X aluno foi alterada. Se ainda deixava muito a desejar, já tinha se avançado quando a professora se convenceu de que não precisava seguir as aulas do MOBRAL, pelo contrário, deveria criar um método próprio. O problema está em que o MOBRAL é um mal necessário: precisa-se dele para se ter a professora, o local e a permissão do padre, já que se utiliza uma sala da igreja, muito bem localizada. A professora, apesar de reconhecer que sem o MOBRAL é melhor, está fortemente ligada a ele, por motivos de parentesco e financeiro.

DIA 23/06/80

Com relação ao Clube de Mães - imposição do MOBRAL - a postura será a de desviar o trabalho limitado de prendas domésticas, dando-lhes um caráter de utilidade; envolver as mulheres - alunas - em uma feira do cobertor e feira de roupas usadas, para que os moradores possam adquirir roupas e cobertas por baixo preço.

DIA 25/06/80

Reunião do MEP com a professora do MOBRAL: objetivo - integrar o trabalho da professora ao trabalho de educação popular do MEP.

Foram tratados diferentes assuntos: 1) festa junina, idéia da professora, já combinada com as alunas: nossa interferência limitou-se à definição de que cada aluna traria o que podia, não permitindo que fosse cobrada uma taxa única para fazer a festa; 2) quanto à palestra do advogado, também idéia

da professora, ficou combinado que se esperaria e procurar-se-ia reunir todos os grupos para que mais gente tivesse acesso a uma palestra desse tipo; 3) quanto à criação de uma turma avançada e o convite, pelo agente do MOBRAL, para uma professora vir de fora e dar Educação Integrada - continuação do MOBRAL: decidiu-se que, por agora, ficaríamos nós mesmos com os grupos de alfabetização, que não daríamos no estilo MOBRAL, e a professora concordou que o MOBRAL "mais atrapalha que ajuda"; 5) quanto ao Clube das Mães, mais uma idéia da professora: o agente questionou muito a professora sobre as possibilidades e necessidades da criação de um grupo com aquelas características. No final, a professora concordou e ficou entusiasmada com a idéia da criação de um "grupo de trabalho" para aprender crochê. Só que, ao invés de obrigar as alunas a fazer parte do grupo, ele seria constituído por nós mesmas, que iríamos aprender a formar grupos, na prática.

Observação: o agente, com muita habilidade, conseguiu transferir todo o potencial de ação da professora para a linha do MEP, não possibilitando a cristalização da linha do MOBRAL.

2. As alterações ocorridas nas relações entre o MOBRAL e o MEP a partir da presença dos Comandos Sociais e as articulações que se deram entre essas três agências externas, destacando que o cenário principal para o despacho dessas relações se concretizam no seio de uma agência interna, o Cacumbi.

Encontramo-nos com os Comandos Sociais, que também faziam "levantamento". Estávamos entrevistando uma senhora quando chegaram. Pediram para falar conosco. Pedimos a eles que esperassem um pouco, até terminarmos. Não gostaram, mas esperaram. Queriam saber que levantamento era o nosso, para quem trabalhávamos, pois estávamos causando uma certa confusão. Contamos

que fazíamos o levantamento há 3 meses, estávamos ligados ao IPUF da Prefeitura e à Igreja, conforme tínhamos combinado anteriormente, pois precisávamos do caráter oficial para o confronto com eles. Deram-nos um exemplar do formulário deles e pediram um dos nossos.

DIA 21/05/80

Alterações no andamento dos trabalhos: a presença dos Comandos Sociais e intervenção do padre provocaram um exame da situação existente. O padre, durante o sermão da missa de domingo, apresentou os Comandos à população, recomendando que só atendessem as pessoas que estivessem vestidas com as camisas dos Comandos, aquelas "dos bonequinhos". Parece-nos que, manipulado ou não, intencionado ou não, ainda não se pode precisar, o padre alia-se aos Comandos numa típica demonstração de estar ao lado do poder, da autoridade. Os Comandos, como uma uma criação do governo estadual para atestar suas preocupação com os setores desfavorecidos, chegam ao lugar sob intensa propaganda através do rádio, TV e jornais, colocando-se como os benfeitores que aí estão para resolver todos os problemas das comunidades carentes. Esta imagem, formada de modo tão violento antes mesmo de começarem a trabalhar, impede que a população tenha um esclarecimento sobre seus reais objetivos. Diante disto, e para evitar um possível atrito, optou-se por um fortalecimento interno. Surge a idéia de criar uma Associação de Moradores do Morro. Não se quer, porém, forçar a criação da Associação, mas iniciar lançando a idéia e verificar as condições possíveis para tal organização. Esta idéia será levada aos moradores, através de contatos com o pessoal envolvido com o saneamento, com o usucapião e com a alfabetização. Concluiu-se que a organização só será possível se os moradores assumirem, realmente, o contro

le da situação. Diante disso, termina-se com o levantamento, trabalha-se com dados aproximados, pois mais ou menos 2/3 da população já foi atingida.

DIA 23/05/80

Reunimo-nos na casa do agente e avaliamos a criação da Associação, o desempenho da professora na aula de 21/5/80 - vide Ritual Pedagógico - e o significado desta organização para os moradores. Foi advertido o perigo da imposição de uma organização, como também criticou-se a atuação da professora. Ficou decidido que não se falaria mais na Associação, para vermos como repercutiu a idéia entre os alunos. Quanto à professora, está difícil uma conciliação, apesar de considerarmos que a sua presença é imprescindível, não só pelo conceito que goza, como pela sua própria capacidade de atuação no Morro.

DIA 26/05/80

Havíamos combinado a leitura, para as alunas do MOBRAL, de um artigo de jornal sobre os Comandos Sociais, que os analisa numa reportagem a partir do questionário que estão aplicando. Quando íamos fazer uma avaliação a partir do entendimento das alunas, a professora chega e ("conduz o espetáculo", parecendo que rege a orquestra) fala que "devemos ser contra os Comandos, pois o MOBRAL é contra os Comandos Sociais. Eles querem é se fazer nas costas do MOBRAL. A gente ensina e eles levam a fama". Diz que vai arrumar merenda, criar o Clube de Mães, formar a horta comunitária, porque as coordenadoras do MOBRAL "sabem os problemas" e elas querem o Clube de Mães, "para ver os problemas delas", mães.

Três movimentos atuam, simultaneamente, no Morro, i. é, sobre a cabeça destas pessoas - os Comandos Sociais (Governo

do Estado), MOBRAL (Governo Federal) e o Movimento de Educação Popular, que se esboça e ocupa posições, criando espaços, seja quanto à posse de terra através de processos de usucapião e da ocupação de terra, seja quanto ao trabalho de saneamento básico, conseguindo material na Prefeitura, abrindo valas, colocando canos, seja quanto ao trabalho de alfabetização, interferindo diretamente sobre a ideologia imposta através das áreas do MOBRAL.

DIA 11/06/80

Reunião entre um grupo do MEP e o agente do MOBRAL para preparar o encontro com os Comandos Sociais.

Decidiu-se que se levantaria o problema dos altos gastos do governo pagando um serviço que já é de competência de outros órgãos governamentais: este contraste com a pobreza do Morro é considerado um desrespeito pelos moradores. Só o pagamento dos salários dos estudantes (410 a 3.000,00) de um mês, daria para manter creches populares.

Outro aspecto é o que se refere à inversão da relação Comandos Sociais X Comunidade: não é como a comunidade pode ajudar no trabalho dos Comandos Sociais (conforme item 3 do convite) e sim como os Comandos Sociais podem ajudar no trabalho da comunidade.

Ainda considerar que o levantamento que estão fazendo não é necessário, uma vez que já existe um sobre os assuntos mais importantes e quanto aos demais itens, como: se é eleitor, onde vota, o que come, etc., não são dados significativos para os moradores, somente indiscretos.

A professora conta sobre o que acaba de saber pelo agente do MEP: este foi convidado pelos moradores para uma reunião na casa de um deles. Doze homens tomaram a iniciativa e com o agente decidiram, entre outras coisas: estar do lado do

agente, pois queriam estar juntos, unidos de "dentro" do Morro e criar uma Associação, como forma de se organizarem. Expuseram uma relação de seus problemas e pediram para conhecer o levantamento que fizemos.

O agente do MEP considerou esta reunião muito proveitosa e importante para a história do Morro.

DIA 30/06/80

Reunião com o grupo do MEP: o agente comentou a reunião dos Comandos Sociais, ontem, domingo. Apesar da divulgação e do apoio do padre (católico) que pediu para que os fiéis que estavam assistindo à missa permanecessem na Igreja, a população levantou-se em massa e foi embora. Os integrantes da diretoria da Igreja, que também fazem parte de uma suposta"Associação de Moradores", tentaram convencer algumas pessoas a participar, mas somente alguns membros da Associação e 2 jornalistas assistiram à reunião: "não tinha 10 pessoas". Foi travada uma "batalha" com os 2 membros dos Comandos Sociais (monitor e Assistente Social).

- Os Comandos apresentaram o problema da posse da terra, trazendo um mapa dos terrenos que classificam como pertencentes ao proprietário Germano Sprícigo. Um morador quis saber de quando era o documento - "1977"; então, como é que "ele pode pegar um terreno onde estou morando há 15 anos?" Foi muito discutida a validade legal do documento. Os Comandos colocaram-se ao lado do Germano, abrindo, assim, mais uma área de atrito com os moradores.

- À questão colocada pelos Comandos de que o "governo quer resolver os problemas do Morro, mas vocês não deixam", uma moradora contra-argumenta : "quem coloca os políticos lá são os pobres. Tem mais pobre que rico. Por que não resolve primeiro os problemas dos pobres?".

- Um morador falou que agora já sabe o que são os Comandos Sociais: acha que o governo fez os Comandos para dar emprego para os estudantes desempregados.

Mesmo assim, tentaram um acordo: a CASAN dará todo o material para a rede de esgoto, sendo solicitado através dos Comandos: estes marcaram uma reunião com a diretoria da CASAN para 4ª feira; na 3ª feira deverão formar uma comissão que representará o Morro, para na 4ª feira, Comandos e moradores, conseguirem o material.

O grupo do MEP discutiu muito esta questão: a aceitação do encontro com a diretoria da CASAN via Comandos significa o comprometimento dos moradores com o grupo governamental: por outro lado, significa também facilidades em conseguir o material necessário. No momento em que este fato se concretizar e o compromisso for selado, poderá se dar a exploração do acontecimento: possivelmente a imprensa divulgará e os moradores menos avisados ficarão certos de que o material foi conseguido graças à ação dos Comandos. Foram apresentadas alternativas como não ir ao encontro e encerrar a viabilidade de aliança com o grupo governamental ou conseguir o material antes do encontro prorrogando uma definição do problema Comandos Sociais X Morro da Caixa d'Água.

Como não compete a este grupo decidir pelos moradores, aguardaremos a decisão que provavelmente se dará no encontro hoje à noite. Este encontro foi sugerido e organizado por uma moradora para discutir uma alteração na rede de esgoto: surgiu a possibilidade de ligar o esgoto do Morro na rede central do Bairro de Coqueiros, bastando acrescentar alguns metros de cano. Os moradores acharam que deveriam se reunir para discutir o assunto e convidaram o agente do MEP para participar da reunião.

Caso os moradores optarem pelo material via Comandos

Sociais, resta a alternativa de intervir, conseguindo o material antes.

Observação: o resultado desta situação significará o avanço ou o recuo do MEP.

À noite, durante a festa dos alunos, houve a apresentação da dança do Cacumbi. O seu Amaro, aluno da alfabetização, é o capitão Amaro, chefe da dança. O grupo é composto por onze homens, uma mulher que leva a bandeira de Nossa Senhora do Rosário e o capitão. Todos pretos, com diferentes graus de parentesco: filhos, sobrinhos, netos.

Entre os presentes, antes da chegada do grupo do Cacumbi, muitos não conheciam e alguns nunca tinham ouvido falar do Cacumbi. Somente duas senhoras de idade, uma branca e uma preta, vizinhas do seu Amaro, e um aluno, branco, morador do outro lado do Morro, já conheciam. A senhora preta (Dona Nair) "já vi, mas não prestei bem a atenção", não sabe o que significa o Cacumbi: "os versos mesmos eu não sei nada", ... "eu não sei explicar bem, diz que é a bandeira do Rosário" ... A senhora branca (Dona Rosa) acrescenta: "ele dança com a espada e os outros cantam"; é interrompida pelo aluno de noite (seu Genésio), também branco:

- O cacumbinho? O cacumbi é cantado ; eles cantam assim: "o senhor, senhor, senhor capitão, cadê o dinheiro da nossa nação", quer dizer, aí eles dizem uns versos bacanas, eles cantam mais algum verso, só sei assim o começo. Eles tem umas espadas grandes, ali eles fazem a luta deles, ali. Aqui, quem puder se safá, né, a espada velha já corre ali no meio. A gente se safa.

- Então é uma dança que conta de luta?

- É! Uma dança.

- É só preto que dança ou tem branco também?

Senhora preta responde:

- Lá no Balneário, uma vez que saíram, saiu só um branco.

- E aqui?

- Nunca mais vi Cacumbi. Acho que faz uns quinze anos. (Essa senhora é analfabeta) Eles ensaiam ali, tudo, não sou capaz de ver.

- Ensaiam sempre?

- São chamados pra cidade tudo.

Senhora branca:

- Pra São Paulo, né?

Senhora preta:

- É. Vão sempre pra São Paulo.

As duas senhoras contam que "dão ônibus, passagem, comida, tudo de graça e ainda pagam bem". "Aqui, não". O senhor branco (seu Genésio) fala que "passa na televisão também, não sei se ouviu falar de outra vez, dançaram uma vez aqui, no lado, aqui da Igreja".

Dona Nair diz que "é bom falar com o seu Amaro, ele que sabe".

A senhora branca também faz muito tempo que não vai "mais lá", na sede, para ver os ensaios. Antes, assistia.

Quando o grupo de dança se aproximou, os moradores presentes ficam bastante envolvidos e alegres: "Olha lá que legal". "É a turma de Escola de Samba, né?". "O capitão está bonito". "Que coisa linda, legal". Uma criança estava assustada:"Tá com medo de que?" "Daquilo lá", foi a resposta da menina.

O capitão esqueceu o boné. Ficam esperando porque o chefe é categórico: o capitão não pode dançar sem o boné.

Alguns moradores comentaram a morte - assassinato - do filho de uma senhora que estuda ali. "Não ia dar festa", mas Dona Didi disse para a festa ser feita, porque já estava preparada. "Não vai dar baile. Amanhã é dia de trabalho, levantar ce-

do".

O grupo começou a tocar, dançar e cantar. As pessoas, muito atentas, assistiam. Ficavam sem se mexer. Quando havia alguma possibilidade de participar (jogando dinheiro para o meio do grupo, rindo de alguma brincadeira do capitão com o grupo)os moradores, homens, mulheres e crianças, envolviam-se espontânea e alegremente. No final, aplaudiram muito e fizeram grande algazarra: conversavam entre si e com o grupo de cacumbi, só se distinguindo pelas roupas que usavam (o grupo vestia traje especial para a dança: tênis branco, calça branca, camisa azul de seda, chapéu enfeitado de azul e branco, com decorações coloridas, pingentes; a mulher que leva o estandarte (bandeira de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário) veste-se de branco e o "capitão" usa, ao invés de camisa azul-claro, um "dolme" azul marinho, boné de Marinha e carrega uma espada, usada durante a dança; todos os membros do grupo dançam, cantam e tocam ou surdo ou pandeiro ou reco-reco).

Terminada a apresentação, chegou o agente do MEP que estava na reunião com alguns moradores, tratando da rede de esgoto. Seu Amaro fez nova apresentação, oferecendo-lhe a brincadeira.

Foi uma grande festa. Os moradores só foram embora quando faltou luz e viram que ia demorar a voltar.

Na reunião com o grupo de moradores, na casa de um deles, estes decidiram não aceitar os Comandos, mesmo que tivessem maiores dificuldades para arrumar o material que precisavam.

O agente apresentou a proposta para a professora ser paga pelo grupo e se desligar do MOBRAL. A professora aceitou , dizendo que tiravam um peso de sua cabeça.

Observação: Um grande dia para o movimento de Educação Popular:a festa do cacumbi, o desligamento da professora do MOBRAL e a não aceitação dos Comandos Sociais.

"O fundamental é o conhecimento que está sendo elaborado: que os caminhos que conduzem a ele sejam os caminhos da lógica e das formas de discutir dos grupos populares".

Beatriz Costa

V - AS RELAÇÕES SOCIAIS DAS AGÊNCIAS EXTERNAS DE EDUCAÇÃO POPULAR

V.1 - INTRODUÇÃO

Importa considerar aqui dois elementos, basicamente: um, o fato de que determinada postura em educação não é fator pedagógico apenas, mas também e principalmente, uma questão política, cuja discussão central estará, aqui, na identificação do tipo de poder exercido no interior de uma prática de educação popular e, a partir dele, o outro fato, aquele que vislumbra a necessidade de se destacar e elaborar teoricamente o processo que foi realizado, onde o conhecimento surgido e vivenciado pode ser aferido como um saber que contribui ou não para fortalecer os laços das camadas populares.

Entendo que, destacado o fato político-pedagógico e, dentro dele, evidenciado o processo de elaboração do conhecimento das camadas populares, estou tratando de questões que se relacionam com o que existe no interior desse processo. Muito mais que discorrer sobre o aparente, nesta etapa torna-se necessário discutir o seu conteúdo intrínseco. Em outras palavras: a carga política existente nesse interior, ao ser explicitada, revela conseqüências que nada mais são que o produto de determinados[1] mecanismos utilizados e das relações que ocorreram, quer sociais, quer pedagógicas, quer culturais ou jurídicas, financeiras, enfim, de acordo com a prática efetivada.

O caminho escolhido para evidenciar a congruência entre pretensões e realizações dos movimentos afetos às agências

---

[1] *No sentido de ações concretamente desencadeadas, condicionadas a posturas e atividades já identificadas em capítulos anteriores deste trabalho.*

externas em estudo, neste momento isoladamente, mas atentando sempre ao contexto das relações existentes na totalidade do universo trabalhado, implica em destacar conclusões que permitirão avaliar objetivamente a correspondência entre o tipo de atividade e as condições de existência da população[2] e garantirão perceber, também, através da análise das formas de organização do trabalho realizado, a manifestação do poder enquanto ato concreto, decisório, condutor das práticas populares, em última instância, enquanto determinante da direção traçada para a condução da sociedade onde essas práticas se dão.

E é no interior desse segundo elemento - o próprio processo de elaboração do conhecimento - que serão buscados os componentes que terão condições de apontar a posição das camadas populares na condução desse mesmo processo.

A delimitação proposta pretende explicitar, tornar aparente, elementos que ultrapassam o plano do visualizado, para penetrar no que, mesmo receando exagero na colocação, arrisco chamar de essência do fenômeno.[3]

V.2 - AS AGÊNCIAS EXTERNAS ENQUANTO MOVIMENTOS QUE APRESENTAM RESULTADOS: UM BALANÇO PRELIMINAR DOS EVENTOS

Um tratamento analítico-sintético poderá, a partir da configuração de um quadro, expressar o pretendido, de maneira

---

[2] *Beatriz Costa considera que, na educação popular, para ser "uma prática onde as camadas populares desenvolvem um conhecimento reforçador do seu poder de transformar a sociedade, é necessária uma atenção contínua e profunda às condições de existência dessas mesmas camadas", ob. cit., p. 29.*

[3] *Ver Kosik, Karel - ob. cit. pp. 9-20, principalmente.*

bastante simples: MEP, MOBRAL e Comandos Sociais traçaram um caminho que levou a determinados resultados.[4]

Se concentrarmos nossa atenção no MEP, verificamos que as atividades se realizaram em relação direta com os moradores, a partir de colocações iniciais desses. Logo, pode-se adiantar que os resultados se condicionaram ao objetivamente possível e historicamente necessário. Ora, esse raciocínio, que poderia facilmente ser acusado de simplista, neste caso passou não só pela constatação matemática (tantos eventos, tantos êxitos, exclusão de fracassos) como foi buscar dados na reação popular, enquanto manifestação no cotidiano dos moradores.

Com relação a essa agência institucional externa, constata-se que na questão da luta pela posse da terra, começam a surgir, após três anos de contínuos esforços, os primeiros resultados positivos: a vitória de uma moradora, viúva, sobre o empresário autor de inúmeras ordens de despejo e processos acusatórios de invasão de terra. A ação de prescrição aquisitiva (o usucapião) desta moradora foi interceptada pelo empresário que apresentou um interdito proibitório, justapondo, assim, ao direito apresentado pela moradora com mais de 20 anos de uso da terra, a alegação de invasão da área que lhe pertencia conforme provas apresentadas. Como documento comprobatório de sua propriedade, o empresário apresentou como título legal um contrato de compra e venda registrado em cartório, cuja validade, por ocasião da audiência de instrução do julgamento, foi colocada em dúvida pelo juiz, porque a metragem das glebas não coincidiam, ou seja, a área que constava na planta era maior que a área

---

[4] *VÁZQUEL escreve, e já citei anteriormente, que a práxis se inicia com um resultado ideal e termina com um produto real - Cf. p.187, da obra citada.*

real. Somando-se às provas apresentadas pela moradora - que neste processo era tratada como rê - (contas de luz, de água, carnês de impostos municipais), o juiz julgou a ação improcedente. Inconformado, o empresário apelou à 2ª instância, que confirmou a sentença do 1º grau. De posse da sentença e do acórdão, a moradora poderá, agora, reiterar o usucapião. Espera-se que o juiz homologue o usucapião, com o qual a moradora, junto ao Cartório de Registro de Imóveis, transformará a posse em propriedade.

Como este, vários outros processos de usucapião dos moradores estão sendo interditados pelo empresário, bem como ações de despejo e de reintegração de posse, cuja exemplificação no final deste capítulo, nos Depoimentos Populares, evidencia os resultados das práticas realizadas pelos moradores e advogados que assessoram o MEP.

Quanto à saúde, continuam os atendimentos de crianças e adultos no Posto de Saúde e foram construídas, por moradores e integrantes do MEP que passaram a residir no local, as novas instalações do Posto, no terreno cedido pela moradora que venceu o processo judicial anteriormente descrito.

Com a mudança da moradora responsável, a horta de ervas caseiras, praticamente desmontada, continua a ser presença no Morro através da troca de mudas e de informações entre moradores e contínuas receitas de benzedeiras e médicos.

Na educação, reiniciam-se as atividades com as crianças, interrompidas pela não cedência de uma sala da creche pela Prefeitura Municipal e pela impossibilidade de ser utilizada a sala do Posto de Saúde. Com a instalação da casa da Comunidade e acomodação do grupo de famílias que sucessivamente a habitaram em virtude da falta de moradia, as crianças recuperam o

espaço para os encontros artísticos.

Continua, também, o trabalho com os adultos analfabetos. No momento, encontros de trabalhos estão se realizando para a elaboração do livro de leitura, cuja fase - levantamento do universo vocabular - pretende contar com um grupo ampliado de moradores analfabetos.[5]

A Feira Livre continua todos os sábados, não se ausentando nem mesmo quando o galpão foi destruído pelo caminhão dirigido por um novo morador: integrantes do MEP e moradores, em mutirão, reergueram o "galpão da feirinha", depois dos constantes contatos com a agência de seguros.

A instalação da luz elétrica e da água nas casas de um contingente expressivo de novos moradores que, em menos de um ano, povoaram uma área de aproximadamente 1,8 hectares,[6] aumentando, significativamente os contornos limitativos do Morro, é mais um resultado do trabalho desse movimento.

Já quanto ao MOBRAL, nos dois anos consecutivos de alfabetização, apresentou os seguintes resultados: em 1979, de uma matrícula inicial de 20 alunos, 15 concluíram o curso; desses, 10 foram aprovados e 3 alunos repetiram no ano de 1980. Constata-se aqui, a perda real de 7 alunos, com a evasão de 5 e reprovação de 2 adultos. Já em 1980, com a formação de 2 turmas, num

---

[5] *No projeto de trabalho dessa atividade estão previstos os seguintes passos: projeção de slides da história do lugar e dos moradores, elaborados pelo grupo popular e o elemento do MEP, sessões semanais de trabalho para o levantamento do universo vocabular, seleção do vocabulário, composição do livro de leitura, alfabetização de adultos, análise dos resultados.*

[6] *Dado contido no trabalho de conclusão do curso de Engenharia Civil, de Humberto Becker Momm, intitulado "Abastecimento d'água para uma população de baixa renda". Consta, também, a presença de 104 casas, com uma média de 5 pessoas por família. Considerando-se a população levantada em 1980, pode-se aferir um crescimento de 50%, a partir de novembro de 1981.*

total de 36 alunos matriculados, somente 14 concluíram o curso e foram considerados aprovados.

Analisando os dados, conclui-se que a evasão de 35% dos alunos em 79 aumentou para mais de 60% em 1980.[7]

Se isolarmos desses dados a classe que observamos participativamente, verifica-se que de 15 alunos inicialmente matriculados, somente 5 concluíram o curso.

Com a evasão dos alunos e a mudança da professora para outro bairro, o MOBRAL encerrou suas atividades no Morro da Caixa d'Água, atendendo um percentual de 19% da população analfabeta existente na ocasião do levantamento dos dados.

Paralelo à coluna dos resultados dessas duas agências, pode-se visualizar, na atuação dos Comandos Sociais, dados que ao se mostrarem como inexpressivos, revelam-se, todavia, como bastante significativos.

O que se identifica, através principalmente das reações populares, quando o material trazido pelos Comandos para o saneamento básico, como canos e manilhas, foi depredado por uma população anônima, quando os moradores não participam das reuniões convocadas pelos universitários apesar dos insistentes convites dos representantes da Igreja no local, quando suas práticas não têm continuidade ou se limitam à formação do Clube de

---

7 *Esses dados foram levantados no próprio local, através da minha participação na classe do MOBRAL e informações da professora; revelam-se, todavia, diferentes das informações fornecidas pelo MOBRAL, que são as seguintes : 1979, matriculados 13 alunos, aprovados - 3; 1980, não teve classe; 1981, matriculados 12, aprovados 10. Resta destacar que foi justamente na classe de 1980 que acompanhei todas as aulas de alfabetização de adultos, no Morro da Caixa d'Água; neste período, os dados contidos nas dependências do MOBRAL - Rua Bernardino Vaz, nº 54, apontam como classe inexistente.*

Mães, através da creche municipal e ao grupo de jovens, através da Igreja, é um resultado pouco expressivo, considerando-se todo o contexto em que atuam.

Para justificar esse resultado, os dirigentes dos Comandos apontam as divergências internas[8] e a própria seleção de prioridades dos moradores que, segundo eles, não indicaram o problema da terra como ponto relevante.

Acredito que o significado desses resultados, mais do que uma simples constatação dos efeitos de somas ou diminuições, revela que existem dissonâncias e "contramarchas" no andamento e desempenho das práticas em questão.

Os Comandos Sociais não conseguiram apresentar um trabalho que contribuísse para o desenvolvimento e atendimento das aspirações dos moradores justamente porque este trabalho não está assentado em práticas necessárias às condições de existência dessa população e sim em demonstrações de eficiência técnico-administrativa e prestação de contas de atendimento às necessidades sociais da população de baixa renda por parte dos órgãos governamentais.

V.3 - O ATO DECISÓRIO NA RELAÇÃO ENTRE AGENTES E GRUPOS POPULARES ENQUANTO HEGEMONIA NA CONDUÇÃO DO PROCESSO DE CONHECIMENTO

Com base principalmente na organização das atividades que, no concreto, revelam a prática realizada pelas diferentes

---

[8] *Os Comandos Sociais insistem em apontar a divisão geográfica do Morro em dois blocos como condicionadora e reprodutora da divisão dos moradores.*

agências, destaco o fio condutor das decisões considerando-o como a manifestação central do poder instalado no processo de elaboração do conhecimento das camadas populares. Acrescento a ele a proposta dos movimentos para, do confronto estabelecido, resgatar a natureza da hegemonia.

Atentando sobre como esse mecanismo funciona na prática do MEP, deparo com a tentativa de equilíbrio na composição entre os grupos de moradores e o agente, apesar de, em alguns casos, o fiel da balança pender para um dos lados. Esses possíveis desvios, porém, são colocados num campo constante de reflexão e debate no interior do MEP, mesmo que não formalmente, para os reparos considerados necessários. E é na freqüência da ação e reflexão que a proposta do MEP emerge como objetivos que se realizam para consecução do fim maior, que é a transformação do Morro seguindo o "projeto" elaborado com os grupos organizados de moradores.

Se a atenção se reportar à análise da reunião citada no capítulo anterior - a assembléia do povo - percebe-se que o encontro foi conduzido pelo agente, apesar de seu esforço para que os moradores participassem ativamente. A não continuidade da condução das discussões pelos moradores parece-me que resulta da aceitação não explicitada de que a prática da reunião estava se realizando centrada na figura do agente. É notório o esforço do agente em alterar essa situação paralelamente às tentativas de controle do desenrolar do evento encaminhando para o objetivo que implicitamente estava traçado.

Depreendo esse movimento contraditório na própria estrutura da prática em questão: primeiro o agente inicia a discussão ("porque estamos reunidos"); depois, delega a palavra

para os dois moradores sujeitos centrais da reunião; no final das intervenções, os demais moradores aguardam a palavra do agente ("quem quer falar", "o que acham ..."); quando as pessoas se soltam nas discussões o agente considera que se "dispersam" e retoma a palavra reconduzindo para o que considera mais importante, fazendo-o nos moldes tradicionais de conclusão, preparação da pauta para a próxima assembléia e fim de encontro. Há, porém, nesta forma tradicional de estruturar e conduzir a reunião, um dado novo: a tentativa constante de rompê-la para dar vazão ao aparecimento de condições que possibilitem aos moradores a condução do assunto. Essa nova forma de condução do processo, todavia, não é majoritária no cômputo geral do evento e aqui a hegemonia ainda permanece com o agente, mesmo considerando que ambos, agente e moradores, trilham caminhos comuns.

Se, neste caso, a hegemonia do processo de condução da prática é como se fosse uma bola que o agente tenta jogar para os moradores mas sem querer perder o jogo, numa espécie de hegemonia outorgada, o mesmo não se dá, entretanto, quando se observam práticas como a Feira Livre, o Posto de Saúde e a Praça do Povo. Se as duas primeiras revelam a presença decisiva de grupos populares, onde na primeira a própria ausência física do agente não tem significado para o desenrolar e a continuidade do evento e enquanto que no Posto a sua presença é necessária, a serviço da população, organizando constantemente essa conquista dos moradores, a Praça do Povo segue uma trajetória diferente. O conjunto desordenado dos moradores, através de um movimento espontâneo, decide-se pela tomada e construção da praça, assemelhando-se à decisão do grupo de crianças que insiste em conquistar o espaço para suas atividades artísticas, mas neste caso como um reflexo da posição das crianças na escala gradual do poder na nossa sociedade, quer pertencentes às camadas populares ou não.

O objeto central dessa comparação está muito mais na verificação de que as açõs espontâneas conseguem atingir pontos vitoriosos quando as circunstâncias objetivas lhes são totalmente favoráveis, do que na possibilidade de uma comparação com condutas infantis que aqui poderia conduzir a uma interpretação errônea e depreciativa, chegando a minimizar a importância do evento.

A intenção maior na demonstração das sutis alterações da posição do fio condutor das decisões nestas diferentes práticas sociais de uma mesma proposta, portanto, da linha política do MEP, evidencia a convicção de que existem diferentes graduações num mesmo pólo de poder, em se tratando do processo de elaboração do conhecimento das camadas populares: as relações indivíduos ou grupos "classe média" e indivíduos ou grupos políticos, mesmo quando agem conjuntamente em torno de um "projeto" popular, cuja elaboração contou com a ação efetiva de elementos de diferentes classes sociais, se dão numa complexidade tal que, parece-me, só apresentam resultados satisfatórios se estiver claro para ambos o objetivo maior que se propõem.

Extraio estas conclusões não só da análise das práticas apresentadas, mas também e quase que principalmente da análise dos elementos que permearam a prática social e educativa em torno da educação, no Morro.

Nesse caso, a tarefa de garantir que as decisões ficassem a cargo do grupo de moradores, atuando no interior deste dado - hegemonia popular na condução do processo - fez com que vários pontos fossem evidenciados. O respeito aos diferentes ritmos de trabalho, as distintas percepções e interpretações do assunto, a constante busca de equilíbrio entre saberes diferenciados, a relação entre conhecimento e desconhecimento, encaminha-

ram e continuam conduzindo para a produção de um novo saber que é resultado de um processo cujo compromisso político de deslocamento consciente do pólo do poder para as camadas populares é tão relevante como o próprio produto desse processo. Aqui, a postura de se garantir o processo de condução da prática educativa para a elaboração do novo saber - especialmente a história do Morro e de seus moradores para a composição do material didático do método específico de alfabetização de adultos - esbarra em algumas "disfunções" do pólo de poder oposto, referindo-se aos agentes como condutores: é quando, no interior do próprio MEP e, surpreendentemente, em grau semelhante ao das Instituições do Sistema, afloram cobranças relacionadas com a demora da produção do novo saber, com a dificuldade de visualização de uma ordem diferente e, portanto, passível até de, momentaneamente, ser apontada como desordem, e também quando se desconhecem os pactos não explicitados (mas reais e presentes), como diferentes relações com o trabalho nos dias de sol e de chuva, de calor e de frio, o estabelecimento de prioridades quanto às questões básicas do dia-a-dia.

Esses elementos apresentam determinada feição se não considerados pelo pólo do poder das camadas populares e essa feição se apresenta diametralmente diferente se analisada pela ótica de setores da "classe média", particularmente os que se movimentam em torno da produtividade, da ordem, da precisão, da "pronta entrega", cujo peso encontra-se também no seio do MEP, apesar de não ser determinante, mas que permeia as contradições internas desse movimento.

Do exposto sobre a prática do MOBRAL, que se limita à descrição dos rituais pedagógicos e no balanço dos resultados que apresentam, traço a trajetória para identificar o fio condu

tor das decisões a partir da forma de organização do trabalho.

Resgato daí os seguintes momentos:

. primeiro, participação nula dos moradores na decisão não só quanto à necessidade de alfabetização como também na definição de objetivos, seleção de conteúdos e elaboração do material didático, local e horário de trabalho;

. segundo, recepção passiva de conhecimentos definidos em instâncias externas, distantes do contexto e do cotidiano do "que-fazer" pedagógico;

. terceiro, por estimulação também externa, através das interferências dos elementos do MEP, altera-se a configuração do pólo de poder, passando para os moradores o ato de decisão quanto aos encaminhamentos propostos: os alunos passam a selecionar o conteúdo em função de sua história e de seus interesses, esses são apresentados numa troca de conhecimentos com o agente do MOBRAL, alterando a relação professor e aluno e, em algumas aulas, conseguem o domínio total na condução da cena pedagógica;

. quarto, a manutenção e quebra do poder de decisão dos moradores estabelece um fluxo de ida e vinda constante - da situação de receptores à situação de condutores - configuram um quadro de hegemonia dos moradores na condução do processo, passando por um período pequeno de equilíbrio, para um período maior e finalmente, o único existente, de perda total dessa hegemonia;

. quinto, se no cômputo geral o ato da decisão do grupo popular foi relativamente pequeno, neste mesmo cômputo a qualidade deste ato foi significativamente grande, por ter conseguido inverter a ordem organizativa existente e imposta.

Pode-se depreender da textura desse esboço de traça-

mento da trajetória da hegemonia na condução do processo que, no interior da prática do MOBRAL, apesar da existência de um espaço de relativa autonomia dos moradores quando esse é conquistado, a tônica recai no tipo de poder que não contribui para o fortalecimento dos laços coletivos, implicando um conhecimento que mesmo enquanto conhecimento, e portanto passível de proporcionar determinado poder, conduz a um comportamento passivo, traduzido nas ausências constantes e no abandono do curso, como também na participação desinteressada na quase totalidade das aulas conduzida pelo agente.

Importa destacar, também, que contatos posteriores com moradores alfabetizados durante as aulas do MOBRAL revelaram a não manutenção do domínio das técnicas de leitura e escrita, apesar desses mesmos moradores atestarem a validade das aulas, muito mais pelas manifestações elogiosas quanto ao trabalho da professora do que pelo aprendizado em si, declarando-se os únicos responsáveis por não terem conseguido aprender. Depoimentos como "burro velho não aprende língua", "não consigo saber ler" e outros no gênero atestam a presença marcante da culpa, da incapacidade e da impossibilidade de, através dessa prática, superar as próprias limitações para a percepção das inúmeras causas das dificuldades encontradas.

Pelos pontos apresentados concluo nessa etapa que , além do curso do MOBRAL propiciar e favorecer a manutenção de um estágio hegemônico de condução do processo de elaboração do conhecimento do pólo oposto aos interesses das camadas populares, deixa, de quebra, um gosto de amarga derrota individual, talvez pela expectativa previamente criada, quer como esperança individual, espontaneamente surgida, quer como motivação criada, para efeitos didáticos de facilitar a aprendizagem.

Quanto aos Comandos Sociais, a evidência da condução e controle das práticas sociais sob a ótica cuidadosamente traçada a partir dos gabinetes governamentais, facilita uma conclusão, que poderia não se preocupar com cuidados especiais e rigor no julgamento. Entendo, porém, que a profundidade da análise implica em apresentar, também aqui, elementos que circunscrevam o objeto em estudo, mais por lealdade intelectual do que por necessidade de argumentos.

Verifica-se, de início, que a apresentação do fluxo de ação dos Comandos Sociais a partir da necessidade apontada e, diria mesmo, criada nos gabinetes do Governador do Estado, passando pelo planejamento cuidadoso dos técnicos, incluindo o treinamento sistemático dos universitários e o "esclarecimento" propagandístico da população em geral, poderia ultrapassar o nível de atendimento a supostos interesses eleitoreiros ou mesmo no que se apresentaria como proposta de um governo que "descobre" que existem camadas populares no conjunto da sociedade que governa. Paralelamente às instituições governamentais que tratam das questões sociais, cria-se nova agência para gerenciar, quiçá com eficiência, as necessidades populares.

No meio do caminho desse fluxo, oportuniza-se aos diretamente envolvidos expressarem suas necessidades e interesses para, via retorno do anteriormente traçado - leia-se agora agentes/universitários, responsáveis pelo projeto Comandos Sociais, colegiado dos órgãos governamentais - DECISÃO -, traçar mais um retorno, passando pelos mesmos figurantes, agora com o sinal verde, aberto para as soluções possíveis, quando os moradores recebem a autorização para realizarem a prática necessária.

Nesse trajeto é evidente a submissão e colocação em última categoria da vontade/ação dos moradores: em hipótese al

guma pode-se destacar algum ponto positivo para as camadas populares na sua luta pela transformação da situação em que vivem. Com muita boa vontade pode-se apontar como um caminho possível de tomada de consciência de alguns estudantes universitários que, apesar de treinados para lidar com o povo através de uma ótica dominante e dominadora, conseguem saltar essa barreira no contato direto com as pessoas e as "coisas" populares. Na realidade, um trunfo muito pequeno se considerarmos a complexidade do evento, mesmo sob a ótica do pólo dominante. Acredito que para esse resultado, a própria educação já conta com elementos muito mais produtivos, mesmo quando restritos a técnicas de trabalhos escolares.

V.4 - DEPOIMENTOS POPULARES

Observação: Nestes depoimentos é minha intenção demonstrar como o "pessoal de fora", que se relaciona indiretamente com os moradores do Morro, trata as questões prioritárias do "pessoal de dentro".

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA 4ª VARA CÍVEL DA COMARCA DE FLORIANÓPOLIS.

AMARO FRANCISCO CAMPOS e sua mulher MARIA CAMPOS, já qualificados nos autos da AÇÃO DE REINTEGRAÇÃO DE POSSE que lhes é movida nesta Vara por GERMANO SPRICIGO e sua mulher MARGARIDA DA SILVA SPRICIGO, vem, por seu advogado adiante firmado, apresentar suas alegações finais através de MEMORIAL, fazendo-o nos seguintes termos:

Ficam aqui ratificados em todos os seus termos a contestação de fls., devidamente comprovados através dos depoimentos trazidos aos autos através da inquirição das testemunhas da acusação e defesa.

Incontestável o fato de que o Réu vem mantendo e exercendo a posse do terreno em litígio há mais de trinta (30)anos, sempre de maneira mansa e pacífica, sem interrupção,contestação ou oposição de alguém. Ressalta-se que o Réu pretendendo legitimar sua situação de fato, ingressou com a competente Ação de Usucapião, encontrando-se o processo tramitando normalmente na 2ª Vara Cível da Comarca de Florianópolis.

De suma importância, Meritíssimo Juiz, o lúcido depoimento prestado pela testemunha da acusação, MAURA SOUZA SOARES, esclarecendo o verdadeiro objeto da transação efetuada com o Autor: ELA E SEU MARIDO NILTON MANOEL SOARES VENDE - VENDERAM AO AUTOR A CASA DE MADEIRA QUE ENCONTRAVA-SE INSTALADA NO TERRENO DE SEU TIO AMARO FRANCISCO CAMPOS, COM PERMISSÃO DESTE, VÁLIDA ATÉ ENCONTRAREM UM TERRENO PARA COMPRAR. NÃO HOUVE A ALEGADA VENDA DO TERRENO POIS NÃO DETINHAM A POSSE DO MESMO.

Sobre a matéria assim tem se manifestado o nosso Tribunal:

> "OS ATOS DE MERA PERMISSÃO OU TOLERÂNCIA NUNCA SERÃO ATOS QUE TRADUZAM,QUE PROVEM, QUE SIGNIFIQUEM POSSE. QUALQUER DESSES DOIS VÍCIOS É UM OBSTÁCU-

LO À AQUISIÇÃO DA POSSE, PORQUE AMBOS IMPORTAM NO EXERCÍCIO PRECÁRIO DE UM DIREITO. NÃO CONSTITUEM POSSE PORQUE LHES FALTA O ANIMUS TENENDI"

(TJ/SC, 1ª Câm. Civ., in Jurisprudência Catarinense, 1976, vol. 13, pags. 195/196);

(TJ/SC, Apelação Cível da Comarca de Biguaçu, Apel. nº 15.410, in Jurisprudência Catarinense, 1980, vol. 28, pags. 135/136).

Assim, Emérito Julgador, o que ficou completamente provado na audiência passada foi a posse do Réu no referido terreno, totalmente cercado há mais de três décadas.

Foi neste terreno que o Réu com "Animus Domini" construiu sua casa de madeira, uma outra também de madeira para servir de local de ensaios para a dança do Cacumbi, da qual é o Capitão, ou seja, o mestre responsável e, mais quatro casas para acolher seus filhos, noras, genros e netos. Foi neste pedaço de chão que há mais de trinta anos plantou árvores frutíferas, fez sua horta e seu pequeno jardim. É sobre esta área que vem pagando os impostos e taxas municipais.

Agora, passados tantos anos, vê-se o Réu ameaçado pela ambição desenfreada e ilógica do Autor, homem financeiramente poderoso, que usando de artifícios como a compra da posse de quem não a detém e a instalação de prostitutas entre casas de famílias de respeito, busca desalojar dezenas de famílias que estão instaladas no Morro da Caixa d'Água, há muitas décadas. Tal fato é explicado pela atual valorização daquela área.

Aí está MM. Juiz a forma exteriorizada da falta de respeito às leis e aos direitos humanos. Cabe agora à Justiça fazer valer a força do direito, exterminando de forma justa e reta a pretensão do direito da força.

Assim, por tudo que dos autos consta, requer o Réu seja julgado improcedente o pedido, condenando-se o Autor nas cominações da lei.

Termos em que
Aguarda deferimento

Florianópolis, 1º de julho de 1981

p.p. Marco Aurélio Moreira
OAB/SC nº 2375

(Resta esclarecer que a sentença que o Juiz de Direito deveria ter dado nesta ocasião - 1º de julho de 1981 - conforme suas palavras quando da audiência que presidiu, ainda se encontra indefinida, vale dizer, inexiste. Enquanto isto, a casa que começou a construir para a família de sua filha (3 filhos, uma gravidez avançada e marido desempregado) permanece tombada por ordens judiciárias, tombamento realizado através da participação efetiva da Polícia Militar que não mediu esforços - homens armados e uniformizados - para retirar as três crianças que estavam dormindo, sob o olhar impotente e atônito das mulheres que se encontravam no local. Enquanto esta família utiliza as dependências da sede do Cacumbi para moradia provisória, seus bens - móveis e material de construção - apodrecem sob a ação do sol e da chuva, ao relento. Em situação semelhante encontram-se as peças do Boi-de-Mamão, um patrimônio cultural que precisou ceder seu espaço para a ocupação dessa família, enquanto que o material e roupa do Cacumbi apertam-se num canto acanhado. Em tempo: 1) este não é um caso isolado. Muitas famílias, nos moldes similares a esta citada, encontram-se sob a ameaça de ordens de despejo; 2) é assim que as pessoas - moradores do Morro da Caixa d'Água - e o patrimônio cultural das camadas populares são tratados.)

PRONUNCIAMENTO FEITO NA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PELO SENHOR DEPUTADO MURILO CANTO, DURANTE A 1ª SESSÃO ORDINÁRIA, REALIZADA EM (09/03/81).

(...) "Aproveitamos, Senhor Presidente e Senhores Deputados, para fazer nossa primeira denúncia, sobre a qual pretendemos futuramente trazer a documentação probatória,sendo que parte dela já temos em nosso Gabinete. Trata-se da especulação desonesta que está a se fazer num dos Morros desta Capital, em que um cidadão, dono de uma das maiores empresas de ônibus da Grande Florianópolis, já comprou, aproximadamente, 48 barracos, se nos permitem, dos negrinhos. E depois ingressou na Justiça pedindo a reintegração de posse. De uma posse que nunca teve, mas quando comprou o barraco daquele cidadão humilde do morro , fez com que ele assinasse um contrato vendendo a posse da terra.

Queremos reafirmar o que sempre dissemos: em nosso País existe um Código Penal contra os pobres, e um Código Civil a favor dos ricos. Mas existe, no Código Civil, um instituto que é exatamente, para defender aquele posseiro, aquele que por muito tempo está usando a terra. Pois bem, o instituto da posse está sendo usado de uma maneira desonesta, fazendo com que a Justiça, em cima desses documentos frios, dê a reintegração de posse, ou defira o despejo, quando esse cidadão, dono de uma das maiores empresas aqui da capital, nunca residiu e nunca teve a posse de nenhum barraco em morro algum nesta cidade.

Há poucos dias, numa sexta-feira, fomos chamado ao local em que o Oficial de Justiça, com reforço policial, desmontava todo um barraco onde residia uma família. E olhávamos para aquelas crianças lacrimejantes, e para aquela mãe desamparada,e

não sabíamos o que fazer com ela. Porque, à luz da lei, tinha razão S. Exa. o Magistrado. Mas, de fato, o referido cidadão, desmandando de má fé, estava usando a justiça para servir a seus próprios interesses, quando ela existe para manter o equilíbrio social entre os cidadãos.

Por isso, queremos aqui reafirmar, e até chamar a atenção dos Senhores Juízes desta cidade, que este cidadão que está usando, como demandante de má fé, a Justiça de Florianópolis, já comprou, aproximadamente, 48 barracos e está tentando desalojar as famílias do Morro da Caixa d'Água, aqui às margens da avenida Ivo Silveira, exatamente numa área hoje muito valorizada."

. . . . . .

"É necessário ter a sensibilidade para descobrir o código do outro antes de imediatamente catalogá-lo dentro de nossas categorias".

Pedro Benjamim Garcia

VI - AS RELAÇÕES DA POPULAÇÃO DO MORRO COM AS AGÊNCIAS EXTERNAS

VI.1 - INTRODUÇÃO

Penetrar no interior do objeto de estudo pareceu-me uma ação complexa e fascinante que, apesar de exigir um grau elevado de concretude, abstração e novamente concretude, não se apresentou como algo intransponível no plano do (elaboração do) conhecimento. Difícil se torna, porém, quando se trata de isolar da totalidade do contexto em que se pesquisa, o pensar das pessoas acerca do que estamos elaborando.

Se atenho-me um pouco a este "movimento", tenho que salientar que existem aí dois momentos: um, quando as mesmas pessoas, ao fazer, estão elaborando conhecimentos sem saber tratar teórica/abstratamente dessa sua prática; e o outro, quando solicitadas a expressarem suas idéias, o fazem movidas por circunstâncias tais que, mesmo identificadas, nos colocam um grau de entendimento difícil de ser superado. O primeiro momento acredito que, se não esgotado, ao menos foi atingido na captação possível inerente ao estágio de possibilidades intelectuais e sensoriais, e por que não de trabalho? em que me encontro. No segundo caso, esbarro num problema central: as idéias são expressas através de um linguajar próprio e conciso, aparentemente passíveis de se esgotarem em si mesmas. Aí, é como se soltássemos as rédeas do próprio conhecimento. Mas a historicidade presente nessas idéias me encaminha para a constatação das circunstâncias em que se deram. E quando me proponho a identificação dessas circunstâncias é que me deparo novamente com o que chamaria de "pudor intelectual": não estaria presente, também aqui, e de um modo mais determinante, o peso do meu conhecimento, de minha visão de mundo, enfim (a possibilidade concreta de,

apesar da convicção política e intelectual de aproximação às camadas populares), o "olhar" e o "ouvir" enviesado da diferença de experiências e vivências de classe?

Considero que apesar de teoricamente ter superado esta questão em capítulos anteriores, notadamente quando me refiro à relação entre o saber erudito e o saber popular, tenho que reconhecer que é uma questão que não se esgota no plano teórico, mas que me acompanha num plano mais amplo, que eu chamaria o plano das relações sociais, onde o esforço de superação tem sido uma constante.

E, aqui, necessária se torna uma delimitação específica que, contraditoriamente, possa abranger o universo na sua totalidade. Seleciono, então, como campo possível de trabalho, primeiramente as idéias que as pessoas expressaram para elaborar como os moradores concebem as Agências Externas, opiniões que, se ligadas às circunstâncias em que se deram, conseguem expressar também como, além de conceberem, se relacionam com estas agências.

VI.2 - COMO OS MORADORES CONCEBEM AS AGÊNCIAS EXTERNAS

O "saber ouvir" as pessoas, neste momento implica também uma escolha, agora relacionada com a apresentação das informações: ou tratá-las através de um cruzamento dos informantes sobre diferentes assuntos, ou apresentá-las alineando-as em função do próprio discurso. Optando por um tratamento didático, o cruzamento das informações parece-me o mais indicado. Assim, apresentarei o que os moradores pensam a respeito do MEP, do MOBRAL e dos Comandos Sociais, parceladamente, apesar do discur

so seqüenciado, intercalando esses pensamentos com o que consegui apreender a respeito deles.

O discurso conciso dos moradores apresenta o agente do MEP como a figura central e caracterizadora do movimento, visto que todos os entrevistados referem-se ao MEP através de sua pessoa. As opiniões "... está muito bom, o que faz está bom, é uma pessoa maravilhosa", como "conversei pouco com ela, mas não esqueço de uma coisa que ouvi dela - você vai ficar ali, dali ninguém lhe tira. Digo que brinco o Cacumbi pra ela, cinco,seis, sete vezes, acredito nela", passando para "é um líder, conquista as pessoas, até pessoas mais velhas vão com o que ela diz. Ela explica, orienta como deve de dizer. As pessoas não têm grande estudo", revelam a percepção de um movimento centrado numa pessoa que lhes é benquista. Quando ampliam a percepção do movimento até os assessores, o pólo centralizador da importância do MEP permanece o mesmo: "é muito boazinha, legal. Também as pessoas que vão com ela lá em casa arrumar a instalação elétrica, pessoas sem luxo, muito boas" ou a opinião já apresentada em capítulo anterior - "parece que foi Deus que apareceu no Morro, ela como todos os que acompanham ela. Digo que parece Deus e os seus anjos". Em nenhum momento os moradores se incluem no MEP, apesar da participação ativa nas mais variadas práticas e mesmo quando se trata de prática de interesse individual, como o USUCAPIÃO - é sempre o agente e seus amigos "que nos ajudam".

Essa visão, a princípio apresentando-se como ingênua, nos indica, todavia, a direção correta da análise: os moradores sabem que a prática educativa da qual fazem parte começa na figura do agente do MEP e não abstraem a continuidade do processo.

Conversas informais nos levam mais longe: se o"agente não mexesse" com as coisas, nada se faria e se o agente faltar, acham que pouco ou nada se poderia fazer.

Na busca da confirmação dessas informações aparece um dado novo: a memória sobre o MEP recua para a prática que está se desenvolvendo no presente: "botou eletricidade nas casas,tem as outras coisas". Na insistência para apontar que coisas são essas citam o trabalho sobre educação, mas somente aqueles moradores que participam diretamente dessa prática educativa. Quando lembrados sobre as demais práticas, já realizadas, confirmam com balbucios e movimentos com a cabeça.

Uma moradora, bastante atuante, critica o trabalho do MEP, achando tudo "meio parado" e faz restrições sobre decisões tomadas pelo agente e seus assessores, particularmente no que se refere ao problema do dinheiro: "se tem dinheiro que vem de fora, como veio para o Postinho,por que não pode vir pelo "nosso projeto?"[1]

Quanto ao MOBRAL, apesar de hoje ser considerado "coisa do passado", os comentários variaram do monossilábico "é tudo" ao "é bom, todos deviam ser unidos e continuar", passando pela frase decorada da professora "é um movimento de alfabetiza

---

[1] *A discussão sobre a presença de um organismo estatal que financiasse a elaboração do material didático do Método de Alfabetização de Adultos, através da UFSC, provocou uma polêmica bastante complicada: o agente e alguns assessores são de opinião que não se deveria permitir a entrada de dinheiro "oficial" nos trabalhos do Morro, enquanto os moradores diretamente envolvidos nessa prática acham que esse dinheiro é "bom que venha" e ainda mais que "é um dinheiro do povo que deve voltar para o povo". A discussão entre os moradores foi intensa, bem como com o agente e seus assessores, porém em separado. Em nenhuma ocasião o agente aceitou uma discussão conjunta sobre o assunto, alegando que é plenamente aceitável que os moradores sejam favoráveis, pela situação financeira em que vivem e que eles não têm a consciência do perigo da possibilidade de se abrir um canal de penetração de instituições do sistema nos trabalhos do Morro. Essa polêmica provocou cisões disfarçadas entre o grupo de moradores e o MEP.*

ção" - que encobriu a opinião "é uma casa de burro". De maneira geral o MOBRAL é a professora: "muito paciente, muito boa, ensina bem, mas o quadro cheio fica custoso", as primeiras idéias também são expressas por moradores que não freqüentam o curso. Entre esses, as opiniões se encaminham para uma visualização da escola, que "é uma boa, quem não sabe ler e tem vontade, ainda tá em tempo. O MOBRAL é para pessoas que não sabem", como também encontrei um número considerável de pessoas que não sabiam da existência da escola "nunca ouvi falar", enquanto outros confundiam MOBRAL e a professora com atividades religiosas.

Se compararmos com as opiniões emitidas sobre o MEP , podemos perceber que não existem diferenças gritantes, mas o contrário: a centralização na figura do agente, a aceitação carinhosa dessa presença, a falta de clareza na localização das Agências no seu cotidiano como algo que não lhes é próprio, mas que dizem respeito como estando a seu serviço.

O mesmo não acontece com as idéias transmitidas sobre os Comandos Sociais: aqui, a suposta ingenuidade cede terreno para a agressividade. Do "são legal", expressado por uma única moradora, à colocação cuidadosa "não sei se estou certo, fiquei meio invocado" referindo-se a reuniões de que participou, principalmente quando os universitários mostraram os mapas dos terrenos do Morro: não gostou quando o "rapaz" falou que onde ia sair um prédio e tinha uma casa ao lado, que esta casa tinha que ser derrubada. Não falou nada, mas não achou certo: "fiquei desconfiado"; até à posição firme de que "não pode se fiar; os moradores não confiam. Tem que saber para quem eles trabalham: acho que é pro governo, pro Germano. Vivem iludindo o povo, dizem que vão fazer muita coisa, mas não vão fazer nada".

Seguindo essa trajetória, encontram-se ainda opiniões

que oscilam entre o "ouvi mais ou menos: o que são, estão vendo a situação das pessoas, o que precisam. O que eu vejo fazer,não sei o que fizeram, não estou por dentro", até o "não adiantou de nada", para encontrar o "só prometem e não fazem nada, não interessa, pra nós não interessa, não ajuda", atingindo o grau de "uma porcaria, só gostava é de jogar pedra" para, finalmente, encontrarmos o "acabaram, não se ouve mais nada deles".

A contextualização dessas idéias em épocas e lugares socialmente ocupados revela que as opiniões foram elaboradas durante a realização do MOBRAL, no que se refere a esse movimento, e desde o início da atuação do MEP e dos Comandos Sociais . Acredito ser esclarecedor o fato de que, para apreendê-las sistematicamente, impus-me a necessidade de observar um distanciamento entre o morador e a participação simultânea na prática em discussão,[2] pretendendo com isto evitar um provável "discurso do favor", várias vezes testemunhado por mim em circunstâncias anteriores: "penso assim, mas não posso dizer para ela" ou "isso não se diz pra pessoa".

Ressalto ainda que, apesar do esclarecimento anterior em relação à minha participação no trabalho, muitos moradores tinham dificuldades em me situar, como também demonstraram-se bastante confusos quando eram solicitados a falar sobre os movimentos, especificamente. Interrogações como "mas não era do que eu falei agora?" e exclamações como "ali, não é a mesma coisa!" apareceram mesmo que com pouca freqüência quando a conversa era mais descontraída. E é justamente nos "lugares" quando a conversa flui livre e descontraída que se pode localizar me-

---

[2] *Excessão feita para o MOBRAL, no momento da entrevista com o grupo de alunos, que responderam coletivamente, podendo ser melhor conhecida no final deste capítulo.*

lhor os espaços vivos de clarões de consciência - "O MOBRAL era uma boa (pausa). Mas não estamos fazendo o nosso MOBRAL? Esse nosso trabalho não é como um MOBRAL para nós?" E tenho dificuldade em localizar essa "coisa nossa" no seio de um MEP ou no surgimento da busca de um espaço para si, que até mesmo um MEP não consegue absorver.

VI.3 - DEPOIMENTOS POPULARES

ENTREVISTA COM ALUNAS DO MOBRAL, EM CLASSE, ANTES DE INICIAR A AULA DO DIA.

INÁCIA BORGES RAMOS
Do Lar
Moradora de Coqueiros - 1 ano

MAURINA MARQUES
Doméstica
Moradora de Coqueiros - 4 anos

JOVINA MARGARIDA SILVEIRA
Do Lar
Moradora - 10 anos

VANILDA DA SILVA RAHERS
Ex-copeira, ex-garçonete
Moradora - 15 anos

MARIA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA
Doméstica
Moradora - 5 anos

MARIA DE LOURDES DOS PASSOS
Ex-Doméstica
Moradora - 3 anos

GENI
Ex- feirante
Moradora - 20 anos.

ALUNAS DO CURSO DE ALFABETIZAÇÃO

Observação: *Esta entrevista foi realizada com um grupo de 6 alunas, do curso da tarde; responderam em conjunto.*

Responderam que vieram para o MOBRAL "para aprender ao menos o nome para quando precisar assinar não passar vergonha" ... "para aprender a ler. A leitura é uma coisa muito importante; se eu soubesse, pegava um servicinho melhor, não estava trabalhando nos sábados e domingos, estava descansando"."Porque queria um servicinho bom: hoje pra ser servente, precisa fazer um teste; se não sabe escrever, não sabe nada".

As alunas foram unânimes em achar que a escola mudou alguma coisa na sua vida, que a pessoa muda quando aprende uma coisa: "porque a gente se sente mais livre. Antes, só ficava em casa; agora, a gente vem aqui, conversa com as pessoas, se sente até melhor. Se estou em casa aborrecida, venho e me sinto melhor". Até dor de cabeça passa. "O dia fica todo ocupado, é melhor; antes, só pensava besteira (coisa boa para ser realizada e nunca dá certo), ocupado não dá tempo para pensar".

Uma aluna acha que aprendeu um pouco, já faz o nome , (obs.: é repetente). "Fazia uma coisa só toda a vida; agora,faz uma coisa diferente". (Não personaliza). "A minha vida mudou muito. Vivia com mau humor, parecia um bicho. Queria estudar. Andava nervosa. Desde menina meu sonho era estudar. Estou contente, estou aprendendo". A patroa viu que estava nervosa porque que-

ria estudar (solteira, vem de São Luiz do Maranhão; aluna que não escrevia a palavra "cqmida").

Para uma aluna não mudou, "continua a mesma coisa" : trabalha em casa, faz o serviço igual .

Depois de aprender a ler e a escrever vai "escrever bastante carta, ler bastante revista", "ler jornal", também,... tem lugares que vai e não sabe: numa viagem, passa por uma cidade, nem sabe onde é, tem que perguntar. Assim, "não fica na dependência dos outros"; tem "medo de dar uma errada na rua", passa vergonha. Uma aluna acha que vai "subir mais um degrauzinho"; vai ver se consegue alguma coisa, um emprego melhor.

A aluna que falou que já sabe fazer o nome explica que "quando os filhos casam tem que assinar o nome: antes, tinha que copiar. Agora, quando tiver que assinar já sei. O que mais quero mesmo, é o meu nome. Passo um trabalho, quando não tinha óculos era pior".

Para uma aluna "só tem que precise" (sic).(A professora acrescenta: para ela, só se for para dirigir um carro,abrir uma conta corrente no banco". Obs.: não mora no Morro, trabalha em casa).

A aluna que sempre quis estudar diz que pretende "continuar, estudar mais, até quando tem condições de fazer um curso, se a idade der". Ri muito: "depende da idade".

Uma pessoa que não sabe ler e escrever "não enxerga , é igual a cego".

A pessoa sai por aí e não vê, rasga um papel e não sabe o que é. "Não pode pegar um emprego bom; se recebe um papel, pode ser até um cheque e não sabe".

Pensam que é "falta de interesse, falta de vontade" , permanecer analfabeto.

Na opção:do que gosta mais? 3 alunas responderam: ir à missa na Igreja, 3 - ir para a escola, 1 - ir à benzedeira ; uma respondeu:ir à escola e dançar, ir a bailes.

Entre a Igreja e o espiritismo, todas escolheram a Igreja "porque é Deus".

Quanto ao Posto de Saúde, acham "ótimo, muito bom"; "é um gênio, uma beijoca, um biju". "Um bem bom, para criança doente...".

Quanto aos Comandos Sociais"uma porcaria", "só gostava de jogar pedra". Três (3) responderam "não sei, não posso dizer se é bom ou se é ruim". Uma aluna diz que "só prometem e não fazem nada. Não interessa. Pra nós não interessa, não ajuda".

As alunas não se conheciam: só as que moram perto. De modo geral, não freqüentam a casa uma das outras, a não ser se possuem algum grau de parentesco ou uma grande amizade, de anos, como a de uma branca e uma preta que se freqüentam.

O CACUMBI é "ótimo", "uma jóia", "nunca tinha visto , adorei". "Achei muito bonito".

A gafieira "taca fogo", "a gente não usa, mas quem usa gosta". "Devia de mandar para um lugar mais longe; não tá certo ficar perto da igreja". "Se não fosse a bagunça da rua, a música até era boa" (professora).

As alunas acham o MOBRAL "bom" todos deviam ser "unidos e continuar".

Para uma aluna, o MOBRAL "é tudo"; para outra, "é uma casa de burro"; (risos); para a professora, "é um movimento de alfabetização". Declaram-se contentes quando chega "aquela hora" de vir para a escola.

ALUNA DO CURSO DE ALFABETIZAÇÃO

Dona Geni
Ex-feirante
Moradora há mais de 20 anos.

Acha que o maior problema é "entrar em acordo com o tanto que tem que dar para terminar de pagar o terreno". Faltam 11 meses. Foi chamada pelo Germano: o "acordo" dele foi para comprar a casa; não precisava mais pagar. Não achou certo: o terreno é dela que mora ali muitos anos; a casa foi feita pela família dela. Quer pagar o que falta e pegar a escritura. Não aceita o acordo dele. Falou para ele. Diz que enfrenta esta parada onde tiver que ir, mas não abre mão do que é dela, por direito.

Está achando o MOBRAL "ótimo, fico sentida quando não posso vir". Gosta mesmo. Veio para a escola porque "senti vontade de aprender a escrever. Ler eu sei. Escrever uma carta para parente, mandar bilhete pela criança na venda". Começou a aprender sozinha. Antes, já esteve na aula: naquele tempo era difícil; "agora, a gente tropeça em professor".

Acha que a escola mudou a sua vida: "já posso dizer para os filhos quando não sabem".

Agora que "já entendo", já sabe ler e escrever, tem vontade de fazer "costura ou tricô; pode tirar medida das pessoas". As costureiras que conhece "são muito ruins".

Uma pessoa analfabeta "é uma pessoa sem destino". Se pensa em "pegar um trabalho, não pode", não sabe.

Prefere a Igreja e o Centro Espírita de Linha Branca, mas já freqüentou o "terreiro da Malvina, preto-velho e pomba-gira". É frequentadora do Centro Espírita Seara dos Pobres.

Acredita tanto na Igreja como no espiritismo: tinha um problema de saúde, "coisa que tinham botado, no serviço". Acredita mesmo: "penso em Deus, em Nossa Senhora Aparecida; gosto e acredito um tanto". Gosta da Igreja mas não vai mais "porque chora quando começam a cantar. Acho muito bonito". Agora, não sabe por quê, também chora quando ouve os cantos no Centro Espírita.

Acha o agente do MEP uma pessoa "muito boazinha, legal". Também as pessoas que foram com ela (agente) na sua casa arrumar a instalação elétrica, "pessoas sem luxo, muito boas".

O Posto de Saúde "não adianta para mim. O que me adianta é o Centro Espírita".

Gosta dos Comandos Sociais, "são legal". Diz que outro dia ela estava falando do Prefeito, mas viu que ele não estava só querendo prejudicar os feirantes, "está querendo de todas as pessoas".

(Observação: participou da entrevista em grupo a partir das últimas questões, quando chegou atrasada à aula).

VII - CONCLUSÃO OU ELEMENTOS PARCIALMENTE CONCLUSIVOS

VII.1 - DA EXPERIÊNCIA COMO FORMA ALTERNATIVA DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E DA POSSIBILIDADE DE CONTRIBUIÇÃO AOS PRODUTORES DO CONHECIMENTO

O primeiro encaminhamento do raciocínio para o sujeito que investiga através de uma forma alternativa de pesquisa, que busca novas modalidades de desvendamento de realidade e elaboração de conhecimentos atinentes a esta realidade, é o de que o trajeto foi cumprido, mas não se esgota no ponto final de uma dissertação de Mestrado.

Isto significa que muitos outros pontos abordados neste estudo como secundários em função do tema percorrido poderão sofrer, também, novas investidas e conduzir a constatações até aqui desconhecidas.

A investigação, portanto, não se esgota neste momento, como uma "coisa em si", mesmo porque conteúdos surgidos a partir dela continuam sendo trabalhados, sob a forma de elaboração de um manual de alfabetização de adultos para os moradores analfabetos do Morro da Caixa d'Água.

Este modo particular de devolver o material ao grupo que o produziu tem características de contribuição imediata do investigador e da pesquisa, enquanto modo natural de procedimento metodológico e de postura acadêmico-politizada.

Neste proceder imediato, o pedagógico assume posição de relevo se consideramos que ele conduz ao processo de elaboração de um conhecimento novo e,por que não dizermos, revolucionário, pautado numa prática social-educativa de respeito à concepção de mundo das camadas populares ou, dito de outra forma,a

maneira como os moradores do Morro da Caixa d'Água visualizam, discutem e elaboram o seu pensar e o seu fazer.

A advertência para o perigo de que uma prática que se pretende revolucionária possa resumir-se e reduzir-se, por questões de imobilismo mais afetas às condições objetivas de existência, a uma prática repetitiva da situação existente, encontra respostas no próprio modo de vida e de resistência das camadas populares que procuram romper com o caráter de efemeridade dos movimentos que aqui estudei.

O processo de transformação é realizado pela própria dinâmica de resposta ao mundo sufocante e desfavorável em que são obrigados a viver, por sua posição social numa sociedade dividida em classes tão antagônicas.

Importa salientar, neste momento, que a importância maior de trabalhos científicos desta natureza reside, primeiramente, na oportunidade de se conhecer uma realidade que é ignorada pelos meios acadêmicos, através de suas seleções curriculares que tratam determinados segmentos da sociedade de modo equivocado quando não atingem o limite imperdoável – cientificamente falando – de não lhes atribuir *status* de existência.

A contribuição efetiva, não tão imediata como a anteriormente citada, mas assumida como possibilidade de recuperação de posturas científicas mais corretas, limitando o debate ao nível da qualidade da ciência veiculada pelas escolas brasileiras, conduz à constatação da necessidade dessas escolas assumirem o papel que lhes cabe numa sociedade dividida em classes: o de ser um "lugar" de luta pela hegemonia de classe.

Esta luta só poderá ser travada quando o conteúdo que as escolas trabalharem trouxerem o peso da verdade do conhecimento na sua totalidade e não apenas a seleção dos conteúdos

que favorecem o segmento dominante da sociedade.

O despir a escola do peso de reprodutora da hegemonia da classe dirigente e o cobri-la com as vestes históricas da verdade científica, passa, necessariamente, pelo trabalho sistemático e sistematizado da elaboração e divulgação do conhecimento que se faz e que circula no ventre das camadas populares e que precisam de mais espaço dentro dessa sociedade.

Aponto, aqui, para a importância de uma escola que democratize o saber que é coletivamente elaborado, contrapondo-se àquela que reconhece o saber produzido socialmente, mas que, na apropriação deste saber, privatiza-o.[1]

Se a educação popular, aquela que se faz fora e, muitas vezes, em conflito com o saber veiculado nas escolas, pudesse ter nestes espaços - escolas - o momento do pensar a prática não mais como um processo de expropriação do saber do trabalhador, mas da complementação efetiva do processo de elaboração (produção e reprodução) do saber, estaria contribuindo para a superação da dicotomia - saber formal/classe dominante, saber informal/camadas populares - no gesto político de transformação democrática da sociedade, na "tão necessária passagem interna de um saber tradicional do povo para um saber orgânico de uma classe social" (Brandão, 84:176).

Está claro que esta batalha não se trava apenas nas trincheiras da educação popular, aquela que se dá no âmago dos movimentos sociais enquanto educação de classe, mas no esforço conjunto da democratização do saber num todo, quer no espaço-

---

[1] *Ver a Tese de Doutorado de Acácia Zeneide Kuenzer. As relações de produção e a Educação do Trabalhador: da distribuição desigual do saber à veiculação da concepção de mundo, PUC/SC, 1984.*

escola, quer no espaço-fábrica, quer no espaço-Morro da Caixa d'Água, quer no pólo do poder político-econômico, enfim, no já citado processo de"profunda renovação democrática do conjunto da vida brasileira".

Resta acrescentar, ainda, que alterações ocorridas no currículo do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina foram propostas a partir das constatações desse trabalho e que, embora restritas aos limites de um curso universitário, evidenciam a colaboração que as camadas populares têm a oferecer na constante troca de informações entre a Universidade e o meio sócio-cultural em que se insere e com o qual, por funções que lhes são atinentes - de pesquisa, ensino e extensão -, tem compromissos históricos a cumprir.

VII.2 - DO CONTEÚDO "EM SI", SOB A FORMA DE ELABORAÇÃO DO CONHECIMENTO A PARTIR DE UMA DETERMINADA PRÁXIS

O histórico "eles não sabem, mas fazem" encontrou, neste contexto, uma alteração: é quando o fazer se sintoniza com a perspectiva de um ato necessário que traz resultados, imediatos ou vislumbrados, esclarecidos em torno de um projeto, mesmo que só explicitado mas não formalizado nos ditames convencionais, este fazer toma o caráter de um saber com possibilidades de transformação.

Notadamente nas práticas desenvolvidas pelo MEP, quando esta relação - fazer/saber/fazer - se manifesta, como algo imanente à própria naturalidade do desenrolar do cotidiano dos produtores da cultura, entendida como o resultado da luta pela transformação da natureza e do ambiente social dos moradores do

Morro da Caixa d'Água.

Este comportamento, porém, não se vislumbra nos moradores quando participam das práticas dos Comandos Sociais e mesmo do MOBRAL na maior parte das vezes, exceção para os momentos anteriormente esclarecidos. Neste caso, parece-me que "a práxis utilitária imediata e o senso comum a ela correspondente colocam o homem em condições de orientar-se no mundo, de familiarizar-se com as coisas e manejá-las, mas não proporcionam a compreensão das coisas e da realidade" (KOSIK, 76:10) soa tão verdadeiramente que me permite resgatar, de fatos acontecidos no interior dos Comandos Sociais e do MOBRAL, a veracidade da comprovada afirmação.

É quando os moradores não entendem porque são lançados em práticas que, aparentemente, lhes são necessárias e benéficas, mas que ao executá-las ou discuti-las, revelam-se, todavia, como estranhas ou ininteligíveis.

Que significado político-pedagógico tem tal comportamento?

A própria pedagogia, que circunscreve o pensar e o proceder político e, ao circunscrevê-lo, assume o seu caráter dependente, revela caracteres que, destacados, apresentam-se da seguinte maneira: os moradores não sabem o que e como fazer, precisam ser ensinados. Neste processo pedagógico oculta-se o dedo indicador da condução do pensamento dos moradores e, conseqüentemente, do ato em si considerado necessário. Poderíamos tentar contornar esse desfecho, lembrando que as decisões são, algumas vezes, tomadas em conjunto. Este em conjunto, porém, traz a marca do peso da condução do processo, conforme evidenciei em capítulos anteriores que, hegemonicamente, localiza-se nos dedos dos agentes dos Comandos Sociais e também do MOBRAL.

Em contrapartida, as práticas não se justificam, os moradores não as assumem como coisas suas, apesar de muitos deles as considerarem necessárias.

Implícita a esses procedimentos e resultados, identifico a política do favor, do assistencialismo, da desvalorização do conhecimento popular, da necessidade de condução para a transformação almejada pelos projetos elaborados no seio da camada social dirigente.

Depreendo estes elementos conclusivos a partir do destaque de dados que reputo de significação relevante:

- O MOBRAL considera que "os objetivos previamente estabelecidos pela equipe central" serão atingidos no momento da discussão pedagógica, vale dizer, no ato do ensinar. Eu considero que nem mesmo neste momento a discussão foi colocada pelo agente do MOBRAL. Como se pode depreender do Ritual Pedagógico, vale dizer da forma de organização do trabalho do MOBRAL, quando o agente conduzia as aulas seguindo orientações do treinamento realizado com os especialistas do MOBRAL, a discussão não tinha espaço para ser colocada. Quando muito, solicitava uma resposta que, na maioria das vezes, tinha dificuldades de ser conseguida.

- Repito que, mesmo possuindo uma alfabetizadora reconhecida como a melhor e mais premiada do oeste catarinense, o trabalho do MOBRAL não tem condições de se efetivar com um mínimo de rendimento satisfatório no plano pedagógico. No político, talvez se possa levantar algumas vitórias, se visualizadas pela ótica da contravitória: impossibilidade dos alfabetizandos, obediência servil, adestramento, desvio dessas pessoas de outras práticas mais necessárias à sua história.

- Mesmo a "conquista" enquanto elemento componente da atuação do MOBRAL, fazendo crer aos moradores alfabetizandos que, por não ter acesso ao mundo do trabalho e por não gozar do bem-estar daqueles que trabalham - uma vez que só podem gozar deste bem-estar aqueles que produzem para o desenvolvimento - (JANNUZZI, 80), mágica utilizada como motivações didáticas para aprendizagem, advindo daí, de modo correlato, a expectativa de melhores condições de vida, apresenta resultados nulos, quando o grande engodo é percebido no desenrolar do próprio processo de aprendizagem e o êxodo dos moradores é sensivelmente notado.

- Apesar da constante preocupação com a leitura e a escrita, constatei que somente quando o agente se utilizou de mecanismos diferentes, isto é, quando conduziu o processo dentro de uma técnica de ensino que aprendeu com uma senhora alemã e "que elas (especialistas do MOBRAL) não gostam que use" (método de silabação), ou quando se esteve no interior de um processo diferente, "puxado" pelo MEP, é que foram apresentados sinais evidentes de aprendizagem. Cito, para exemplificar, as aulas sobre o peixe que "substituíram" a lição do MOBRAL sobre comida, e as subseqüentes, relacionadas com os preços dos produtos alimentícios levantados pelas alunas e elementos do MEP. Este foi o momento de primeira explosão de "vida", verdadeiramente de ensino-aprendizagem, na prática educativa desta agência - ressalto que foi propiciada pela intervenção de uma contrapedagogia, ou de um processo de resistência à ordem estabelecida pelo MOBRAL.

- Levantando a questão de que se trata de um encaminhamento metodológico cujo elemento central comporta-se como um "método do antidiálogo" em ação, num processo onde a participação tem um peso fundamental associado à direção dada na condu-

ção dos moradores do Morro da Caixa d'Água, é de se destacar a inutilidade de tal atuação sob dois aspectos, principalmente : no primeiro, a impossibilidade de participação efetiva no projeto de transformação das condições de vida da população atendida, a não ser sob a forma de freio/impedimento, para que estes moradores, envolvendo-se em práticas que lhes são desnecessárias , não disponham desse tempo para envolver-se em atividades que lhes beneficiem; no segundo, a comprovação da inutilidade da ação do MOBRAL no Morro da Caixa d'Água está no pequeno período de atuação dentro do seguinte quadro constrangedor:matrícula de poucos alunos, se visualizados o número total de analfabetos no Morro; matrícula de número considerável, "pedagogicamente" aceitável, se considerada a capacidade possível do espaço escolar, mas desprestigiada pelo êxodo escolar gritante; atendimento, via diplomas, de aproximadamente 18% da população analfabeta; a não procura dos moradores para abrir novas classes e, finalmente, o fechamento do curso.

É necessário destacar o político que enforma este quadro pedagógico.

Numa primeira direção, aponto para os interesses da agência enquanto instituição envolvida na "erradicação da chaga do analfabetismo" e, posteriormente, em direção antagônica, a posição da população envolvida enquanto beneficiária desta presença, no Morro.

Considero que o MOBRAL não se apresenta, no Morro da Caixa d'Água, como um movimento que, envolvido com as camadas populares, sofre as alterações possíveis à adaptação necessária para o atendimento dos interesses dos moradores (querem ser alfabetizados? para quê? o que mudará com a alfabetização? por que necessitam ser alfabetizados?), mas assume o peso histórico

da escola enquanto instrumento usado pelas classes dirigentes "como forma de transmissão de seu saber e na formação de seus intelectuais orgânicos, ao mesmo tempo em que nela se desenvolve uma prática político-ideológica que se encaminha para a formação de uma consciência que é fundamentalmente voltada para a dominação e reprodução de seus valores" (PEIXOTO FILHO, 81:) . Neste sentido, "fabrica" uma pedagogia voltada para a reprodução de um saber aleatório e alienante, nem mesmo competente e sob a ótica da política do prestar serviços, condicionada à manutenção da situação existente. A mudança, mesmo no plano eminentemente pedagógico - agora já sabe ler e escrever - está amarrada à impossibilidade de alteração do quadro político e social, assentado na manutenção do econômico.

Comprovo aí que o pedagógico, constituído e em funcionamento na metodologia do antidiálogo está condicionado à "própria conjuntura sócio-política e econômica na qual está inserida" (PEIXOTO FILHO, 81), uma conjuntura antidemocrática e antipopular.

Processo semelhante acontece na ação dos Comandos Sociais.

Sob a aparência do atender às necessidades dos moradores, vestida na prática pelas palavras do "fazer com que vocês despertem e comecem a tratar os problemas", que "lutem e se unam para descobrir, discutir e tentar resolver os seus problemas", difere porém, do MOBRAL, na maneira de "entrar na comunidade" e abrir perspectivas: enquanto esta agência distribui lápis, caderno e borracha, dizendo que começa dando presentes e que "quem não faltar o MOBRAL dá prêmio", aquela se apresenta como corredor de passagem para os órgãos governamentais, que é o lugar onde existem todos os recursos que os moradores necessi

tam para resolver os seus problemas, condicionando, apenas, que sejam eles, participando, que os resolvam.

Aqui o pedagógico se sofistica: não apenas o antidiálogo, mas a metodologia do esbarrar em mais e diferentes instâncias, multiplicando-se as facetas do "diálogo surdo" que advém do falar a todos os cantos, não poder adivinhar que resposta terá, perder completamente o fio da conversa, sentar e esperar e, numa determinada ocasião, quando o final do corredor tortuoso e escuro começar a lançar sinais não identificados, abre-se, de repente, à sua frente, a volta da conversa, sob a forma do SIM ou do NÃO. Aí, recomeça o processo da resolução dos problemas dos moradores.

Diria que se trata da política de agir "sobre um campo vazio de idéias e aí instaurar algo novo" (BRANDÃO, 84:151).

Repetir que se trata de uma agência, e não uma escola enquanto lugar ideológico de manutenção da ordem existente, como o MOBRAL, mas um espaço enquanto lugar ideológico de manutenção da ordem existente, configura, em parte, a conclusão pretendida. Porém, este espaço pedagógico funciona politicamente com uma carga de crueldade maior. O prêmio não é mais o lápis, a borracha, o caderno, a festa, o sonhado emprego; o prêmio é o fim, afinal, das privações, da vida sacrificada, substituída pela alegria proporcionada, do "trem azul da vida alcançada": este sonho é possível, desde que seja feito pelo seu braço, o seu esforço. Depende, aqui, às claras, da vontade individual de melhorar, do esforço individual de progredir.

E quem coloca nas mãos dos moradores a magia deste sonho não são os sisudos senhores que decidem, mas as moças e os rapazes, mostrados na televisão, que estão ao seu lado, torcendo para que as expectativas dos necessitados dêem certo.

E o "novo" que se pretende instaurar está revestido, de um lado, de total domínio e, do outro, de total "impotência revolucionária".

Se a pedagogia da crueldade esconde a política da crueldade, envolvendo neste trajeto tantas boas vontades que, em determinados momentos, são capazes de aparentar, a grossas vistas, o empenho das autoridades no atendimento às aspirações do povo, a lente olhada pelo lado oposto mostra os moradores , acostumados com a convivência desta política, desconfiados mas pacientemente tolerantes "com os moços", picados pela mosca azul, mas pé atrás no enfrentamento, até a discussão clara de "suas coisas" e o repúdio total à presença desta agência no seu cotidiano.

Se agências como o MOBRAL e os Comandos Sociais se interessam em ocupar um espaço no Morro da Caixa d'Água, os moradores não permitem a sua permanência.

Resgato, assim, a direção antagônica da posição da população em relação a estas agências. A comprovação poderia se dar sobre o fato de que ambas deixaram de existir, no Morro, depois de 2 anos (MOBRAL) e menos de 1 ano (Comandos Sociais) de ação sistemática.

A resistência dos moradores, porém, pode ser comprovada sob outros aspectos.

De um lado, pode ser apontada a passividade oriunda da descrença histórico-cultural das classes subalternas em torno de propostas de mudanças vindas de cima para baixo, típicas manobras da "via prussiana para o capitalismo".[2]

---

[2] *Remeto aos trabalhos de José Chasin - O Integralismo de Plínio Salgado - forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio, São Paulo, Ed. Ciências Humanas, 1978, e de Carlos Nelson Coutinho - O Valor Universal da Democracia, São Paulo, Livraria Ed. Ciências Humanas, 1980.*

De outro lado, porém, aponto para a presença, no mesmo espaço geossocial, estabelecendo relações de alianças e conflitos, de luta pela hegemonia entre as e das camadas populares enquanto lugar alternativo de resistência,do MEP, agência que participa, em condições que se colocam, de imediato, de um modo que se pretende oposto às agências anteriores, no projeto de transformação das condições de existência dos moradores do Morro da Caixa d'Água.

Importa, todavia, esclarecer também nesta agência alguns pontos que, mesmo se apresentando como secundários, num plano de proposta mais ampla, revelam-se como fundamentais nesta análise.

Vimos que o MEP apresenta na sua proposta a "conscientização" como condição necessária para que os homens tornem-se "agentes de sua própria história e, conseqüentemente, responsáveis pela transformação que desejam".

Identificar que, em agências como o MOBRAL e os Comandos Sociais, o modelo de mundo idealizado e passado é o que se origina no interior da elite de uma sociedade capitalista é menos complicado que perceber, sem a linearidade que a situação teórica coloca, como o modelo de mundo está sendo pensado e trabalhado no interior de um movimento que congrega pessoas de diferentes camadas sociais, atuando em torno do projeto social de uma delas e como a ação destes elementos, em aliança , está reelaborando e propondo o modelo de mundo antagônico.

Primeiro, importa verificar como este momento se dá no interior de um movimento como o MEP e, em seguida, analisar se as classes subalternas encontram, neste movimento, condições adequadas ou espaço possível para "construir e veicular uma concepção de mundo emancipatória que lhes permita consolidar

uma contra-ideologia" (MANFREDI, 80:).

Recoloco alguns dados, começando pela presença de elementos "classe média" articulados e em aliança com o projeto das camadas populares.

Por antítese, percebe-se como, através do MOBRAL, a "elite pensa e traduz seu pensamento em forma de regras de ação que o povo deve executar" (JANNUZZI, 80:72). No MEP, existem momentos em que esse viés aparece, mesmo considerando que o que está por trás de um - MOBRAL - difere do outro - MEP. É quando este movimento, centrado no pólo em torno do agente, considera a necessidade histórica de impedir que o povo, por características compreensíveis advindas de necessidades múltiplas (sobrevivência, estado de miserabilidade, desesperança), não tem condições de entender o perigo que pesa sobre sua cabeça, ao aceitar determinada proposta que ele, enquanto moradores, considera correta. Indago se o ato do protecionismo bem intencionado não esbarra, de certa forma, na descrença da possibilidade do povo traçar seu próprio destino e colocar para este pólo do MEP a opção pela aliança até às últimas conseqüências desta decisão?

Questiono também se este viés ou, o que considero falha, o que antecede, e que encaminha para este viés, radicalizando a penetração no problema, não estaria no que Paulo Freire ressalta como componente de seu método - o diálogo - que "exige humildade, colocando-se elite em igualdade com o povo para aprender e ensinar, porque percebe que todos os sujeitos do diálogo sabem e ignoram sempre, jamais chegando ao ponto do saber absoluto, como jamais se encontram na absoluta ignorância" (Paulo Freire apud JANNUZZI, 79:37).

Este componente encontra-se na prática do MEP. Mas existem determinados assuntos, como questões ligadas a alguns

financiamentos externos já citados, que o agente do MEP considera de um determinado modo, o qual se contrapõe à maneira de visualizar o problema pelo grupo de moradores que atua na prática específica. A atitude coerente, a meu ver, seria a discussão das opiniões contrapostas e, apesar da proposta surgida no interior do grupo de moradores, o agente não se dispôs a este tipo de diálogo, pois já sabe, de antemão, o que os moradores pretendem. Ao não se dispor ao diálogo, neste caso, considerado como um caso apenas, não se estaria abrindo caminho para o atraso na ruptura e superação dos limites que dificultam, num determinado momento histórico - o hoje, impossibilitado - o momento mais adiante,o de impedir a condução do processo de transformação pelos moradores?

Outro aspecto a considerar é que, apesar das práticas realizadas em torno do MEP apresentarem condições objetivas de estarem participando do processo de transformação da vida dos moradores, existem momentos em que este espaço/limite não consegue conter a ação aparentemente desenfreada da população, em torno de interesses genuinamente populares, aqueles que são realizados somente entre eles, contando com seus recursos e decisões. É quando as crianças derrubam cercas à noite, colocadas pelos capangas do invasor das terras de uso e "propriedade" popular, ou quando os moradores tomam um terreno e constrõem a Praça do Povo. Se o MEP, enquanto movimento, não participa dessas atividades, devo ressaltar, todavia, que a opinião corrente entre os moradores e só revelada depois do ato realizado, é de não envolvimento do agente de educação popular, para ser protegido de possíveis complicações. Mesmo quando o avisam da necessidade de ações desta natureza, os moradores pedem a sua ausência. Quero com isto apresentar que existe, claramente, um elo de ligação interno, só visível se penetrarmos na leitura das linhas

pontilhadas que se dão na teia de relações do campo pedagógico em estudo.

Se destaco, em determinado momento, que num campo de relações pedagógicas cujos significados se entrecruzam num emaranhado de uma teia já politicamente visualizada, a questão que, tão importante quanto os resultados, é o próprio processo de elaboração dos caminhos que conduzem a estes resultados e, mais ainda, que é ao longo destas caminhadas que um saber está sendo elaborado, quero resgatar este parágrafo da própria condição de existência dos elementos que o configuram, enquanto elaboração teórica.

Diria que o MEP está localizado na passagem de um programa tradicional de desenvolvimento comunitário (BRANDÃO, 84: 47), envolvendo, ainda, preocupações de "organização-mobilização de grupos populares (sobre) uma espécie de situação-instrumento", para uma proposta de "transformação radical não só do trabalho pedagógico do educador (uma nova pedagogia), mas do sentido e do uso político da educação (uma nova práxis de compromisso popular através da educação") (BRANDÃO, 84:54).

Se o MOBRAL e os Comandos Sociais se utilizam de "situações instrumentos" (as práticas desenvolvidas por estas agências) para reorganizarem e levarem os moradores, enquanto "agentes da própria comunidade", a serem responsáveis pelo seu "desenvolvimento" - desenvolvimento traçado a partir da ótica e interesse dessas agências institucionais externas, o MEP busca, numa outra escala de ótica e interesse, também a reorganização que produza "modificações de mentalidade e de atitudes" e que a "melhoria de vida" se dê através das ações coletivas dos reagrupamentos populares modernizados (BRANDÃO, 80:47).

É de se destacar que, nesta passagem, em busca de"uma práxis de compromisso popular através da educação" e dando à educação o conceito amplo de processo que mediatiza atividades no seio de uma prática social global, envolvendo, aí, relações não só com essas agências institucionais externas, quer de conflito (a maioria das vezes) mas também as alianças (poucas e limitando-se ao MOBRAL, enquanto atividade que, transformada,poderia "passar" a proposta do MEP) mas também e basicamente, com as agências internas, ou com moradores enquanto indivíduos que fazem parte dessas agências e pelo menos no período de observação, nenhuma relação com agências externas (como a gafieira) , mas relações informais e politicamente desinteressadas com os bares que vieram de fora, o MEP comportou-se como um intermediário nestas duas possíveis maneiras de atuar com as camadas populares.

Como intermediário, o fiel da balança pende muito mais para o espaço de busca de uma outra ordem social que para o de invasão de "domínios do saber, da consciência e da organização popular" tão ao gosto dos Comandos Sociais e MOBRAL.

Diria que, mesmo que as relações de poder manifestadas em torno das práticas sociais desenvolvidas pelo MEP não se dêem uniformemente na direção das decisões exclusivas dos moradores, o que vem demonstrar as contradições que permeiam este movimento - o escamotear a decisão popular quando esta radicaliza posições, fazendo de conta que esta decisão não existe, em defesa do próprio povo - é de se destacar a hegemonia dos moradores na condução do processo de elaboração do conhecimento, e a postura de participação ativa no fortalecimento das camadas populares na luta pela transformação do ambiente em que vivem.

Parece-me, todavia, que esta postura, ao revelar fa-

cetas multiformes, condicionada à complexidade do ambiente onde se movimenta, e, sem pretensões de um purismo ahistórico, justificado por se tratar da sociedade brasileira pós-64, mas apresentando proposta clara de tentativa de colocar-se como um espaço onde as classes subalternas possam construir e sedimentar uma concepção de mundo que lhes permita consolidar uma "contra-ideologia", permite o esboço de um saber, sim, mas de um saber que, por não ter o peso explícito de um saber de classe social, mas aparentando uma mistura de um saber politicamente necessário para mudanças sem uma proposta social e organizadamente definida, não apresenta condições da superação possível, enquanto passagem de saber-resposta a saber-instrumento de luta nas mãos dos moradores, como organização independente.

Porém, o processo de elaboração deste saber, este sim, coloca condições possíveis para a superação necessária; é quando a postura do agente de educação popular e de seus assessores, pedagogicamente, traça o modelo democrático de relações sociais igualitárias, livres de opressão. Aqui está o núcleo da proposta de mudança, o centro da abordagem política do MEP, como agência aliada. E se penetro um pouco mais nesta questão e defino que é no processo, muito mais que no saber elaborado, enquanto produto, que se encontra a pedagogia que explicita uma visão política, resgato o MEP de suas contradições objetivas, passíveis de, ao serem superadas, participar ao lado de outras agências democráticas, internas ou externas, na caminhada em direção a uma sociedade mais justa e humana, caixa de ressonância de anseios e propostas populares.

É quando agente e moradores tentam se livrar do peso da dominação e opressão das camadas populares e criam formas alternativas de decisões, fazendo com que o pedagógico nasça como algo novo naquele lugar e, no entanto, tão simples: o dei

xar falar, o saber ouvir, o trocar conhecimentos, o lutar por algo em comum, o trabalhar na mesma prática em condições de igualdade. O conhecimento que surge neste processo é um saber que tem o gosto da "coisa nossa", a familiaridade do conhecido e também possuído, diferente do conhecido para a cooptação.

Se o saber-resposta ainda não tem o peso do saber-instrumento de luta em algumas práticas do MEP, isto ocorre muito mais devido à escolha de determinadas práticas pelo agente e assessores antes da "passada" pelos moradores (podendo, até, "esbarrar" como prática objetivamente necessária naquele momento, o que faz com que o MEP se apresente, sim, como espaço alternativo), apresentando a lacuna da discussão e esclarecimento em conjunto e às claras do "saber necessário", enquanto luta de classe social no caminho da elaboração de uma contra-ideologia, emancipatória, que conduza a uma mudança estrutural da sociedade.

É justamente nesta lacuna que se encontra o que Gramsci coloca como a questão da "direção cultural".[3]

É através dela e da preparação ideológica organizada, "consideradas como eixos fundamentais para uma práxis de transformação de estrutura social" (SCHERER-WARREN, 84:60) que os moradores do Morro da Caixa d'Água, como pertencentes às classes subalternas (ampliando, pois, o conceito de transformação-tarefa para transformação-resolução social), poderão participar do movimento global de transformação desta sociedade.

---

[3] *Antonio Gramsci. A concepção dialética da história. Trad. por C.N. Coutinho do original italiano Il materialismo storico e la filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2a. ed., 1978.*

Está, pois, no ponto que Gramsci indica como aquele em que as classes subalternas aspiram "a atuar em movimentos que visem não somente a superação de uma situação econômica dos explorados, mas acima de tudo, a hegemonia política e cultural, é que toda a revolução é também o processo de construção de uma cultura nova, de uma reforma intelectual e moral, e exige para esse ato de auto-consciência crítica uma organização e dirigentes - os intelectuais orgânicos" (SCHERER-WARREN, 84:63-64).

Alguns pontos se colocam,então, para o MEP:

1. Não é no seu interior, enquanto organização, que está se gerando e desenvolvendo a "autoconsciência crítica" e os intelectuais orgânicos necessários, aqueles que se atêm à direção cultural e moral da sociedade, antes de ser classe dominante.

2. Em alguns momentos, vislumbram-se elementos dessa natureza, se isolados da totalidade de sua ação, mas transitórios, enquanto força mobilizadora. É justamente na dialética "intelectual-massa" que o MEP desenvolve em torno do processo de elaboração do conhecimento que tal possibilidade ocorre.

3. Para poder conter a força espontânea dos atos que considerei genuinamente populares, e possibilitar o espaço de ação/reflexão de uma consciência coletiva, o MEP precisaria superar as contradições internas geradas e oriundas de diferentes concepções de mundo, gesto procurado por intermédio do firme despir-se de interesses condutores das camadas populares,mesmo aqueles de caráter protecionista, aliado à busca de uma síntese da "espontaneidade das massas" com a "direção consciente" (disciplina) (SCHERER-WARREN, 84:69).

4. Parece-me que o MEP possui condições de,refletindo

sobre estes elementos, continuar atuando no Morro da Caixa d' Água como um aliado que se proponha a trabalhar para a "passagem do movimento puramente econômico (ou egoísta-passional) ao movimento ético-político, isto é, a elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens", ou seja , um projeto de transformação do "reino da necessidade" para o "reino da liberdade" (SCHERER-WARREN, 84:74).

5. Finalmente, concluo com um trecho de Gramsci que considero possível caminho para a retomada do MEP, movimento necessário enquanto aliado das camadas populares e mais um espaço de luta pela hegemonia das classes subalternas:

> *"O homem ativo da massa atua praticamente, mas não tem uma clara consciência teórica desta sua ação, que não obstante, é um conhecimento do mundo na medida em que o transforma. Pode ocorrer, inclusive, que sua consciência teórica esteja historicamente em contradição com o seu agir. É quase possível dizer que ele tem duas consciências teóricas (ou uma consciência contraditória): uma, implícita na sua ação e que realmente o une a todos os seus colaboradores na transformação prática da realidade; e outra, superficialmente citada ou verbal, que ele herdou do passado e acolheu sem crítica. Todavia, esta concepção 'verbal' não é inconseqüente: ela liga a um grupo social determinado, influi sobre a conduta moral, sobre a direção da vontade, de uma maneira mais ou menos intensa, que pode inclusive, atingir um ponto no qual a contraditoriedade da consciência não permite nenhuma ação, nenhuma escolha e produza um estado de passividade moral e política. A concepção crítica de si mesmo é obtida, portanto, através de uma luta de 'hegemonia', de direções contrastantes, primeiro no campo da ética, depois no da política , atingindo, finalmente, uma elaboração superior da própria concepção do real"* (GRAMSCI, 78:20.21).

A permanência do MEP nas atuais condições de existência poderá implicar, a meu ver, um possível futuro desmantelamento, horizonte já vislumbrado, inclusive, por moradores que, por não concordarem com determinados atos, são mantidos à margem não só da participação, mas inclusive da discussão que a antecede. Imbricados, pois, na pedagogia do diálogo entre iguais, os resquícios de práticas autoritárias e incorporadas notadamente da classe social divergente, apresentam atalhos seriamente

comprometidos com um desserviço às classes subalternas que pretendem servir.

Neste caso, o espaço da "coisa nossa" não contida na sua íntegra no interior e limites do MEP poderá se ampliar e abafar o trabalho de um movimento politicamente importante na condução da sociedade a direções que atendam aos anseios populares.

Resta apontar o caráter de efemeridade dos movimentos que atuam no interior das camadas populares.

Parece-me que este fato compromete,e muito,a efetividade de suas ações, se não tivermos claros os limites de sua presença na luta pela transformação das condições de existência – tanto materiais, como sociais e culturais – das classes subalternas, aqui representadas pelos moradores do Morro da Caixa d'Água.E este limite está em considerá-los como mais um caminho possível para a busca da transformação desejada. Importa esclarecer os seus compromissos – a que vieram, por que atuam e como atuam – e,quando estes compromissos não coincidem com as necessidades e interesses das camadas populares,é no interior destas camadas que a resistência e a exclusão se darão. Mas quero registrar a crença de que este processo não se dá de modo espontâneo como aparenta, mas muito mais como resultado de experiências e esclarecimentos, debates e clareza de propósitos , num constante crescer em determinada direção. Aí reside, a meu ver, o ponto central da dinâmica que contrapõe e supera a efemeridade destes movimentos: a clareza de propósitos – discutidos e aceitos, o reajuste de direcionamento, o traçar dos limites de suas possibilidades, as tentativas de unir esforços com outros setores aliados na busca de rompimento das paredes de seus limites naturais e o enfrentamento de questões amplas que ex-

trapolam o imediato necessário das ações.

O campo fértil dos movimentos de educação popular está condicionado, assim, a uma rede de múltiplas necessidades que se encontram no que Gramsci chamou de direção cultural da sociedade.

Tenho ainda a acrescentar que se esta conclusão não responde disciplinada e academicamente às perguntas levantadas na introdução deste trabalho, é porque estou certa de que se trata de indagações que preocupam a tantos que se dedicam a estudos semelhantes e que não podem ser respondidas a partir, apenas, do universo pesquisado. Esta pretensão, aqui, incorreria no erro de querer "explicar o movimento dos astros através do estudo da lua". Isto não invalida, porém, a constatação de que é a partir de questões encontradas no contexto onde pesquisei que posso conduzir outros estudos e debates, que, somados a estes, poderiam responder às preocupações que aponto aqui. O que implicaria, quer me parecer, em discutir, inclusive, etnografias de sociedades diferentes.

BIBLIOGRAFIA

1. BEZERRA, Aída. "As atividades em Educação Popular". Revista CEI, suplemento nº 22, out. 1978. Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

2. BEISIEGEL, Celso de . Estado e Educação Popular: Um estudo sobre a educação de adultos. São Paulo, Pioneira Editora, 1974.

3. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os deuses do povo, São Paulo, Brasiliense Editora, 1980.

4. _____. Casa de Escola, Campinas, Papirus, 1980.

5. _____. O ardil da ordem (Caminhos e armadilhas da educação popular),Campinas, Papirus, 1983.

6. _____. Lutar com a palavra, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982.

7. _____. Educação popular, São Paulo, Editora Brasiliense S/A, 1984.

8. _____. Método Paulo Freire, São Paulo, Editora Brasiliense S/A, 1981.

9. _____. Pensar a prática: escritos de viagens e estudos sobre a educação, São Paulo, Edições Loyola, 1984.

10. _____. "Da educação fundamental ao Fundamental da educação", Cadernos do CEDES, nº 1, São Paulo, Cortez Editora/Autores Associados, 1980.

11. _____. O que é educação, São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.

12. _____. (org.) A questão política da educação popular, São Paulo, Brasiliense Editora, 1980.

13. _____. (org.) Pesquisa participante, São Paulo,Editora Brasiliense, 1982, 2ª ed.

14. COUTINHO, Carlos Nelson. A democracia como valor universal, São Paulo, Editora Ciências Humanas, 1980.

15. CORRÊA, Arlindo Lopes. Educação de massa e ação comunitária, Rio de Janeiro, AGGS:MOBRAL, 1979.

16. COSTA, Beatriz. "Para analisar uma prática de educação popular", Revista CEI, Suplemento nº 17, abr. 1977, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

17. CURY, Carlos Roberto Jamyl. "Categorias possíveis para uma aproximação do fenômeno educativo", Revista Educação & Sociedade, nº 2, 1979, São Paulo, Cortez & Moraes.

18. DAUSTER, Tânia (coord.). "O cavalo dos outros", relatório de pesquisa, mimeogr.

19. _____. "O cavalo dos outros" - resumo do estudo sobre a categoria social educação e os alunos do programa de alfabetização funcional do MOBRAL, Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Tecnologia Educacional (ABT), Educação de Adultos, nº 40, 1981:16-11.

20. DIAS, Edmundo Fernandes. "Cultura, Política e Cidadania na produção gramsciana de 1914 a 1918 "in Educação a Política: Gramsci e o problema da Hegemonia, Cadernos do CEDES, a H nº 3, São Paulo, Cortez & Moraes.

21. ENGELS, Friedrich. Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico, Lisboa, Editorial Estampa, 1974.

22. FÁVERO, Osmar. Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60, Rio de Janeiro, Edições Gerais, 1983.

23. FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

24. FREITAG, Bárbara. Escola, Estado e Sociedade, São Paulo, Editora Edart, 1977.

25. FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, Porto, Apontamentos, 1975, 2ª ed.

26. FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler, em três artigos que se completam, São Paulo, Autores Associados/Cortez Editora, 1982.

27. _____. Educação e mudança, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

28. _____. Conscientização: Teoria e Prática da Libertação, São Paulo, Cortez & Moraes, 1980.

29. _____. Ação cultural para a liberdade e outros escritos, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, 4ª ed.

30. FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. Sobre Educação (Diálogos), Rio de Janeiro, Paz e Terra, vol. I, 1982.

31. GARCIA, Pedro Benjamin. "Algumas reflexões em torno da questão do saber", Cadernos do CEDI, nº 2, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

32. _____. "Educação Popular: a questão do saber", Revista CEI, Suplemento nº , Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

33. GOES, Moacyr de. De pé no chão também se aprende a ler, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

34. GUIMARÃES, Alba Zaluar. Desvendando máscaras sociais, Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1975.

35. GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S/A, 1978, 2ª ed.

36. _____. Concepção dialética da história, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S/A, 1978, 2ª ed.

37. _____. Introdução à filosofia de praxis, Lisboa, Edições Antídoto, 1978.

38. GRUPPI, Luciano. O conceito de hegemonia em Gramsci, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1978.

39. IDAC. "A Observação Participante: uma alternativa sociológica", Revista CEI, Suplemento nº 20, 1978, Rio de Janeiro , Tempo e Presença Editora.

40. JANUZZI, Gilberta Martino. Confronto Pedagógico: Paulo Freire e MOBRAL, São Paulo, Cortez & Moraes, 1979.

41. KOSIK, Karel. Dialética do concreto, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, 2ª ed.

42. KUENZER, Acacia Zeneida. "As relações de produção e a Educação do Trabalhador: da distribuição desigual do saber à veiculação de concepção de mundo, Tese de Doutorado, PUC/SP, 1984.

43. LÉVI-STRAUSS. O pensamento Selvagem, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976, 2ª ed.

44. MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia, São Paulo (Os pensadores), Abril Cultural, 1978.

45. MANFREDI, Silvia Maria. Política: Educação popular, São Paulo, Edições Simbolo, 1978.

46. MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política, São Paulo, Martins Fontes Editora, 1977.

47. _____. Crítica da Educação e do Ensino, Lisboa, Moraes Editores, 1978.

48. MUNÓZ, Jorge Vicente. "Sobre as Instituições que fazem Educação Popular", Revista CEI, Suplemento nº 22, out. 1978 , Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora.

49. NORONHA, Olinda Maria. "De camponesa a 'Madame' - Trabalho feminino e relações de saber no meio rural". Tese de Doutorado, PUC/SP, 1984.

50. PAMPLONA, Marco Antonio U. "A questão escolar e a hegemonia como relação pedagógica" in Educação e Política: Gramsci e o problema de hegemonia, Cadernos do CEDES, nº 3, São Paulo, Cortez Editora: Autores Associados.

51. PAIVA, Vanilda P. Educação popular e educação de adultos . (Contribuição à história da educação brasileira), São Paulo, Edições Loyola, 1973.

52. PEIXOTO, J. R. "Movimentos de Educação de Base: alguns dados históricos". Proposta, Rio de Janeiro, 1(3):40-51, dez. 1976.

53. SANTOS, João Agostinho dos. "Gramsci: ideologia, intelectuais orgânicos e hegemonia", Revista Temas de Ciências Humanas, nº 9, 1980, Livraria Editora Ciências Humanas Ltda.

54. SAVIANI, Dermeval. Educação: do senso comum à consciência filosófica, São Paulo, Cortez Editora: Autores Associados, 1980.

55. SCHERER - WARREN, Ilse. Movimentos sociais, um ensaio de interpretação sociológica, Florianópolis, Editora da UFSC , 1984.

56. SNYDERS, Georges. Escola, classe e luta de classes, Lisboa, Moraez Editores, 1977.

57. THIOLLENT, Michel. Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária, São Paulo, Editora Polis, 1981, 2º ed.

58. TOSCANO, Moema. Intrcdução à sociologia educacional, Petrópolis, Editora Vozes, 1984.

59. VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. Filosofia da Práxis, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, 2ª ed.

60. WANDERLEY, Luiz Eduardo. Educar para transformar. Educação Popular, Igreja Católica e política do Movimento de Educação de Base, Petrópolis, Editora Vozes, 1984.